



# Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências



Mestrado e Doutorado



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS  
CIÊNCIAS

RICARDO FERREIRA MACHADO

## **Visões naturalistas sobre os indígenas brasileiros entre 1880 e 1910**

SALVADOR

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS  
CIÊNCIAS

## **Visões naturalistas sobre os indígenas brasileiros entre 1880 e 1910**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, da Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Orientação: Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga

Salvador

2020

**Universidade Federal da Bahia**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS  
(PPGEFHC)**

ATA Nº 23

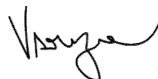
Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (PPGEFHC), realizada em 07/12/2020 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS no. 23/20, linha de pesquisa Educação Científica e Formação de Professores, do candidato RICARDO FERREIRA MACHADO, matrícula 216121857, intitulada Visões naturalistas sobre os indígenas brasileiros entre 1880 e 1910. Às 08:30 do citado dia, <https://conferenciaweb.rnp.br/events/defesa-de-doutorado-de-ricardo-ferreira-machado>, foi aberta a sessão pelo presidente da banca examinadora Prof. Dr. JUAN MANUEL SANCHEZ ARTEAGA que apresentou os outros membros da banca: Profª. CLAUDIA DE ALENCAR SERRA E SEPULVEDA, Profª. INDIANARA LIMA SILVA, Profª. Dra. MARINA CAVALCANTE VIEIRA e Prof. Dr. VANDERLEI DE SOUZA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo presidente que passou a palavra ao examinado para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

**Dra. MARINA CAVALCANTE VIEIRA, UERJ**



Examinador Externo à Instituição

**Dr. VANDERLEI DE SOUZA**



Examinador Externo à Instituição

**Dra. CLAUDIA DE ALENCAR SERRA E SEPULVEDA, UEFS**  
Examinador Interno



**Dra. INDIANARA LIMA SILVA, UEFS**



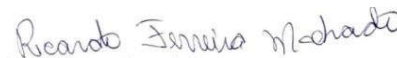
Examinador Interno

**Dr. JUAN MANUEL SANCHEZ ARTEAGA, UFBA**

  
Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga

Presidente

**RICARDO FERREIRA MACHADO**



Doutorando

Salvador  
2020

*O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.*

*Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.*

**Cora Coralina**

Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA)

Machado, Ricardo Ferreira  
Visões naturalistas sobre os indígenas brasileiros  
entre 1880 e 1910 / Ricardo Ferreira Machado. --  
Salvador e Feira de Santana, 2020.  
239 f.

Orientador: Juan Manuel Sánchez Arteaga.  
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em  
Ensino, Filosofia e História das Ciências) --  
Universidade Federal da Bahia, e Universidade  
Estadual de Feira de Santana, 2020.

1. História das Ciências. 2. Racismo Científico. 3.  
Povos indígenas. 4. Antropologia física. 5.  
Antropologia cultural. I. Sánchez Arteaga, Juan  
Manuel. II. Título.

## **Agradecimentos**

Ao longo dessa caminhada muitos desafios surgiram. Foi graças à dedicação e à paciência do meu orientador, Juan Manuel Sánchez Arteaga que pude ver tais momentos como importantes para o meu aprendizado. Juanma foi um grande parceiro na construção desse trabalho. Todo o meu agradecimento não alcançará a gradiosidade de sua preciosa orientação.

O primeiro contato com a história do racismo científico se deu por intermédio da Professora Cláudia em uma disciplina da graduação em biologia. Resultou das discussões dessa disciplina a construção da primeira edição da exposição denominada: Ciência, Raça e Literatura. A referida exposição me aproximou da temática racial na história da ciência e me mostrou que o conhecimento não tem limites, ele transpõe todas as barreiras que possamos imaginar. A Cláudia, a minha eterna gratidão.

Agradeço à minha família por todo o apoio.

À minha Mãe, Reinê e ao meu Pai, Gilmar por sempre me ajudarem a acreditar nos estudos.

Agradeço a Geisa, minha companheira que tanto me ajudou nesse período de estudo.

Também foi uma honra ter recebido sugestões e críticas da historiadora e amiga, Charlene Brito. Agradeço-te por ter lido e dado sugestões na escrita dessa tese.

Sou grato a Ana Ferreira Rocha por todo o apoio durante toda a minha formação na UEFS e na UFBA. Gratidão a Edileuza Alves Silva por todos os ensinamentos de ter um olhar crítico às contradições do mundo.

Meu muito obrigado a Murilena Almeida por ter enconrado os meus estudos em história do racismo científico a respeito dos povos indígenas do Brasil.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências pelo acolhimento e pela elevada qualidade da formação que tem nos proporcionado.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de doutorado.

## Visões naturalistas sobre os indígenas brasileiros entre 1880 e 1910

### RESUMO

Nessa tese são analisadas diferentes abordagens teóricas antropológicas que buscaram estudar os povos indígenas do Brasil entre 1880 e 1910. Nesse período a antropologia passou de uma ciência centrada nos estudos craniométricos, para uma ciência que buscava estudar os aspectos culturais. O advento da perspectiva cultural dentro da antropologia não significou o fim dos estudos craniométricos. Para o desenvolvimento dessa tese foram escolhidas as obras principais de Lacerda, Mello-Netto, von Ihering e Ehrenreich para analisar as visões desses autores a respeito dos povos indígenas do Brasil. Em suas obras foram investigadas as discussões antropológicas a respeito dos povos indígenas do Brasil que estavam em disputa no meio científico entre 1880 e 1910. Foram analisadas as publicações relacionadas aos povos indígenas nos arquivos e em revistas de museus e instituições científicas brasileiras, com especial ênfase no Museu Nacional e no Museu Paulista. Também foi feita uma revisão da literatura produzida no âmbito da história da ciência nas últimas décadas sobre as visões antropológicas, sobre as expedições naturalistas e sobre os autores estudados. O período de 1880 a 1910 pode ser considerado como um momento de intensas discussões a respeito da origem do ser humano no continente americano. Teria o homem americano uma origem independente das outras raças humanas do mundo ou teriam todas as raças humanas uma origem comum? Essa pergunta impulsionou muitos estudos dentro da antropologia desse período. Vários pesquisadores se apoiaram nos estudos craniométricos para tentar responder às perguntas relativas à origem do homem americano, ao mesmo tempo, tais estudos serviram como base para sustentar e legitimar as hierarquias raciais, tão marcantes na sociedade brasileira daquele período. Por meio dos dados craniométricos, os pesquisadores buscavam compreender as relações de parentesco entre diferentes raças, diferentes tribos ou diferentes etnias indígenas. No Brasil, os estudos de João Baptista Lacerda e de Ladislau Netto, sobre os índios que aqui viviam, foram intensamente influenciados pela craniometria inspirada em Paul Broca. Ao tempo em que a craniometria foi compreendida como a melhor forma de se estudar as raças indígenas, alguns autores começaram a questionar as limitações que essas medições teriam para dar as respostas para as perguntas postas dentro da antropologia. Nessa corrente de pensamento, Paul Ehrenreich e Hermann von Ihering, que vieram da escola de antropologia liderada por Rudolf Virchow e por Aldof Bastian na Alemanha, reconheceram várias limitações na craniometria. A antropologia centrada na craniometria não dava conta de responder às perguntas relativas à origem e as relações entre diferentes raças. Esses autores, oriundos da escola de antropologia alemã, contribuíram, por meio dos estudos antropológicos dos povos indígenas do Brasil, para alicerçar a mudança epistemológica que aconteceu na antropologia no início do século XX.

XX. **Palavras chaves:** Lacerda, von Ihering, Netto, Erenhreich, povos indígenas, antropologia física, antropologia cultural.

## Naturalistic views on Brazilian Indians between 1880 and 1910

### Abstract

This thesis different anthropological theoretical approaches that sought to study the indigenous peoples of Brazil between 1880 and 1910. During this period, anthropology went from a science centered on craniometric studies, to a science that sought to study cultural aspects. The advent of the cultural perspective within anthropology did not mean the end of craniometric studies. For the development of this thesis the main works of Lacerda, Mello-Netto, von Ihering and Ehrenreich were chosen to analyze the views of these authors regarding the indigenous peoples of Brazil. In his works, anthropological discussions about the indigenous peoples of Brazil that were in dispute in the scientific environment between 1880 and 1910 were investigated. Publications related to indigenous peoples were analyzed in the archives and in magazines of Brazilian museums and scientific institutions, mainly focusing on the National Museum and the Paulista Museum. This research also includes a review of recent literature focusing on the authors here studied, as well as on the history of anthropological views and naturalistic expeditions during the period considered in this. The period from 1880 to 1910 can be considered as a time of intense discussions about the origin of human beings in the American continent. Did American man have an origin independent of the other human races in the world, or did all human races have a common origin? This question prompted many studies within the anthropology of that period. Several researchers relied on craniometric studies to try to answer questions related to the origin of the American man, at the same time, these studies served as a basis to support and legitimize the racial hierarchies, so striking in Brazilian society of that period. Through craniometric data, the researchers sought to understand the kinship relationships between different races, different tribes or different indigenous ethnicities. In Brazil, the studies of João Baptista Lacerda and Ladislau Netto, on the Indians who lived here, were heavily influenced by the craniometry inspired by Paul Broca. At the time when craniometry was understood as the best way to study indigenous races, some authors began to question the limitations that these measurements would have to give answers to the questions posed within anthropology. In this current of thought, Paul Ehrenreich and Hermann von Ihering, who came from the school of anthropology led by Rudolf Virchow and Aldof Bastian in Germany, recognized several limitations in craniometry. Anthropology centered on craniometry was unable to answer questions regarding the origin and the relationships between different races. These authors, from the German school of anthropology, contributed, through anthropological studies of the indigenous peoples of Brazil, to underpin the epistemological change that took place in anthropology in the early 20th century.

**Keywords:** Lacerda, von Ihering, Netto, Ehrenreich, indigenous peoples, physicalanthropology, cultural anthropology.



## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Pintura de perfil de Guack, índio Botocudo que Wied-Neuwied levou para a Alemanha: Fonte: WIED-NEUWIED, *Maximilian Prinz zu. Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*. Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönnner, vol. 2. 1820. .... 55
- Figura 2:** Imagens que procuravam criticar Cremildes Barata por ter levado os cinco “Botocudos” para a Europa. .... 79
- Figura 3:** O beijo dos “Botocudos”. *Revista Illustrada*, 1882. Ed. 00310, p. 4. .... 87
- Figura 4:** Urna cerâmica da Ilha do Marajó apresentada por Netto no Congresso Internacional dos Americanistas em 1888. Fonte: MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. *Sur les Antiquités céramiques de l'île de Marajó*. Congrès International des Américanistes. Comptes-Rendu de la Septième Session. Berlim, 1888. .... 89
- Figura 5:** Ilustração dos dentes e arcada dentárias dos Botocudos analisados por Lacerda e Peixoto (1878). Fonte: LACERDA, JOÃO BAPTISTA; PEIXOTO, JOSÉ RODRIGUES. Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil. Archivos do Museu Nacional, v. 1, p. 47-75. 1876. .... 98
- Figura 6:** Crânio fóssil encontrado em Lagoa Santa, Minas Gerais. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. .... 99
- Figura 7:** *Some of the Delegates to the First Universal Races Congress Gathered at the Entrance to London University*. 198-199 páginas. Fonte: revista *The Crisis* (1911, p. 198-199) ..... 106
- Figura 8:** “A Redenção de Can” (1895), de Modesto Brocos y Gómes (Espanha, 1852 - Rio de Janeiro, 1936). Óleo sobre tela, 199x166 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro (RJ). .... 109
- Figura 9:** Dados do recenseamento de 1890 com a proporção da composição racial do Brasil. Fonte: LAGE, CYPRIANO. *As Raças no Brasil*. Gazeta de Noticias (RJ). Edição B00247, 3 de Setembro de 1911. .... 112
- Figura 10:** Tomando para base do cálculo os algarismos correspondentes aos diagramas, daqui a um século (1912 a 2012), a população do Brasil será composta de: Brancos — 80:100. Mestiços negróides — 3:100. Indígenas — 17:100. Negros — 0. Fonte: LACERDA, JOÃO BAPTISTA. *Sur le métis au Brésil*. In: *Prem Congrès Universel des Races*: 26-29 juillet 1911. Paris: Devouge, 1911. .... 115
- Figura 11:** Alberto Vojtěch Frič ao lado de índios “Bororós” no Mato Grosso. Sem data. Fonte: FRIČ, ALBERTO VOJTĚCH. *Indiáni Jižní Ameriky*. Praga, 1943. .... 128
- Figura 12:** Ilustrações de mãos e pés de índios da Amazônia brasileira: Fonte: EHRENREICH, PAUL. *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz und Amazonas (Purus-Gebiet)*. Nach eigenen Aufnahmen und Beobachtungen in den Jahren 1887 bis 1889, Braunschweig, 1897. .... 158

**Figura 13::** Fotografias de índios da Amazônia brasileira que foram estudados por Ehrenreich. **A** – dois índios Karaya. **B** - Imagem frontal e de perfil de uma índia Bororo. **C e D** - Índios Ipurina. Fonte: EHRENREICH, PAUL. *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz und Amazonas (Purus-Gebiet)*. Nach eigenen Aufnahmen und Beobachtungen in den Jahren 1887 bis 1889, Braunschweig, 1897. 159

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	13
<b>Capítulo 1</b> .....	24
<b>As Visões de Naturalistas a Respeito Dos Povos Indígenas do Brasil em Algumas Expedições Durante o Século XIX</b> .....	24
<b>O Darwinismo e o Estudo dos Povos Indígenas no Século XIX</b> .....	25
<b>As Instituições de Pesquisa em Antropologia no Brasil no Século XIX</b> .....	29
<b>A Origem do Homem Americano</b> .....	31
<b>As Visões dos Naturalistas a Respeito dos Povos Indígenas do Brasil em Expedições Científicas do Século XIX</b> .....	49
<b>Conclusão</b> .....	61
<b>Capítulo 2</b> .....	63
<b>O Estudo de Ladislau de Souza Mello Netto (1838 – 1894) a Respeito dos Povos Indígenas do Brasil</b> .....	63
<b>A Formação Acadêmica de Ladislau Mello-Netto</b> .....	63
<b>A Antropologia na Gestão de Mello-Netto no Museu Nacional</b> .....	68
<b>Os Índios “Botocudos” Levados Para a Europa</b> .....	78
<b>A Leitura Evolutiva de Mello-Netto a Respeito dos Povos Indígenas do Brasil</b> .....	83
<b>O Congresso de Americanistas de 1888</b> .....	88
<b>O Olhar de Sílvio Romero</b> .....	91
<b>Considerações</b> .....	93
<b>Capítulo 3</b> .....	95
<b>As contribuições de João Baptista Lacerda (1846 – 1915) para o estudo antropológico dos povos indígenas do Brasil</b> .....	95
<b>O Congresso Universal das Raças</b> .....	106
<b>Considerações</b> .....	116
<b>Capítulo 4</b> .....	118
<b>Hermann von Ihering e o estudo dos povos indígenas do Brasil</b> .....	118
<b>A formação de von Ihering</b> .....	118
<b>Von Ihering no Brasil</b> .....	121
<b>O extermínio dos indígenas</b> .....	127
<b>Considerações</b> .....	146
<b>Capítulo 5</b> .....	148
<b>O estudo de Paul Ehrenreich Sobre os Povos Indígenas do Brasil</b> .....	148
<b>Ehrenreich e o Estudo dos Povos Indígenas do Brasil na Viagem ao Espírito Santo</b> ...	148

<b>Ehrenreich e o Estudo dos Povos Indígenas do Brasil na Viagem ao Xingú .....</b>	<b>151</b>
<b>A Perspectiva Antropológica de Ehrenreich no Estudo dos Povos Indígenas do Brasil</b>	<b>154</b>
<b>Considerações .....</b>	<b>162</b>
<b>Considerações Finais Gerais.....</b>	<b>163</b>
<b>Referências .....</b>	<b>170</b>
<b>Fontes Primárias .....</b>	<b>170</b>
<b>Jornais e revistas consultados .....</b>	<b>170</b>
Fontes da Imprensa.....	171
Obras Consultadas.....	178
<b>Fontes secundárias .....</b>	<b>189</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>203</b>

## Introdução

Entre 1880 e 1910 um dos objetivos dos grupos hegemônicos do Brasil era a consolidação da República. No final do século XIX “uma abordagem racial do Brasil indígena começou a fincar pé nos círculos científicos e intelectuais do país” (MONTEIRO, 2001, p. 172-174). É nesse momento que a teoria darwinista da evolução ganhou forte adesão dos pesquisadores brasileiros, tal arcabouço teórico foi usado no embasamento de estudos científicos que afirmavam, em sua maioria, a inferioridade racial dos povos indígenas (SCHWARCZ, 1993; 2011; SÁNCHEZ-ARTEAGA; EL-HANI, 2010; SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016). O objetivo de tornar o Brasil uma República “avançada” e “civilizada” esbarrava na composição racial do país, a qual tinha parte da população composta por índios e negros (MONTEIRO, 2001, SCHWARCZ, 1993).

As teorias raciais do final do século XIX, as quais se fundamentavam na lógica que dividia a humanidade em raças hierarquizadas entre si, agradavam uma parte dos intelectuais e da elite política brasileira. Por outro lado, essas teorias provocavam um mal-estar, sobretudo, porque elas serviam para vários estrangeiros representarem o Brasil como exemplo de nação degenerada (MONTEIRO, 2001; SOUZA, 2008). Um dos representantes dessa visão era o francês Joseph Arthur de Gobineau (1816 – 1882) que via o país como o maior exemplo de degeneração decorrente da miscigenação. Aos seus olhos, era a mistura de raças que apagava as melhores qualidades do homem branco, do negro e do índio, e resultava num tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental, o mestiço (SKIDMORE, 1976, p. 46).

Na década de 70 do século XIX, o país passava de objeto para sujeito das explicações científicas sobre a sua composição racial, ao mesmo tempo em que se fazia das desigualdades sociais uma consequência das variações raciais. Através dos estudos científicos determinavam-se as raças “perigosas”, e passíveis de serem exterminadas com o pressuposto de tornar possível o avanço da sociedade brasileira, atrasada pela presença das “raças” supostamente “inferiores” (SCHWARCZ, 1993). Nesse cenário, a Teoria do Atavismo contribuiu para o pensamento científico da época, baseada na suposição de que alguns traços anatômicos eram um retrocesso evolutivo para as fases biológicas primitivas; esses traços podiam ser observados, medidos e comparados do pé ao rosto das pessoas (SÁNCHEZ-ARTEAGA; EL-HANI, 2010). Como exemplo de

atavismo, Mello-Netto (1882) afirmava que “o cabelo negro, liso e rebelde a qualquer *encurvação*”, era característica atávica dos povos indígenas brasileiros (MELLO-NETTO, 1882, p. 5).

Nesse contexto, havia no Brasil um profundo debate a respeito dos povos indígenas que aqui viviam. Alguns defendiam o extermínio dos indígenas em nome de um ideário de civilização (von IHERING, 1907, p. 215), outros diziam que as ações de extermínio eram desnecessárias, pois as populações indígenas estavam em vias de extinção (COUTO DE MAGALHÃES, 1975 [1876]; LACERDA, 1911; MONTEIRO, 1996; 2001). Tais racistas se esbarraram em um contradiscurso que via nos povos indígenas não apenas as raízes da nacionalidade, como também um caminho para o futuro da civilização brasileira, sobretudo através do processo de mestiçagem (COUTO DE MAGALHÃES, 1975 [1897]).

A década de 1870 é considerada um marco para a história do desenvolvimento científico no Brasil pela chegada dos “ideários positivo-evolucionistas em que os modelos raciais de análise” cumpriram papel central (SCHWARCZ, 1993, p. 14). Foi um momento de fortalecimento e amadurecimentos das instituições de pesquisa, sobretudo os museus de ciências. É dentro dos museus de ciências desse país que a antropologia começou a ser consolidada por meio dos estudos desenvolvidos por pesquisadores destas instituições. Iniciou-se também a formação de novos antropólogos dentro do Museu Nacional no Rio de Janeiro, por meio da disciplina de antropologia ministrada por João Baptista Lacerda. Sob a luz da antropologia física, Lacerda e Ladislau Mello-Netto, procuraram investigar a origem do ser humano no solo brasileiro e buscaram estabelecer as hierarquias raciais (SANTOS; DOUGLAS, 2020). Nos seus primórdios, a antropologia desenvolvida no Brasil era centrada na craniometria. E desde 1870 o darwinismo social estava presente como lente teórica dos estudos antropológicos de cientistas brasileiros (SCHWARCZ, 2011).

De acordo com Santos (2019), as pesquisas em antropologia que eram desenvolvidas ainda no século XIX no Museu Nacional e no Museu Paulista tinham uma “ênfase física, cientificista e nacionalista”; já nas primeiras décadas do século XX “essa relação passou para uma dimensão profundamente etnográfica e, por vezes, de compromisso político em relação aos povos representados”, a partir da “atuação de Edgar Roquette-Pinto” (SANTOS, 2019, p. 309). A mudança apontada por Santos

(2019) se deve, em certa medida, às discussões que aconteceram dentro da antropologia no final do século XIX a respeito das limitações apresentadas pela perspectiva física para responder às perguntas que emergiam naquele contexto histórico.

Entre 1880 e 1910 havia na antropologia uma intensa disputa a respeito dos limites que a craniometria teria para o estudo da evolução humana. Muitos trabalhos hierarquizavam diferentes raças por meio dos dados levantados da craniometria. Alguns autores chegaram a defender que certas raças humanas estavam mais próximas de algumas outras espécies de primatas do que do “homem branco” (*ver* BURTON, 1873; LACERDA; PEIXOTO, 1876; LACERDA, 1882a; 1882b; PEIXOTO, 1885). Por outro lado, esse discurso enfrentou fortes críticas fora do Brasil (*ver* KOLLMANN, 1883; EHRENREICH, 1897; BOAS, 1911). Para Kollmann (1883), Ehrenreich (1897) e Boas (1911), todas as raças humanas possuíam as mesmas capacidades intelectuais e cognitivas, que era mostrado, inclusive, pelos dados craniométricos de seres humanos pré-históricos. Tais crânios possuíam características morfológicas semelhantes às dos humanos mais contemporâneos daquele período. De acordo com esses autores, o fato de algumas raças humanas não ter desenvolvido determinadas técnicas mais sofisticadas, como o domínio do ferro, se devia ao seu contexto ambiental e cultural.

O estudo dos povos indígenas do Brasil enfrentava intensas discussões e despertava a curiosidade de muitos antropólogos pelo mundo nesse período. A escola de antropologia francesa e a escola de antropologia alemã, com abordagens bastante diferenciadas para o estudo da diversidade humana, tiveram forte influência no Brasil: os antropólogos brasileiros tinham mais contato com a literatura francesa, talvez pela proximidade dos idiomas (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016) e a escola de antropologia alemã influenciou pela presença, no Brasil, de pesquisadores alemães com formação nessa escola.

Os pesquisadores que se debruçaram nesse período a pesquisar os povos indígenas do Brasil tinham influências dessas duas perspectivas teóricas no campo da antropologia, além dos importantes teóricos dos Estados Unidos (Samuel Morton) e da Inglaterra (Charles Darwin). Aqui, os estudos de antropologia física foram iniciados por Ladislau Mello-Netto (1838 – 1894) diretor do Museu Nacional e João Baptista Lacerda (1846 – 1915) que foi a primeira pessoa a ministrar um curso de antropologia no Brasil e também foi diretor do Museu Nacional. Ambos foram influenciados pela escola de

antropologia francesa fundada por Paul Broca (1824 – 1880). A escola de antropologia alemã, por outro lado, liderada por Rudolf Ludwig Karl Virchow (1821 – 1902) e Philipp Wilhelm Adolf Bastian (1825 – 1906) teve forte influência nas pesquisas de Hermann von Ihering (1850 – 1930) que foi diretor do Museu Paulista entre 1895 a 1916 e de Paul Ehrenreich (1855 – 1914) que esteve no Brasil enquanto um viajante naturalista de 1884 a 1885 e de 1887 a 1889.

Rudolf Virchow foi médico, patologista, anatomista, antropólogo, ativista político e biólogo. Ele trouxe importantes contribuições para medicina, antropometria, biologia celular, arqueologia, etnologia e epidemiologia. À frente do desenvolvimento de vários ramos das ciências, Virchow tinha como grande qualidade o seu rigor na produção do conhecimento e o fato de ser uma pessoa pacifista (BOAS, 1902; BALDUS, 1966; FARIAS, 2003; BAEHRE, 2008; SUSSMAN, 2014).

Virchow desenvolveu muitos trabalhos junto com o etnólogo alemão Adolf Bastian, com quem foi co-fundador da *Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-História de Berlim*. A sociedade foi fundada uma década após a publicação do livro *A Origem das Espécies* (1859) de Charles Darwin. Tanto Bastian, quanto Virchow eram contrários aos postulados da teoria da evolução darwiniana. Com relação à evolução humana, Darwin, Bastian e Virchow eram defensores do monogenismo (MASSIN, 1996; SUSSMAN, 2014).

Tais aspectos os diferenciavam profundamente da antropologia influenciada pelos postulados de Ernst Haeckel (1834 – 1919)<sup>1</sup> na Alemanha e com a antropologia de Paul Broca na França, que defendiam a perspectiva poligenista evolucionista para explicar a diversidade das raças ou espécies humanas (SÁNCHEZ-ARTÉAGA, 2016). Paul Broca constituiu a *Sociedade de Antropologia de Paris* em 1859, a qual passou de 20 para 500 associados cinco anos após a sua fundação. Os estudos de Broca procuravam entender a história evolutiva dos seres humanos e tentavam estabelecer relações da diversidade humana na hierarquia zoológica (KEULLER, 2008). Pela sua perspectiva poligenista para a evolução humana, Broca afirmava que a mistura entre diferentes espécies humanas formavam um tipo híbrido degenerado. Tal abordagem

---

<sup>1</sup> Ernst Haeckel (1834 – 1919) foi um naturalista e antropólogo alemão. Ele é reconhecido pela grande contribuição que deu para a popularização do trabalho de Charles Darwin sobre a teoria da evolução por seleção natural. Os trabalhos de Haeckel influenciaram vários naturalistas brasileiros do final do século XIX (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016).



teórica teve grande influência nos antropólogos brasileiros, a exemplo de Nina Rodrigues, Lacerda e Mello-Netto (SÁNCHEZ-ARTÉAGA, 2016).

Paul Ehrenreich, Hermann von Ihering, Ladislau Mello-Netto e João Baptista Lacerda estiveram entre os principais intelectuais a estudarem os indígenas do Brasil sob a perspectiva antropológica no período de 1880 a 1910. Suas obras são centrais sobre essa temática no período estudado aqui; eram cientistas com elevada inserção dentro da comunidade científica mundial e com robustos trabalhos antropológicos a respeito dos povos indígenas do Brasil. Mello-Netto e Lacerda podem ser considerados os principais precursores do desenvolvimento das pesquisas em antropologia física no Brasil, uma vez que eles organizaram no Museu Nacional a primeira disciplina de antropologia ministrada no país. Mello-Netto foi responsável pela organização da *Exposição Antropológica Brasileira* de 1882, inclusive com a aquisição de matérias etnográficas para serem expostas no evento (KEULLER, 2008; SANTOS, 2019).

Além de Mello-Netto, Lacerda, von Ihering e Ehrenreich, os pesquisadores Charles Frederick Hartt (1840 – 1878), Daniel Garrison Brinton (1837 – 1899), Emílio Augusto Goeldi (1859 – 1917), Florentino Ameghino (1854 – 1911), Johann Jakob Von Tschudi (1818 – 1889), Julius Kollmann (1834 – 1918), Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906), Richard Francis Burton (1821 – 1890) e Theodor Koch-Grünberg (1872 – 1924) fizeram importantes estudos antropológicos a respeito dos povos indígenas do Brasil. O intelectual Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero<sup>2</sup> (1851 – 1914) trouxe importantes críticas sobre os estudos antropológicos desenvolvidos no Museu Nacional e ajudou disseminar no Brasil a teoria da evolução de Charles Darwin. As obras desses autores foram consultadas como fontes para auxiliar na discussão das visões apresentadas pelos pesquisadores que constituem o foco desse estudo.

Ladislau Mello-Netto contribuiu de modo significativo para o desenvolvimento dos estudos antropológicos sobre os povos indígenas. Além de seu incentivo para que Lacerda ministrasse o curso de antropologia no Museu Nacional, ele foi a figura central na organização da *Exposição Antropológica Brasileira* que aconteceu em 1882 dentro do Museu Nacional. A exposição contou com a presença da família imperial. A

---

<sup>2</sup> Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851 – 1914) foi um grande crítico literário do final do século XIX ao início do século XX. Ele possuía orientação intelectual alicerçada na antropologia e na sociologia e foi um dos responsáveis da introdução do darwinismo no Brasil (AGUIAR, 2015; SÁNCHEZ-ARTÉAGA, 2016).

grandiosidade da exposição chamou a atenção da sociedade brasileira. Lacerda foi o primeiro cientista brasileiro a ministrar um curso de antropologia nesse país, o qual permitiu a formação de novos antropólogos em solo brasileiro, de modo a possibilitar o avanço das pesquisas nesse campo do conhecimento. O esforço de Lacerda para a formação de novos antropólogos se devia, em certa medida, à sua preocupação com o atraso que o Brasil apresentava no desenvolvimento de pesquisas antropológicas, quando comparado com os Estados Unidos, por exemplo. No período em que Lacerda foi diretor do Museu Nacional, ele desenvolveu diversos estudos de antropologia física voltados para os povos indígenas brasileiros. Suas pesquisas tinham repercussão dentro da comunidade científica mundial. Lacerda foi o representante brasileiro no Congresso Universal das Raças que aconteceu em Londres em 1911 (SCHWARCZ, 1993).

Por sua vez, von Ihering foi Diretor do Museu Paulista de 1895 a 1916, momento em que “realizou, baseando-se nas coleções angariadas em expedições, por compra e intercâmbio com museus e institutos de pesquisa internacionais, uma série de trabalhos comparativos em História Natural” (FERREIRA, 2005, p. 416). As pesquisas desenvolvidas por ele tiveram reconhecimento internacional, “sendo freqüentemente citadas em periódicos estrangeiros, como por exemplo, na prestigiosa *American Anthropologist*” (FERREIRA, 2005, p. 417). Nessa revista, Saville (1913) citou von Ihering como o primeiro a publicar um trabalho que discutia a decoração dentária em índios. Von Ihering desenvolveu importantes estudos antropológicos sobre diversos aspectos culturais dos índios brasileiros, principalmente os aspectos relacionados às línguas faladas. O antropólogo P. Ehrenreich (1897, p. 11) também citou von Ihering por seu trabalho relacionado à reforma da craniometria.

Ehrenreich foi um antropólogo alemão que esteve no Brasil em duas expedições no final do século XIX (BENTIVOGLIO, 2014). Ele teve, assim como von Ihering, a sua formação na escola de antropologia alemã, ao lado de Adolf Bastian e Rudolf Virchow, que eram grandes nomes da antropologia daquele período. Nos dois momentos em que esteve no Brasil, Ehrenreich procurou fazer estudos de antropologia a respeito dos índios brasileiros. O mais impactante em sua obra é a crítica à centralidade que a antropologia física deu às medições dos crânios, que para ele não forneciam respostas consistentes para os problemas apresentados para esta ciência naquele momento. Um dos maiores problemas que estava no centro desses estudos era compreender como o homem americano surgiu. Ehrenreich defendia que os estudos

relativos à cultura e à língua falada por esses índios poderiam fornecer as melhores respostas para essa pergunta, ao contrário dos estudos antropológicos centrados na craniometria (EHRENREICH, 1897).

Analisar as discussões travadas por esses pesquisadores possibilitou, nessa tese, a compreensão de como essas diferentes escolas de antropologia, alemã e francesa, influenciaram os estudos antropológicos desenvolvidos sobre os povos indígenas do Brasil. A escolha desses autores se justifica pela importância dos trabalhos científicos desenvolvidos por eles a respeito dos povos indígenas do Brasil; pela inserção desses pesquisadores na comunidade científica internacional de antropologia e por estarem, no mesmo período, orientados por lentes teóricas com pontos divergentes a respeito dos estudos antropológicos das raças humanas; e, por fim, para compreender como aconteceu no Brasil as mudanças dos estudos antropológicos centrados na craniometria para as pesquisas sustentadas pela perspectiva cultural.

Para entender esse momento de intenso debate dentro da antropologia e a partir da análise da literatura sobre os povos indígenas do Brasil, esse trabalho busca responder à seguinte pergunta: **quais foram as características centrais das representações naturalistas a respeito dos povos indígenas do Brasil nos estudos de antropologia produzidos no país entre 1880 e 1910?**

Para responder a essa pergunta, essa tese procura alcançar os seguintes objetivos específicos: 1- Investigar as representações dos povos indígenas do Brasil nos trabalhos dos naturalistas entre 1870 – 1910; 2- Analisar as teorias em disputa dentro do meio acadêmico sobre a origem dos povos indígenas do Brasil; 3- Analisar as influências do contexto sócio-histórico no qual as teorias raciais foram empregadas no discurso científico ao estudarem os povos indígenas do Brasil. 4- Investigar as mudanças que ocorreram nos discursos antropológicos sobre o índio brasileiro entre 1880 a 1910. 5- Investigar a que tipo de mudanças epistemológicas essas modificações nos discursos sobre o índio responderam. 6- Analisar como se refletiu no Brasil a mudança do paradigma determinista e craniométrico para a visão culturalista da antropologia no início do século XIX.

Nesse estudo foi empregada a metodologia da história das ciências dando uma especial ênfase ao contexto sociocultural no qual esses cientistas viveram, o que permite compreender com clareza que a ciência não é uma atividade isenta de valores. Tal

perspectiva inclui a ciência em sua relação com o contexto social no qual é constituída, o que institui o caráter humano intrínseco à prática científica. Tal imagem da ciência vem sendo defendida nas últimas décadas por diversas perspectivas acadêmicas, dentre as quais destaco a História Social da Ciência, a História Cultural da Ciência e, mais recentemente, os Estudos Sociais da Ciência, que através de diferentes abordagens (histórica, sociológica, filosófica, dentre outras) procuram mostrar que a ciência é uma prática local condicionada pelo contexto em que se desenvolve, relacionada às condições políticas e econômicas da sociedade (PESTRE, 1996; 1998; BUCCHI, 2004; HÅRD; JAMISON, 2005). “A escrita da história nunca pode ser libertada das situações, interesses e preocupações contemporâneas dos historiadores que estão contando as histórias” (HÅRD; JAMISON, 2005, p. 294).

Para alcançar os objetivos dessa tese, foi realizada pesquisa em fontes primárias e secundárias, com revisão dos principais textos escritos pelos autores foco de estudo e também pela revisão da bibliografia secundária produzida no âmbito da historiografia das ciências sobre esses autores. A busca pelas fontes primárias foi realizada nos registros da *Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*<sup>3</sup> (*Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-História de Berlim*), na *Zeitschrift für Ethnologie* (*Revista de Etnologia*), na revista *Science, Nature, Archivos do Museu Nacional, Arquivos do Museu Paraense, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Revista da Exposição Antropológica Brasileira, Museu Real de Berlim; Revista de Etnologia da Sociedade de Antropologia, Etnologia e Linguística de Berlim;* nos textos publicados no Congresso Universal das Raças (1911) em Londres e no Congresso Internacional de Americanistas (1888) em Berlim. Foram consultadas reportagens nos seguintes jornais e revistas da imprensa: *A Republica: organ do Partido Republicano (PR); A Imigração : Orgão da Sociedade Central de Imigração (RJ); Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (RJ); Almanack Brasileiro Garnier; Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Paiz (RJ), O Dia: Órgão Do Partido Republicano Catharinense, Diario da Tarde (PR), Jornal do Commercio (RJ), IL Bersaglière (RJ), A Noticia (PR), Gazeta de Noticias (RJ), O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do*

---

<sup>3</sup> Para conseguir ler os textos na língua alemã eu contei com tradução de pessoas que são falantes nativos e bilíngues para a língua portuguesa e alemã.

*Commercio, Lavoura e Industria (RJ), Gazeta da Tarde (RJ), Revista Illustrada (RJ), A Provincia do Espirito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal (ES), O Mequetrefe (RJ).*

A partir dos dados obtidos no estudo das fontes primárias foi possível observar um debate controverso dentro da antropologia a respeito da origem do homem americano e das relações evolutivas com outras raças humanas. Os antropólogos brasileiros eram leitores dos textos de Haeckel, pesquisador alemão que propagou uma visão extremamente racista da teoria darwinista, e seguidores da antropologia física francesa liderada por Paul Broca, focada no levantamento e análise dos dados craniométricos na busca de estabelecer escalas evolutivas hierárquicas entre diferentes raças. Os antropólogos formados na escola de antropologia alemã sob a influência de Virchow e Bastian, por outro lado, se atinham aos aspectos culturais como a língua, as ferramentas, alguns sendo críticos ao foco dado pela antropologia física aos estudos craniométricos.

Diante disso, essa tese está dividida em cinco capítulos; a seguir são feitos os resumos do que será abordado em cada um deles.

No capítulo 1, “**As visões dos naturalistas sobre os povos indígenas do Brasil em expedições científicas durante o século XIX**”, são investigadas algumas das principais expedições de naturalistas que estiveram no Brasil durante todo o século XIX e as contribuições que eles fizeram na descrição dos povos indígenas desse país. As visões dos naturalistas a respeito dos povos indígenas são contextualizadas dentro do processo de institucionalização da ciência no Brasil, que aconteceu pelo fortalecimento das instituições de pesquisa, a exemplo dos Museus de ciências. Também analiso as correntes teóricas que davam sustentação aos discursos que estes naturalistas fizeram sobre os índios brasileiros. A análise dessas expedições é importante para compreendermos as origens das diferentes concepções que entram em disputa a respeito do estudo antropológico dos povos indígenas entre 1880 e 1910. Essa discussão é remetida para o problema relativo à origem do homem americano e suas implicações para os estudos antropológicos dos povos indígenas do Brasil.

No capítulo 2, “**O estudo de Ladislau Mello-Netto (1838 – 1894) a respeito das raças indígenas do Brasil**”, são investigadas as visões de Mello-Netto sobre os indígenas do Brasil e as contribuições dele para a consolidação da antropologia no país.

Ele esteve à frente da direção do Museu Nacional entre 1870 e 1894. Mello-Netto foi um grande incentivador das exposições que aconteceram dentro dessa instituição. Vale destacar Exposição Antropológica Brasileira realizada no Museu Nacional em 1882, impulsionada por esse pesquisador. A busca dele pela consolidação das pesquisas dentro desta instituição deu um grande passo com a criação do periódico *Archivos do Museu Nacional* em 1876. Nesse capítulo procuro discutir as lentes teóricas que embasavam a discussão que Mello-Netto fez sobre os índios do Brasil. Procuro mostrar quais os pesquisadores que estavam dialogando com Mello-Netto a respeito dessa temática e os embates teóricos que estavam em forte efervescência nesse período. Nas pesquisas de autor, encontramos estudos detalhados dos crânios de índios, os quais embasaram a construção de hierarquias raciais de modo a considerar esses povos enquanto seres humanos em um estado de evolução inferior ao do homem branco. Tais estudos foram fundamentados pela escola de antropologia francesa, com as contribuições teóricas e metodológicas de Paul Broca, assim como os estudos de Samuel Morton com a criação da mais robusta coleção de crânios daquele período

No capítulo 3, “**As contribuições de João Baptista Lacerda (1846 – 1915) para o estudo antropológico dos povos indígenas do Brasil**”, apresento uma análise das pesquisas realizadas por Lacerda a respeito dos povos indígenas do Brasil. Por ter sido diretor do Museu Nacional. Ele foi um intelectual que influenciou a formação de novos antropólogos no país. Seus estudos foram focados na análise craniométrica de diferentes grupos indígenas. Os dados levantados em tais pesquisas eram comparados e “permitiam” que Lacerda estabelecesse hierarquias raciais, compreendendo os indígenas como seres inferiores do ponto de vista biológico e cultural.

No capítulo 4, “**Hermann von Ihering e o estudo dos povos indígenas do Brasil**”, ofereço uma análise dos estudos que von Ihering fez sobre os índios do Brasil. Procuro analisar os processos de formação teórica de Ihering e a inserção deles dentro da comunidade científica mundial. Von Ihering teve a sua formação na Alemanha, ao lado dos pesquisadores Adolf Bastian e Rudolf Virchow. No Brasil, ele foi diretor do Museu Paulista e desenvolveu estudos sobre os aspectos craniométricos e culturais dos indígenas do país.

No capítulo 5, “**O estudo de Paul Ehrenreich sobre os povos indígenas do Brasil**”, é apresentada uma análise dos estudos que Ehrenreich fez sobre os povos

indígenas do Brasil. Ehrenreich fez estudos sobre os importantes embates teóricos que estavam em volta da temática do índio americano. Ele estava alinhado a uma corrente da antropologia que fazia críticas aos estudos antropológicos baseados apenas na craniometria. Para ele, o estudo dos aspectos culturais trazia maior qualidade às pesquisas antropológicas. Nesse contexto, é possível observar que Ehrenreich é um dos precursores da consolidação da antropologia cultural na Alemanha e, sobretudo, defensor do fim das hierarquias raciais produzidas pelos dados craniométricos.

Nas **Considerações finais gerais** é feita uma retomada dos principais resultados obtidos nessa pesquisa. O que se destaca é a observação de que existiam diferentes visões da antropologia a respeito dos povos indígenas do Brasil nesse período, como distintas implicações sociais e políticas dos conhecimentos produzidos a partir dessas diferentes correntes teóricas. Por fim, são apontadas as perspectivas de pesquisas futuras que serão abertas a partir desse trabalho.

## Capítulo 1

# **As Visões de Naturalistas a Respeito Dos Povos Indígenas do Brasil em Algumas Expedições Durante o Século XIX**

Nesse capítulo é feita uma análise dos estudos antropológicos sobre os povos indígenas do Brasil em algumas expedições científicas que vieram para esse país no século XIX. São analisadas as obras de Wied-Neuwied (1820), von Martius (1845); Bates (1863); Ehrenreich (1897); Wallace (2004). A análise também foca em pesquisadores que não estiveram nas expedições que são analisadas, dentre estes, são analisadas as discussões nas obras de Julius Kollmann (1834 – 1918), Florentino Ameghino (1854 – 1911), Richard Francis Burton (1821 – 1890), Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906), Ernst Haeckel (1834 – 1919), Daniel Garrison Brinton (1837 – 1899) e Johann Jakob Von Tschudi (1818 – 1889)<sup>4</sup>.

As discussões apresentadas nesses trabalhos a respeito dos povos indígenas do Brasil foram fundamentais para a formulação de respostas que foram dadas por antropólogos do período de 1880 a 1910 para a pergunta: “como surgiu o homem americano?”. As respostas para essa pergunta são analisadas aqui. As teorias para explicar a origem do ser humano no continente americano estavam diretamente relacionadas às discussões entre monogenistas e poligenistas.

É feita uma análise do processo de desenvolvimento e consolidação da antropologia no Brasil sob a perspectiva evolucionista de Charles Darwin no final do século XIX. Essa investigação foi realizada por meio do estudo das principais instituições de pesquisas antropológicas que foram fortalecidas durante o século XIX no Brasil. O foco é dado ao Museu Nacional, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e ao Museu Paulista. Tais instituições possibilitaram a criação de acervos

---

<sup>4</sup> A discussão a respeito da origem do homem americano irá abranger os pesquisadores que não estiveram nas expedições de naturalistas analisadas nesse capítulo.



antropológicos e a formação de antropólogos no solo brasileiro, passos importantes para colocar o Brasil enquanto referência no estudo antropológico sobre os povos indígenas.

## **O Darwinismo e o Estudo dos Povos Indígenas no Século XIX**

O arcabouço teórico lançado por Charles Darwin em meados do século XIX trouxe uma leitura evolutiva das raças humanas, alicerçado pelo entendimento da extinção das raças menos favorecidas na luta biológica pela sobrevivência (NOVOA, 2009; SANCHEZ-ARTÉAGA, 2016). As suas obras *A Origem das Espécies* (1859) e *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex (Descendência do Homem e Seleção em Relação ao Sexo)* (1871) foram centrais nos estudos antropológicos a respeito das raças humanas. Os estudos de Darwin (1871) sobre a evolução humana abrangeram os conceitos de Extinção, Atavismo, Seleção Sexual e Natural. Esses conceitos estavam em íntima relação com o tempo. A extinção foi compreendida como o triunfo do tempo linear; a seleção sexual e natural eram mecanismos que explicavam continuidade e descontinuidade na natureza; e o atavismo explicava a regressão e a falha do tempo linear como uma medida de mudança (NOVOA, 2009, p. 218).

A relação entre o tempo e a continuidade na teoria darwinista da evolução teria afetado a promessa do Iluminismo de um tempo universal, que se relacionava a uma concepção de progresso contínuo para a humanidade. No entendimento iluminista, as sociedades poderiam conquistar a modernização desejada ao longo do tempo. A visão de Darwin era de que todos possuíam uma origem comum, mas o futuro era considerado instável e com mudanças constantes e imprevisíveis. Por essa razão, a perspectiva de “civilização” não poderia ser alcançada por todos, pois a ideia de tempo universal com condições uniformes de existência foi abalada pela teoria darwinista da evolução (NOVOA, 2009, p. 218-129). Nesse entendimento evolucionista, algumas raças teriam o “progresso” garantido, mas outras raças eram biologicamente incapazes de “progredirem”.

Em seu livro *A Descendência do Homem e Seleção em Relação ao Sexo* (1871) fica evidente a instabilidade gerada pelo darwinismo ao ideário iluminista de progresso. Nessa obra, Darwin afirmava que:

Em algum período futuro, não muito distante, medido por séculos, as raças civilizadas do homem quase certamente exterminarão, e substituirão as raças selvagens em todo o mundo (...). A ruptura será então ampliada, pois ela intervirá entre o homem em um estado civilizado, como podemos esperar, do que o caucasiano, e alguns macacos tão baixos quanto um babuíno, em vez de como atualmente entre o negro ou o australiano e o gorila (DARWIN, 1871, p. 201).

Nessas palavras, Darwin trazia explicitamente o extermínio das raças “selvagens” pelas raças “civilizadas” e afirmava que entre o caucasiano, considerado por ele como o topo da evolução humana, e o Babuíno, o qual corresponderia ao grupo mais basal, estariam no meio termo, entre o caucásio e o Babuíno, o negro, o australiano e o gorila, este último não tão basal quanto o babuíno. A impossibilidade de algumas raças alcançarem o progresso estava atrelada à visão de que estas raças eram inferiores ao “homem branco”. As raças inferiores tinham tendência à extinção principalmente pela “competição de tribo com tribo, e raça com raça” (DARWIN, 1871, p. 238). Por essa análise, nota-se que Darwin estabelecia claramente relações evolutivas hierárquicas entre o caucasiano, o negro, o australiano. O pensamento darwinista teve grande influência nos estudos antropológicos que hierarquizavam os grupos humanos daquele período (SANCHEZ-ARTÉAGA, 2016).

Na obra *Descent of Man*, de 1871, Darwin afirmava que a extinção de certas raças humanas era algo comum e historicamente conhecido. Ele recorreu às evidências de povos que desapareceram deixando apenas monumentos e instrumentos de uso cotidiano para mostrar o quanto é comum a extinção de raças humanas (DARWIN, 1871). Amparado numa visão pessimista sobre a evolução humana, a partir da leitura de W. R Greg<sup>5</sup>, Wallace e Galton<sup>6</sup>, Darwin (1871) afirmava que:

---

5 William Rathbone Greg (1809-1881), ensaísta inglês, foi colega de Darwin na Universidade de Edimburgo. Nesse texto, Darwin faz referência ao texto *On the failure of 'Natural Selection' in the case of Man*, publicado por Greg em 1868. (GREG, WILLIAM RATHBONE.. **On the failure of 'natural selection' in the case of man**. 1868).

6 Francis Galton (1822-1911), antropólogo, eugenista e estatístico inglês. Primo de Darwin. Ele é reconhecido como o fundador da investigação sobre a eugenia. Nesse texto, Darwin faz referência à obra *Hereditary Genius*, publicada por Galton em 1869. (GALTON, FRANCIS. *Hereditary genius: the judges of England between 1660 and 1865*. **Macmillan's Magazine**, 19: 424-431, 1869).

Entre os selvagens, os fracos de corpo ou mente são logo eliminados; e os sobreviventes geralmente exibem um vigoroso estado de saúde. Nós, civilizados, por nosso lado, fazemos o melhor que podemos para deter o processo de eliminação: construímos asilos para os imbecis, os aleijados e os doentes; instituímos leis para proteger os pobres; e nossos médicos empenham o máximo da sua habilidade para salvar a vida de cada um até o último momento (...). Assim, os membros fracos da sociedade civilizada propagam a sua espécie. Ninguém que tenha observado a criação de animais domésticos porá em dúvida que isso deve ser altamente prejudicial à raça humana. É surpreendente ver o quão rapidamente a falta de cuidados, ou os cuidados erroneamente conduzidos, levam à degenerescência de uma raça doméstica; mas, exceto no caso do próprio ser humano, ninguém jamais foi ignorante ao ponto de permitir que seus piores animais se reproduzissem (DARWIN, 1871, p. 168).

Nesse argumento, a extinção das raças “inferiores” era considerada como um destino e era algo desejável do ponto de vista social. Ela garantiria o aprimoramento da espécie, pois só as raças superiores teriam mais chances de sobreviver e deixar descendentes. A discussão travada por Darwin sobre a evolução humana não se restringiu aos processos internos do desenvolvimento do conhecimento científico. Ela teve penetração dentro da sociedade, dando respaldo a hierarquias sociais e a discursos políticos voltados para a “melhoria” da raça. Tais conhecimentos foram abraçados pela comunidade científica do Brasil que passou a discutir possíveis soluções para o “problema” racial desse país (SCHWARCZ, 1993; SANCHEZ-ARTÉAGA, 2009; 2017).

A aplicação das teorias de Darwin na leitura da vida social teve relevância na naturalização e na manutenção das hierarquias presentes na sociedade brasileira só a partir das últimas décadas do século XIX (MONTEIRO, 2001; SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2009, 2016). Esses elementos teóricos possibilitados pelo darwinismo social podem ser compreendidos pela leitura de Hobsbawm (1979) como recursos ideológicos de justificação do domínio de brancos sobre não-brancos, de ricos sobre pobres, de “civilizados” sobre “primitivos”<sup>7</sup> (PATTO, 1999). Aliada a essa perspectiva racista, em muitas das obras dos cientistas dessa época estão presentes termos que se referem aos negros, mestiços e indígenas como degenerados, anormais, selvagens, ignorantes, incivilizados, feios, dentre outros adjetivos depreciativos (*ver* DARWIN, 1871; LACERDA; PEIXOTO, 1876; PEIXOTO, 1885). A antropologia do final do século XIX dava legitimação aos discursos racistas, pois atribuía quaisquer diferenças entre

---

7 Hobsbawm faz essa discussão sobre o papel ideológico do darwinismo social em sua obra *A era do capital* (1979). (HOBSBAWM, ERIC. **A era do capital**. Rj: Paz e Terra, 1979.)

diferentes raças como um resultado direto da evolução biológica dentro da hierarquia racial proposta.

Sob a luz da teoria darwinista da evolução e a da teoria da degeneração pela miscigenação, os centros de pesquisa em antropologia física do Brasil começaram a fazer estudos sobre os povos indígenas que aqui viviam. O debate sobre as raças indígenas girava em torno de que elas estavam condenadas à extinção, de modo natural, como um destino certo de suas existências. Por esses discursos, passaram a ser naturalizadas as práticas de genocídio físico e cultural dos povos indígenas (NOVOA, 2009; TOTTEN; HITCHCOCK, 2010). O discurso da extinção tem relação com as ideologias relacionadas ao imperialismo e ao racismo (BRANTLINGER, 2003, p. 1).

A extinção dos povos indígenas seria um fator que levaria a população desse país a se tornar majoritariamente branca com o passar dos séculos (*ver* LACERDA, 1911; 1912). Para alguns cientistas e políticos do Brasil, o embranquecimento da população brasileira seria o caminho ideal para tornar o país “civilizado” e “desenvolvido” (SOUZA, 2008). Na visão dessas pessoas, a conquista da “civilização” se encontrava comprometida pela presença das “raças inferiores”. A construção do futuro desejado implicava supor que os povos indígenas eram naturalmente “incapazes” de alcançar o suposto desenvolvimento civilizatório do “homem branco”. A “civilização” era o destino certo para algumas raças, mas para outras era visto como algo inatingível (*ver* LACERDA, 1882; STOCKING Jr., 1968, p. 35-41).

A teoria darwinista da evolução enfrentou resistências em sua aceitação por parte da elite intelectual da época. Causava mal estar para algumas pessoas o estabelecimento de relações de parentesco entre a espécie humana com outras espécies de seres vivos, especialmente as diversas espécies de primatas. No *Jornal do Comercio* de 17 de Agosto de 1887, Carlos Peedigão afirmou que não era darwinista e nem vivia de coleções da história natural. Ele desafiava que “se tal gorila ou chipanzé, de salto em salto e pinoteando, mostrar que pode ser classificado em algum relatório sobre os progressos da antropologia” e se uma espécie de macaco viesse “com jeito de homem”, ele se comprometeria a “tirá-lo do rol dos selvagens, pondo-o depois em exposição na Rua do Ouvidor, como espécie, *Homo macaco!*” (PEEDIGÃO, 1887).

## **As Instituições de Pesquisa em Antropologia no Brasil no Século XIX**

As pesquisas em antropologia física foram intensamente feitas dentro das escolas de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia e nos Museus de Ciências durante o século XIX. Nesse período, o Brasil vivenciou a institucionalização da antropologia por meio da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838) (IHGB), do Museu Nacional (1818), do Museu do Ipiranga (1895), do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), do Museu Paranaense (1876), da Faculdade de Medicina da Bahia (1808) e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1808) (SCHWARCZ, 1993). Estas instituições possibilitaram pesquisas mais extensas e aprofundadas a respeito das riquezas naturais, e iniciaram a construção de coleções científicas de grande valor histórico e científico. A maior parte dos materiais da história natural que foram coletados no Brasil nos séculos anteriores foi depositada nos museus de ciências da Europa (VON MARTIUS, 1845; BATES, 1863; SPIX; VON MARTIUS, 1938; WALLACE, 2004). Além disso, os estudos em antropologia sobre os povos indígenas era algo de grande interesse para essas instituições brasileiras. Os povos indígenas eram vistos como “primitivos”, e se constituíam como “fósseis vivos” sob a ótica evolucionista darwinista (SCHWARCZ, 2005; GUSMÃO, 2008). Nesse cenário, as diferenças entre as raças eram vistas “como desvio da normalidade e/ou da humanidade” (RUBIM, 1999, p. 1-20).

O fortalecimento das instituições de pesquisa no Brasil foi intimamente relacionado às profundas mudanças que ocorreram no século XIX. Período em que o país vivenciou importantes mudanças políticas, passando de Colônia de Portugal à Monarquia e chegando, no final do século, à Proclamação da República. O século XIX finda com a abolição da escravidão e a busca por imigrantes livres. No contexto da abolição, o país vivenciava uma efervescência social que buscava o fim da monarquia e o estabelecimento do regime político republicano (COSTA, 1999).

Na década de 70 do século XIX, o Brasil passava de objeto para sujeito das explicações através dos estudos científicos sobre a sua composição racial, fazendo das desigualdades sociais uma consequência das variações raciais. Através dos estudos de antropologia física, determinavam-se as raças “perigosas”, “inferiores” e passíveis de serem exterminadas com o pressuposto de tornar possível o avanço da sociedade brasileira, atrasada pela presença das “raças inferiores” (SCHWARCZ, 1993). Nesse

cenário, a Teoria do Atavismo contribuiu para o pensamento científico da época. Tal teoria baseava-se na suposição de que alguns traços anatômicos são um retrocesso evolutivo para as fases biológicas primitivas; esses traços podiam ser observados, medidos e comparados (SÁNCHEZ-ARTEAGA; EL-HANI, 2010).

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, é fruto das mudanças que ocorreram no século XIX no Brasil. O IHGB foi uma instituição fundada por personagens de tendência liberal-conservadora; ele foi criado como instituição voltada para a construção do discurso historiográfico do Império do Brasil (KODAMA, 2010). Ao final do século XIX, os intelectuais que integravam o IGHB debateram intensamente a respeito dos indígenas, “construindo histórias nas quais os índios eram valorizados em períodos anteriores, enquanto desconsideravam os grupos coevos presentes e atuantes nas sociedades nas quais se inseriam” (ALMEIDA, 2012, p. 22). Para essa autora, as questões de ordem socioeconômicas, políticas e ideológicas eram intimamente relacionadas no intuito de construir imagens que buscavam retirar dos povos indígenas do Brasil os seus papéis de sujeitos históricos.

No Museu Nacional, a criação em 25 de março de 1888 da seção denominada de “Antropologia, Etnologia e Arqueologia” foi resultado do esforço direto dos seus diretores na segunda metade do século XIX, notadamente Ladislau Mello-Netto e João Lacerda (SANTOS, 2019, p. 287). Essa mudança na organização do Museu Nacional demonstrou que Mello-Netto e Lacerda estavam atentos às pesquisas antropológicas que estavam sendo feitas na Europa, que davam relevância ao estudo dos ameríndios por esta ciência. Por essa razão, iniciar esses estudos antropológicos sobre os povos indígenas do Brasil era mostrar para o mundo a relevância desse país na produção do conhecimento antropológico.

O marco do início das pesquisas antropológicas no Brasil foi o primeiro curso de antropologia física ministrado por Lacerda em 1877 no Museu Nacional (MULLER; SILVA, 2019). O início dos estudos em antropologia física no Brasil atendeu aos interesses de desenvolvimento científico desse país. Os estudos estavam alinhados ao projeto de transformação do Brasil em uma terra de pessoas “civilizadas”. Essa suposta transformação era algo desejado pelas elites brasileiras do contexto de estabelecimento do regime republicano, mas para elas, a composição racial do Brasil era uma barreira para a conquista dessa transformação (MONTEIRO, 2001). Por essa razão, muitos se

dedicaram a estudar a raça indígena e negra, do ponto de vista biológico, de modo a buscar supostas soluções científicas para o problema racial. Foi intensificado, assim, o estudo antropológico sistemático das raças presentes no Brasil. Foi a partir da leitura antropológica que argumentos científicos serviram para a proposição de medidas sociais que buscavam o embranquecimento da população brasileira como solução para os supostos problemas sociais atribuídos às raças consideradas inferiores, causadoras do atraso que impossibilitava o avanço desejado por essas elites.

João Baptista Lacerda (1846 – 1915) foi um dos pioneiros em pesquisas de antropologia física sobre as raças indígenas do Brasil. Este autor, seguindo a Paul Broca e Paul Topinard, entre outros, enunciava o atraso na produção do conhecimento científico brasileiro sobre os “caracteres físicos das raças indígenas”, em comparação com acervos de poligenistas estadunidenses e europeus (MONTEIRO, 2001). No final do século XIX houve grande esforço para a produção de conhecimento sobre os povos que viviam no Brasil. Os estudos sobre os povos indígenas, à luz das teorias raciais, aumentaram significativamente (LACERDA; 1876; LACERDA; PEIXOTO, 1876; REY, 1880; LACERDA 1882; PEIXOTO, 1885; BRINTON, 1892). Esse período teve grande efervescência intelectual na antropologia como produtora de conhecimentos que legitimavam a hierarquização de diferentes raças humanas.

### **A Origem do Homem Americano**

No final do século XIX, momento de fortalecimento das instituições de pesquisas antropológicas no Brasil, os povos indígenas desse país foram o centro de intensos debates. As perguntas que mais inquietavam os pesquisadores eram: Como o homem americano surgiu? Teria uma origem independente no próprio solo da América ou teria chegado a esse continente? Para responder a essas perguntas, os pesquisadores se apoiavam nos argumentos monogenistas ou nos argumentos poligenistas em relação à evolução humana. Os naturalistas orientados pela perspectiva poligenista acreditavam que os seres humanos tinham diversas origens independentes. Por outro lado, existia a corrente de pesquisadores monogenistas que defendiam uma origem única para todos os tipos humanos (KALIL, 2015; SÁNCHEZ-ARTÉAGA, 2016).

Na obra *Métissage, dégénérescence et crime (Mestiçagem, degenerescência e crime)*, publicado nos *Archives d'Anthropologie Criminelle (Arquivos de Antropologia Criminal)* em 1899, Nina Rodrigues apontava que “a questão da unidade ou da multiplicidade da espécie humana, do monogenismo e do poligenismo (...) provocava as mais ardentes disputas” (RODRIGUES, 1899, *tradução de* 2008, p. 1151). Para Rodrigues (2008 [1899]), à discussão estavam subjacentes questões de ordem teológica e filosófica a respeito da origem do homem. Teria a humanidade uma origem natural ou sobrenatural, houve o transformismo ou a criação divina?

Partindo da compreensão de que os tipos originais poderiam se degenerar em decorrência das condições ambientais a que estiveram submetidos durante milhares de anos, os monogenistas criacionistas acreditavam que todos os seres humanos foram criados por Deus. Todas as raças humanas eram compreendidas como uma única espécie. Um importante antropólogo foi Johann Friedrich Blumenbach<sup>8</sup> (1752 – 1840) que era um defensor do monogenismo; para ele “qualquer tipologia feita pelo homem usada para descrever a” diversidade humana “seria fundamentalmente arbitrária” (MICHAEL, 2017, p. 287). Por outro lado, aqueles que tinham uma visão poligenista da origem humana acreditavam na criação divina de todas as formas humanas, mas como espécies diferenciadas, e que Adão e Eva eram antecessores apenas dos povos europeus e judeus, mas não dos povos considerados “selvagens” (SUSSMAN, 2014, p. 198). Nessas duas formas de explicar a origem da diversidade humana estava explícita a hierarquização entre as diferentes raças humanas.

O pensamento poligenista criacionista tinha como base a ideia de que o mundo era dividido em grandes centros de criação, nos quais os variados tipos humanos e as diferentes espécies de plantas e animais foram criados com características próprias, correspondendo a diferentes espécies. Em uma retrospectiva histórica sobre a discussão

---

<sup>8</sup> Johann Friedrich Blumenbach (1752 – 1840) foi um renomado antropólogo e zoólogo alemão. Ele foi considerado como "O Pai da Antropologia Física" por seus trabalhos que descreviam a variação racial humana. Ele fez inúmeras publicações de obras importantes para a antropologia física, dentre estas obras, o livro *De generis humani varietate nativa* (1776) é considerada como o ponto de partida da etnologia moderna. Em seus estudos, ele procurou fundamentar a sua classificação da humanidade na forma do crânio e na configuração facial, assim como na cor da pele. Blumenbach propôs a divisão da espécie humana em cinco raças: a caucasiana ou branca, a mongol ou amarela, a malaia ou marrom, a negra ou preta e a americana ou vermelha (REVISTA *NATURE* de 1940). BLUMENBACH, JOHANN 1776. **De generis humani varietate nativa, nativa liber**. Göttingen: Vandenhoeck. 1776.



entre monogenistas e poligenistas, Ameghino<sup>9</sup> (1880) afirmou que os estudiosos alinhados ao catolicismo e contrários à unidade de origem, defendiam “a pluralidade de criação, afirmaram que o homem americano havia tido origem no continente que habitava e que nenhum parentesco o unia com Adão e sua descendência” (AMEGHINO, 1880, p. 120).

Após a publicação da teoria da evolução darwiniana, muitos poligenistas continuaram a defender a perspectiva criacionista. Por outro lado, os poligenistas pós-evolutivos eram radicalmente opostos ao criacionismo poligênico, cujo princípio básico-revigorado em termos científicos pela "*Escola Americana de Antropologia*" na primeira metade do século XIX, era a criação separada das raças humanas por Deus (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016, p. 284). Os pesquisadores poligenistas evolutivos compreendiam que as raças humanas eram espécies distintas. Tais espécies teriam evoluído por milhares de anos de um remoto ancestral comum (SÁNCHEZ-ARTEAGA; ALMEIDA; EL-HANI, 2016).

O destacado evolucionista Ernst Haeckel<sup>10</sup> (1834 – 1919) tinha uma visão intermediária entre monogenistas e os poligenistas, pois ele defendia a multiplicidade de espécies humanas (perspectiva poligenista), as quais teriam evoluído de um ancestral proto-humano (perspectiva monogenista) (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016). De acordo com Sánchez-Arteaga (2016), a perspectiva evolutiva de Haeckel era que cada linha humana evoluía a diferentes ritmos, com diferentes taxas de “progresso”, também a nível cerebral, originando-se assim grandes diferenças intelectuais entre as raças. Esse pensamento de Haeckel a respeito da evolução humana foi bem recepcionado pelos cientistas evolutivos brasileiros, que a partir dessa lente teórica, buscaram compreender o quanto cada raça humana poderia contribuir para o desenvolvimento de uma nação brasileira moderna (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016, p. 286). Para Haeckel (1889), as diferentes raças humanas teriam evoluído de modo independente a partir de um ancestral que ainda não tinha desenvolvido a fala. Por essa razão, as diferentes línguas que eram faladas dificilmente teriam evoluído a partir de uma origem comum, mas sim

---

<sup>9</sup> Florentino Ameghino (1854 – 1911) foi um antropólogo argentino. Ele fez importantes investigações sobre mamíferos fósseis da região do Prata. Publicou o livro *La antigüedad del hombre en el plata*, em 1880. AMEGHINO, FLORENTINO. *La Antigüedad del Hombre en el Plata*. Tomo I. G. Masson e Igon Ed. París–Buenos Aires. 1880.

<sup>10</sup> Ernst Haeckel (1834 – 1919) foi um naturalista e antropólogo alemão. Ele é reconhecido pela grande contribuição que deu para a popularização do trabalho de Charles Darwin. Os trabalhos de Haeckel influenciaram vários naturalistas brasileiros do final do século XIX (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016).

de modo independente a partir desse ancestral (HAECKEL, 1889; DI GREGORIO, 2002; RICHARDS, 2002; SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016).

Os argumentos poligenistas e monogenistas tiveram grande desafio para se manterem firmes diante das descobertas do geólogo Charles Lyell<sup>11</sup> (1797-1875), que “provou de maneira convincente, em bases geológicas, que não houve revoluções repentinas se estendendo por toda a superfície da Terra, mas que as mudanças ocorreram lentamente e foram confinadas a localidades separadas”, o que significou reconhecer que “a história passada da Terra consiste essencialmente em um processo gradual de desenvolvimento” (CLAUS, 1884, I, p. 166). Ancorado no entendimento de que as mudanças são graduais nos aspectos geológicos do planeta, Claus<sup>12</sup> (1885) afirmava que a concepção de que a espécie humana existe “há apenas alguns séculos na terra é completamente contrariada por investigações antiquárias e geológicas” (CLAUS, 1885, p. 339). Por esse motivo, as proposições de teorias sobre a origem do ser humano deveriam considerar, a partir dessas descobertas geológicas, a sua origem bem mais antiga do que apenas alguns séculos.

No Brasil, as discussões a respeito do monogenismo e poligenismo estavam centradas na realidade racial vivenciada aqui. As raças humanas que viviam no país poderiam ser consideradas espécies diferentes, com origens independentes ou pertenciam todas à mesma espécie? Para aqueles que defendiam a existência de espécies humanas distintas, o Brasil estaria no caminho da formação de uma nação de híbridos, o que era visto como algo ruim, pois os mestiços híbridos eram considerados como um tipo humano degenerado (AGASSIZ; AGASSIZ, 1868; LACERDA; PEIXOTO, 1876; LACERDA, 1882; PEIXOTO, 1885; SCHWARCZ, 1993; 2011).

---

<sup>11</sup> Charles Lyell foi um advogado e um renomado geólogo britânico. Ele é considerado o pai do uniformitarianismo, que é a ideia de que a terra foi moldada de modo lento e gradual ao longo de milhares de anos. Dentre as suas obras mais importantes, destaco o livro *Principles of Geology* que foi publicado em três volumes do ano de 1830 a 1833.

LYELL, CHARLES. 1830. **Principles of geology, being an attempt to explain the former changes of the Earth's surface, by reference to causes now in operation.** London: John Murray. 1830-1833.

<sup>12</sup> Carl Friedrich Claus (1835-1899) foi um zoólogo alemão, especialista em crustáceos. Ele era estava alinhado ao pensamento darwinista da evolução. Dentre as suas obras, destaco *Grundzüge der Zoologie (Noções básicas de zoologia)* que foi publicado em 1868. (CLAUS, KARL. **Grundzüge der Zoologie. Zum Gebrauche an Universitäten und höheren Lehranstalten sowie zum Selbststudium.** Marburg: W.G Elevert'sche Verl, 1874.)

Desde a chegada dos europeus ao continente americano, a origem dos povos indígenas que aqui viviam passou a ser um problema a ocupar a mente de muitos estudiosos. Em 1834, chegou à cidade de Curvelo em Minas Gerais, o renomado antropólogo dinamarquês Peter W. Lund<sup>13</sup> (1801 – 1880), que estava em viagem pelo interior do Brasil ao lado do botânico alemão Ludwig Riedel<sup>14</sup> (1790 – 1861). Lund e Riedel ficaram impressionados com os fósseis que foram apresentados a eles por um morador local. Tal descoberta levou Lund a realizar pesquisas nas cavernas da região, onde conseguiu catalogar inúmeros registros fósseis, dentre eles está o crânio humano encontrado na gruta do Sumidouro em Lagoa Santa. O crânio chamou a atenção da comunidade científica internacional daquele período pelos indícios de que se tratava do crânio humano mais antigo já encontrado em todo o continente americano. Essa descoberta mudou de modo significativo todos os estudos antropológicos que procuravam entender como surgiu o homem americano, pois a sua antiguidade deveria ser levada em consideração de aí por diante (HOLTEN; STERLL, 2011; DA-GLORIA, *et. al.*, 2017).

Sobre a antiguidade dos ossos encontrados em Lagoa Santa, o embriologista e antropólogo alemão, Julius Kollmann<sup>15</sup> (1834 – 1918) afirmou que os crânios em estado semi-sólido ou petrificado, eram evidências da antiga existência humana na América. Ele disse que tinha confiança em fazer essa afirmação após analisar quatro crânios encontrados em Lagoa Santa e que estavam bem conservados em Copenhague (KOLLMANN, 1884). Kollmann apontou na obra *Hohes Alter der Menschenrassen (A antiguidade das raças humanas)*, publicada em 1884 no *Jornal de Etnologia (Zeitschrift*

---

<sup>13</sup> Peter Wilhelm Lund (1801-1880) foi um destacado naturalista dinamarquês. Ele foi reconhecido internacionalmente pelos estudos arqueológicos desenvolvidos em Lagoa Santa, em Minas Gerais. Nesses estudos ele encontrou diversos fósseis e também encontrou ossadas humanas que indicavam a antiguidade do homem americano. Ele publicou inúmeros trabalhos sobre as importantes descobertas que fez em Minas Gerais, dentre estas obras, destaco *Sobre a antiguidade do homem em Lagoa Santa*, que foi publicada em 1842. (LUND, PETER WILHELM. **Sobre a antiguidade do homem em Lagoa Santa** [1842]. Trad. Carlos de Paula Couto. Pp. 457-463, in: COUTO, Carlos 156 de Paula (ed.). Peter Wilhelm Lund: memórias sobre a paleontologia brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.)

<sup>14</sup> Ludwig Riedel (1790-1861) foi um botânico alemão que chegou ao Brasil em 1811 com a expedição do barão Langsdorff. Ele radicou-se no Rio de Janeiro e ocupou o cargo de diretor da seção de botânica do Museu Nacional.

<sup>15</sup> Julius Kollmann (1834-1918) foi um antropólogo, zoólogo e anatomista alemão. Ele realizou estudos sobre anatomia e histologia. Ele também se dedicou à antropologia. Dentre as suas obras, destaco o livro *Hohes Alter der Menschenrassen (A antiguidade das raças humanas)*, publicada em 1884. (KOLLMAN, JULIUS. Hohes Alter der Menschenrassen. *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 16: 181-212, 1884.)

*für Ethnologie*), as seguintes conclusões por meio da análise desses crânios: 1- As características raciais relativas aos índices cefálicos passaram por muitas gerações de modo inalterado pelo ambiente. 2- As características craniométricas dos índios têm permanecido inalteradas desde o dilúvio (KOLLMANN, 1884, p. 191). Tais conclusões sustentavam o argumento de que o ser humano teria uma origem muito antiga e que as características das diferentes raças não tinham sofrido alterações significativas, o que implicaria reconhecer a estabilidade das raças ao longo do tempo.

Nessa linha de pensamento, Lacerda e Peixoto (1878) afirmavam que os índios “Botocudos<sup>16</sup>” que viviam no Brasil no final do século XIX tinham características morfológicas semelhantes às encontradas no crânio de Lagoa Santa. Esse pressuposto estava em contraposição ao pensamento de Lund, que acreditava que o crânio analisado apresentava uma forma primitiva bem distinta à dos indígenas que viviam no Brasil em meados do século XIX (DA-GLORIA, *et. al.*, 2017). Florentino Ameghino, por exemplo, defendeu a teoria de que homem surgiu no continente americano e daí migrou para outras partes do mundo.

Partindo da compreensão de que os índios americanos eram raças autóctones, em sua obra *Die Autochtonen Amerika's* (1883), Kollmann fez uma análise de 1500 crânios americanos (917 Crânios da América do Norte, 248 crânios da América Central e do Sul, 127 crânios de “esquimós” e 208 crânios dos Sambaquis<sup>17</sup>). A maioria dos crânios

---

<sup>16</sup> Os termos Botocudos, Bugres, Guanás, Camacã e raça dos Sambaquis são denominações genéricas, muito usadas no período estudado nessa tese. Por outro lado, tais nomes não correspondiam às autodenominações das diferentes etnias indígenas. A denominação “Botocudos” se referia a diferentes etnias que usavam os botoques. Os Bugres eram indígenas de diferentes etnias definidos como não cristãos. A denominação Guanás também é genérica, de modo que engloba diferentes etnias indígenas, as quais possuem suas próprias autodenominações. A denominação Camacã abrangia diferentes etnias que eram denominadas “Kamacã-Mongoió”, “Kamacã Menian”, “Menian” e por “Caranins” (PARAÍSO; JANCSÓ, 1998). A raça dos Sambaquis era compreendida por Lacerda (1882) como intimamente relacionada aos Botocudos pelas semelhanças craniométricas. Os crânios dos Sambaquis possuem “o índice horizontal de um desses crânios-tipos dá uma das mais pronunciadas dolicocefalias, que têm sido até hoje observadas em crânios indígenas do Brasil” (LACERDA, 1882, p. 23).

Por esses motivos, as denominações “Botocudos”, “Guanás”, “Camacã”, “Homem do Sambaquis” e “Bugres” serão usadas nessa tese com aspas. São denominações usadas pelos pesquisadores do século XIX que foram estudados nessa tese e que não estavam de acordo com as autodenominações dos indígenas que eles estudaram.

<sup>17</sup> Sambaquis ou Køkkenmødding (concepção dinamarquesa original) são formações nas quais se encontram conchas de ostras e mexilhões, ferramentas, utensílios e ossadas humanas. Os Sambaquis são formados por uma estrutura amontoada com todos esses artefatos. Essas formações tiveram origem nas populações humanas pré-históricas e estão limitadas às áreas litorâneas (LACERDA;

analisados estava em publicações, como o *Catálogo do Museu Médico do Exército de Washington*. Kollmann observou nesse estudo a presença de perfis craniométricos diversos. Para ele, esses dados evidenciavam que há uma pluralidade de variedades de raças humanas no continente americano e isso significava que possivelmente houve a penetração intensa de diferentes raças, desde o período pré-colombiano. As diferenças craniométricas dos autóctones da América com dos outros continentes não podiam ser atribuídas às condições climáticas em que viviam (KOLLMANN, 1883, p. 44).

Kollmann afirmava que há muito tempo as variedades da espécie *Homo sapiens* transgrediram para tipos fixos. Em sua visão:

Quanto ao grande problema da influência da natureza circundante sobre o homem, não há indicações positivas para tal suposição. Como na Europa, todos os sinais sugerem que, desde a época diluvial, a organização não passou por nenhuma transformação em termos das características típicas, em nenhum lugar nas diversas variedades da América aparecem variedades produzidas pelo clima ou por efeitos similares. As variedades americanas das espécies *Homo sapiens*, como as da Europa, passaram, por um longo tempo, para o estado de tipos permanentes. O tempo de elasticidade, o surgimento de novas formas fisicamente diferentes desapareceu há muito tempo (KOLLMANN, 1883, p. 44).

Essa afirmação de Kollmann teve implicações para a discussão entre as teorias monogenistas e poligenistas. Se sua leitura estivesse correta, o homem da América teria uma origem no solo americano, de modo independente de outras raças humanas do velho mundo. O que sugeriria reconhecer a validade do poligenismo enquanto explicação mais plausível para a origem do homem americano. Além disso, a perspectiva monogenista degeneracionista para explicação da diversidade humana a partir de um tipo original ficaria comprometida a partir dessas observações de Kollmann, pois os dados craniométricos apontavam para a estabilidade das suas características ao longo de milhares de anos. O que significaria que das diversas raças humanas não poderiam ter se originado pela degeneração de um tipo original, pois os estudos dos crânios demonstravam a estabilidade das raças ao longo do tempo.

A partir dos ossos encontrados em Lagoa Santa, o antropólogo Richard Francis Burton<sup>18</sup> (1821 – 1890) fez uma importante discussão a respeito da antiguidade do homem na América. Em sua visão:

O *Homo americanus* não pode ser derivado do mongol. A estreiteza e achatamento do crânio e do ângulo facial, a proeminência dos ossos zigomáticos, a forma do maxilar e as órbitas dão ao primeiro uma maior animalidade e, assim, mostram sua inferioridade (BURTON, 1873, p. 408).

De acordo com Burton (1873), os crânios de Lagoa Santa mostravam “todas as características craniométricas da moderna “raça vermelha”, especialmente a extraordinária depressão da região coronal” (...) “Por outro lado, os incisivos são notáveis por possuírem superfícies planas e triturantes, em vez de uma aresta de corte transversal; essa peculiaridade não é encontrada em nenhuma raça existente e apenas nas múmias do antigo Egito”. Outro elemento que deveria ser considerado é “a semelhança dos machados e implantes de pedra do Brasil com os da Europa, e os análogos dos monumentos mexicanos com os do Hindustão e do Egito, são inegáveis pontos de contato entre os primeiros habitantes de ambos os hemisférios” (BURTON, 1873, p. 408). Essas observações de Burton (1873) mostravam que o argumento para autoctonia do homem americano era viável, uma vez que a sua enorme antiguidade era comprovada de modo contundente pela análise antropométrica dos crânios petrificados encontrados em Lagoa Santa. E, mais uma vez, a visão de estabilidade das raças ao longo de tempo era evidenciada pela leitura de Burton em relação aos crânios de Lagoa Santa e os crânio de indígenas que viveram no século XIX.

Burton dizia que a degeneração não conseguia explicar a origem das raças, pois a natureza “caminha” do imperfeito (raças não brancas) para o perfeito (raça branca). Quando se observava os crânios de Lagoa Santa, depositados ao lado de ossos de animais gigantes extintos, era possível demonstrar a sua antiguidade, as suas características os colocavam distantes da raça mongol, sendo uma evidência de que o *Homo americanus* e o mongol não possuíam uma origem comum (BURTON, 1873, p. 408). Por essa análise, fica evidenciada a perspectiva hierárquica de Burton a respeito da evolução humana e que davam validade à perspectiva poligenista.

---

<sup>18</sup> Richard Francis Burton (1821-1890) foi antropólogo, naturalista e folclorista. Dentre as suas obras, destaco *The Primordial Inhabitants of Minas Geraes, and the Occupations of the Present Inhabitants (Os habitantes primordiais de Minas Gerais e as ocupações dos atuais habitantes)*, publicado em 1873. (BURTON, RICHARD FRANCIS. *The Primordial Inhabitants of Minas Geraes, and the Occupations of the Present Inhabitants. The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 2, p. 407-23, 1873.)

De acordo com Roquette-Pinto<sup>19</sup> (1906), o grande cientista Ernst Haeckel (1834 – 1919), considerado “o padrinho da escola transformista que nasceu com Lamarck, e cresceu com Darwin, negou à América a honra de ter sido o berço da nossa espécie” (ROQUETTE-PINTO, 1906, p. 27). Entre os dados apontados por Roquette-Pinto como sustentadores da posição de Haeckel, estava a ausência “nesse continente, [de] forma símia capaz de sofrer evolução antropogênica necessária” (ROQUETTE-PINTO, 1906, p. 27).

Lacerda discutiu no primeiro curso de antropologia ministrado no Brasil em 1877, o monogenismo e o poligenismo como possíveis explicações para o surgimento do homem americano. Também foi abordada nesse curso a mestiçagem e a herança (CASTRO FARIA, 1998). A realização do curso se deve, em certa medida, à grande preocupação que existia na sociedade brasileira em avançar no estudo antropológico das raças que aqui viviam, no sentido de apontar o quanto tais raças humanas poderiam contribuir para o desenvolvimento de uma nação “civilizada” (SCHWARCZ, 1993). Desse modo, Sanjad (2005) aponta que:

Debates acadêmicos enfileiravam poligenistas e monogenistas em lados opostos, cada grupo reunindo as evidências necessárias para comprovar o autoctonismo do homem americano ou o povoamento da América por meio de migrações – ou, ainda, para avaliar uma posição mais moderada, (...) que reconhecia a migração de alguns grupos étnicos e a evolução autóctone de outros (SANJAD, 2005, p. 86).

Na busca por compreender as relações evolutivas das populações humanas brasileiras com outros povos, Lacerda e Peixoto (1876, p. 71-74) afirmavam que os “Botocudos” deveriam:

[...] ser colocados a par dos Neo-Caledonios e dos Australianos, isto é, entre as raças mais notáveis pelo seu grau de inferioridade intelectual. As suas aptidões são, com efeito, muito limitadas e difícil é fazê-los entrar no caminho da civilização. [...] O crânio fóssil da Lagoa Santa, uma das preciosidades da nossa coleção, assemelha-se muito por seus caracteres aos crânios dos Botocudos. O seu índice cefálico é representado por 69, 72, indica uma dolicocefalia superior à dos patagônios e dos esquimós, as duas raças mais dolicocefalas do mundo [...] o que leva-nos a admitir que no decurso de muitos séculos a raça dos Botocudos não tem subido um só grau

---

<sup>19</sup> Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) foi um médico, escritor, antropólogo, etnólogo e ensaísta brasileiro. Ele dedicou sua trajetória às pesquisas em antropologia e etnografia do Brasil. Ele articulou sua militância nacionalista aos estudos antropológicos (SOUZA, 2017). Ele escreveu diversas obras, dentre elas, destaco o livro *Ethnographia americana: o exercício da medicina entre os indígenas da America*, publicado em 1906. (ROQUETTE-PINTO, E. *Ethnographia americana: o exercício da medicina entre os indígenas da America*. Rio de Janeiro: E. Bevilacqua & C. 1906.).

na escala da intelectualidade; o seu ângulo facial de Cloquet é de 67°. É um representante da raça pré-histórica, contemporânea do cavalo fóssil e outras espécies já extintas. (LACERDA; PEIXOTO, 1876, p. 71-74)

Por tal posição epistemológica, Lacerda e Peixoto (1876) estavam comprometidos a reconhecer os índios, sobretudo os “Botocudos”, como uma raça bem distinta e bem inferior à raça branca. Por outro lado, eles não tinham uma posição formada a respeito da origem do ser humano no solo americano. Nesse momento eles ficavam mais favoráveis ao poligenismo, porém reconhecendo que era apenas uma hipótese (LACERDA; PEIXOTO, 1876, p. 75).

A apreciação dos crânios dos “Botocudos”, dos “Bugres” e do “homem dos sambaquis” sugeria para Peixoto (1885) a possível relação etnológica entre essas diferentes raças humanas. E, possivelmente, esses diferentes grupos constituíam um grupo étnico, o que estaria intimamente ligado à família Tupi-Guarani (KEANE, 1884, p. 211). Uma hipótese levantada foi de possíveis migrações pelo Estreito de Behring. Sobre essa hipótese das imigrações que possibilitaram a chegada do ser humano ao continente americano, o médico e antropólogo Philippe-Marius Rey, em sua obra *Étude anthropologique sur les Botocudos*, que foi publicada em 1880, afirmava que os Srs. Canestrini<sup>20</sup> e Moschen<sup>21</sup> colocam a raça americana no grupo de raças mongóis de Cuvier; eles admitem a hipótese de uma imigração das raças amarelas da Ásia para a América, pelo Estreito de Behring [...] (REY, 1880, p. 20).

Por outro lado, Rey (1880) afirmou que “suas maneiras ferozes certamente tornaram difícil cruzar com outros nativos e especialmente com o elemento estrangeiro. É talvez o único, hoje, vivendo neste estado primitivo que lembra a idade da pedra” (REY, 1880, p. 13). Esse argumento, embora muito frágil, parecia muito sedutor por

---

<sup>20</sup> Giovanni Canestrini (1835 – 1900) foi um naturalista italiano. Dentre as suas obras, pode-se destacar a *Origine dell'uomo*, publicada em 1866 e a obra *La teoria dell'evoluzione esposta ne' suoi fondamenti come introduzione alla lettura delle opere del Darwin w de' suoi seguaci*, publicada em 1888. (CANESTRINI, GIOVANNI. **La teoria dell'evoluzione esposta ne' suoi fondamenti come introduzione alla lettura delle opere del Darwin w de' suoi seguaci**. Unione Tipografico – Editrice, S.D.Ma.1875.).

<sup>21</sup> Lamberto Moschen (1853 – 1932) foi um antropólogo italiano que colaborou na fundação da Sociedade Romana de Antropologia. Publicou, em parceria com Cenestrini, a obra: CENESTRINI, GIOVANNI; MOSCHEN, LAMBERTO. **Sulla antropologia física del Trentino**. In: Atti della società Veneto - Trentina di Scienze Naturali, XVI, 1890.



colocar os “Botocudos” como um grupo humano que possivelmente teria se isolado do cruzamento com outras raças, o que implicaria num possível estacionamento evolutivo nas bases da evolução humana, como afirmou Peixoto (1885 p. 255- 256) anteriormente, com as devidas ressalvas.

Lund afirmou ao fazer essa descoberta “que a América já era povoada antes que o primeiro raio da história tivesse brilhado no horizonte do velho mundo, e que os tipos mais antigos pertencessem à mesma raça que habitava o continente na época de sua descoberta” (BURTON, 1873, p. 408).

A respeito da inferioridade atribuída aos “Botocudos”, Carlos von Koseritz (1885) fez um relato de suas impressões ao analisar a coleção de crânios do Museu Nacional. A visita foi acompanhada pelo Diretor, Ladislau Mello-Netto. Para Koseritz (1885):

(...) os crânios dos Sambaquis têm quase o dobro do tamanho do crânio de Lund. (...) Os crânios dos Sambaquis (...) têm um ângulo de visão quase desaparecendo, de modo que formam uma linha quase reta do osso frontal ao queixo; são crânios longos no significado mais ousado da palavra e de enormes proporções; (...) as maçãs do rosto se projetam de maneira animal - as órbitas oculares são enormes e os supercílios emergem de uma maneira que somente os negros mais selvagens produzem ou - encontrado nos macacos antropomórficos. A testa é quase inexistente; a mandíbula superior é plana e em uma peça; não há vestígios do intermaxilar; o prognatismo é o mais pronunciado que já vi em crânios humanos; as ferramentas de mastigação são de tamanho e força enormes, de modo que a região infraorbital é a mais pronunciada de toda a cabeça. O osso nasal é alongado (leptorrina) e os músculos cervicais deixaram impressões profundas na borda inferior do crânio; Então a coisa toda é de um tipo de animal pronunciado e - eu realmente pensei que esses crânios eram crânios de gorilas ou chimpanzés na minha primeira visita, um erro que eu gosto de admitir, já que pode ser desculpado nessas circunstâncias. Aliás, os botocudos atuais são absolutamente os filhos mais leais da raça Sambaquis, uma vez que possuem as mesmas características dessas, é claro que em menor grau. De qualquer forma, o homem de Lagoa Santa era muito menos animalesco do que o Botocudo de hoje (...). Eu estava muito interessado em uma série de dez crânios e muitos ossos que foram encontrados em uma caverna no alto Uruguai; eles não são fósseis, mas muito antigos e se aproximam do tipo botocudo (KOSERITZ, 1885, p. 278-279).

O relato demonstra a busca dos intelectuais daquele período em afirmar a inferioridade biológica dos “Botocudos”. A suposta inferioridade parece ser uma hipótese estabelecida de modo consistente na visão de mundo desses personagens. A análise dos dados empíricos servia, a qualquer custo, para confirmar tais hipóteses. Dados contrários a elas eram vistos como eventualidades do acaso.

Em carta endereçada a Virchow<sup>22</sup>, Mello-Netto (1884) se dizia um pouco pressionado por seus colegas dos Estados Unidos para considerar a raça americana como autóctone. Pelas evidências arqueológicas tinha em mãos, Mello-Netto passou a admitir “a mistura de elementos estrangeiro como muito provável nos Estados Unidos antes da invasão colombiana” (MELLO-NETTO, 1884, p. 425-426). Em 1885, Mello-Netto se mostrava mais alinhado à perspectiva autóctone como a melhor explicação para a origem do ser humano na América. A procura pelos “centros de criação” ou “estações de aparecimento” do ser humano no Novo Mundo só poderiam ser determinados com o avanço de dados e evidências científicas (MELLO-NETTO, 1885, p. 259; SANJAD, 2005).

Em 1886, Mello-Netto se deparou com um machado de bronze que foi coletado pelo engenheiro Bauer no local denominado Primeira Ilha (Rio Aguape) na Província de São Paulo. De acordo com Mello-Netto (1886), o bronze “representava fase muito adiantada da evolução da indústria humana no antigo continente” era ligado “a outros dois ou mais metais desconhecidos aos povos mais cultos da América que só se serviam de metais puros: o cobre, a prata, e o ouro”. O machado de bronze seria o “veemente testemunho de que homens do antigo continente representantes da idade do bronze, que é anterior á idade cristã, vieram há mais de 2000 mil anos a esta parte do Brasil e aqui estacionaram mais ou menos tempo” (MELLO-NETTO, 1886).

O renomado intelectual, Silvio Romero<sup>23</sup> (1888) desqualificava de modo categórico o alinhamento de Mello-Netto à teoria poligenista. De acordo com ele, Mello-Netto seria daqueles que não se contentavam “com uma só origem; ele [procurava] logo três ou quatro” (ROMERO, 1888, p. 142). Para Romero, Mello-Netto não tinha competência para entrar na discussão entre monogenistas e poligenistas, pois era frágil o seu conhecimento a respeito das questões antropológicas dos povos indígenas desse país. Por essa razão, os trabalhos antropológicos de Mello-Netto eram severamente criticados por Silvio Romero, que sempre procurava demonstrar todas as

---

<sup>22</sup> A íntegra da carta está no Apêndice V.

<sup>23</sup> Silvio Romero (1851 – 1914) foi um grande crítico literário do final do século XIX ao início do século XX e possuía orientação intelectual alicerçada na antropologia e na sociologia; ele foi um dos responsáveis da introdução do darwinismo no Brasil (AGUIAR, 2015; SÁNCHEZ-ARTÉAGA, 2016).

fragilidades teóricas e metodológicas<sup>24</sup>. Apesar das críticas, Mello-Netto participou da discussão sobre a antiguidade do homem americano no *VII Congresso de Americanistas*, o qual ocorreu em 1888 na cidade de Berlim. Esse importante evento contou com a presença de Virchow, Karl von den Steine<sup>25</sup>, Gustav Fritsch<sup>26</sup> e P. Topinard<sup>27</sup>, que eram grandes nomes da antropologia naquele momento (KEULLER, 2008).

No contexto da antropologia alemã desse período, os estudos antropológicos desenvolvidos por Paul Ehrenreich na segunda metade do século XIX também buscaram compreender a origem do homem americano. Para isso, ele coletou o maior número de elementos que pudessem esclarecer as seguintes perguntas: O homem do Velho Mundo emigrou para o Novo Mundo ou o homem americano emergiu independentemente no Novo Mundo? Teria o ser humano uma única origem (monogênese) ou o ser humano seria o resultado de múltiplas origens independentes em lugares diferentes do mundo (poligênese)? Ehrenreich estava alinhado ao pensamento poligenista, o que implicava em compreender as diferentes raças humanas com surgimentos independentes em diferentes lugares do mundo. Em sua visão, a legitimação do monogenismo tinha como objetivo afirmar que todos os seres humanos são irmãos, por outro lado, tal perspectiva tinha dado pouca contribuição para o avanço do conhecimento antropológico por ignorar as diferenças físicas entre os seres humanos (EHRENREICH, 1897, p. 18). Essa posição era contrária ao entendimento de Virchow, que era firmemente monogenista e defensor da irmandade entre os povos (MASSIN, 1996).

---

<sup>24</sup> As críticas de Silvio Romero à Ladislau Netto são discutidas com maior riqueza de detalhes no próximo capítulo, no qual é feito o estudo sobre as visões de Ladislau Netto e João Baptista Lacerda a respeito dos povos indígenas do Brasil.

<sup>25</sup> Karl von den Steinen (1855-1929) foi um médico e antropólogo alemão. Em 1884 e entre 1887 e 1889 ele dirigiu duas expedições alemãs ao Xingu. Da primeira expedição ele publicou a obra: STEINEN, KARL VON. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. Trad. de Egon Schaden. Separata renumerada da "Revista do Arquivo". N. XXXIV a LVIII. São Paulo: Dep. de Cultura, 1940.

<sup>26</sup> Gustav Fritsch (1838-1927) foi um fisiologista, anatomista e antropólogo alemão. Dentre as suas obras, destaco *Die Eingeborenen Süd-Afrika's: ethnographisch und anatomisch beschrieben (Os povos indígenas da África do Sul: descritos etnograficamente e anatomicamente)* publicada em 1872.

<sup>27</sup> Paul Topinard (1830 – 1911) foi um médico francês especialista em antropologia física. Ele publicou muitos trabalhos sobre a antropologia. Destaco: TOPINARD, PAUL. **L'homme dans la nature**. 1891.

Ehrenreich defendia que a raça americana era formada por todos os povos indígenas da América, incluindo os “esquimós”. Esta ênfase explícita nessa concepção não é supérflua, pois muitos fizeram recorrentes tentativas de apresentar os povos indígenas do Novo Mundo como nenhuma raça particular. Reforçando a sua defesa na conformação de uma raça americana e também a sua visão poligenista, Ehrenreich afirmou que “o homem só se tornou americano em solo americano, em sua aparência física, idioma, costumes e cultura” (EHRENREICH, 1897, p. 40-41).

A solução para a origem da raça americana passava por diversas proposições. Sobre a suposta relação da raça americana com a raça mongólica, Franz Boas<sup>28</sup> (1858-1942) apontou que: "Se você olhar para os índios de Columbia sozinhos, você será imediatamente lembrado dos tipos do Leste Asiático. Mas se olharmos os dois juntos, a grande diferença é clara" (BOAS, 1891, p. 160). Para o arqueólogo e etnólogo estadunidense, Daniel Garrison Brinton<sup>29</sup> (1837 – 1899), as classificações antropológicas que buscavam colocar o homem americano enquanto intimamente relacionado ao mongol foram um erro; ele chegou a elogiar Ehrenreich por ter afirmado que a classificação de americanos como mongólicos não se sustentava em dados positivos (BRINTON, 1890, p. 38). Para Brinton, os esquimós possuíam uma forma craniana, um índice nasal e características linguísticas bem diferentes da dos mongóis. O que ocorria eram algumas semelhanças na fisionomia geral, “em alguns casos, e isso [era] tudo; e isso não [valia] muito, contra as diferenças mencionadas” (BRINTON, 1890, p. 65). Para Brinton, as investigações de Ehrenreich (1887) a respeito dos índios “Botocudos” do Rio Doce mostravam de modo definitivo que esses indígenas não tinham características físicas que os aproximavam dos mongóis. Por esse motivo, Brinton (1890) estava alinhado à ideia de Haeckel de que a raça americana teria

---

<sup>28</sup> Franz Uri Boas (1858-1942) foi um antropólogo teuto-americano. Ele teve a influência de Virchow em seus estudos sobre antropologia na Alemanha. Boas é considerado um dos pioneiros no desenvolvimento da antropologia moderna, com o foco no Relativismo Cultural. Dentre as suas obras, destaco o texto *Instability of human types (Instabilidade dos Tipos Humanos)*, publicado em 1902. (BOAS, FRANZ. *Instability of human types*. In: SPILLER, Gustav (Org. ). **Papers on inter-racial problems communicated to the First Universal Races Congress**. Londres: P. S. King & Son; Boston: The World's Peace Foundation, p. 99 – 103. 1911.)

<sup>29</sup> Daniel Garrison Brinton (1837 – 1899) foi um médico, arqueólogo e etnólogo estadunidense. Dentre as suas obras, destaco o livro: BRINTON, DANIEL GARRISON. **Crania Ethnica Americana. Sammlung Auserlesener Amerikanischer Schädeltypen**. Herausgegeben von RUDOLF VIRCHOW. Com 26 Tafels e 29 Textos-Illustração. Grande, 4to. Berlin, A. Asher & Co., 1892.

evoluído de modo independente no continente americano a partir de um ancestral proto-humano.

Diante desses dados empíricos, Brinton estava inclinado a defender a imigração pré-glacial para a América (BRINTON, 1890, p. 41). Ehrenreich afirmava que para a validade dessa hipótese era preciso ter como requisito prévio a disseminação do homem como espécie de um centro de origem (EHRENREICH, 1897, p. 42). Sobre a origem do homem americano, Brinton (1890) afirmou que a respeito da origem do homem africano seria respondida da seguinte forma: o homem africano surgiu na África. “A resposta no caso dos índios americanos é inteiramente paralela - sua origem” aconteceu no continente americano; “o tipo racial foi criado e fixado no continente americano; eles constituem uma subespécie tão verdadeira e distinta quanto a raça africana ou a raça branca” (BRINTON 1890, p. 17). Esse autor defendia a correlação entre as diferentes raças humanas com os diferentes ambientes onde viviam, de modo que:

Cada uma das grandes áreas continentais moldou o homem plástico e primitivo em uma conformação de corpo e mente peculiar a si mesmo, em alguma harmonia especial com suas próprias características geográficas, produzindo assim uma raça ou subespécie, sutilmente correlacionada de mil maneiras ao seu ambiente, mas nunca perdendo sua reivindicação à humanidade, nunca falhando em seu desenvolvimento paralelo e progressivo com todas as outras variedades da espécie (BRINTON, 1890, p. 18).

O posicionamento de Brinton nesse trecho mostra que ele recusava qualquer alinhamento teórico que procurasse defender a existência de raças humanas superiores e outras tão inferiores que tivessem a sua humanidade questionada. As idéias iluministas de progresso e desenvolvimento aparecem em Brinton como elementos universais para todas as raças humanas. Para Brinton, todas as raças humanas eram o resultado da ação do ambiente e cada raça tinha íntima relação entre seus tipos físicos e o ambiente em que viviam (BRINTON 1890, p. 18). Outro ponto importante no argumento de Brinton era a correlação entre os tipos humanos e o ambiente em que viviam. O que permitiria pensar como o ser humano se originou no continente americano e qual a relação com os seres humanos dos outro continente.

De acordo com Ehrenreich, em períodos geológicos relativamente recentes a América, a Ásia e a Europa estavam relacionadas, tendo uma massa de terra circumpolar. Por essa razão, se não fosse a espécie humana, talvez os seus ancestrais mais próximos habitavam as terras americanas. Partindo do argumento do antropólogo

alemão Theodor Waitz<sup>30</sup> (1821 – 1864), Ehrenreich afirmava que ele corretamente apontou que não há a menor razão para supor que a América estava deserta no momento em que a Ásia ou a Europa já possuíam uma população humana. Somente após a separação posterior do mundo, o homem desenvolveu-se na seção norte-americana para a aparência física que possuíam no momento em que esses estudos antropológicos foram desenvolvidos. Por essa razão, Ehrenreich afirmava que era coerente a afirmação de que a raça americana era autóctone (EHRENREICH, 1897).

Para Ehrenreich (1897), o estudo das línguas dos povos indígenas americanos mostrava que essa raça possuía uma grande diversidade linguística, mas sem nenhuma relação com as línguas asiáticas. O distanciamento linguístico é o ponto central para ele discordar das teorias que apontavam para a relação evolutiva próxima entre asiáticos e a raça indígena americana. Ehrenreich (1897) não apontou explicitamente a influência de Haeckel em sua leitura sobre as relações evolutivas entre as diferentes raças humanas a partir da linguagem. Por outro lado, a preocupação de Ehrenreich (1897) com o estudo da linguagem para estabelecer as relações evolutivas entre diferentes raças e a sua visão poligenista sobre a diversidade de raças humanas indicam que ele estava alinhado aos argumentos de Haeckel sobre a evolução independente das raças humanas a partir de um ancestral extinto que não falava.

A respeito das teorias que apontavam para migrações de asiáticos pelo estreito de Bering no primeiro povoamento humano da América, Ehrenreich afirmava que essa hipótese não se sustentava por três fatos que permaneciam inabaláveis:

1. O homem na América, tanto quanto sabemos de seus remanescentes, é tão antigo quanto na Europa.
2. Os crânios mais antigos definitivamente têm o tipo de americanos de hoje.
3. A lacuna intransponível entre as línguas da América e da Ásia prova que os seres humanos são indígenas do solo americano desde a formação da língua, isto é, desde a sua humanização (EHRENREICH, 1897, p. 42).

Nessa argumentação, o surgimento do ser humano de modo autóctone no continente americano poderia ser afirmado pelas evidências da estabilidade das raças ao longo do tempo. A ausência de relação entre as línguas faladas pelos indígenas americanos com as línguas dos povos mongóis dava sustentação ao entendimento de

---

<sup>30</sup> Theodor Waitz (1821-1864) foi um psicólogo e antropólogo alemão. Ele publicou de 1859-64 quatro volumes do livro: WAITZ, THEODOR; GERLAND, GEORG KARL CORNELIUS. **Anthropologie der naturvölker**. Leipzig: F. Fleischer. 1859.

que o homem americano teria evoluído de um ancestral que ainda não dominava a fala. Tais argumentos estavam relacionados ao pensamento de Heckael sobre a evolução humana.

Ehrenreich (1897) chamava a atenção para o fato de que muitos autores relatavam uma suposta uniformidade física dos povos indígenas do continente americano. Alguns diziam que qualquer um que tenha visto um americano, já viu todos eles. Por outro lado, no final do século XIX as inegáveis grandes diferenças dentro da raça indígena americana eram cada vez mais estudadas e mostradas à comunidade científica mundial. Brinton (1891) apontou que a diversidade nas formas de crânios de indígenas americanos era marcante, ao ponto de frustrar as recorrentes tentativas de classificar ou de rastrear antigas linhas de migração por meio do agrupamento de medidas de cabeças semelhantes. Em discurso no *Congrès des Américanistes* em 1888 na cidade de Berlin, Virchow chegava à conclusão de que “as características fisionômicas dos crânios americanos mostram uma divergência tão clara que a construção de um tipo universal e comum de americanos deve ser finalmente abandonada” (VIRCHOW, 1890, p. 260).

A diversidade de formas de crânios de indígenas americanos era conhecida por Ehrenreich (1897). Mesmo reconhecendo tal diversidade, Ehrenreich se alinhou ao naturalista suíço Johann Jakob Von Tschudi<sup>31</sup> (1818 – 1889) na defesa da formação de uma raça americana, em que: "Tão bom ou tão pouco quanto se pode dizer das populações de outras partes do mundo que [formavam] uma raça unitária, isso [poderia] ser dito dos americanos. Eles [formavam] uma raça unificada apenas no sentido de originar-se das primeiras imigrações" (TSCHUDI, 1884 p. 7). Para Brinton (1892), o homem veio para a América como um imigrante, altamente desenvolvido fisicamente e, sem dúvida, em uma condição de cultura correspondente a ele (BRINTON, 1892, p. 279).

---

<sup>31</sup> Johann Jakob Von Tschudi (1818 – 1889) foi um naturalista suíço. Ele esteve no Peru de 1838 a 18435 e no Brasil de 1857 a 1859 e de 1860 a 1868. Essas viagens possibilitaram a era a publicação em 5 volumes de suas *Reisendurch Südamerika* (Viagens pela América do Sul), obra publicada em Leipzig pela Editora Brockhaus entre os anos de 1866 e 1869 (DREHER, 2012). (VON TSCHUDI, JOHANN JAKOB. *Reisen durch Südamerika*. Leipzig. Vol. II. 1884.).

A fervorosa discussão entre poligenistas e monogenistas durou até o início do século XX, quando a comunidade científica aceitou amplamente o monogenismo de Darwin como a explicação mais consistente para a origem das raças humanas. Aqui no Brasil, em 1911, Lacerda passou a ter uma posição firme contrária aos poligenistas. De acordo com Lacerda (1911):

A ciência não possui ainda um critério infalível para distinguir as raças das espécies, e o único meio que permite estabelecer essa diferença sobre certa base é a fecundidade ou infecundidade dos descendentes do cruzamento de duas supostas espécies. Se seus descendentes continuam a se reproduzir em gerações sucessivas, seus reprodutores constituem uma raça; se, ao contrário, esses descendentes mantêm-se estéreis, seus reprodutores que efetuaram o cruzamento constituem uma espécie. Aceitando esse critério, que me parece mais fisiológico e natural do que todos os outros, não tenho nenhuma dificuldade em admitir que o homem branco e o negro formam duas raças, e não duas espécies, visto que ninguém ignora que os mestiços, descendentes do cruzamento do branco com o negro, são fecundos durante uma longa sucessão de gerações (LACERDA, 1911, p 7).

Nesse argumento, Lacerda (1911) afirmou que os seres humanos são constituídos por apenas uma espécie a qual é composta por diferentes raças. Assim, “as inferências de Galton sobre as raças mestiças de animais não podem ter uma aplicação completa para a mistura do homem” (LACERDA, 1911, p. 13). Para Lacerda, na espécie humana a prole mestiça era fértil e tinha uma intelectualidade elevada, ainda mais do que a observada na raça negra, por exemplo.

Como discutido até aqui, os povos indígenas do Brasil estavam no centro dos estudos em antropologia física do final do século XIX, que estava fortalecida por viés racista e evolucionista darwinista. A busca por responder como o ser humano se originou no continente americano estava intimamente relacionada à disputa entre as correntes monogenistas e poligenistas para explicar a diversificação humana pelo mundo. Diante dessa discussão, no próximo tópico são discutidas algumas importantes expedições de naturalistas que estiveram no Brasil durante o século XIX e que tiveram grande relevância para estudos antropológicos que realizaram sobre os povos indígenas.

A origem e diversificação do ser humano no continente americano estavam no centro dos maiores enigmas que despertavam a curiosidade de cientistas envolvidos com a temática. Na obra *Civilização*, publicada na *Revista do Museu Paulista* em 1895, von Ihering fez um levantamento cuidadoso de estudos e materiais arqueológicos dos povos indígenas da América do Sul. Ele deixou explícito o seu desejo de procurar



compreender as relações de parentesco entre diferentes povos indígenas desse continente. Para alcançar esse objetivo, todos os vestígios que pudessem demonstrar as proximidades e os distanciamentos entre diferentes povos indígenas foram investigados por von Ihering. Por essa razão, o domínio do ferro, do bronze, peças de pedra lascada e peças de pedra polida eram de grande importância para tentar relacionar diferentes povos que viviam nesse continente.

A respeito da evolução humana no continente americano, von Ihering (1895) observava que os objetos de pedra lascada, considerados com o primeiro degrau de civilização primitiva e os objetos de pedra polida, tidos como um degrau mais adiante na evolução eram encontrados juntos, o que poderia indicar a mistura de povos em estágios diferentes do processo civilizatório. De acordo com von Ihering (1895), esse fato evidenciou que:

Ao contrário da Europa na América do Sul e em geral em toda a América, os dois tipos coexistem; ao passo que na Europa um seguiu o outro. Na América as pontas de flechas e as hastas são em geral de pedra lascada, ao passo que os pilões, mãos de pilão, bolas e em geral os machados, são de pedra polida. Só os machados da Patagônia são sempre de pedra lascada (von IHERING, 1895, p. 61).

Esses dados eram compreendidos por von Ihering como uma forte evidência de que era errado pensar que ocorreu a era paleolítica ou a neolítica na América do Sul (von IHERING, 1895, p. 61).

O pensamento de von Ihering sobre a origem e diversificação da humanidade estava alinhado ao entendimento de hierarquias raciais bem estabelecidas. Von Ihering via os povos indígenas enquanto uma raça inferior ao branco. Na visão de von Ihering, os processos de catequ岸ização dos povos indígenas foram vitoriosos quando realizados pelos jesuítas no século XVIII. Para ele, os jesuítas conseguiram o mérito por terem dedicado suas vidas à “educação de hordas indolentes semi-silagens” (von IHERING, 1895, p. 45).

## **As Visões dos Naturalistas a Respeito dos Povos Indígenas do Brasil em Expedições Científicas do Século XIX**

Nesse tópico são analisadas as visões que alguns naturalistas tinham a respeito dos povos indígenas brasileiros em algumas importantes expedições que ocorreram durante o século XIX. A escolha das expedições seguiu os seguintes critérios: a expedição precisa ter acontecido no século XIX; algum naturalista da expedição deve ter realizado estudos sobre os povos indígenas; essas pesquisas devem ter relevância para o estudo antropológico dos povos indígenas. A análise desses estudos é importante para se compreender os movimentos epistemológicos que ocorreram no final do século XIX a respeito das explicações para as diferenças raciais e culturais entre os povos indígenas e outras raças humanas.

Durante todo o século XIX, o Brasil foi intensamente estudado por naturalistas que vieram em diversas expedições estrangeiras. As pesquisas realizadas nestas expedições buscavam fazer um estudo sistemático da composição florística, da fauna, da geografia e das questões sociais vivenciadas aqui. Em 1808, a vinda de dom João VI (1767 – 1828) impulsionou várias expedições científicas no país. A partir da chegada do rei no Rio de Janeiro, fundou-se aqui o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1808) com o objetivo de aclimatizar espécies vegetais trazidas de outras partes do mundo (BEDIAGA, 2007); fundou-se a Biblioteca Nacional em 1810 e foi criada a Academia Imperial de Belas Artes (Aiba) que teve sua origem no projeto da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, aprovado pelo decreto de 12 de Agosto de 1816, que possibilitou a concessão de pensões a diversos artistas franceses que vieram morar no Brasil (PEVSNER, 2005; WANDERLEY, 2011). O projeto inicial de criação da Aiba esteve relacionado não só às artes, mas também aos estudos das ciências naturais, físicas e exatas, voltados para o desenvolvimento do reino (TAUNAY, 1912).

Alguns dos naturalistas que vieram ao Brasil para coletar materiais biológicos, antropológicos e geológicos tiveram grandes desafios para percorrer a imensidão desse país. Eram viagens de alto risco, tanto pelo perigo de acidentes com as embarcações, quanto pelo constante perigo de contrair doenças tropicais. Vir para essas terras era aceitar o desafio e vivenciar a exuberância da biodiversidade brasileira pelos sentidos dos seus corpos; podendo ver, ouvir e sentir cada momento vivenciado, os quais foram imortalizados em diversas obras que retratam detalhadamente as florestas, o clima, os animais, os rios, as montanhas e os povos indígenas que aqui viviam (*ver* SPIX; VON MARTIUS, 1938; MARTIUS, 1845; WALLACE, 2004 [1853]).

Uma das primeiras expedições de naturalistas estrangeiros a visitar o Brasil foi a Missão Austríaca que chegou em 1817, acompanhando o casamento de dona Maria Leopoldina de Áustria (1797 – 1826) com o príncipe D. Pedro I (1798 – 1834) (SPIX; MARTIUS, 1938, vol. 1). Nessa expedição veio o botânico Karl Friedrich Philipp von Martius, responsável pelo estudo botânico, não se limitando aos aspectos florísticos. As ilustrações da viagem ficavam a cargo de Thomas Ender (1793 – 1875). Também acompanhou essa missão, o zoólogo Johan Baptiste Von Spix (1781 – 1826) (LISBOA, 1995; GUIMARAES, 2000; BASTOS; SÁ, 2011; AMBIEL, 2014; BOLLE, 2018; SANTOS, 2018). Von Spix ficou encarregado de todo o reino animal. Incluía nesse domínio (...) “tudo que dizia respeito ao homem, tanto indígenas como imigrados: as diversidades, conforme o clima; o seu estado físico e espiritual, etc.” (SPIX; VON MARTIUS, 1938, vo. 1 cap. I, p. 12).

Também acompanharam a expedição o Prof. Johann Sebastian Mikan (1769 – 1844), que ficou encarregado do estudo botânico e entomológico; o médico Johann Baptist Emanuel Pohl (1782 – 1834) responsável por estudar a mineralogia e a botânica; Johann Natterer (1787 – 1843) assistente do Museu de História Natural, responsável por estudos em Zoologia; Johann Buchberger foi responsável por ilustrações de plantas (SANTOS, 2018).

A exuberância das florestas tropicais e a diversidade de povos indígenas despertaram o encantamento de Spix e Martius. Nos preparativos para o início da Missão, os naturalistas que iam embarcar na viagem receberam orientações de aspectos que seriam relevantes para a investigação. Spix e Martius (1981) afirmavam que:

(...) as faculdades de história e de filosofia-filologia da Academia - lembravam-nos o estudo das diversas línguas, do folclore, dos mitos e tradições históricas, do material histórico antigo e recente, como inscrições, moedas, ídolos, e, em geral tudo que pudesse esclarecer o estado de civilização e história tanto dos aborígenes como dos outros habitantes do Brasil, ou o que dizia respeito à topografia e geografia daquele país tão pouco conhecido (SPIX; MARTIUS, 1938, vol. 1, cap. I, p. 13).

Essa afirmação de Spix e von Martius (1938) mostra o quanto o estudo sobre os povos indígenas era um objetivo central da expedição. As pesquisas sobre os povos indígenas deveriam abranger aspectos culturais e também aspectos físicos que caracterizavam cada povo. A descrição dos caracteres físicos não era algo aleatório, mas sustentado no objetivo de comparar as características dos povos indígenas do Brasil

com de outros povos pelo mundo. Tais análises permitiriam compreender melhor as relações de parentesco entre diferentes etnias indígenas, além de procurar dados empíricos para sustentar possíveis explicações para a origem do ser humano no continente americano (SALLAS, 2010).

As características físicas dos povos indígenas eram vistas como um produto do ambiente em que viviam. Por essa razão, os estudos da flora, da fauna e da geologia eram importantes para estabelecer correlações. Nessa expedição, Martius iniciou a coleta de materiais botânicos para a construção da monumental obra *Flora Brasiliensis* (1840), em que encontramos descrições e imagens que buscam representar a diversidade florística do Brasil. Na obra *A fisionomia do reino vegetal* (1824), em que ele descreveu as diversas fisionomias vegetais que compunham o Brasil, a floresta amazônica foi descrita da seguinte maneira:

Escuro como o inferno, emaranhado como o caos, aqui se estende uma floresta impenetrável de troncos gigantescos, desde a foz do Amazonas até muito além do território português em direção a Oeste (...) A natureza pudibunda do reino vegetal parece, de repente, sentir prazer em produzir formações grotescas, numa ânsia inquieta. Arbustos com espinhos irritantes e malignos, palmeiras com terríveis agulhões, cipós laticíferos emaranhados perturbam os sentidos do peregrino, que, oprimido pelas emanações entorpecentes do assacú e rodeado como está pelo caos agressivo, medrosamente sente saudades da serena majestade das florestas da Serra do Mar. Não admira que a alma do índio, errando em tal ambiente, torne-se sombria e de tal maneira, que, perseguido pelas sombras da solidão, possa ver em toda parte criações fantasmagóricas da sua rude imaginação (VON MARTIUS, 1943, p. 246-247).

Nessa descrição, Martius compreendia que os aspectos observados nos povos indígenas estavam relacionados ao ambiente no qual eles viviam. O que exprimia a ideia de que o ambiente influenciava e determinava o modo de ser e agir dos povos. Havia aqui, uma ação externa direta do ambiente na determinação do comportamento humano. Implicando em reconhecer que cada povo era resultado direto das condições de ambientais em que viviam. Ainda nessa descrição, os povos indígenas eram inferiorizados quando comparados a outras raças humanas. Para além da análise física, Martius descreveu em suas obras, com elevada riqueza de detalhes, a vida dos povos e as línguas dos indígenas que ele teve contato durante a expedição.

Em 1840, Martius ganhou o prêmio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como o livro intitulado *Como se deve escrever a História do Brasil* (1844). A obra está dividida em quatro partes: 1-“*Ideias gerais sobre a História do Brasil*”; 2-

*“Os índios (a raça cor de cobre) e sua história como parte da História do Brasil”*; 3- *“Os portugueses e sua parte na História do Brasil”*; 4- *“A raça africana em suas relações para com a História do Brasil”*.

O texto de Martius trazia como um dos seus temas principais a importância das raças humanas que viviam no Brasil como elementos que deveriam ser considerados na escrita da história desse país. Assim, ele afirmava que:

(...) qualquer que se encarregar de escrever a História do Brasil, país que tanto promete, jamais deverá perder de vista quais os elementos que aí concorrerão para o desenvolvimento do homem (...) tendo para a formação do homem convergido de um modo particular, três raças, a saber: cor de cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e enfim a preta ou etiópica (VON MARTIUS, 1845, p. 389-390).

Por esse argumento, Martius (1845) apresentava ao mundo que a população brasileira era constituída por três raças, as quais tinham um longo processo de miscigenação. O olhar para o desenvolvimento humano é uma marca de seu discurso, uma evidente orientação iluminista da perspectiva de progresso do ser humano. O sonhado progresso parecia comprometido pela presença das raças consideradas por ele como “inferiores” e incapazes de se tornarem “civilizadas”.

Von Martius (1845) apontava para a necessidade de estudo dos aspectos relativos à cultura da raça indígena. Tinha destaque em seu argumento a necessidade de investigações sobre as línguas e as mitologias dessas raças. A partir do estudo das línguas indígenas, von Martius (1845) afirmou que a principal língua falada no país por diversos povos indígenas era a “língua geral ou tupi”. Para ele, o fato dessa língua ser compreendida por muitos povos indígenas seria um indicativo que ela pertenceu “a um único e grande povo, que sem dúvida possuiu a sua história própria, e que de um estado florescente de civilização decaiu para o atual estado de degradação e dissolução” (VON MARTIUS, 1845, p. 445). A visão de Martius (1845) estava atrelada à construção de hierarquias raciais, compreendendo os indígenas enquanto seres degenerados e impossibilitados de algum progresso. Por essa razão, para Martius os povos indígenas “não passavam de restos degradados de um passado perfeito, que já se encontravam em estado de degeneração muito antes da descoberta pelos europeus” (SALLAS, 2010, p. 428).

Em 1815, o príncipe e naturalista alemão Maximilian de Wied von Neuwied (1782 – 1867) organizou uma expedição científica que visitou de 1815 a 1817 as

regiões dos atuais estados de Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo. De 1811 a 1812, Wied-Neuwied estudou em Göttingen com Johann Friedrich Blumenbach (1752 – 1840), que foi professor de Alexander von Humboldt (1769 – 1859). Blumenbach foi um dos principais teóricos do Iluminismo sobre o desenvolvimento da raça humana. Entre as questões levantadas por ele em sua tese de doutorado defendida em 1775, estava a indagação se as raças humanas conhecidas eram variedades de uma espécie ou várias espécies distintas. Ele defendeu a primeira afirmativa, a qual compreendia que as diferentes raças humanas conhecidas naquele período pertenciam à mesma espécie. A influência de Blumenbach nos estudos desenvolvidos por Maximilian foi intensa (NOLL, 2000).

O contato de Wied-Neuwied com Blumenbach e com Alexander von Humboldt foram importantes para ele desenvolver seu interesse pelo estudo da história natural, sobretudo do continente americano. Wied-Neuwied deixou Neuwied em maio de 1815, levando consigo o taxidermista David Dreidoppel e o jardineiro Christian Simonis. Eles chegaram, via Londres, no Rio de Janeiro em 16 de Julho e foram recebidos pelo cônsul russo, Georg Heinrich von Langsdorff (1774 – 1852), também ex-aluno de Blumenbach (NOLL, 2000).

De sua expedição ao Brasil, Wied-Neuwied publicou em 1820 a obra *Reisenach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817 (Viagem ao Brasil de 1815 a 1817)*, na qual há uma descrição cuidadosa da diversidade de animais e plantas. Sua descrição a respeito dos povos indígenas traz diversos elementos da vida dos “Botocudos”. São apresentadas as relações sociais estabelecidas pelos “Botocudos” com o “homem branco”; são discutidos elementos relativos à fome enfrentada por essas populações indígenas e a agricultura desenvolvida por eles. Wied-Neuwied traz um relato de sua estadia convivendo diariamente com índios “Botocudos”. Até certo ponto, seu escrito é precioso para a compreensão da realidade social vivenciadas por essas populações naquele período. Wied-Neuwied classificava os povos indígenas “Botocudos” como uma raça inferior. Em sua visão:

Os botocudos não inteiramente despidos de amor, ou pelo menos de cuidado, pelas crianças e pelos velhos desvalidos (...) Para os jovens mais crescidos, os selvagens parecem demonstrar indiferença (...) Isso condiz exatamente com o caráter dos povos primitivos; está igualmente provado que a sensibilidade dos Botocudo não é tão grande como no-la conta Lafitau, reproduzindo o que ouvira de um missionário brasileiro; nenhum sinal se percebe de tão finos sentimentos. Não se pode efetivamente esperar encontrar na natureza bruta

desses homens os sentimentos de delicadeza e de afeto que a cultura e a educação desenvolveram em nós; mas, nem por isso devemos pensar que neles sejam completamente embotados os atributos que distinguem o homem dos irracionais (WIED-NEUWIED, 1940 [1820], p. 297)

Por essa argumentação, Wied-Neuwied (1940 [1820]) deixava comprometida a perspectiva de desenvolvimento humano, pois alguns seres humanos eram tão inferiores que era impossível o suposto avanço cultural possibilitado pela educação. Aliada a esse entendimento que hierarquizava as diferentes raças humanas, Wied-Neuwied (1940 [1820]) afirmava que a ausência de construções monumentais por parte dos “Botocudos” era mais uma evidência da sua inferioridade racial perante outros povos, como os Toltecas e Astecas (WIED-NEUWIED, 1940 [1820], p. 214).

Os estudos apresentados por Wied-Neuwied eram centrados nos aspectos culturais dos povos indígenas, ficando os aspectos biológicos em segundo plano. Mesmo Wied-Neuwied mantendo uma relação próxima com os “Botocudos”, o estudo das culturas indígenas partiu de pressupostos que o levaram a sustentar hierarquias entre diferentes raças, considerando os “Botocudos” como seres em estado “selvagem”. Como exemplo cristalino de sua íntima aproximação a esses indígenas, em seu castelo há a pintura de Guack, um “Botocudo” que o príncipe ficou amigo e o levou para a Alemanha, onde passou o resto de sua vida (FIGURA 1).



**Figura 1:** Pintura de perfil de Guack, índio Botocudo que Wied-Neuwied levou para a Alemanha: Fonte: WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817. Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönnner, vol. 2. 1820.

O reconhecimento dado a Wied-Neuwied foi significativo. Ele tornou-se membro honorário da Academia Real de Ciências de Munique em 1820, membro correspondente da Academia de Ciências Naturais da Filadélfia em 1834, e membro da Academia Prussiana de Ciências de Berlim em 1853. Ele também recebeu o título de major-general do exército prussiano real, em 1840, pelo rei Friedrich Wilhelm IV e recebeu um doutorado honorário da Universidade de Jena em 1858. Finalmente, apenas dois anos antes de sua morte, em 1865, Wied-Neuwied teve a honra de receber uma visita pessoal da princesa Isabel do Brasil, filha de Pedro II (NOLL, 2000).

O entomólogo Henry Walter Bates (1825 – 1892) e o naturalista inglês Alfred Russel Wallace (1823 – 1913) também estiveram no Brasil. Eles “eram colecionadores-naturalistas oriundos da classe trabalhadora inglesa” (SILVA, 2019, s/p). Eles vieram para o Brasil em 1848, formando uma expedição que tinha por objetivo coletar materiais da história natural das margens do Rio Amazonas. Wallace tinha como uma fonte de renda a comercialização dos espécimes coletados, uma vez que sua situação financeira era delicada (KOTTLER 1974; FERREIRA, 2005; CASO; GUTIÉRREZ, 2007; ELLEN, 2011; FERGUSON, 2015, SILVA, 2019). O plano era “criar (...) uma coleção de objetos, dispor das duplicatas em Londres para pagar despesas e reunir fatos, como o Sr. Wallace expressou em uma de suas cartas”, em que procurava resolver o “problema da origem das espécies” (BATES 1863, vol. 1, p. iii).

Bates e Wallace fizeram algumas empreitadas juntos até o ano de 1849, quando cada um seguiu caminhos diferentes nos estudos e coletas de materiais biológicos no Brasil. Em 1853, Wallace publicou o livro *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Nessa primorosa obra o autor faz um relato minucioso dos momentos vivenciados no Brasil. As dificuldades enfrentadas para coletar os materiais biológicos, a taxidermização de animais, as viagens em canoas, a grande quantidade de mosquitos na floresta e o trabalho desenvolvido por índios no auxílio do naturalista na coleta dos materiais de interesse.

O modo de vida e as características físicas das pessoas foram bem documentados por Wallace. Ele foi um entusiasta observador da diversidade humana na Bacia do Rio Amazonas (VETTER, 2010). Wallace tinha grande apreço por observar e procurar compreender o modo de vida dos povos nativos. Segundo Victor Silva (2020), a íntima relação estabelecida por Wallace com os indígenas propiciou a ele fazer observações



mais cuidadosas a respeito da taxonomia botânica. Algumas plantas consideradas por ele pertencentes a uma mesma espécie, eram de fato espécies distintas como afirmavam os indígenas. Isso demonstrou o seu respeito aos conhecimentos dos povos indígenas em relação à grande biodiversidade que tinham contato. Silva (2020) mostra que o livro *Palm trees of the Amazon and their uses*, publicado por Wallace em 1853 antecipou o que viria a se consolidar como a etnobiologia no final século XIX.

O cuidadoso olhar de Wallace sobre os povos indígenas é algo que deve ser destacado em seu trabalho. Ao contrário de muitos naturalistas que descreveram os povos indígenas do Brasil, Wallace os via como tipos humanos bonitos, sendo que:

Em muitos deles, de ambos os sexos, existe a mais perfeita regularidade de feições, e inúmeros há que somente pela cor diferem de um bem parecido europeu. Os seus tipos são geralmente soberbos e eu nunca tive tanto prazer em contemplar tão lindos exemplares de estatuária, como são os destas vivas ilustrações de beleza da espécie humana. O desenvolvimento de seu tórax é tal, que acredito nunca tenha existido entre os mais bem conformados europeus, pondo à mostra uma esplêndida série de ondulações convexas, sem uma cavidade sequer em qualquer parte do corpo (WALLACCE, 2004, p. 577).

Por essas minuciosas observações a respeito dos povos indígenas no Brasil, Wallace foi convidado por Robert Gordon Latham (1812-1888) a colaborar na “elaboração dos modelos humanos projetados para a exposição permanente do Crystal Palace” de 1854. A exposição foi importante para a construção de uma comunicação imagética a respeito dos povos não europeus, com destaque aos povos indígenas do Brasil (SILVA, 2020, s/p). Por essas razões, o trabalho de Wallace a respeito dos indígenas desse país foi primordial para mostrar ao mundo uma imagem mais representativa dos povos que aqui viviam. Foi um olhar que procurou se desprender das descrições e imagens pejorativas e depreciativas sobre os povos indígenas.

Bates também publicou livros sobre os anos que passou no Brasil coletando materiais biológicos. Em 1863 ele publicou o livro *The Naturalist on the River Amazons* em dois volumes. Esse livro se tornou um *bestseller* e possibilitou a popularização de “uma das principais novas descobertas que apoiavam a seleção natural, a semelhanças protetoras de mimetismo de grupos de insetos não relacionados, conhecido como mimetismo batesiano” (VAN WYHE, 2014, p. 651). Esse livro possui uma elevada riqueza de detalhes sobre os animais, as plantas, o contexto social e a relação dos povos

indígenas com o ambiente. Numa concepção de adaptação biológica, em que o meio externo determina a nossa forma de existir no mundo, Bates afirmou que:

A impressão gradualmente se formou em minha mente de que o índio vermelho vive como um estrangeiro, ou imigrante nessas regiões quentes, e que sua constituição não foi originalmente adaptada, e desde então não se adaptou perfeitamente ao clima. É um caso de falta de aptidão; outras raças de homens que viviam na terra estariam melhor equipadas para desfrutar e aproveitar o rico domínio não apropriado. Ao contrário das terras povoadas por negros e caucasianos, a América Tropical não tinha um homem nativo totalmente adequado às suas condições e, portanto, era povoada por uma raça mal adaptada de outro continente (BATES, 1863, vol. II, p. 201).

Essa descrição de Bates estava relacionada a uma visão de hierarquização das raças humanas como em Martius e em Wied-Neuwied. O que mudou em Bates foi a sua base teórica que se sustentava na evolução por seleção natural. De acordo com Bates, as raças nativas não poderiam “progredir” do ponto de vista “civilizatório” por conta das densas florestas que revestiam a terra onde esses indígenas viviam (BATES, 1863, vol. I, p. 193). Esse argumento estava relacionado à compreensão de adaptação e de eliminação pela seleção natural daqueles que não satisfazem às questões ambientais que são impostas. Se os índios não estavam adaptados às condições ambientais do Brasil, a sua extinção certamente iria acontecer naturalmente.

Entre 1857 e 1859 aconteceu outra importante expedição, na qual o naturalista Johann Jakob Von Tschudi fez estudos sobre a mineralogia e primorosas descrições sobre os povos indígenas que ele teve contato. Tschudi nasceu em 1818 em Glarus, na Suíça. Estudou ciências naturais na Universidade de Zurique. Uma das preocupações em sua viagem foi conferir a realidade social dos colonos suíços no Brasil. Em 1858 ele fez uma visita aos colonos suíços na província de São Paulo. O que resultou em um relatório entregue ao governo. Tschudi se tornou Embaixador Extraordinário da Suíça no Brasil, cargo que ocupou de 1860 a 1861. Em seu retorno para a Suíça, escreveu 5 volumes da obra *Reisen durch Südamerika (Viagem pela América do Sul)*, publicada entre 1866 e 1869, em Leipzig (FLUCK, 2004, p. 177; DREHER, 2012).

Em sua obra *Viagem pela América do Sul* são encontradas muitas descrições sobre os indígenas que viviam aqui no Brasil. O olhar de estranhamento e o seu medo dos índios “Botocudos” é uma marca dessas descrições. Ao ir visitar o assentamento de Antônio Gomez ao lado da ponte no Rio Mucuri, Tschudi se viu guiado ao anoitecer pela mula, pois não conseguia enxergar nada à sua frente. Em um ponto do caminho ele avistou uma fogueira e se dirigiu para lá, onde encontrou um grupo de índios que

pertenciam à tribo Naknenuk que viviam na cabeceira do Rio Mucuri. Eles estavam no local há algumas semanas para trabalhar na construção e na colheita. “Em certos momentos, eles deixavam as florestas e iam aos assentamentos para comprar comida, roupas, tabaco etc. por uma pequena taxa”. De acordo com Tschudi, “Antônio Gomez descreveu esses Botocudos como bem-humorados, mas extraordinariamente preguiçosos e com pouca persistência no trabalho, além de comedores insaciáveis” (TSCHUDI, 1866, p. 214 – 215). A perspectiva racista é evidenciada nesses discursos que olham para os “Botocudos” como raças inferiores à raça “branca”.

Tschudi tinha grande interesse em adquirir arcos e flechas, os quais foram levados para a Europa. Ele relatou a intensa negociação que fez com um grupo de “Botocudos” na tentativa de adquirir essas armas. Partindo de sua vivência no Peru e na Bolívia, ele aponta as dificuldades de qualquer governante tornar o Brasil um país avançado. A existência dos povos “tribais” e da mistura racial seria uma ameaça ao “desenvolvimento saudável e vigoroso da nacionalidade” (TSCHUDI, 1866, p. 119). De acordo com Tschudi, apesar desse fato social, o imperador Dom Pedro II conseguiu garantir a ordem constitucional monárquica. Em sua visão, o imperador:

(...) está agora na idade masculina mais forte e espera-se que continue a desempenhar suas altas funções por um longo número de (...) Seu governo é a maior sorte para o Brasil, porque suas influências pessoais diretas até agora sempre conseguiram conciliar os partidos políticos de oposição (...) de tal maneira que seus desejos extremos não minam a construção do estado. É apenas graças à excelente personalidade do imperador que o Brasil, cercado pelas repúblicas dos povos tribais, ainda segue os princípios constitucionais monárquicos de hoje e não é dilacerado e arruinado por partidos políticos como seus estados vizinhos (TSCHUDI, 1866, p.219).

Essa fala de Tschudi demonstrou sua grande admiração pelo imperador do Brasil. De acordo com ele, Dom Pedro II foi uma figura importante para garantir que esse país seguisse a ordem constitucional monárquica, mesmo que diante de um cenário racial que não agradava a esse naturalista. Ainda nessa fala, fica evidente que o autor tinha uma visão depreciativa a respeito das culturas indígenas da América do Sul.

Os estudos de Tschudi foram focados nos aspectos culturais e sociais vivenciados pelos indígenas do Brasil. Os aspectos biológicos foram apresentados sem uma perspectiva hierárquica explícita. Por outro lado, há em Tschudi um olhar hierárquico do ponto de vista cultural. Que pode ser observado em Tschudi (1866) ao descrever o seguinte fato em relação aos indígenas: “Eles ficaram ao redor de uma tigela

grande cheia de louça e usaram a colher com muita decência. Então você já teve um leve toque de civilização. Era um contraste peculiar, é claro, vê-los nus e comendo com colheres de estanho” (TSCHUDI, 1866, p. 219). Os “Botocudos” eram visto, por essa descrição, como seres biologicamente e culturalmente incapazes de manusear “delicadamente” uma colher. Essa descrição demonstra o quanto os povos indígenas foram inferiorizados e ridicularizados nas observações de Tschudi (1866).

Em sua visão alicerçada em uma perspectiva hierárquica, na qual os “brancos” eram considerados “superiores” às demais raças. Tschudi (1866) defendeu que a “parte inteligente da população” brasileira tinha “ascendência predominantemente branca”. Ele reconheceu o peso dessa afirmação que demonstrava uma visão “arbitrária e injusta”. Por outro lado, Tschudi (1866) continuou seu argumento afirmando que não conseguiu reconhecer nos povos indígenas a “vida intelectual”, pois os mesmo eram “apáticos” (TSCHUDI, 1866, p. 119-120). Aqui, a suposta intelectualidade estava restrita à raça considerada “superior”. Aos indígenas “Botocudos”, raça inferiorizada por esse autor, a capacidade intelectual era considerada ínfima.

Em seu olhar é marcante descrever os índios “Botocudos” como uma raça de preguiçosos. Para dar sustentação a esse argumento, ele afirmava que um índio “Naknenuk forte trabalhava” em um dia inteiro “menos que um negro em 3-4 horas”. A comparação não se restringiu à força física, mas às questões morais. Em sua visão, os “Botocudos” estavam “no nível moral mais baixo”, pois “os índios do norte, oeste e sul do Brasil” eram “mentalmente muito mais desenvolvidos que os Botocudos e os superam em ousadia, inteligência e habilidade” (TSCHUDI, 1866, p. 282). Por esse discurso, Tschudi colocava os “Botocudos” como uma raça “inferior” aos “brancos”, aos “negros” e à outras etnias indígenas brasileiras.

Entre 1887 e 1889 Karl von den Steinen (1855 – 1929) dirigiu uma nova expedição, desse caso a alemã ao Xingu. Nessa expedição, estava presente o antropólogo Paul Ehrenreich (1855 – 1914), que teve por objetivo central a coleta de materiais antropológicos. Ele fez medições, fotografias e analisou as línguas faladas pelos povos indígenas brasileiros (SCHADEN, 1993; DADALTO, 2014; BENTIVOGLIO, 2014; VIERTLER, 2019). A partir dos dados levantados nessa empreitada, Ehrenreich publicou em 1897 o livro *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyazund Amazonas*

*(Purus-Gebiet (Estudos antropológicos sobre os povos indígenas do Brasil, especialmente os estados de Mato Grosso, Goyaz e Amazonas [região de Purus])* (PETSCHLIES, 2018). Nessa obra, além de trazer uma consistente discussão a respeito dos aspectos antropológicos dos índios do Brasil, Ehrenreich fazia uma crítica profunda ao estabelecimento da craniometria como aspecto central analisado pela antropologia física daquele período. Os trabalhos de Ehrenreich fazem parte do terceiro capítulo dessa tese.

## **Conclusão**

Nesse capítulo foi discutida a importância da consolidação da antropologia no Brasil por meio da criação das instituições de pesquisa antropológica, de modo a possibilitar avanços nos estudos em antropologia indígena. Tais estudos estavam carregados de um interesse político em confirmar as hierarquias raciais enquanto um produto das propriedades biológicas inerentes a cada raça. O estudo sobre algumas das principais expedições de naturalistas estrangeiros que vieram ao Brasil durante todo o século XIX mostrou o quanto o estudo antropológico sobre as raças indígenas era algo valorizado pelos centros de ciências da Europa; pela curiosidade em compreender como os povos indígenas surgiram no Novo Mundo ou pelo aumento de coleções antropológicas que permitissem compreender a grande diversidade humana. Essa inquietação sobre a origem do homem na América foi discutida aqui. Foi feita uma análise das teorias monogenistas e poligenistas que buscavam dar uma resposta para a origem das diferentes raças humanas. A discussão sobre a origem do homem americano trouxe elementos desafiadores para a teoria monogênica e poligênica, uma vez que era difícil afirmar de modo conclusivo, por meio das evidências encontradas naquele período, qual dessas duas teorias estava correta. No início do século XIX o darwinismo foi amplamente aceito dentro da comunidade científica e a explicação monogenista sobre a origem da espécie humana passou a ser considerada a mais consistente, sendo a perspectiva poligenista gradualmente abandonada (SANCHEZ-ARTÉAGA, 2016).

É possível observar que os discursos de construção de uma imagem do Brasil durante o século XIX estavam atrelados à discriminação dos povos indígenas. Os “Botocudos” foram intensamente caracterizados como inferiores, incapazes, preguiçosos e violentos. São esses olhares que irão influenciar os estudos

antropológicos sobre os povos indígenas do Brasil entre 1880 e 1910. Esses estudos, discursos e violências não ficaram estagnados no tempo, mas eles continuaram e ganharam novos elementos científicos que procuraram reforçar a sua legitimidade. Uma dessas mudanças é a chegada no Brasil das bases teóricas de Charles Darwin a respeito da evolução por seleção natural.

A análise sobre os estudos antropológicos e a influência da caracterização racista sobre os indígenas do Brasil são investigadas nas obras de Mello-Netto, Lacerda, von Ihering e Ehrenreich que constituem o foco dos próximos capítulos dessa tese.

## **Capítulo 2**

# **O Estudo de Ladislau de Souza Mello Netto (1838 – 1894) a Respeito dos Povos Indígenas do Brasil**

No presente capítulo será discutida a produção científica a respeito dos povos indígenas brasileiros nos trabalhos acadêmicos de Ladislau de Souza Mello-Netto (1838 – 1894) entre 1880 e 1910. Será feita uma análise da formação de Ladislau Mello-Netto e do seu papel na consolidação da antropologia no Brasil. Ele esteve na gestão do Museu Nacional (1870 – 1894), momento em que promoveu estratégias voltadas para o desenvolvimento da antropologia na instituição, por meio de intercâmbios e expedições destinadas a estudar as comunidades indígenas do Norte do Brasil. Por fim, os trabalhos desenvolvidos por Mello-Netto serão analisados dentro do contexto social e político vivenciado por eles. Momento em que ocorreram importantes mudanças sociais no mundo e no Brasil, tais como a abolição da escravidão em 1888 e a Proclamação da República em 1889.

### **A Formação Acadêmica de Ladislau Mello-Netto**

Ladislau de Souza Mello-Netto nasceu em 1838 na cidade de Maceió, em Alagoas. Abelardo Duarte (1950) revela que Mello-Netto demonstrou desde cedo interesse e elevada habilidade para desenhar, o que possibilitou o seu ingresso na Academia de Belas Artes em 1857. Ele não chegou a concluir os estudos nessa instituição, mas a habilidade enquanto ilustrador permitiu que ele participasse da excursão da Comissão de Estudos Hidrográficos do Alto São Francisco em 1862. A excursão foi ordenada pelo governo do Brasil e presidida por Francisco Freire Alemão e

Cisneiro<sup>32</sup> (1797-1874), contando com a participação do astrônomo Emmanuel Liais<sup>33</sup> (1826 – 1900) (MELLO-NETTO, 1862; DUARTE, 1950; SANTOS, 2019).

Das pesquisas feitas na excursão ao Alto São Francisco, Mello-Netto publicou no *Bulletin de la Société Botanique de France (Boletim da Sociedade Botânica da França)* o texto *Observações sobre a destruição de plantas indígenas do Brasil e um meio de preservá-las* (1865). Ele abordou as características botânicas e farmacológicas das plantas que eram usadas pelas populações indígenas para tratar doenças em seres humanos e em animais. Essa obra foi pensada pela preocupação que Mello-Netto tinha com o avanço da destruição das florestas e pela importância das plantas para a medicina, a arte e a indústria. Durante o século XIX, as cidades eram escassas na imensidão do Brasil, e o acesso às farmácias era muito restrito. A manutenção das florestas era algo importante para que as pessoas tivessem acesso às plantas medicinais, sobretudo as populações indígenas, grandes conhecedoras da biodiversidade local. De acordo com Mello-Netto (1862), os indígenas empregavam plantas para a cura de ferimentos, picadas de répteis peçonhentos, parasitas cutâneos, dentre outras doenças (MELLO-NETTO, 1862, p. 71, LOPES; PODGRNY, 2000; LOPES, 2001). A relevância dada por Mello-Netto (1862) às plantas medicinais indígenas era tão extraordinária que ele propôs ao governo brasileiro reservar áreas de vegetação natural que ficassem sob tutela do estado para garantir a conservação das espécies vegetais (MELLO-NETTO, 1862).

O trabalho de Mello-Netto enquanto desenhista foi destacado pela elevada qualidade, sobretudo quanto à classificação taxonômica das espécies de plantas. A habilidade para desenhar e o interesse pela botânica possibilitaram que ele fosse laureado, com apoio financeiro da Corte brasileira, para estudar na França, de 1864 a 1866, no Jardim das Plantas de Paris e na Universidade de Sorbonne, onde se doutorou em Ciências Naturais (DUARTE, 1950; LOPES; PODGRNY, 2000; LOPES, 2001). Ao reconhecimento de Mello-Netto enquanto botânico, após o fim dos seus estudos na França em 1866, o Imperador Dom Pedro II o convidou para assumir o cargo de direção

---

<sup>32</sup> Francisco Freire Alemão e Cisneiro (1797-1874) foi um médico e naturalista botânico brasileiro. De 1866 a 1870 foi diretor do Museu Imperial no Rio de Janeiro.

<sup>33</sup> Emmanuel Liais foi um botânico e astrônomo francês. Foi convidado por Pedro II a assumir o cargo de diretor do Imperial Observatório do Rio de Janeiro nos períodos de 1871, 1874-1881.



da Seção de Botânica do Museu Nacional, em que, posteriormente, em 1870, passou a ser diretor-substituto.

Em 1870, Mello-Netto publicou a obra *Investigações históricas e Científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*, na qual traz muitos detalhes das coleções que existiam lá. Sobre os indígenas, ele descreveu as redes, vasos de cerâmica, múmias, materiais de pesca e caça e vestimentas de diversos povos indígenas das Américas que estavam depositados na instituição. Na referida obra, Mello-Netto chama a atenção pela disposição para mostrar ao mundo a imponência da coleção de diversos materiais da história natural, que se encontravam no Museu Nacional. Essa publicação pode ser considerada um ato de elevada relevância para a história natural naquele período, mas foi, sobretudo, uma estratégia política que visava buscar o reconhecimento da sociedade e da monarquia sobre a relevância do Museu Nacional para o desenvolvimento científico do país (LOPES; PODGRNY, 2000; LOPES, 2001).

Mello-Netto passou a ser diretor geral do Museu Nacional de 1874 a 1893. Boa parte dos avanços que ele alcançou no desenvolvimento profissional foi possibilitado por sua proximidade e boa relação com Dom Pedro II. O período como diretor do Museu Nacional foi considerado como a era de grandes transformações no desenho geral da instituição, a “idade de ouro” do museu. Sua gestão foi consagrada como uma das mais produtivas da instituição no século XIX (LACERDA, 1905, p. 37; SILVA; FERNANDES; FONSECA; 2013). Na visão de Lacerda (1905), a gestão de Mello-Netto foi:

(...) o início do período mais fecundo, de maior atividade e de mais intenso brilho na história do Museu Nacional. Ele cresceu muito no valor do cabedal que possuía e na reputação científica que já havia adquirido, até nivelar-se com as melhores instituições congêneres existentes em outros países da Europa e da América. Seu brilho atual ainda é, por assim dizer, um reflexo da luz intensa projetada por aquela reforma [1876], em pós à qual veio o que se poderia com razão chamar a idade de ouro do Museu Nacional (LACERDA, 1905, p. 37).

A análise de Lacerda (1905) demonstrou a importância da gestão de Mello-Netto para o desenvolvimento científico no Museu Nacional. Também era interesse de Dom Pedro II, e da elite intelectual e política da época, tornar o Brasil um país produtor de conhecimento científico. Na gestão de Mello-Netto, a preocupação social com o futuro do país e os estudos sobre os povos indígenas eram questões que se colocavam como

necessárias, sobretudo, após a chegada, no Brasil, da teoria darwinista da evolução na década de 1870.

As últimas décadas do século XIX constituíram um período de grandes transformações culturais, a sociedade brasileira passou a se manifestar em prol da construção de um projeto de nação republicana (SILY, 2012, p. 62). Os estudos antropológicos sobre as raças humanas que viviam no Brasil passaram a ser um campo de pesquisa prioritário para os pesquisadores brasileiros. Porém, um obstáculo para o avanço da antropologia naquela época era a inexistência de um curso para a formação de novos antropólogos no país.

O desenvolvimento de pesquisas voltadas para a antropologia, no Museu Nacional, foi possibilitado pelo incentivo do Imperador Dom Pedro II e pela organização do museu pelo seu diretor Ladislau Mello-Netto, que trouxe a antropologia enquanto uma disciplina ofertada na instituição (SCHWARCZ, 1993; LOPES; PODGRNY, 2000; LOPES, 2001). Na busca pela inserção internacional do Museu Nacional, foi criado o periódico científico *Archivos do Museu Nacional*, em 1876. Em tal periódico eram publicados os resultados das pesquisas que vinham sendo desenvolvidas no museu, possibilitando que o conhecimento científico aqui produzido pudesse chegar a pesquisadores nacionais e internacionais. Os temas tratados nessa revista eram variados, desde a geologia, zoologia, botânica até a antropologia (SCHWARCZ, 1993; LOPES, 2001, SANTOS, 2019). Tendo em vista a superação da carência formativa de novos quadros para o estudo da antropologia física, um curso foi primeiramente constituído no Rio de Janeiro, dentro do Museu Nacional. O primeiro curso de antropologia no Brasil foi ministrado por Lacerda, em 1877, com duração de dois anos. O referido curso buscava a formação de novos profissionais a se debruçarem sobre a antropologia, de modo a desenvolvê-la no país. Lacerda abordou, em uma parte do curso, a anatomia e fisiologia humana; problemas sociais relacionados à nutrição e suas consequências fisiológicas. Na outra parte, ele fez uma abordagem do estudo antropológico das raças e discutiu o monogenismo, o poligenismo, a mestiçagem e a herança (*RESUMO DO CURSO DE ANTHROPOLOGIA*, 1877; SCHWARCZ, 1993; FERREIRA, 2007).

Para fortalecer o Museu Nacional como centro de referência nas pesquisas, Ladislau Mello-Netto foi autorizado, em 1872, a criar o cargo de naturalista viajante, o

que impactou diretamente na expansão da produção científica (SANJAD, 2011). Além da produção, a divulgação do conhecimento foi um ponto relevante na gestão de Mello-Netto. Para divulgar o conhecimento científico produzido no Museu Nacional, realizavam-se conferências, palestras e cursos públicos, com uso de material didático variado, murais e projetor de imagens (LOPES; PODGRNY, 2000; LOPES, 2001; NASCIMENTO, 2009; SÁ; SÁ; LIMA, 2018). A divulgação das pesquisas realizadas era uma forma de mostrar para a sociedade o conhecimento que vinha sendo produzido e, ao mesmo tempo, ter respaldo social para os investimentos que permitiam os avanços das pesquisas.

O reconhecimento internacional do Museu Nacional era um dos objetivos de Mello-Netto. Para alcançá-lo, ele procurou manter relações com outros centros de pesquisa pelo mundo, como exemplo há uma carta de Virchow a Mello-Netto relatando a dificuldade em obter informações mais precisas a respeito de uma lista de crânios e esqueletos humanos doados por Dom Pedro em 1875. Após tentativas frustradas com a intermediação de Ehrenreich, ele soube que os itens da lista tinham chegado a Paris (VIRCHOW, *et al.*, 1884, p. 425).

Mello-Netto respondeu à Virchow afirmando que os esqueletos e crânios enviados foram, em duplicatas, remessados para Quatrefages<sup>34</sup> em Paris, que este deveria ter enviado a metade para Berlim. Mello-Netto (1884) afirmou na carta a Virchow que tentaria “compensá-lo, redobrando” os “esforços para que o Dr. Ehrenreich” trouxesse “muitos esqueletos de botocudos do Espírito Santo” (VIRCHOW, *et al.*, 1884, p. 425). Mello-Netto procurou mostrar a Virchow o trabalho que vinha sendo desenvolvido por ele no Museu Nacional, como forma de demonstrar o esforço para a consolidação das pesquisas no museu. Ele informou que estava escrevendo o último capítulo de sua “dissertação sobre arqueologia brasileira”, que encerrava, ao mesmo tempo, o sexto volume do *Archivos do Museu Nacional*

---

<sup>34</sup> Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau (1810 – 1892), que foi um naturalista e antropólogo francês. Ele foi um dos dois mais importantes antropólogos físicos do seu tempo e o principal defensor do monogenismo na França, frente a Broca. Tal vez a sua obra mais influente e importante, coescrita com Hany, é a *Crania ethnica*:

QUATREFAGES, ARMAND; ERNEST THÉODORE HAMY. **Crania ethnica**. Les cranes des races humaines, décrits et figurés d'après les collections du Muséum d'histoire naturelle de Paris, de la Société d'anthropologie de Paris et les principales collections de la France et de l'étranger par MM. A. de Quatrefag. JB Baillièere et files, 1882.

(VIRCHOW, *et al.*, 1884, p. 425-426). O diálogo apresentado nas cartas demonstra que Mello-Netto procurou expor para Virchow que o Museu Nacional produzia conhecimento antropológico de alta qualidade. Pelo relato de Virchow, o campo da antropologia se mostrava de grande interesse para Dom Pedro, visto o seu empenho em enviar os esqueletos e crânios para a Europa. A permuta de materiais era uma prática constante no Museu Nacional, uma forma de aumentar e diversificar as suas coleções.

Em 1882, João B. Lacerda e José Rodrigues Peixoto chamavam a atenção de Mello-Netto para a importância do desenvolvimento da antropologia no Brasil, pois tais estudos tinham assumido uma grande relevância para os pesquisadores da Europa, e dos Estados Unidos da América (KEULLER, 2012, p. 76). De acordo com o jornalista e escritor Carlos von Koseritz, em visita feita ao Museu Nacional em 1883, durante a gestão de Mello-Netto a instituição aumentou de modo considerável o tamanho de suas coleções. Ele afirmou que as condições de armazenamento e a organização do acervo ainda eram precárias, devido à necessidade de mais funcionários para essa tarefa. Para Koseritz (1885), Ladislau Mello-Netto prestou “um grande serviço ao país, salvando e preservando todos os tesouros da ciência. Quando ele assumiu a administração do estabelecimento, não havia quase nada lá.” E, no futuro, tais coleções seriam de “(...) infinito interesse para todos os homens da ciência que” visitassem o Brasil (KOSERITZ, 1885, p. 117). O relato de Koseritz (1885) mostrou o quanto Mello-Netto esteve empenhado para a consolidação do Museu Nacional.

## **A Antropologia na Gestão de Mello-Netto no Museu Nacional**

No período em que foi diretor do Museu Nacional, Mello-Netto participou de duas expedições: Uma em 1877 no estado de Alagoas, onde fez escavações. E de 1881 a 1882 ele realizou a expedição ao Norte do país, auxiliado por Domingos Soares Ferreira Penna<sup>35</sup>, Francisco da Silva Castro<sup>36</sup> e Vicente Chermont de Miranda e Assis<sup>37</sup>. Eles

---

<sup>35</sup> Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888) foi um naturalista viajante do Museu Nacional (1871) e ajudou a fundar o Museu Paraense. Ele publicou diversas obras, dentre elas: PENNA, DOMINGOS SOARES FERREIRA. **O Tocantins e o Anapú – Relatório de Secretaria da Província do Pará**. Pará: Typ de Frederico Rhossard, 1864.

<sup>36</sup> Francisco da Silva Castro (1815 – 1899) foi um médico brasileiro que nasceu em Belém do Pará. Foi presidente da Comissão de Saúde Pública do Pará. Foi vereador em Belém e deputado pela Assembléia

procuraram explorar necrópoles, urnas funerárias e a arte cerâmica da ilha de Marajó. Recolheram vestígios da vida primitiva dos Tupis no sul da província do Pará em aldeamentos *Turinaras* e *Tembês*. Reuniram alguns artefatos e esqueletos no vale superior do Rio Capim (KEULLER, 2008, p. 93).

As duas expedições tinham como propósito tornar o Museu Nacional um importante guardião de artefatos da história natural do ser humano no Brasil. O que coincidiu com o momento em que a teoria darwinista da evolução biológica finalmente tinha chegado aos centros de ciências do país. Tal teoria trouxe inúmeras questões a serem pensadas a respeito da evolução humana, e, sobretudo, em relação à origem do ser humano no continente americano. O que tornava o estudo antropológico dos povos indígenas do Brasil um ponto central para o desenvolvimento da antropologia sob o arcabouço teórico de Darwin (SCHWARCZ, 1993; MONTEIRO, 2001; NASCIMENTO, 2009; SÁNCHEZ-ARTÉAGA, 2016).

Em 14 de Julho de 1882, o jornal *O Globo* relatou a dificuldade que existia para os pesquisadores em conseguirem doações dos povos indígenas de restos mortais dos seus parentes. Foi exemplificado que, apesar de todo empenho de Ferreira Penna, poucos crânios e esqueletos de indígenas foram coletados por ele no Vale do Amazonas, mesmo com os inúmeros pedidos feitos por Mello-Netto. Para conseguir coletar os restos mortais de povos indígenas do Vale do Amazonas, Mello-Netto:

[...] dirigiu-se a alguns aldeamentos extintos, e convencendo velhos *tuxanás* de que o único meio de provar ao governo geral do Império que eles não eram os chefes de uma raça espúria, fora trazer para esta corte os ossos de seus parentes, provando pelos seus crânios nos homens poderosos do país que nenhum deles era *Murutú* ou *Carina*, imediatamente conseguiu que lhe mostrassem os seus cemitérios onde, acompanhando-o eles próprios, pôde abrir nada menos de 18 sepulturas e dali exumar os esqueletos e crânios [...] (O GLOBO, 1882, Ed. 00260, p. 3).

O fato relatado demonstra que as dimensões éticas nem sempre eram respeitadas para a coleta das ossadas de indígenas. Mello-Netto praticou o mais vil engano e mentiu de forma desprezível aos indígenas. A memória, o luto e os rituais espirituais para os

---

Provincial em 1840. Ele foi pioneiro no estudo da cólera, que foi uma doença que causou a morte de milhares de pessoas durante o século XIX (BELTRAO, 2000).

<sup>37</sup> Vicente Chermont de Miranda e Assis (1849-1907) foi um advogado e folclorista. Escreveu a obra MIRANDA, VICENTE CHERMONT DE. **Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente a ilha de Marajó**. Catálogo Obras Raras. Museu Paraense Emílio Goeld. 1968.

mortos foram brutalmente desrespeitados por Mello-Netto, para atingir os seus objetivos de levar para o Rio de Janeiro o maior número de ossadas que fosse possível. De um lado estava a busca pelo desenvolvimento científico, do outro, a falta de respeito por questões internas à cultura dos povos indígenas.

As expedições organizadas por Mello-Netto foram um forte indicador de sua preocupação com a coleta de uma grande quantidade de materiais a serem estudados pela antropologia. Ele procurou construir uma narrativa de que o Museu Nacional era a única instituição de pesquisa do Brasil a coletar e estudar os materiais antropológicos dos povos indígenas (MELLO-NETTO, 1883, p. III). Mello-Netto (1883) acreditava no desaparecimento dos povos indígenas do Brasil ao longo do tempo. Em sua visão:

Já desapareceram numerosas tribos e com elas sua língua, suas cerimônias bárbaras, suas tradições e muitos outros documentos que seriam hoje para nós tão preciosas bases de estudo etnográfico. É preciso portanto que nos atemos a salvar o pouco que resta, para não sermos condenados por nossos sucessores, como dizemos agora que nossos predecessores negligenciaram o passado (MELLO-NETTO, 1883, p. 3).

As palavras de Mello-Netto (1883) precisam ser observadas a partir dos dados históricos e do referencial teórico darwinista sobre a extinção das raças. Pela perspectiva darwinista, o desaparecimento dos povos indígenas era um fato natural a ser consumado ao longo do tempo. As pesquisas antropológicas sobre os povos indígenas do Brasil precisavam ser feitas antes que a extinção acontecesse, o que comprometeria as respostas da antropologia física para a pergunta sobre a origem do ser humano no mundo e no continente americano.

Na viagem ao Norte do Brasil, Mello-Netto fez escavações na Ilha do Marajó. A respeito dos materiais arqueológicos encontrados na ilha, Mello-Netto (1885) fez comparações das características dos crânios humanos com formas simiescas, as quais eram tidas por ele como o tipo animal ascendente evolutivamente dos seres humanos primitivos da ilha. Ele afirmou que os próprios povos primitivos da América acreditavam que sua ascendência estava relacionada a qualquer espécie de animal, mas eles ligavam maior parentesco à forma simiesca. Conforme afirmou Mello-Netto (1885), em suas descrições:

(...) diferentes tipos de cabeça dos marajoenses primitivos, ha verdadeiros símios que talvez a mais justos títulos se deveriam aqui achar. A razão que me induziu a colocá-los naquela seção baseia-se na convencionalidade em

que, ao meu supor, costumavam os *'mound-builders'* de Marajó representar os seus próprios conterrâneos, dando-lhe com os caracteres físicos, as afinidades ou analogias homonímicas, pelas quais se prendiam aqueles a certos animais e em particular aos símios que eles supunham seus iguais, senão seus superiores em inteligência. (...) tentaram gravar ou pintar os simulacros da face humana, acrescentando que, se aos povos da América sempre lhes andou pela mente a suposição de haverem ascendido de qualquer classe de animais, (...) é fato averiguado que no geral acreditavam ligá-los maior parentesco aos símios. (MELLO-NETTO, 1885, p. 78-79).

A descrição de Mello-Netto (1885) tinha como base uma perspectiva hierárquica a respeito da evolução humana. No caso dos povos indígenas “primitivos” da Ilha do Marajó, a hierarquia era justificada pelos achados arqueológicos e pelas supostas crenças que os indígenas tinham no estabelecimento de relações de parentesco com animais. No argumento de Mello-Netto não estava em jogo o pensamento evolutivo de que todos os seres vivos possuem uma origem comum. O que estava em discussão é que algumas raças humanas estariam, evolutivamente, em um grau de inferioridade que as aproximava mais de alguns símios do que do “homem branco”, considerado como a expressão máxima da evolução humana.

A coleta dos materiais arqueológicos na Ilha do Marajó também estava alinhada ao objetivo de Mello-Netto em fazer uma grandiosa exposição antropológica no Museu Nacional. A realização da exposição estava nos planos de Mello-Netto desde o final de 1880. A exposição procurava atender à necessidade do desenvolvimento da antropologia, uma ciência que demandava profundos estudos naquele período. Foi o momento em que as explicações para a origem do homem americano estavam em intenso debate sob a perspectiva darwinista da evolução (LOPES; PODGRNY, 2000; LOPES, 2001; NASCIMENTO, 2009).

Como forma de sensibilizar a sociedade brasileira a respeito da importância do estudo antropológico sobre povos indígenas do Brasil e de sua história evolutiva, Mello-Netto procurou divulgar na imprensa da Corte e nas imprensas das províncias a preparação do Museu Nacional para sediar a exposição antropológica. Em 7 de Dezembro 1881, Mello-Netto publicou na *Gazeta de Notícias* uma carta relatando o empenho em aumentar a coleção de artefatos arqueológicos para a exposição de 1882. Para ele, o referido evento seria de grande valor para o estudo do “homem primitivo” do Brasil. A partida para o Norte do país e a chegada ao Rio de Janeiro, trazendo os materiais doados, emprestados e os que ele conseguiu coletar, foram publicadas na *Gazeta de Notícias*. Nas publicações, sempre procurava demonstrar o esforço e a

dedicação de Mello-Netto para a coleta dos materiais arqueológicos para a Exposição de 1882 (MELLO-NETTO, 1881).

Para a construção da Exposição Antropológica de 1882, Mello-Netto procurou conseguir, de diferentes lugares do Brasil, a maior quantidade de materiais antropológicos para serem expostos. Em sua viagem ao Pará, solicitou ao vice-presidente da província, José da Gama Malche<sup>38</sup>, que lhe fossem “entregues todos os objetos arqueológicos e etnográficos existentes no Museu Paraense, para figurarem na exposição antropológica brasileira” (MELLO-NETTO *apud* CUNHA, 1965). Alguns crânios e urnas funerárias de Maracá que foram depositados no Museu Paraense e que tinham sido coletados por Ferreira Penna, em 1872, foram remetidos ao Museu Nacional a pedido de Mello-Netto (SANJAD, 2005, p. 320). Mesmo assinando um termo de comprometimento em devolver todo o material emprestado, assim que se findasse a exposição, Mello-Netto não honrou o compromisso, o que gerou tensões e descontentamentos nos diretores do Museu Paraense (NASCIMENTO, 2009; SANJAD, 2005; 2011).

Várias pessoas de diferentes lugares do Brasil enviaram, para o Museu Nacional, artefatos antropológicos. As doações foram destacadas em edições da *Gazeta de Notícias*. Em 7 de abril de 1882, foi relatado que o Sr. Barão de Maceió tinha doado um crânio e conchas extraídas dos sambaquis do Paraná. Mello-Netto também recebeu um machado de pedra do Sr. Homem de Mello, do Vale do Paraíba. Instrumentos de pedra e fragmentos de vasos foram doados pelo médico Hermann von Ihering<sup>39</sup> (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1882, Ed. 00096).

A grandiosidade dos milhares de materiais antropológicos juntados para a construção da exposição chamou a atenção do público que a visitou. Sete índios “Botocudos”,<sup>40</sup> da província do Espírito Santo foram expostos durante a Exposição

---

<sup>38</sup> José da Gama Malche (1814-1888) foi um político e médico brasileiro formado pela Faculdade de Medicina da Bahia.

<sup>39</sup> No capítulo 4 serão analisados os estudos antropológicos desenvolvidos por Hermann von Ihering a respeito dos povos indígenas do Brasil.

<sup>40</sup> Os termos “Botocudos”, “Bugres”, “Guanás”, “Camacã” e “raça dos Sambaquis” são denominações genéricas, muito usadas no período estudado nessa tese. O termo “Botocudo” se referia a diferentes etnias que usavam os botoques. Os “Bugres” eram indígenas de diferentes etnias definidos como não cristãos. A denominação “Guanás” também é genérica, de modo que engloba diferentes etnias



Antropológica, no que pôde ser considerado como um zoológico humano (VIEIRA, 2019). A exibição de Botocudos foi um ponto de grande impacto dentro do evento. Para serem expostos dentro do Museu Nacional, os indígenas foram enviados por Herculano Marcos Inglez de Souza<sup>41</sup>, então presidente desta província do Espírito Santo (ANDERMANN, 2004; VIEIRA, 2019). Eles chegaram ao Rio de Janeiro no dia 6 de Julho de 1882. Mesmo antes da abertura da Exposição, no dia 13 de Julho de 1882, toda a família imperial foi acompanhada de Ladislau Mello-Netto e Ramiz Galvão<sup>42</sup> em uma visita aos “Botocudos”, que estavam alojados na Quinta Imperial. Os indígenas foram expostos ao público de modo a satisfazer a curiosidade das pessoas. Era objetivo que os “Botocudos” recebessem alguma gorjeta, para que se animassem a ficar no Rio de Janeiro até a abertura da exposição (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1882, Ed. 193).

Pelas notícias destacadas aqui, é possível imaginar a grande quantidade de materiais antropológicos e arqueológicos que foram remetidos para a exposição do Museu Nacional. A exposição foi aberta ao público do dia 29 de Julho ao dia 29 de Outubro de 1882, contando com a presença de milhares de visitantes. A *Gazeta de Notícias* anunciou a abertura da grandiosa exposição e que o trabalho de Ladislau Mello-Netto tinha contribuído para que o Brasil e o mundo científico tivessem acesso a uma das mais curiosas exposições já tinham sido realizadas “entre as nações mais civilizadas” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1882, Ed. 208). O relato mostrou a empolgação da sociedade pela imponência do evento. No discurso da imprensa era presente a

---

indígenas, as quais possuem suas próprias autodenominações. A denominação “Camacã” abrangia diferentes etnias que eram denominadas “Kamacã-Mongoió”, “Kamacã Menian”, “Menian” e por “Caranins”(PARAÍSO; JANCSÓ, 1998). A “raça dos Sambaquis” era compreendida por Lacerda (1882) como intimamente relacionada aos “Botocudos” pelas semelhanças craniométricas (LACERDA, 1882, p. 23). As denominações supracitadas não correspondiam às autodenominações das diferentes etnias indígenas.

Por esses motivos, os termos “Botocudos”, “Guanás”, “Camacã”, “Homem dos Sambaquis” e “Bugres” serão usados nessa tese com aspas. Pois eram denominações usadas pelos pesquisadores do século XIX que foram estudados nessa tese e que não estavam de acordo com as autodenominações dos povos indígenas.

<sup>41</sup> Herculano Marcos Inglez de Souza foi um advogado e intelectual brasileiro. Em seu romance, *O Coronel Sangrado* (1877), o autor ultrapassa os limites dos pressupostos do Realismo, inserindo características do Naturalismo em sua narrativa (FERREIRA, 2015, p. 14). SOUZA, INGLÊS DE. O coronel sangrado. Belém: UFPA, 1968.

<sup>42</sup> Benjamim Franklin Ramiz Galvão (1846-1838) foi um médico, professor, filólogo, biógrafo e orador brasileiro. Ele organizou a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foi professor de grego, retórica, poética e literatura brasileira no Colégio Pedro II e foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (CALDEIRA, 2017).

preocupação em relatar que o Brasil era um país “civilizado”. Na visão de Mello-Netto, a exposição seria a festa que iria estabelecer o primeiro alicerce da história do homem brasileiro (A PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO, 1882, Ed. 00027 [1]).

A exposição contou com a presença da princesa Isabel, do imperador Dom Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina, o que demonstra a importância dada pela família imperial para o desenvolvimento científico do país e reforça o peso político do Museu Nacional diante das outras instituições científicas do Brasil. A inauguração da exposição coincidiu propositalmente com o feriado de comemorações do aniversário da Princesa Isabel (VIEIRA, 2019, p. 319).

Ladislau Mello-Netto fez o discurso de abertura da exposição, momento que procurou afirmar a grandiosidade do Museu Nacional para o desenvolvimento das pesquisas no Brasil. Afirmou que o evento demonstrava a elevada intelectualidade universal do Império brasileiro. O sucesso da exposição foi lembrado inúmeras vezes por Mello-Netto, considerada por ele como a “festa da ciência que foi única no seu gênero, tanto no Brasil quanto no mundo inteiro” (MELLO-NETTO, 1889, p. 60).

Em uma análise das diferentes perspectivas teóricas sobre os indígenas brasileiros, o renomado darwinista brasileiro, Rangel de S. Paio,<sup>43</sup> afirmou que a Exposição trouxe contribuições imensuráveis para se pensar os povos indígenas do Brasil. Para ele, os indígenas foram e continuavam a ser, historicamente, caluniados. A partir da visita à exposição, S. Paio defendeu que não se sustentava o argumento de que os povos indígenas tinham causado o retardamento do processo civilizatório, por serem refratários à cultura intelectual. O autor demonstrou que os indígenas que aqui viviam já tinham estabelecido relações familiares e sociais. Para ele, esses povos tinham contribuído de diversas formas para a constituição da nação brasileira; desde a culinária até a produção de perfumes e remédios. Na visão de S. Paio (1882), se os povos indígenas brasileiros se tornaram “arredios, não foi por não” poderem “compreender a civilização do branco, mas sim, porque o branco não soube” atraí-los, “ou, para ser mais

---

<sup>43</sup> João Zeferino Rangel de S. Paio (1838 – 1893) foi um poeta, romancista, crítico de arte, jornalista, professor, dramaturgo e funcionário público brasileiro. Ele foi um grande divulgador e entusiasta da teoria darwinista da evolução biológica. Ele publicou de 1877 a 1878 uma série de 5 artigos intitulados: *O darwinismo: cartas a uma senhora* (VERGARA, 2007). RANGEL S. PAIO, JOÃO ZEFERINO. "O darwinismo: cartas a uma senhora". O Vulgarizador. 1877-1878.

fiel à veracidade histórica, não soube” retê-los “ao seu lado” (S. PAIO, 1882, GAZETA DE NOTÍCIAS, Ed. 239).

De acordo com S. Paio, a Exposição foi relevante para a consagração de um entendimento mais completo sobre a elevada riqueza cultural da grande diversidade de povos indígenas, que viviam no Brasil. Ele observou que a Exposição possibilitou “desmentir a apregoada preguiça dos índios”. De acordo com S. Paio, os dados apresentados mostravam, de modo cristalino, que as condições climáticas não possibilitavam, ou não obrigavam, os povos indígenas a possuírem ritmos intensos de atividade física. Ele citou a elevada riqueza dos solos brasileiros, que garantia a produção sem esforços tão veementes, quando comparado com outros locais do mundo que possuíam solos mais pobres (S. PAIO, 1882, GAZETA DE NOTÍCIAS, Ed. 239).

No discurso de S. Paio, o pensamento evolucionista se mostrou presente pelo entendimento da relação evolutiva entre as raças humanas e o ambiente em que viviam. A análise que ele fez sobre a Exposição Antropológica de 1882 foi na contramão dos discursos racistas que dominavam o entendimento científico de Ladislau Mello-Netto sobre os povos indígenas. Além de Mello-Netto, os mais importantes jornais e revistas do Rio de Janeiro publicaram matérias que afirmavam a suposta “inferioridade” biológica e intelectual dos “Botocudos”.

Em uma reportagem do dia 13 de Julho de 1882 no jornal *O Globo*, Mello Moraes Filho<sup>44</sup> analisou os “Botocudos” que foram expostos no Museu Nacional, considerados por ele como uma das raças no estágio mais “primitivo” da evolução humana. Suas observações partiram de uma perspectiva evolucionista racista, que tinha sido apresentada por Sylvio Romero na obra *Introdução à História da Literatura Brasileira* (1882). Nela, Romero (1882) afirmava que os tupis-guaranis não tinham alguma poesia, pois eles não tinham chegado a tal grau do desenvolvimento humano. De acordo com Moraes Filho (1882):

(...) de repetidas conversas que entretivemos com os botocudos destinados à exposição antropológica (...) concluímos que tribos existem cujo nivelamento intelectual é tão baixo (...) interrogamos os nossos bons hospedes sobre ideias

---

<sup>44</sup> Mello Moraes Filho (1844-1919) foi um médico, folclorista, cronista, etnógrafo, poeta, prosador e historiógrafo brasileiro. Ele publicou inúmeras obras, dentre as quais: MORAIS, MELO. **Festas populares do Brasil**. Garnier, 1888. (RIBEIRO, 2019).

especulativas, não conseguimos uma só resposta que os levantasse do antropomorfismo no gérmen (MORAES FILHO, 1882).

Pelo entendimento de Moraes Filho (1882), os “Botocudos” estavam em um grau evolutivo de total inferioridade racial. Ao andar por outras salas do Museu Nacional, o autor disse ter encontrado a explicação para a inferioridade dos “Botocudos”. Segundo ele, “a razão desse estado mental” inferior, “a anatomia comparada forneceu”. Em sua visão, “nos crânios dos botocudos e sambaquis, os aparelhos que recebem os nervos da audição, olfato e visão são deveras consideráveis, revelando com isto o trabalho anormal dos sentidos a que é forçado o homem das selvas” (MORAES FILHO, 1882).

O *Jornal do Commercio* (RJ) afirmou que os “Botocudos” que foram expostos no Museu Nacional eram “pobres e infelizes criaturas decaídas num nível tão baixo da escala da humanidade” (JORNAL DO COMMERCIO, 1882, Ed. 00242, p. 3). O discurso apresentado implicou na defesa da existência de hierarquias raciais. Algumas raças seriam “civilizadas” e outras seriam compostas por seres animais. Tais argumentos apresentados pela imprensa local, durante a exposição, mostram que a leitura darwinista da evolução biológica estava influenciando os cientistas, os literatos e os jornalistas brasileiros no estudo da composição racial do Brasil.

A exibição dos “Botocudos” na exposição chamou a atenção da sociedade fluminense. A respeito da grande quantidade de visitantes na exposição, Julio Dast, em uma crônica do dia 05 de Agosto de 1882, dizia em, tom irônico: “Tanto interesse pela ciência espanta-me (...) Toda a curiosidade dos visitantes é apenas para ver os índios” (REVISTA ILLUSTRADA, 1882, Ed. 00310, p. 6). Pela curiosidade das pessoas em ver um “Botocudo”, Ladislau Mello-Netto passou por um episódio inusitado, que foi relatado em tom de ironia pelo referido cronista (REVISTA ILLUSTRADA, 1882), da seguinte forma:

Quinta-feira, 10, são onze e meia horas da noite, o Dr. Ladislau Netto, quebrado de trabalho, morto de cansaço, está em dever de dar um pouco de repouso ao seu corpo, quando lhe batem à porta.

A criada vai ver quem é.

- É um negócio importantíssimo que só ao doutor posso confiar, e é urgente, amanhã já não há mais tempo, vá chamá-lo.

Uma robe-de-chambre, um gorro, e eis o diretor do Museu bocejando ao indivíduo:

- Então, o que há?

- Queria pedir-lhe um favor: parto amanhã para São Paulo, pelo trem das seis, e não queria ir, sem ter visto os botocudos.  
Sem comentário, não acham? (REVISTA ILLUSTRADA, 1882, Ed. 00311 p. 2)

O irônico relato de Dast possibilita ter uma noção da intensidade do desejo das pessoas para verem os “Botocudos”. O modo de serem exibidos e “devorados pela curiosidade pública” demonstrou as violências que esses indígenas sofreram por parte do Museu e do público (VIEIRA, 2019, p. 333). Os indígenas que foram expostos não estavam confortáveis pelos momentos vivenciados na exposição. “A nostalgia os ameaçava já com seus terríveis efeitos, pois nem os carinhos dos curiosos fluminenses, nem os variados mimos dos sábios antropologistas do museu, faziam-lhes esquecer as delicias e as liberdades das suas tabas agrestes” (O GLOBO, 1882, Ed. 00302 (1), p. 2). Diante da situação, Mello-Netto avisou que, no dia 30 de Agosto, eles iriam voltar para suas casas. “Sabidamente uma alegria notável expandiu-se no semblante do velho, que foi pouco a pouco melhorando”. Quando foram levados para pegar o vapor *Ceará* para voltar à província do Espírito Santo, eles receberam de Mello-Netto “muitos presentes e demonstrando-lhe a afeição de que” eram merecedores (JORNAL DO COMMERCIO, 1882, Ed. 00242 (1), p. 3). O Sr. Leopoldo Cunha, representante da província, foi enviado em uma comissão da Câmara dos Deputados para ler uma carta de despedida e de agradecimento aos “Botocudos” pela participação na exposição. Ainda foi recomendado que, quando chegassem à terra natal, que continuassem com os titânicos “(...) esforços para o engrandecimento moral, intelectual, político e econômico (...)”. A leitura da carta foi encerrada com muitos aplausos (GAZETA DA TARDE, 1882, Ed. 00199, p. 1).

A carta que foi lida apresentou elementos contraditórios. O texto procurou demonstrar o sentimento de tristeza e saudade pela despedida dos “Botocudos”. Mas as práticas e textos da imprensa descreviam os “Botocudos” como seres “inferiores”, do ponto de vista biológico e cultural. Há uma dualidade no pensamento expresso na carta: ao tempo em que a presença dos “Botocudos” ensinaria os visitantes sobre a biologia e a história de vida dos “selvagens”, os “civilizados”, por outro lado, “ajudariam” ao “engrandecimento civilizatório” dos indígenas.

Os diferentes olhares para os povos indígenas, durante a Exposição Antropológica de 1882, demonstraram que, nos espaços sociais dominados pela elite

intelectual brasileira, o discurso de inferiorização dos povos indígenas não era unânime. Uma parte dos que viram os “Botocudos” como seres “inferiores” tinha o sentimento de pena. Outra parte estava alinhada ao sentimento de medo e repulsa. Por outro lado, de modo nitidamente minoritário, havia pessoas que defendiam uma perspectiva que relativizasse as diferenças culturais como próprias da existência humana, não sendo aceitável a afirmação de que uma cultura era superior ou inferior à outra.

### **Os Índios “Botocudos” Levados Para a Europa**

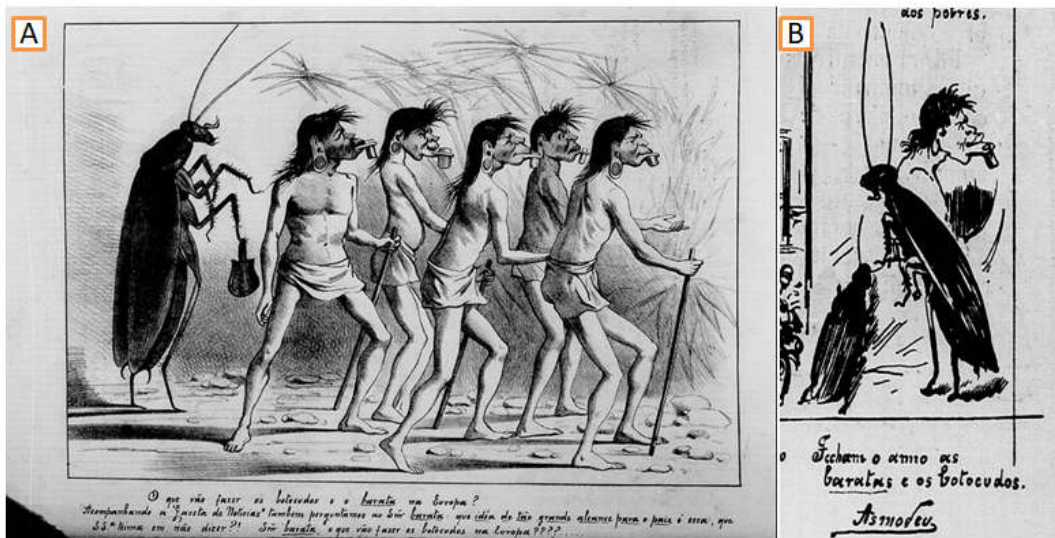
No dia 5 de Novembro de 1882, o jornal *A Provincia do Espirito-Santo* noticiou a ida de cinco “Botocudos” para Londres, com escala em Havre, cidade portuária francesa. De acordo com a reportagem, o embarque aconteceu no dia 3 do mesmo mês. As cinco pessoas se chamavam Maria Antonia, Nacuhén, Nahen, Paulo e Francisco. Elas foram levadas para a Europa por Crimildes Barata Ribeiro e sua esposa, Elisabeth Barata Ribeiro (A PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO, 1882, ED. 00099, p. 1-2).

De modo superficial e vago, a *Gazeta de Noticias* afirmou em 7 de Dezembro de 1882 que alguns dos “Botocudos” que foram levados para a Europa faziam parte do grupo que foi exposto no Museu Nacional, na Exposição Antropológica. Fischer (2019) e Vieira (2019) destacaram que o fato apresentado poderia não condizer com a realidade dos fatos, pois alguns dos nomes dos indígenas que foram expostos no Museu Nacional não coincidiam com os nomes dos indígenas que foram levados para a Europa. Para elucidar o episódio, realizei uma análise na imprensa da época que revelou que em 7 de Julho de 1882, o *Diario do Brazil* (RJ) publicou uma reportagem na qual trouxe os nomes de Capitão Joaquim Pedro, José, Nazareth, Thomé, e Maréca, Aquinhen e Benta que foram os “Botocudos” expostos no Museu Nacional (DIARIO DO BRAZIL, 1882, ED. 00151, p. 2). Tais evidências permitem afirmar, de modo categórico, que os “Botocudos” que foram levados para a Europa não faziam parte dos que participaram da Exposição Antropológica daquele ano no Museu Nacional, pois os nomes das pessoas que compunham os grupos eram completamente diferentes.

Após a notícia divulgada de que os “Botocudos” foram levados para a Europa, uma quantidade significativa de reportagens procurava denunciar a situação como um

ato de desumanidade e de desrespeito à legislação do país. O que os “Botocudos” foram fazer na Europa? Essa questão foi intensamente discutida pela imprensa. A inquietação residia em pensar que os europeus iriam formar uma visão ainda mais pejorativa em relação à população brasileira, pois os indígenas eram vistos pela elite brasileira como seres humanos inferiores.

As críticas a Cremildes Barata foram desde o ponto de vista argumentativo, quanto por meio de ironias em palavras e imagens. A figura de uma barata levando os “Botocudos” para serem objetos da curiosidade popular fora do Brasil foi intensamente explorada (Ver FIGURA 2).



**Figura 2:** Imagens que procuravam criticar Cremildes Barata por ter levado os cinco “Botocudos” para a Europa.

Fonte da Figura A: *O Mequetrefe* (RJ), Ano 1882, Edição 00295

Fonte de Figura B: *O Mequetrefe* (RJ), Ano 1882, Edição 00296

O incômodo com o episódio dos “Botocudos” levados para a Europa também se manifestava em poemas. No poema apresentado abaixo, o autor procurou ridicularizar Cremildes Barata, o associando com o inseto, a “barata”.

#### A BARATA (poema)

A *barata* vai voando,  
Voando, voando à tóa.  
E em quanto a *barata* voa,

Vai a barata pensando

Em ganhar alguns escudos,  
Escudos em ouro e prata,  
Vai senão quando a *barata*  
Caiu sobre os botocudos.

Oh! que *barata* estradeira!  
Que *baratinha* danada!  
Quis arranjar pepineira.  
Com os botocudos; pilhada

Na ladroeira indecente  
Conta histórias, faz artigos  
Nos jornais, contra inimigos,  
De raiva ficou doente.

O que queria a *barata*  
Com a sua bela trapaça?  
Queria expor no estrangeiro  
Uns tipos da nossa raça.

Mas *pas* de nikeis, coitada  
Da *baratinha* nojenta!  
Em qual negocio o que fez,  
Foi ficar mais fedorenta.

Fonte: *Corsario: Periodico Critico, Satyrico e Chistoso* (RJ), Ano 1882, Edição 00035.

Ainda no poema apresentado, o autor destacou que a exposição dos “Botocudos” seria uma apresentação de um tipo da “raça” brasileira para o povo europeu conhecer. O aspecto racial era o que mais incomodava, pois se mostraria ao mundo que o Brasil tinha uma composição racial com a presença marcante de raças consideradas “inferiores” nos aspectos biológicos e culturais.

Em 21 de Dezembro de 1882, o *Jornal do Commercio* publicou um texto de Athanagildo Barata Ribeiro no qual ele criticava todos os jornais que tinham demonstrado preocupação com o fato dos indígenas serem expostos na Europa. No texto, o jornal afirmou: “E onde *estaveis* vós, ó defensores da susceptibilidade indígena, quando o museu do Rio de Janeiro fazia a exposição dos botocudos e coroados, e lhes tirava retratos, e os emplastrava de gesso para tirar moldes?” (JORNAL DO COMMERCIO, 1882, ED 00354). Tal crítica foi importante para que se repensasse a situação violenta e desumana a que foram submetidos os “Botocudos” expostos no Museu Nacional daquele ano. De qualquer modo, a ausência de um olhar crítico para tal situação não tirou a legitimidade das críticas dirigidas a Cremildes Barata por ter levado as cinco pessoas indígenas para serem expostas na Europa e nos Estados Unidos.



Quando estavam na Inglaterra, uma das primeiras aparições em público dos “Botocudos” foi na câmara dos comuns em Londres. De acordo com reportagem do jornal *Times*, traduzida e publicada pela *Gazeta de Notícias* em 12 de Janeiro de 1883, em uma das tribunas da câmara dos comuns apareceram os indígenas, fazendo com que a sessão fosse suspensa por mais de 15 minutos. A curiosidade e o estranhamento foram as marcas do momento relatado. Ao questionarem os “Botocudos” sobre o que tinham ido fazer na Europa, eles responderam que estavam em uma missão secreta e que não poderia ser revelada. Eles informaram que um dos fins da viagem era o estudo da cultura e das instituições inglesas com vistas a introduzi-las nas florestas. Ao serem questionados sobre as primeiras impressões que tiveram da Inglaterra, afirmaram que “não podiam ser mais deploráveis. Tinham-lhes feito no Espírito Santo uma pintura tal da Inglaterra e dos seus costumes, que eles consentiram em vir; mas começavam a se arrepender. Não imaginaram uma nação tão ridícula, nem um clima tão insuportável” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1883, ED. 00012)

Em 11 de Julho de 1883, a *Gazeta de Notícias* traduziu uma reportagem do jornal *The Globe* no qual trazia uma detalhada descrição dos “Botocudos” que estavam sendo expostos no Piccadilly Hall, na Exposição Antropológica Brasileira de Londres. De acordo com o *The Globe*, os príncipes zulus eram cavalheiros e altamente educados em comparação com os cinco botocudos que estavam sendo expostos. Ainda de acordo com o jornal, o público via com curiosidade e estranhamento os botoques que eram usados por alguns desses indígenas. Outro fato curioso era a informação de que as flechas que estavam sendo expostas ao lado dos “Botocudos” tinham suas pontas envenenadas (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1883, ED. 00192).

Além de terem sido expostos em países europeus, os cinco “Botocudos” foram levados para os Estados Unidos. Em 20 de Outubro de 1883, o jornal *The New York Times* noticiou a morte de Nahen, uma das cinco pessoas que foram levadas por Cremildes Barata para fora do Brasil. De acordo com o jornal, os indígenas tinham desembarcado no país no dia 06 de Outubro daquele ano e a morte de Nahen foi ocasionada por pneumonia tifóide. Em 1884, dois “Botocudos” retornaram para o Brasil. O jornal *A Província do Espírito-Santo*, de 6 de Julho de 1884 trouxe a seguinte informação:

Chegaram no Mayrink dois dos celebrizados botocudos do Rio Doce, que foram à Europa e aos Estados-Unidos induzidos pela especulação — Barata. Seguiram ontem mesmo para Santa Leopoldina. E os três outros? (APROVINCIA DO ESPÍRITO-SANTO, 1884, ED. 00548, p. 3).

Além de Nahen, que faleceu nos Estados Unidos, a reportagem deixou margem para a indagação do destino dos outros dois “Botocudos” que não retornaram para o Brasil. O que aconteceu com eles? Teriam morrido?

As exposições dos “Botocudos” na Europa e nos Estados Unidos atendiam ao desejo do público em observar seres humanos diferentes. Se estabeleciam olhares de estranhamento, de inferiorização, de animalização e de profunda violência física e simbólica. Por outro lado, as exposições no exterior pareciam ser empreendimentos rentáveis para aqueles que exploravam os indígenas, como o Sr. Barata.

A polêmica na imprensa foi um verdadeiro espetáculo de hipocrisia. No momento que indígenas eram expostos no Museu Nacional, se observou notícias de glorificação pela magnitude do evento. Ninguém se manifestou com críticas a Mello-Netto por ter levado os cinco indígenas para a Exposição Antropológica de 1882. Quando surgiu a notícia de que cinco “Botocudos” foram levados para serem expostos no exterior uma grande onda de revolta foi manifestada em diferentes jornais do Brasil. Muitos demonstravam preocupação com questões humanitárias.

Estavam corretos os jornais em se preocuparem com as condições desumanas que os indígenas estavam sendo submetidos na Europa. O fato da imprensa ter ficado em silêncio com o evento que ocorreu no Museu Nacional deixa margem para o entendimento de que a verdadeira preocupação dos jornais era a imagem que estava sendo criada do Brasil pela exposição dos “Botocudos” no exterior. Os meios de comunicação ecoavam com força os ideários da elite financeira e intelectual do país. Para eles eram inaceitável a construção de uma imagem do Brasil associada aos povos indígenas, sobretudo aos “Botocudos”.

Por tais motivos, toda a polêmica em relação à exibição dos indígenas fora do Brasil tinha como bases ideológicas o projeto de nação desenvolvida. Tal desenvolvimento era visto como impossível de ser alcançado pelos povos indígenas, compreendidos como uma raça humana inferior biologicamente e culturalmente.

## **A Leitura Evolutiva de Mello-Netto a Respeito dos Povos Indígenas do Brasil**

Os estudos antropológicos que Mello-Netto desenvolveu sobre os povos indígenas estavam fortemente atrelados ao pensamento evolutivo darwinista. Em uma visita a Buenos Aires, em 1882, ele foi convidado pelo Sr. Friedrich Wilhelm Karl Berg<sup>45</sup> (1843 – 1902) a realizar uma palestra a respeito da teoria da evolução, para membros da *Sociedade Científica Argentina*. De acordo com Mello-Netto (1883), a teoria da evolução seria “a mais lógica, a mais natural e, por esse mesmo fato, a mais atraente de todas as que até hoje” pretenderam “explicar o maravilhoso épico da criação” (MELLO-NETTO, 1883, p. 2). O argumento apresentado misturava o pensamento evolucionista com a perspectiva criacionista. A vida teria evoluído a partir da matéria viva que foi, primordialmente, criada por uma força divina.

A compreensão de Mello-Netto (1883) a respeito da evolução por seleção natural era de que ocorre um constante aperfeiçoamento das espécies de animais e plantas. O que implicaria em compreender a evolução humana como um caminho de contínuo “melhoramento”. Quanto mais tempo se passaria, quanto “mais evoluído” fosse o ser, mais perfeito ele seria. Mello-Netto (1883) afirmava que:

O *Nosce te ipsum* (conhece-te a ti mesmo) do antigo filósofo grego, interpretado hoje pelo desenvolvimento da antropologia, demonstrará claramente a você que o organismo do homem, sua natureza tão complexa, sua linguagem tão complicada e, especialmente, seu admirável poder intelectual são nada menos que os resultados de uma melhoria progressiva, tão lenta, tão contínua que nenhuma inteligência pode medir sua duração, que o investigador mais perspicaz da natureza não pode apreciá-los nem determiná-los (MELLO-NETTO, 1883, p. 3-4).

O argumento de que a evolução por seleção natural teria como resultado o contínuo processo de melhorar as qualidades físicas e psíquicas sustentava, implicitamente, a possibilidade de construção de hierarquias raciais. A teoria do progresso diferencial das raças é influência direta do Haeckel (SÁNCHEZ-ARTÉAGA, 2016). As diferenças raciais, que eram vistas como distantes do tipo ideal, ficavam subjugadas como características das raças “inferiores”, do ponto de vista evolutivo. Por

---

<sup>45</sup> Friedrich Wilhelm Karl Berg foi um zoólogo alemão que desenvolveu trabalhos relacionados à paleontologia e à entomologia. Ele foi presidente da Sociedade Científica Argentina de 1880 a 1881 (DE ASÚA, 2010). Dentre as suas obras, destaco o artigo *Beiträge zu den Lepidoptoren Patagoniens* (*Contribuição no estúdio da fauna entomológica da Patagônia*), publicado em 1877.

muitas vezes, os discursos de Mello-Netto deram sustentação ao racismo científico (SANTOS; DOUGLAS, 2020).

A perspectiva hierárquica sobre a evolução humana estava no centro das discussões a respeito da teoria darwinista, entre os cientistas brasileiros do final do século XIX. Essa lente teórica foi amplamente usada dentro da antropologia no Brasil. A mesma não se restringia aos aspectos relativos à história evolutiva do ser humano, mas também a processos científicos e políticos, que sustentavam as hierarquias raciais. A respeito da evolução social, Mello-Netto (1883) afirmou que:

Infelizmente, os propagadores mais ilustres das leis da Evolução não levaram a sério o esclarecimento da parte mais importante dessa ciência, ou seja, a seleção intelectual da raça humana, uma seleção que deveríamos chamar mais apropriadamente: Evolução Social. É claro que a inteligência humana se desenvolveu de maneira notável, desde humanos vivendo em cavernas até humanos atualmente. Pode ter sido necessário, por uma questão de clareza no ensino do transformismo, estabelecer antecipadamente e determinar claramente uma subdivisão separada para essa seleção psíquica, que era a parte mais importante do aperfeiçoamento do Indivíduo "homem", este representante mais completo e avançado da escala zoológica (MELLO-NETTO, 1883, p. 4).

A “Evolução Social” apontada por Mello-Netto (1883) implicava, mais uma vez, em reconhecer e dar legitimidade a práticas científicas racistas. No argumento está presente a evolução intelectual com a maior grandiosidade da humanidade em seu percurso evolutivo. Mas a elevada intelectualidade era vista como algo restrito para as raças supostamente “superiores”. O estudo das capacidades intelectuais das raças humanas precisava ser realizado, para que as premissas de superioridade de algumas raças pudessem ser “validadas”. Na visão de Mello-Netto, as raças “inferiores” eram “incapazes” de alcançar ou contribuir para a “evolução social”, pois suas capacidades intelectuais eram vistas como restritas.

Na leitura de Mello-Netto (1883), as raças humanas mais inferiores estavam mais próximas dos gorilas e dos chimpanzés do que da raça indo-germânica. No aprofundamento dos seus estudos a respeito da evolução humana, Mello-Netto (1883) afirmou que:

(...) depois de estudar meticulosamente os organismos em seu desenvolvimento gradual, depois de apreciar as faculdades superiores adquiridas pela raça indo-germânica - expressão suprema da perfeição humana -, você deve reconhecer que somos obrigados a encontrar uma diferença maior entre os tipos mais bonitos e esclarecidos desta raça e os

representantes humanos mais imperfeitos e íntimos do que entre os últimos e os gorilas ou os chimpanzés (MELLO-NETTO, 1883, p. 4).

Aqui, sob influência de Haeckel, Mello-Netto (1883) partiu do entendimento de que a manifestação do tipo humano superior era a raça indo-germânica. Todas as outras raças humanas eram inferiores a esta. A comparação que Mello-Netto estabeleceu entre as diferentes raças humanas com os gorilas e chimpanzés é uma apropriação clara do discurso darwinista, na sua versão haeckeliana. Na obra *A Descendência do Homem e Seleção em Relação ao Sexo* (1871), Darwin fez o mesmo tipo de comparação, afirmando que algumas raças humanas estavam mais próximas dos gorilas do que do “homem branco” (DARWIN, 1871, p. 201).

Por algumas raças serem consideradas “inferiores” às outras, Ladislau Mello-Netto via a mistura das raças branca, indígena e negra com muita preocupação, pois, nos mestiços, as características atávicas se manifestavam de modo contundente. O atavismo presente nos mestiços era visto como doenças, possuindo “sintomas” que poderiam ser diagnosticados. O aparecimento dos “sintomas atávicos” acontecia de modo cristalino na puberdade, mesmo que o mestiço, em “muitas vezes já de cor perfeitamente branca, e tendo o sangue africano em adiantadíssima diminuição nas veias.” (MELLO-NETTO, 1882, p. 4). Em tais mestiços, qualquer característica que fosse vista como um desvio da raça “superior” era logo atribuída como uma expressão do atavismo, explicado pela presença de sangue “inferior” que estava presente no indivíduo.

Em relação aos mestiços com sangue indígena, Ladislau Mello-Netto afirmava que “o atavismo nas pessoas de origem indígena” era “de caráter muito mais fixo, e, portanto menos sujeito a [...] influência da puberdade, denunciando-se, por assim dizer, desde o berço” (MELLO-NETTO, 1882, p. 5). Para ele, em tais mestiços, observava-se uma “(...) perfectibilidade de caráter moral e um desenvolvimento intelectual, que vem garantindo desde a mais tenra infância do jovem indivíduo o homem laborioso e honesto, que háde dali sair para arrimo da família, para benefício da pátria e para o bem geral da humanidade” (MELLO-NETTO, 1882, p. 5).

Como evidência das suas afirmações a respeito dos mestiços com sangue indígena, Mello-Netto (1882) recorre às características do Sr. Motta Teixeira, funcionário do Museu Nacional, “que tinha pelo lado paterno, radicado nas mais distintas famílias de Minas Gerais, porém descendente por sua avó materna do famoso

chefe aborígine denominado *Tebiriçá*, cujo nome acha-se enlaçado às primeiras lutas da invasão portuguesa no Brasil” (MELLO-NETTO, 1882, p. 5). Em sua análise sobre os “sintomas atávicos” do Sr. Teixeira, Mello-Netto (1882) afirmava que:

(...) além da conformação do crânio muito mais indígena que europeu, o colorido vigoroso e característico da pele, a inclinação dos olhos, a saliência dos inales, e mais que tudo o mais notável dos caracteres do atavismo indígena: o cabelo negro, liso e rebelde a qualquer encurvação. (MELLO-NETTO, 1882, p. 5).

Nessa análise, Mello-Netto (1882) afirmou que, do ponto de vista intelectual, os “mestiços oriundos da raça branca com a preta” mostravam-se “ordinariamente mais inteligentes que os mestiços resultantes da junção do sangue branco ao sangue americano” (MELLO-NETTO, 1882, p. 5). A inteligência e superioridade da raça branca em nenhum momento foram questionadas por Mello-Netto (1882). Por outro lado, os povos indígenas foram vistos, por ele, como raças inferiores, do ponto de vista intelectual, quando se comparava com a raça negra e com a raça branca.

Em suas pesquisas sobre os povos indígenas, Mello-Netto via o uso do *tembetá*<sup>46</sup> de modo repulsivo. Ele partia de um olhar romantizado sobre o beijo do “homem branco” e de uma perspectiva de seleção sexual (SÁNCHEZ-ARTEAGA; EL-HANI, 2010). Em seu texto, *Ponderações physiologicas sobre o uso do tembetá*, publicado em 1882 na *Revista da Exposição Antropológica*, Mello-Netto (1882) observava que:

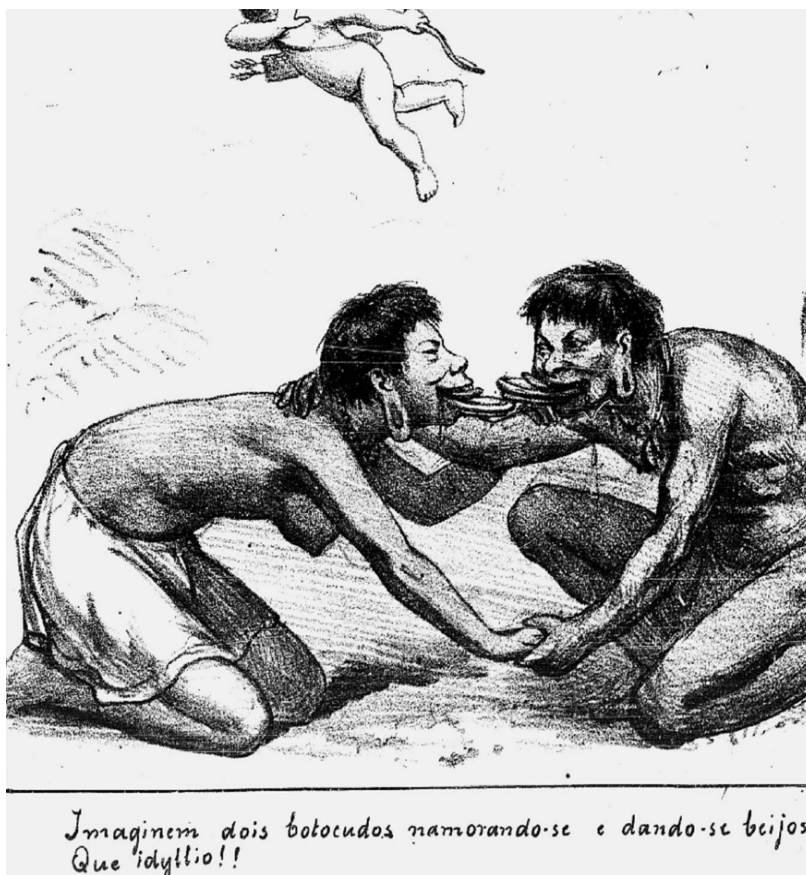
(...) para indivíduos estacionados em tão baixo nível sensual, não pôde servir, como transmissor dos sentidos à imaginação, esse contacto subtil, e por assim dizer imaterial, de duas bocas que reciprocamente se buscam e se atraem, que se vinculam n'um só pensamento, que se unificam na fusão de duas almas n'um só desejo, e se consubstanciam por fim n'um mesmo beijo. Daí a necessidade dos lábios livres, e puros de todo e qualquer corpo estranho, para essa especialíssima função, que, a meu ver, é já um apanágio de aperfeiçoamento moral (MELLO-NETTO, 1882, p. 60).

Os argumentos apresentados por Mello-Netto (1882) buscavam dar sustentação à perspectiva racista em relação às ornamentações dos povos indígenas que usavam o *tembetá*. O seu olhar estava atrelado ao entendimento de que as questões culturais estavam rigidamente determinadas pelas características biológicas de cada raça. O que não permitia pensar a diversidade cultural e suas diversas manifestações como

<sup>46</sup> O *tembetá* é um adorno labial usado por vários grupos indígenas do Brasil. A expressão “*tembetá*” é composta “*embé*” (lábio inferior, o beijo de baixo), que recebe os índices de relação *t*, *r*, *h*, *gu*, mais “*itá*” (pedra). Por tal relação, resulta a seguinte determinação: ( *t* ) *embé* + *itá* == *tembetá*, isto é pedra, do beijo (PRADO, 1942, p. 140)

elementos inerentes à existência humana, que deveriam ser relativizadas no tempo e no espaço. Algumas manifestações culturais eram inferiorizadas e relacionadas, diretamente, à suposta “inferioridade” biológica e evolutiva de algumas raças.

Além da visão dos cientistas, a relação do beijo com o uso *tembetá* foi motivo de ridicularização pela imprensa local. O beijo dos “Botocudos”, representado na Figura 3, foi uma sátira de Angelo Agostini<sup>47</sup> (1843 – 1910) a respeito dos indígenas que foram expostos no Museu Nacional. Na imagem, é possível observar um casal de índios “Botocudos” tentando se beijar, sob a figura de um Cupido que cobre o rosto, se mostrando envergonhado pela cena. A imagem é acompanhada do seguinte comentário: “Imaginem dois botocudos namorando-se e dando-se beijos! Que idyllio!!” (REVISTA ILLUSTRADA, 1882, Ed. 00310, p. 4).



**Figura 3:** O beijo dos “Botocudos”. *Revista Illustrada*, 1882. Ed. 00310, p. 4

<sup>47</sup> Angelo Agostini (1843-1910) foi um desenhista italo-brasileiro. Ele é considerado como um importante chargista do século XIX. Era defensor dos princípios republicanos e sempre procurava fazer charges com críticas a Dom Pedro II. Ele lançou em São Paulo no ano de 1864 a revista satírica *Diabo Coxo*. Em 1876 fundou a *Revista Illustrada* (RJ) (LIEBEL, 2015).

A ilustração e os comentários de Agostini estavam alinhados ao entendimento de que os “Botocudos” eram uma raça “inferior”, verdadeiros seres animais. Tais ilustrações chamaram a atenção da sociedade para o que se passava no Museu Nacional, durante a exposição, o que levou muitas pessoas a visitarem a exposição, pela curiosidade de poder olhar para o outro em situação de espetacularização das diferenças raciais.

### **O Congresso de Americanistas de 1888**

O sucesso de Ladislau Mello-Netto, com a exposição, o levou ao reconhecimento do mundo científico, pelos esforços e pelas pesquisas que vinha desenvolvendo a respeito dos povos indígenas do Brasil. Ele participou do Congresso de Americanistas, que aconteceu em Berlim no ano de 1888, e apresentou as suas pesquisas sobre a origem do homem americano. Sua ida para a Alemanha foi fartamente anunciada na imprensa do Rio de Janeiro como o primeiro pesquisador sul-americano a fazer parte de uma edição do referido congresso. Na *Gazeta de Notícias* (RJ), se falava que o congresso já tinha acontecido em várias capitais do mundo “civilizado” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1888, Ed. 194). A presença de Mello-Netto foi vista como o reconhecimento das pesquisas que ele vinha realizando sobre a antropologia e, sobretudo, indicaria que o Brasil estava no caminho de se tornar uma nação “civilizada”, que significava tornar o país com uma composição racial majoritária de “brancos”.

A sua partida foi noticiada pelo *Jornal do Comércio* de 14 de Setembro de 1888, com uma descrição dos materiais arqueológicos, que foram levados por ele para Berlim. Eram 133 objetos, sendo 10 urnas funerárias, 30 vasos pequenos, 10 tangas de argila e 42 machados de pedra (JORNAL DO COMÉRCIO, 1888). No congresso, Mello-Netto se apresentou como diretor do Museu Nacional que fora ordenado pelo imperador Dom Pedro II para participar do evento (MELLO-NETTO, 1888, p. 53). Ele fez uma apresentação oral sobre *Nefrita e a jadeíte que os nativos americanos sempre fizeram seus amuletos e ornamentos pessoais*. Ele também apresentou o texto *Nas antiguidades de cerâmica da ilha de Marajó*. Para Mello-Netto, o estudo das antiguidades cerâmicas da Ilha do Marajó poderia indicar o grau evolutivo dos povos primitivos que deixaram



esses artefatos arqueológicos. Em sua visão, o elaborado trabalho artístico feitos nas urnas funerárias indicava que os povos “primitivos” da Ilha do Marajó eram de “admirável grau de adiantamento intelectual” (FIGURA 4) (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1889. Ed. 064).



**Figura 4:** Urna cerâmica da Ilha do Marajó apresentada por Netto no Congresso Internacional dos Americanistas em 1888. Fonte: MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Sur les Antiquités céramiques de l'île de Marajó. **Congrès International des Américanistes**. Comptes-Rendus de la Septième Session. Berlin, 1888.

A apresentação de Mello-Netto sobre os silicatos verdes estava relacionada ao seu juízo de que a distribuição geográfica da nefrite e jadeíte trariam importantes contribuições para o entendimento da dispersão do ser humano pelo mundo. Em texto publicado em 1885 no *Jornal do Comércio*, Mello-Netto procurou demonstrar que o estudo das nefrites poderia ajudar a elucidar a origem e a evolução do ser humano, no continente americano. Seria importante saber se o mineral ocorria apenas no Vale do Amazonas ou em outras partes da América do Sul (MELLO-NETTO, 1885). Em sua

apresentação no congresso, ele afirmou que a origem dos silicatos não estava “relacionada de maneira alguma ao solo asiático, como pensaram alguns autores antigos e modernos” (MELLO-NETTO, 1888, p. 206). Sua argumentação a respeito da origem dos artefatos de jadeíte, no solo americano, foi contestada pela apresentação de Virchow, que versava *Sur la provenance de la néphrite et de la jadöite (Sobre a origem da nefrite e jadeíte)*. Virchow (1888) afirmou que “a análise química deu às jadeítes de várias localidades e para todas as variedades a mesma constituição do mineral principal. O que indicaria que naquele momento era “inútil tentar resolver a questão da origem de uma determinada peça” feita desses silicatos (VIRCHOW, 1888, p. 216).

Além de Virchow, o destacado antropólogo Bastian agradeceu a Mello-Netto por ter levado objetos arqueológicos da Ilha do Marajó para serem doados ao Museu de Berlim. O Sr. Vincenzo Grossi solicitou que Mello-Netto respondesse “gentilmente” se existiam ossos incinerados nas urnas coletadas na Ilha do Marajó. Mello-Netto respondeu que, apesar da maioria dos ossos encontrarem-se destruídos, ele observou que não havia vestígio de qualquer incineração. Grossi procurava indícios de que os povos primitivos da Ilha do Marajó praticavam algum tipo de canibalismo.

A participação no Congresso de Americanistas possibilitou a Mello-Netto visitar, em Paris, as coleções do Jardim das Plantas e de Trocadéro. Ele foi acolhido por Quatrefages e Ernest Hamy<sup>48</sup>. De acordo com o *Jornal do Comércio* de 17 de fevereiro de 1889, nas coleções estudadas por Mello-Netto estavam milhares de crânios, ossadas e materiais arqueológicos primorosos para a antropologia naquele período. A visita de Mello-Netto seria importante para que ele pudesse fazer observações que o ajudassem nos estudos em antropologia dos povos indígenas do Brasil.

Uma parte dos materiais levados por Ladislau Mello-Netto para o *Congresso de Americanistas* que aconteceu em 1888 em Berlim foram levados para a Exposição Internacional de Paris em 1889. Na exposição francesa de 1889 Mello-Netto foi convidado a participar da Exposição Retrospectiva da Habitação Humana para organizar um museu no interior da última das quarenta e quatro casas construídas para o evento - a Casa Inca (DANTAS, 2012).

---

<sup>48</sup> Ernest Hamy (1848-1908) foi um antropólogo e etnólogo francês. A convite de Paul Broca, foi assistente da *Société d'anthropologie de Paris* (MATTHEW, 2015).

## O Olhar de Sílvio Romero

Apesar do grande reconhecimento da monarquia, e de diversos cientistas do Brasil e do exterior, os trabalhos antropológicos desenvolvidos por Mello-Netto, no Museu Nacional, sofreram contundentes críticas de Sílvio Romero. De acordo com Romero, os trabalhos de Ladislau Mello-Netto eram extremamente frágeis do ponto de vista metodológico e teórico. Para Romero (1888), o 6º volume dos *Archivos do Museu Nacional* foi saudado com grande festividade pela imprensa, pois ele consagrava:

(...) assuntos de casa; é um como prolongamento da não esquecida *Exposição Antropológica*, é um vasto ensaio de ciência indígena, e, por isso, os elogios que o receberam foram e são em grande parte bem merecidos. Em grande parte e não em totalidade, digo eu, porque se as páginas ali deixadas por Carlos Hartt, são realmente interessantes em uns pontos e admiráveis em outros, a mesma coisa não se poderá dizer, por exemplo, das *Investigações sobre a archeologia brasileira*, lá estampadas pelo "Sr. Ladisláu-Netto. (ROMERO, 1888, p. 119).

Na argumentação de Romero (1888), os trabalhos de Hartt tinham elevada qualidade e relevância científica. Por outro lado, ele desqualificava as pesquisas de Mello-Netto por apresentarem um “empirismo desesperador” e à impossibilidade de produzirem “generalizações fecundas” (ROMERO, 1888, p. 125). A crítica de Romero ao trabalho de Mello-Netto foi concluída afirmando que:

A leitura dos trabalhos do Sr. Ladislau Netto deixa a quem a faz a impressão de um espírito rombo, pesadão, mal preparado, sem ciência técnica e sem filosofia, sofredor de um *egotismo* incurável, e tanto que habita uma torre de pretensões tão ousadas, que algumas delas teriam visos de encantamento, se não foram apenas espertezas de um realista, que conhece bem a sua gente e o país onde vive. (ROMERO, 1888, p. 158-159).

Romero continua sua crítica:

[..] Dr. Lasdilau Netto (...) não conhece quatro palavras dos dialetos brasílicos! [...] Em vez de limitar-se a descrever o material arqueológico sujeito a sua análise, fornecendo assim aos sábios europeus subsídios para comparações futuras, Ladislau, acoroçado por não sei que maligno demônio, entrou a hipnotizarmos em chinês e egípcio, como já d'antes nos embasbacara em fenício e hebraico. É um mágico [...] Ele, que é incapaz de escrever vinte linhas certas em francês, ele, que mastiga mal a própria língua, arrotando agora quatro idiomas orientais difícilimos, pertencentes a três grupos etnográficos diversos. Onde e quando os estudou e quem foram os seus mestres? [...] Da afirmação da ignorância absoluta do diretor do Museu Nacional - O Sr. Ladislau de Sousa Mello e Neto - em qualquer dos ramos das línguas orientais, tomo eu a responsabilidade histórica *ex auctoritate que fungor*. E para tanto, basta conversar com ele dez minutos [...] (ROMERO, 1888, p. 130 - 152).

As críticas de Romero foram fortes e ridicularizaram todas as pesquisas desenvolvidas por Mello-Netto (SANCHEZ-ARTÉAGA, 2016). As contribuições de Mello-Netto para o desenvolvimento da antropologia no Brasil são inegáveis. Mas isso não afasta as críticas aos trabalhos científicos desenvolvidos por ele, mesmo quando tais críticas questionavam a cientificidade empregada em suas pesquisas.

Para compreender, de modo mais aprofundado, como os antropólogos brasileiros estudaram os povos indígenas do Brasil, do final do século XIX ao início do século XX, é importante analisar o que foi produzido por João Baptista de Lacerda, que foi contemporâneo de Mello-Netto e o segundo a sucedê-lo na direção do Museu Nacional.

## Considerações

Mello-Netto foi uma figura central para o desenvolvimento da antropologia no Brasil. Ele via como urgente e necessário que o país começasse a estudar os povos indígenas. Tais estudos buscavam compreender a origem e a diversificação desses povos. Mello-Netto tinha preocupação em aumentar o acervo de materiais arqueológicos e as ossadas de diferentes nações. O contato com pesquisadores de outras partes do mundo foi uma estratégia importante de Mello-Netto para aumentar o acervo do Museu e mostrar ao mundo as pesquisas que eram desenvolvidas na instituição.

A postura de Ladislau Mello-Netto para conseguir os crânios para a constituição do acervo antropológico do Museu Nacional desrespeitou a história e as vidas das populações indígenas. De modo ameaçador, ele forçou os indígenas a revelarem os cemitérios das aldeias e a permitirem a retirada das ossadas para serem levadas para o Rio de Janeiro. A Exposição Antropológica de 1882 organizada por Mello-Netto foi um marco na história do Brasil. A sua grandiosidade chamou a atenção da sociedade brasileira. A riqueza de artefatos, de crânios e a presença de indígenas foram pontos marcantes do evento. Tanto a coleta de materiais antropológicos, quanto a exposição de “Botocudos” demonstraram que Mello-Netto estava num contexto em que o racismo institucionalizado nas pesquisas antropológicas consideravam “normais” tais procedimentos por parte de alguns acadêmicos, mesmo que já existindo claras críticas a esses procedimentos dentro da mesma ciência.

A exposição dos indígenas dentro do Museu Nacional chamou a atenção da sociedade daquele contexto. Curiosidade, estranhamento e admiração eram os sentimentos expressos pela imprensa. A grandiosidade do evento foi motivo de muito orgulho, e o fato de expor pessoas foi questionado minimamente pela imprensa. Por outro lado, quando os jornais souberam que alguns índios tinham sido levados para a Europa para serem expostos um grande movimento “humanitário” de repulsa foi observado nas reportagens.

A postura contraditória da imprensa revelou que a maior preocupação era o estereótipo que estava sendo criado no exterior sobre a composição racial da população brasileira. Era, para a elite local, indesejado que as raças supostamente “inferiores” fizessem parte da população local. A revelação ao mundo de que o Brasil tinha

indígenas em sua composição causou imensa revolta. Tal incômodo foi sutilmente disfarçado como sentimentos de preocupação humanitária com a situação na qual os “Botocudos” tinham sido submetidos por Cremildes Barata.

## Capítulo 3

## **As contribuições de João Baptista Lacerda (1846 – 1915) para o estudo antropológico dos povos indígenas do Brasil**

Ainda sob a direção de Mello-Netto, em 1876, o médico João Baptista de Lacerda tornou-se subdiretor Seção de Antropologia, Zoologia e Etnografia do Museu Nacional, a convite do Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Thomas José Coelho de Almeida (GOMES, 2013, p. 23). Lacerda nasceu em Campos dos Goytacazes no dia 12 de julho de 1846. Ele se formou em medicina no Rio de Janeiro. No Museu Nacional, o primeiro curso de antropologia, no Brasil, foi ministrado por Lacerda, em 1877, com duração de dois anos. O curso buscava a formação de novos profissionais a se debruçarem sobre a antropologia, de modo a desenvolver essa área da ciência no país. No curso, Lacerda abordou, em uma parte, a anatomia e fisiologia humana; problemas sociais relacionados à nutrição e suas consequências fisiológicas. Na outra parte do curso ele fez uma abordagem do estudo antropológico das raças, na qual discutiu o monogenismo, o poligenismo, a mestiçagem e a herança (RESUMO DO CURSO DE ANTHROPOLOGIA, 1877; SCHWARCZ, 1993; FERREIRA, 2007).

A leitura antropológica de Lacerda, em seus primeiros anos da carreira, estava alinhada aos fundamentos teóricos propostos por Paul Broca, na *Sociedade de Antropologia de Paris*, um notório poligenista. O principal aspecto considerado por Broca para o desenvolvimento das pesquisas em antropologia física era o crânio. Lacerda e Peixoto (1876) apontavam que os trabalhos de Blumenbach, relacionados à craniologia e as bases propostas por Buffon para a história natural do homem, foram a base para que Retzius<sup>49</sup>, Morton e Wagner fundamentassem os domínios da antropologia. Tais trabalhos serviram de base para os estudos de Broca, Quatrefages e

---

<sup>49</sup> Anders Adolph Retzius (1796 – 1860) foi um renomado anatomista e antropologista sueco. Ele é lembrando pelos seus estudos pioneiros sobre a craniometria.

Topinard<sup>50</sup>, os quais deram uma nova face para a antropologia, a partir da craniometria. (LACERDA; PEIXOTO, 1876, p. 47).

No processo de consolidação da antropologia, a craniometria teve papel de destaque como possível caminho empírico para se chegar às respostas para as perguntas que inquietavam os antropólogos naquela época (SÁ; RODRIGUES-CARVALHO; SILVA, 2008). Compreender a origem do homem americano e a sua relação evolutiva com outros povos era algo central. Para isso, as pesquisas em craniometria seguiam o maior rigor científico para a época. Os crânios eram medidos inúmeras vezes, para evitar possíveis erros e distorções em suas análises. A terminologia utilizada por Lacerda e Peixoto (1876), para a sua análise dos crânios, foi a proposta por Broca e Quatrefages.

É importante compreender que tais estudos estavam embasados na leitura evolutiva sobre a origem das espécies e, desse modo, a craniometria foi considerada como uma importante ferramenta metodológica, aplicada para a comparação das raças humanas, sendo os traços craniométricos considerados como valiosa expressão do histórico evolutivo da espécie humana. Assim, as comparações e hierarquizações das raças poderiam ser feitas, sendo elas consideradas as melhores aproximações do histórico evolutivo da espécie humana (SCHWARCZ, 1993; SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016).

A classificação em caucasiano, mongol, americano, malaio e etíope, proposta por Blumenbach (1795), estava baseada na anatomia. O renomado antropólogo e anatomista sueco, pioneiro na craniometria, Retzius propôs uma nova forma de classificação por meio do índice cefálico, o qual era calculado pela relação entre a largura e o comprimento do crânio (LARSELL, 1924; TRIARHOU, 2012). Para Retzius, através do índice cefálico, era possível caracterizar os crânios como braquicéfalos (cabeças curtas, índice cefálico alto) e dolicocefalos (cabeças longas, índice cefálico baixo). A classificação dicotômica de Retzius foi aprimorada por Broca;

---

<sup>50</sup> Paul Topinard (1830 – 1911) foi um antropólogo francês. Teve Paul Broca como professor. Ele fez muitas publicações relativas à antropologia, dentre elas está: TOPINARD, PAUL. **Éléments d'anthropologie générale**, publicada em 1885. Paris: A. Delahaye etÉ. Lecrosnier. 1885.



que definiu os mesaticéfalos, cujos valores variavam entre 77 e 80 (FERNANDES, 1925).

Lacerda e Peixoto (1876) fizeram um estudo sobre nove crânios que eram provenientes da Ilha do Governador, de Lagoa Santa e do Vale do Rio Mucuri em Minas Gerais, do Ceará e de Macaé no Rio de Janeiro. Os autores descrevem, cuidadosamente, cada caractere dos crânios para poder compará-los. O reduzido número de crânios de “Botocudos” se devia à grande dificuldade em conseguir as ossadas junto aos povos de origem. Lacerda e Peixoto (1876) apontavam que era “preciso, pois, lutar contra as ideias supersticiosas de índios de um lado e com os escrúpulos muitas vezes exagerados dos missionários de outro (...) para se obter um crânio ou esqueleto da raça indígena” (LACERDA; PEIXOTO, 1876, p. 53). Por tais argumentos, Lacerda e Peixoto estavam dispostos a não respeitar as relações estabelecidas pelos indígenas para com os restos mortais de seus povos. Na visão desses pesquisadores, os povos indígenas não passavam de objetos de interesse para o estudo científico.

No estudo dos nove crânios, Lacerda e Peixoto (1876, p. 47) sinalizavam para o predomínio de índices cefálicos baixos. Por tais resultados, eles chegaram à seguinte conclusão:

O predomínio da dolicocefalia nesta série vem trazer mais um argumento valioso para provar que o tipo das raças americanas em geral é dolicocefalo; por outro lado a existência na série de alguns subdolicocefalos e de um mesaticéfalo parece indicar que o tipo primitivo da raça dos Botocudos tende a modificar-se pelo cruzamento com outra raça de tipo diferente, e essa presunção é tanto mais bem fundada, quanto vemos aparecer na mesma série crânios 'mesorrinios' (*índice nasal médio*) e 'leptorrinios' (*índice nasal pequeno*), o que inculca mistura de raças. (LACERDA; PEIXOTO, 1876, p. 71)

O índice nasal correspondia a caracterização dos diferentes tipos de nariz, sendo o nariz leptorrino atribuído a raça “branca” européia, os platirrinos eram atribuídos à raça negra. Os mesossinos, por sua vez eram intermediários e relacionados ao cruzamento das diferentes raças. O espectro de índices cefálicos, na limitada amostra analisada por Lacerda e Peixoto (1876), era compreendido como o resultado do cruzamento entre raças mais adiantadas com raças “inferiores”. Os índios “Botocudos” eram tidos enquanto a revelação evolutiva do maior grau de inferioridade entre as raças humanas já estudadas. Os “Botocudos” eram os indígenas que mais causavam curiosidade nos naturalistas que visitaram as terras brasileiras. Compreender as relações

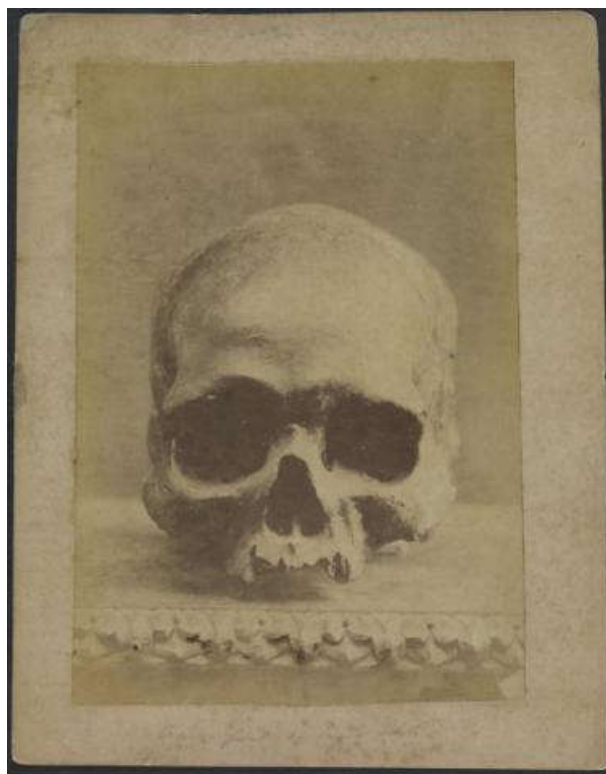
evolutivas dos povos indígenas presentes nesse país foi o objetivo de alguns antropólogos. Alguns deles viam os “Botocudos” como os indígenas mais selvagens, menos evoluídos e que estariam fadados à completa extinção (MONTEIRO, 2001).

Os estudos antropométricos sobre os povos indígenas não se restringia aos aspectos craniométricos. A análise dos dentes também fez parte das laboriosas pesquisas que visavam analisar as relações evolutivas entre diferentes raças (FIGURA 5). Na obra *Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil: nota sobre a conformação dos dentes* (1876), Lacerda afirmava que os dentes “formam, por assim dizer, apêndices do esqueleto, e como tais devem acompanhar de alguma sorte as variedades étnicas hoje reconhecidas e demonstradas em relação ao arcabouço ósseo” (LACERDA, 1876, pág. 79).



**Figura 5:** Ilustração dos dentes e arcada dentárias dos Botocudos analisados por Lacerda e Peixoto (1878).  
 Fonte: LACERDA, JOÃO BAPTISTA; PEIXOTO, JOSÉ RODRIGUES. *Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil*. *Archivos do Museu Nacional*, v. 1, p. 47-75. 1876.

O estudo dos dentes se baseava na ideia de que eles formam caracteres morfológicos constantes e característicos da raça, o que possibilitaria compreender melhor a evolução biológica da espécie humana. As diferenças morfológicas encontradas nos dentes estudados foram vistas a partir da leitura evolucionista darwinista. A comparação com distintos grupos humanos era o ponto central do estudo. Para Lacerda, era surpreendente “o grau de semelhança que se descobre entre os dentes da nossa raça pré-histórica, representada pelos crânios fósseis da Lagoa Santa (FIGURA 6), e os dentes da Bolívia” (LACERDA, 1876, p. 81).



**Figura 6:** Crânio fóssil encontrado em Lagoa Santa, Minas Gerais. Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

A perspectiva evolucionista de Lacerda (1876) estava fundamentada numa perspectiva hierárquica entre as diferentes raças humanas. Em sua visão, o estudo dos

dentes mostraria as diferenças que tornavam algumas raças “inferiores”. Em seu estudo sobre os crânios, Lacerda (1876) indicava que:

“Estes crânios ao par de conformidade com o tipo da raça americana em geral, que já notei, exibiram um caractere em que diferem de todas as raças humanas existentes; a saber na conformação de dentes incisivos. Estes em vez de terminar por um corte transversal, como é próprio para esta classe de dentes, apresentam uma superfície plana triturante análoga à dos dentes molares. (LACERDA, 1876, p. 81).

Lacerda apontava que as diferenças morfológicas encontradas nos dentes das raças indígenas da América eram caracteres que sustentavam a “inferioridade étnica” (LACERDA, 1876, p. 82). A argumentação de Lacerda estava enviesada por uma perspectiva de que era possível estabelecer o grau evolutivo de cada raça humana. Todas as diferenças que pudessem ser medidas e comparadas passavam a “provar” a existência de raças humanas em graus de elevada “inferioridade” biológica e cultural.

O pensamento exposto por Lacerda (1876) estava presente em outros antropólogos que eram seus contemporâneos. Ao observar as raças indígenas que estavam no Brasil, por volta de 1880, Burton apontava que os “Botocudos” eram os mais poderosos por resistirem às guerras exterminadoras dos portugueses. Quando comparados aos outros povos indígenas daquele contexto, os Botocudos poderiam ser considerados, entretanto, os mais inferiores no intelecto (BURTON, 1873, p 409).

Na Exposição Antropológica de 1882, Lacerda fez alguns testes fisiológicos com dinamômetro para averiguar a força muscular da mão dos indígenas (SÁ, *et. al.*, 2008). De acordo com Lacerda (1905):

Como trabalhador braçal, o índio é inquestionavelmente inferior ao negro; aquele tem maior agilidade do que este, mas a sua resistência corpórea e a sua força muscular são sensivelmente menores. Medimos com o dinamômetro a força muscular de indivíduos adultos, pertencentes às tribos dos Bororós, dos Botocudos e dos Cherentes, e o instrumento denunciou uma força abaixo da que se observa geralmente em indivíduos brancos ou negros. (LACERDA, 1905, p. 101)

Os resultados dos experimentos de Lacerda, na exposição, foram vistos pela imprensa local como importantes e de grande valor social. A partir das explicações de Lacerda, durante a Exposição Antropológica, Francisco Pessanha afirmou que os dados indicavam que o músculo do índio fadigava-se “mais depressa do que o músculo da raça branca civilizada”, o que estaria “de acordo com o fato reconhecido da inaptidão dos nossos selvagens para os trabalhos penosos e prolongados”. Do ponto de vista

econômico, “o índio não poderia substituir o negro como instrumento de trabalho; a sua produção seria descontínua, necessitando de maiores intervalos de repouso”. Na visão de Pessanha, a falta do conhecimento antropológico levou os primeiros colonizadores a fazerem desaparecer muitos indígenas, por sujeitarem os “selvagens” a trabalhos superiores às suas forças (PESSANHA, 1882). Os argumentos apresentados por Pessanha (1882) apontavam para relevância dos estudos antropológicos para se determinar as supostas qualidades e inferioridades das raças humanas para o desenvolvimento econômico do país.

A procura por dados empíricos que sustentassem as hipóteses da existência de raças “superiores” e “inferiores” foi investigada por meio de ferramentas que buscavam medir as diferenças. Desde o espectro da visão até a audição eram estudadas para comprovar a inferioridade dos índios. Ainda de acordo com Lacerda (1905), nos indígenas,

(...) seu sentido mais fino e apurado é o da audição. Entretanto, os sons combinados, quer de pequenas variações, quer de simples frases melódicas, dificilmente se retêm no ouvido indígena. Eles só conseguem repetir frases musicais curtas, de pequena modulação, em que ha repetição frequente das mesmas notas. Seus cantos são monótonos, graves, sem inflexão (LACERDA, 1905, p. 101)

A análise dos resultados da investigação de Lacerda (1905) permite observar o seu posicionamento pessimista e racista a respeito dos povos indígenas, colocando-os como seres animalescos e “inferiores”. Carregado do mesmo pensamento pré-concebido da suposta inferioridade intelectual dos “Botocudos”, José Rodrigues Peixoto<sup>51</sup> (1885), fez um estudo aprofundado de 12 crânios, sob a luz da antropometria. Muitas medidas foram feitas, em cada crânio, para conseguir o maior número de informações possíveis, para, daí, fazer comparações, as quais supostamente confirmavam a inferioridade dos “Botocudos”. O trabalho buscou “reconstruir e caracterizar o tipo craniológico de uma das raças que ainda ocupa no tempo presente o primeiro degrau da escala humana” (PEIXOTO, 1885, p. 246).

---

<sup>51</sup> José Rodrigues Peixoto que foi um importante cientista brasileiro a estudar os indígenas desse país na perspectiva da antropologia física. Dentre os trabalhos envolvendo essa temática, ele publicou: PEIXOTO, R. Novos estudos craniológicos sobre os botocudos. In: **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**: Vol. 6. Rio de Janeiro: Museu Nacional do Rio de Janeiro, p. 205-256, 1885.

O intelectual Sílvio Romero fez muitos questionamentos ao estudo craniométrico. Em contraposição à centralidade dada à craniometria, nos estudos antropológicos, Romero (1888) afirmou que a craniometria surgiu como a perspectiva de dar os fundamentos empíricos definitivos para as classificações das diversas variedades humanas, mas, para ele, ela se mostrava insuficiente. Crítico a essa corrente antropológica, Romero afirmou, em tom irônico, que:

Mas, oh dor! os braquicéfalos e doliocéfalos, a princípio enganadores, entraram a surgir de toda a parte e a ser encontrados, entre as populações mais radicalmente dessemelhantes. É uma mistura verdadeiramente infernal. Ao lado, pois, das classificações pelos caracteres do crânio apareceram as classificações firmadas nos caracteres do cabelo, dos olhos, etc. Parece dever-se de tudo isto concluir que a antropologia meramente anatômica é insuficiente para fornecer hoje base positiva para a distinção das raças humanas. Dos seus assertos e dos seus achados, esta ciência do homem, por assim dizer retardatária e póstuma, procurando reconstruir fenômenos sociais passados há muitos e muitos milênios, não pôde tirar conclusões válidas para elucidar a vida histórica e moral da humanidade (ROMERO, 1888, p. 123).

O olhar crítico de Romero sobre as limitações da antropologia física estava na contramão das pesquisas desenvolvidas no Museu Nacional. Os pesquisadores brasileiros daquele contexto, como Ladislau Mello-Netto, João Baptista Lacerda e Rodrigues Peixoto nada discutiam sobre as fragilidades que os dados craniométricos apresentavam para o estudo das diferentes raças humanas. Romero, mesmo não sendo um antropólogo, tinha grande senso crítico sobre os critérios de desenvolvimento científico, sobretudo quando se tratava do estudo da composição racial do povo brasileiro.

Suas críticas também eram dirigidas aos trabalhos de Lacerda e Peixoto, de modo a tentar demonstrar que tais estudos não alcançariam resultados que possibilitassem dar as respostas concretas para as perguntas que eram levantadas pela antropologia daquele período. Em tom irônico, Romero (1888) afirmou que:

Enchamo-nos do mais auspicioso otimismo e suponhamos aos Srs. Peixoto e Lacerda a deliciosa ventura de haver medido os crânios de todas as raças atuais, pré-colombianas e pré-históricas do Brasil; qual a conclusão a que chegarão? Não será outra senão, que tivemos e temos por aqui *indivíduos de vários tipos craniométricos...*e depois?...Isto mesmo é o que se dá por toda a parte; nada de particular se poderá concluir (ROMERO, 1888, p. 123 – 124)

A compreensão de Peixoto (1885), de que os “Botocudos” formavam um grupo humano pouco evoluído, partia de leituras que o autor fez durante suas pesquisas. Seu pensamento a respeito da inferioridade racial dos “Botocudos” era algo amplamente

discutido e amplamente aceito dentro da “racionalidade teórico-acadêmica” brasileira daquele contexto. O fato evidencia que o preconceito racial foi algo fortemente enraizado na cultura científica brasileira. Dentre elas, os estudos de Paul Broca se apresentavam como as bases fundamentais de suas investigações. Ele afirmava que as medidas de dois ângulos do crânio tinham como objetivo a comparação entre seres humanos e animais. De acordo com Peixoto (1885), o naturalista francês Louis-Jean-Marie Daubenton<sup>52</sup> (1713 – 1800) estabeleceu:

“(…) no fim do século findo, o seu ângulo occipital, d'onde Broca tirou depois os seus dois ângulos correlativos, tinha por fim comparar o homem com os animais, e sob este particular ficaram os Botocudos muito mal partilhados, pois os seus ângulos occipitais ultrapassam os limites traçados por Broca para a série humana e aproxima-os dos antropóides” (PEIXOTO, 1885, p. 249).

A argumentação de Peixoto (1885) procurava mostrar a proximidade evolutiva dos “Botocudos” aos grandes macacos. Os índios “Tupis” eram vistos como mais evoluídos, quando comparados com os “Botocudos”. A pequena quantidade de crânios de índios “Tupis” presentes na coleção do Museu Nacional não permitia a formulação de “conclusões rigorosas sobre este grupo étnico. Entretanto, o exame sumário (desses crânios) (...) faz crer que o crânio tupi era mais curto e mais baixo e menos grosseiro do que o do Botocudo”, o que reforçou preconceitos estabelecidos a priori sobre inferioridade dos “Botocudos” (PEIXOTO, 1885, p. 207). Os “Botocudos” eram caracterizados “sob o ponto de vista moral e intelectual” como “a expressão da raça humana no seu maior grau de inferioridade” (LACERDA, 1882, p. 2).

O crânio encontrado por Lund em Lagoa Santa era visto como um tipo primitivo. Suas características morfológicas eram diferentes das encontradas nas populações humanas daquele contexto. Lacerda e Peixoto (1876), por outro lado, sustentavam que a morfologia do crânio de Lagoa Santa era semelhante à morfologia dos crânios de índios “Botocudos” estudados por eles (SANCHEZ-ARTEAGA; EL-HANI, 2010; DA-GLORIA; NEVES; HUBBE, 2017). Peixoto (1885) afirmava que:

Um dos elementos formadores, pelo menos, devia ser francamente dolicocefalo e hipsistenocéfalo<sup>53</sup> e nós o encontramos patenteado no homem fóssil da Lagoa-Santa (...). Os seus representantes atávicos em nossa série são os ns. 4 e 6 e a mulher n. 9 (...) Os diâmetros transversos daqueles dois

<sup>52</sup> Louis-Jean-Marie Daubenton (1716-1800) foi um médico e pioneiro naturalista francês que estudou a paleontologia e a anatomia comparada.

<sup>53</sup> Hipsistenocéfalo têm a cabeça com um vértice alto e curvado, maçãs do rosto proeminentes e prognatismo.

indivíduos (133, 132) são apenas superiores ao do homem fóssil, e os seus diâmetros verticais dão uma média (144), d'um centímetro apenas inferior ao crânio de Lund. Nos caracteres descritivos do crânio cerebral a coincidência é frisante (PEIXOTO, 1885, p. 249).

Apesar da suposta relação dos “Botocudos” com o crânio de Lagoa Santa, algumas medidas da face às aproximavam dos crânios da raça dos sambaquis. A dualidade de manifestações morfológicas no crânio dos Botocudos intrigava Peixoto. Em seu entendimento, uma possível explicação para a existência da nítida mistura de características nos índios poderia ser advinda, com todas as ressalvas, do cruzamento racial entre a raça dos sambaquis e a raça de Lagoa Santa (PEIXOTO, 1885, p. 2555 – 256).

A relação da raça dos sambaquis com os “Botocudos” também poderia ser defendida sob o entendimento de que ambas eram igualmente “inferiores” na escala da evolução humana. Sob o aspecto biológico e cultural, eram colocados sob uma perspectiva hierárquica de inferiorização. Na visão de Lacerda (1885):

Se os inábeis construtores dos sambaquis, dessas obras grosseiras, sem formas regulares e prefixas, houvessem querido com elas perpetuar algum importante acontecimento ou materializar um pensamento qualquer, tal pensamento ter-se-ia certamente fundido em outros moldes talhados com uniformidade e um certo cunho artístico (LACERDA, 1885).

Nas palavras apresentadas por Lacerda, havia o entendimento de que os elementos culturais deixados por cada raça demonstrariam o grau evolutivo em que se encontravam. Por considerarem as construções do “homem dos sambaquis” como grosseiras, eles as relacionavam à seres humanos supostamente “inferiores”. A análise dos crânios e o estudo da cultura material levaram Lacerda e Peixoto a relacionar evolutivamente o “homem dos sambaquis” aos “Botocudos”. Tais “evidências” indicavam a “inferioridade” das duas raças.

O discurso da inferioridade de tipos humanos estaria atrelado, na argumentação de Kollmann<sup>54</sup> (1883), a uma falsa premissa de que os machados de pedra do homem pré-histórico, feitos de maneira rude, foram feitos por humanos que acabaram de se “despir a natureza pitecóide”. Os dados de crânios muito antigos forneceram para Kollmann uma indiscutível caracterização de elevada organização, tanto quanto a dos

<sup>54</sup> Julius Kollmann (1834-1918) foi um antropólogo, zoólogo e anatomista alemão. Ele realizou estudos sobre anatomia e histologia. Ele também se dedicou à antropologia. Dentre as suas obras, destaco o livro: KOLLMAN, JULLIUS. "Hohes Alter der Menschenrassen", *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 16: 181-212. 1884.



seres humanos ditos “civilizados”. Kollmann propôs que a caracterização de raças inferiores ou superiores não se sustentava por meio dos dados craniométricos. O que se podia afirmar é que existiu uma evolução de práticas culturais inferiores para práticas mais sofisticadas, mas isso implicava reconhecer que era um erro pensar que o nível inferior da cultura esteja atrelado como atributo de uma raça supostamente “inferior” (KOLLMANN, 1883, p. 44-45). Kollmann (1883) afirmou que:

Com isso, o velho e muitas vezes proclamado dogma cai: as raças superiores organizadas teriam seguido depois, e teriam destruído os humildes. Nem mesmo a menor evidência anatômica pode ser encontrada para isso. Verdadeiro e indubitável é apenas uma ascensão constante da cultura inferior para a superior. Do machado de pedra bruta ao martelo de bronze e ao ferro e vapor e telégrafo segue sem interrupção um curso histórico-cultural ascendente. Portanto, é um pressuposto completamente errôneo deduzir qualquer progresso a partir do surgimento de uma nova raça, mais altamente organizada. A craniologia pode provar que são as mesmas variedades que evoluem para níveis cada vez mais altos. Não é a melhoria das características físicas que trouxe progresso, mas o uso do cérebro, o avanço das habilidades existentes na luta vitalizante pela existência (KOLLMANN, 1883, p. 45).

Na argumentação de Kollmann (1883), é possível observar que existiam correntes de pensamento distintas no contexto científico da antropologia física do final do século XIX. Alguns antropólogos tinham uma perspectiva de que algumas raças humanas eram “inferiores”, do ponto de vista biológico. Outros antropólogos argumentavam que todas as raças humanas estavam no mesmo patamar evolutivo, do ponto de vista das características morfológicas, o que mudava eram apenas os patamares relacionados à evolução cultural de cada raça. Por tais argumentos, pode-se observar que a proposição das hierarquias raciais deixou de ser fundamentada nos aspectos biológicos, para se sustentar nos aspectos culturais. O racismo passava a ser explicado em termos culturais, sendo “desnaturalizado”. Deixava de ser um racismo biológico para se converter num racismo cultural.

A perspectiva do relativismo cultural ganhou força no início do século XX. A escola de antropologia alemã, liderada por Bastian e Virchow, teve o mérito de iniciar e fortalecer o estudo cultural dentro da antropologia. Para a compreensão da importância de tal movimento de valorização culturalista na antropologia, a seguir será feito um estudo sobre o Congresso Universal das Raças, que aconteceu em Londres. Foi nesse congresso que importantes trabalhos foram apresentados no intuito de mostrar as fragilidades de todo tipo de conhecimento que tentasse legitimar a hierarquização racial.

## O Congresso Universal das Raças

O Brasil participou do Congresso Universal das Raças (FIGURA 7), o qual foi realizado entre os dias 26 e 29 de Julho de 1911, em Londres. João Baptista de Lacerda, diretor do Museu Nacional, e o médico e antropólogo Edgard Roquette-Pinto (1884 – 1954) foram os representantes do país nesse congresso. Lacerda contou com o apoio financeiro do governo de Marechal Hermes da Fonseca. A presença de Lacerda no Congresso tinha como objetivo mostrar ao mundo que o Brasil estava caminhando para se constituir um país “civilizado”, pois era uma tendência “natural” o embranquecimento de sua população.



**Figura 7:** Some of the Delegates to the First Universal Races Congress Gathered at the Entrance to London University. 198-199 páginas. Fonte: revista *The Crisis* (1911, p. 198-

O congresso teve como objetivo "discutir, à luz da ciência e da consciência moderna, as relações gerais que subsistem entre os povos do Ocidente e os do Oriente, entre os chamados povos brancos e os de cor", encorajando, entre eles, uma compreensão mais completa dos sentimentos mais amigáveis e uma cooperação mais forte (SPILLER, 1911, p. V). No congresso, “houve uma grande variedade de assuntos tratados, e os debates mais polêmicos foram travados em torno da miscigenação racial, da fixidez das características raciais e do papel que o meio exercia na composição das diferentes populações” (SOUZA; SANTOS, 2012, p. 751). Na Figura 7, a proporção de

pessoas negras é muito pequena quando comparado com a quantidade de pessoas brancas, assim como a ausência de pessoas indígenas é algo que precisa ser destacado.

O antropólogo Franz Boas (1858 – 1942) não compareceu ao congresso, entretanto, ele encaminhou um texto que foi lido durante o evento. Nele, Boas abordou a ideia de estabilidade dos tipos humanos, que seria um elemento sustentador das comparações das capacidades atribuídas às raças humanas. Por meio da análise do desenvolvimento do corpo humano, o qual estaria propenso a ser diretamente afetado por condições ambientais, o autor apontava que era um erro fazer afirmações sobre a capacidade das raças como elementos estáveis e imutáveis no tempo e no espaço. Assim, Boas disse que “a velha idéia de estabilidade absoluta dos tipos humanos deve, no entanto, evidentemente ser abandonada e, com ela, a crença da superioridade hereditária de certos tipos sobre os outros” (BOAS, 1911, p. 103). O argumento apresentado por Boas, baseado em evidências empíricas, foi importante para romper com a antiga ideia dos tipos humanos fixos e inalteráveis ao longo do tempo.

A argumentação apresentada por Boas (1911) trazia elementos para a compreensão de que as condições ambientais em que as pessoas eram submetidas, ao longo de suas vidas, influenciam o desenvolvimento dos seus órgãos. O autor apontava que os órgãos do corpo humano possuem tempos de desenvolvimento diferentes, aqueles de desenvolvimento mais rápido podem registrar a influência de condições desfavoráveis nas quais o indivíduo viveu (BOAS, 1911).

O professor Earl Finch, da Universidade Wiberforce, fez um texto no qual discutiu o processo de miscigenação como elemento positivo. O autor destacava que “os seguidores de Gobineau, na França, e Morton, na América”, sustentavam que a mistura inter-racial tiveram apenas consequências desastrosas. Finch apontou dados empíricos que tendiam “provar que a mistura de raças, especialmente nos raros casos em que” ocorria “em circunstâncias favoráveis”, produzia “um tipo superior em fertilidade, vitalidade e valor cultural” (FINCH, 1911, p. 108). A argumentação de Finch mostrava a importância do contexto social para o desenvolvimento biológico de cada pessoa.

Finch afirmava que “fatos em favor da visão de que mulatos não” eram férteis eram “tão ansiosamente procurados que o grande corpo de evidências, tendendo a provar exatamente o oposto, é ignorado” (FINCH, 1911, p. 108). Ele destacava que

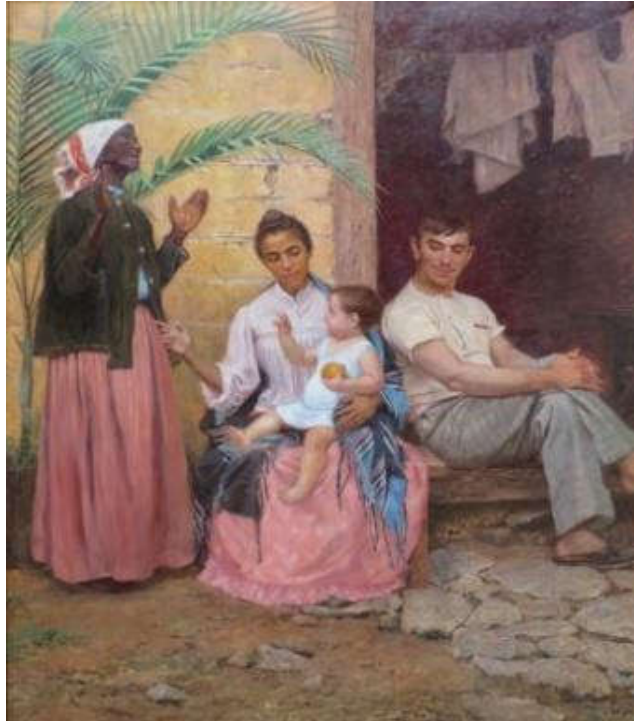
era “absurda a conclusão de que a diluição do sangue das chamadas raças superiores pela das chamadas raças inferiores irá colocar a espécie na estrada em extinção, ou causar uma recaída a barbárie” (FINCH, 1911, p. 112).

No congresso, Lacerda fez uma apresentação sobre a composição racial do Brasil, a qual era de brancos, negros, índios e mestiços. Por suas análises, o Brasil viveu um evento de miscigenação entre brancos e negros. Esse fato era visto de forma positiva, pois os mestiços eram, segundo Lacerda (1911), mais inteligentes do que os negros e passavam a exercer trabalhos relacionados à arte, à carpintaria e à costura de roupas. Pelo processo de mestiçagem os resultados morais desastrosos, ocasionados pela imigração forçada de mais de 2 milhões de negros para o Brasil, iriam desaparecer com a ação lenta do tempo, pois as raças negras e indígenas, em menos de um século, já teriam desaparecido completamente do território brasileiro. No mesmo direcionamento, a imigração de brancos vindos da Europa iria colaborar para acelerar o processo de embranquecimento da população brasileira.

Mesmo com a perspectiva futura de um país composto por “brancos”, Lacerda apontava que muitos “vícios” da raça negra foram impregnados na raça branca. Vícios de linguagem, equívocos sobre a vida e a morte, superstições grosseiras, fetichismo, baixo sensualismo. Para ele, tais aspectos reduziram o nível cultural do povo branco e dos mestiços (LACERDA, 1911, p. 12). O autor lembrava que na América do Norte, os anglo-saxões eram mais “ciumentos” com a pureza de sua raça, e mantiveram o negro distante de possibilidades de relacionamentos matrimoniais que ocasionassem a mistura das raças. Lacerda (1911) lamentou que, no Brasil, a situação oposta tivesse acontecido. A mistura das raças foi algo explícito e notável pelo elevado número de mestiços, compondo o corpo social do país.

Para Lacerda (1911), a mistura racial era evidente em seus estudos craniométricos, com elevada diversificação de formas e dimensões. A elevada variação nos aspectos craniométricos reforçava o seu entendimento de que a miscigenação era algo positivo e possibilitaria a população a elevar a sua cultura, uma vez que as características das raças inferiores ficavam difusas entre caracteres intermediários e superiores. Os cruzamentos entre negros e brancos resultavam em mestiços de intelectualidade superior à dos negros, por exemplo.

Como exemplificação do embranquecimento pela mestiçagem, em seu trabalho “*Sur le métis au Brésil*”, na primeira página é encontrada a imagem de casal. Um homem branco e uma mulher negra seguram o filho, que tinha expressivamente aparência branca. Ao lado do casal, encontra-se a avó materna, uma mulher negra (FIGURA 8).



**Figura 8:** “A Redenção de Can” (1895), de Modesto Brocos y Gómez (Espanha, 1852 - Rio de Janeiro, 1936). Óleo sobre tela, 199x166 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro (RJ).

Segundo Schwarcz (2011), a imagem possibilita observar o embranquecimento da população por meio da mestiçagem. E para Lacerda, tal fenômeno social poderia ser explicado de modo satisfatório pelo darwinismo social, que “imprimia a noção de uma evolução de mão única: se a avó era preta retinta, a mãe já trazia traços ‘suavizados e evoluídos’, e o filho, localizado no centro da composição, fruto do casamento com um branco, mais se parecia com um europeu” (SHWARCZ, 2011, p. 228)

Os mestiços eram vistos por Lacerda (1912) como um grupo de intelectualidade mais evoluída quando comparado com os negros e indígenas. A presença de mestiços nas elevadas corporações políticas do Brasil era vista como um indicativo do “melhoramento” racial pela miscigenação. Os mestiços estavam presentes no Congresso

Nacional, nos tribunais, no ensino superior, na carreira diplomática. Na visão de Lacerda (1911), esse dado da realidade mostrava que os preconceitos de raça e cor diminuíram significativamente desde a proclamação da República. As uniões entre mestiços e brancos não eram mais repelidas socialmente, e as qualidades morais dos mestiços possibilitavam o esquecimento de sua origem negra (LACERDA, 1911).

Lacerda (1911) continuou sua análise a respeito dos mestiços, afirmando que:

O próprio esforça-se por meio dessas uniões em fazer voltar seus descendentes ao tipo puro do branco. Já se viu, depois de três gerações, os filhos de mestiços apresentarem todas as características físicas da raça branca, por mais que em alguns persistam ainda alguns traços da raça negra devido à influência do atavismo. (...) A seleção sexual contínua aperfeiçoa sempre ao subjugar o atavismo e purga os descendentes de mestiços de todos os traços característicos do negro. Graças a este procedimento de redução étnica, é lógico supor que, no espaço de um novo século, os mestiços desaparecerão do Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós. (...) A população mista do Brasil deverá então ter, dentro de um século, um aspecto bem diferente do atual. As correntes de imigração européia, que aumentam a cada dia e em maior grau o elemento branco desta população, terminarão, ao fim de certo tempo, por sufocar os elementos dentro dos quais poderiam persistir ainda alguns traços do negro (LACERDA, 1911, p. 18 – 19).

A apresentação de Lacerda recebeu críticas no Brasil, pois muitos viam como absurdas suas colocações de que existiam negros e índios na composição racial do país. Na visão dos críticos, tais colocações de Lacerda deixavam o país mal visto no mundo, pois possuía em seu corpo social a presença das raças humanas “inferiores”. Na revista *A Notícia* (RJ), o Sr. José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque<sup>55</sup> publicou, em 24 de Julho de 1911, um texto criticando o trabalho que seria apresentado por Lacerda no Congresso Universal das Raças. Medeiros e Albuquerque (1911) reproduziu, de modo incompleto, a sétima conclusão de Lacerda (1911), na qual dizia: “Após um século, provavelmente, a população do Brasil será representada, na maior parte, pelos indivíduos de raça branca...”. Ficou suprimida a seguinte parte do argumento de Lacerda (1911): “(...) latina, e, ao mesmo tempo, o negro e o índio terão sem dúvida desaparecido desta parte da América” (LACERDA, 1911).

Na interpretação de Medeiro e Albuquerque (1911), o texto de Lacerda permitia entender que o Brasil era um país composto por uma maioria de negros, o que era

---

<sup>55</sup> José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934) foi um importante intelectual brasileiro. Foi professor, político, diretor da Instrução pública do Distrito Federal, contista, poeta, orador e romancista. Publicou diversas obras, dentre as quais: MEDEIROS E ALBUQUERQUE, J. J. C. O hipnotismo. 3. ed. Rio de Janeiro: **Leite Ribeiro**, 1926.

indesejado pelas elites políticas e intelectuais daquele contexto. Medeiro e Albuquerque enfatizou que Lacerda estava representando o Presidente do Brasil, Marechal Hermes da Fonseca, e que suas palavras eram “em nome” do Presidente (MEDEIROS E ALBUQUERQUE, 1911). A partir da leitura da crônica de Medeiros e Albuquerque, um texto em 25 de Julho de 1911 na *Gazeta de Notícias* (RJ) afirmava, em tom irônico, que Lacerda iria assegurar “[...] em francês que dentro de um século talvez” seríamos “brancos - o que” significaria, “oficialmente, que isto aqui” já era “como Dakar, tudo preto, pretíssimo, pretérrimo, por cem anos [...]”. O mesmo texto enfatizou que se tratava de um discurso oficial, em nome do Presidente da República (GAZETA DE NOTÍCIAS [RJ], 1911, Ed. 00206). Como se tratava de um discurso em nome do presidente, no dia 21 de fevereiro, 5 meses antes do congresso, Lacerda foi ao Palácio do Catete ler para o Presidente da República a sua tese sobre as raças mestiças do Brasil, trabalho que seria apresentado em Londres (O PAIZ (RJ), 1911, ed. 09636 (1), p. 1).

Em 6 de Setembro de 1911 foi publicada, na *Gazeta de Notícias* (RJ), uma entrevista de Lacerda, na qual apresentou as principais conclusões do *Congresso Universal das Raças* e fez questão de mostrar o seu descontentamento com as críticas feitas por Medeiros e Albuquerque (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1911, ED. 00249). Lacerda classificou tais críticas como injustas, pois partiram de uma leitura distorcida e tendenciosa do argumento por ele proferido (LACERDA, 1911). As “críticas severas” de Medeiros e Albuquerque (1911) foram entendidas por Cypriano Lage<sup>56</sup> (1911) como um erro de dedução. Para Lage (1911), o trabalho apresentado por Lacerda (1911) era relevante e suportado por forte base empírica. Lage (1911) apontou que a população do Brasil era em sua maioria composta por mestiços, e não por negros, como deduziu Medeiros e Albuquerque (1911). Seu argumento estava fundamentado no recenseamento da população feito pelo governo em 1890, que demonstrava a existência de uma maioria mestiça na composição racial da sociedade brasileira (FIGURA 9). No censo, a população indígena é apresentada pela denominação de “caboclos”. É possível observar que Lage (1911), assim como Lacerda (1911) e Medeiros e Albuquerque (1911) estavam alinhados ao sentimento de repulsa para em pensar no Brasil como um país que possuía a maior parte da população composta por indígenas, negros e mestiços.

---

<sup>56</sup> Cypriano Lage e Silva foi um advogado e jornalista. Também foi secretário do recenseamento Repartição Geral de Estatística

Era um grande desejo desses intelectuais que o embranquecimento da população brasileira acontecesse a qualquer custo.

ESTADOS	Branços	Pretos	Caboços	Mestiços
Alagoas.....	31,08	10,14	18,40	40,38
Amazonas.....	28,32	3,03	48,38	20,27
Bahia.....	25,59	20,39	7,83	46,19
Ceará.....	44,51	8,65	17,12	29,72
Districto Federal.....	62,72	12,35	3,33	21,60
Espirito Santo.....	42,14	16,09	6,38	35,39
Goyaz.....	33,53	13,03	11,26	42,18
Maranhão.....	31,63	15,16	15,22	37,99
Matto Grosso.....	29,83	13,86	11,89	41,42
Minas Geraes.....	40,60	18,31	6,15	34,93
Pará.....	39,21	6,76	19,91	34,09
Paralyba.....	46,89	7,08	10,71	35,32
Paraná.....	63,80	5,17	12,37	18,66
Pernambuco.....	44,14	11,53	7,71	39,62
Piauhy.....	28,34	15,18	21,19	36,29
Rio de Janeiro.....	42,95	26,79	2,16	28,10
Rio Grande do Norte.....	44,12	8,98	9,39	37,51
Rio Grande do Sul.....	70,17	8,68	5,35	15,80
Santa Catharina.....	84,79	4,80	3,25	7,16
S. Paulo.....	63,07	12,97	8,24	15,72
Sergipe.....	29,72	14,77	6,52	48,99

**Figura 9:** Dados do recenseamento de 1890 com a proporção da composição racial do Brasil. Fonte: LAGE, CYPRIANO. As Raças no Brasil. Gazeta de Noticias (RJ). Edição B00247, 3 de Setembro de 1911.

Cypriano Lage (1911) afirmou que a “inferioridade dos mestiços como tipos definitivos, como espécie para formar a nacionalidade ninguém” teria “animo de negar.” Se tratava de “uma questão antropológica debatida, provada e aceita” (CYPRIANO LAGE, 1911). Em sua visão, os mestiços apresentavam características atávicas, que os levavam para um rápido processo de degeneração – como “à tuberculose”, por exemplo. A “salvação” da nação seria uma “onda imigratória, abundante e necessária”, para possibilitar o rápido embranquecimento da população brasileira. Lage (1911) afirmava que tal processo deveria ser incentivado por políticas de estado, o que significaria que a mesma não iria acontecer naturalmente, como apontou Lacerda (1911).

No ano seguinte, 1912, Lacerda publicou uma réplica às críticas levantadas por Medeiros e Albuquerque (1911). Ele iniciou seu texto afirmando que era um grande defensor da crítica como um elemento nobre, mas, no caso relatado, ele sentiu-se “profundamente magoado pelas deprimentes e injustas críticas” (...) que “fizeram alguns



(...) ilustres compatriotas, em contraposição ao parecer daqueles que o julgaram e apreciaram fora” do Brasil (LACERDA, 1912, p. 85-86). Na visão de Lacerda:

Se somente daqui a um século, segundo pensa o autor, a raça branca poderá constituir no Brasil maioria sobre a raça negra, deve-se supor que essa maioria atualmente não existe e que portanto a população do compõe-se de MAIOR NÚMERO DE NEGROS DO QUE DE BRANCOS. Esta falsa dedução com aparência de lógica parece que ofendeu os sentimentos ultra-patrióticos do censor e foi motivo para ele me irrogar a grave censura de querer dar á minha pátria a triste feição de um país, povoado mais por negros do que por brancos (LACERDA, 1912, p. 93-94).

Lacerda (1911; 1912) silenciou-se em relação à presença de um número considerável de indígenas na composição da racial brasileira daquele contexto. Em seu modo de ver, os indígenas contribuía para o atraso no “desenvolvimento civilizatório” da “nação”. No argumento supracitado, Lacerda (1911) invoca o patriotismo de modo a evidenciar que se sentia desconfortável com o dado da realidade. A população brasileira era, naquele contexto, formada por múltiplas raças. Lacerda afirmou que as distorções do argumento eram crimes de lesa-ciência. Essa polêmica mostrou, de modo cristalino, o incômodo das elites brasileiras com a pesquisa, pois esta mostrou para o mundo que o Brasil era um país composto por raças supostamente “inferiores” à raça “branca”. A tentativa de refutar as conclusões apresentadas por Lacerda (1911) não tinha relação direta com a construção do conhecimento científico. Foi uma ação movida pelo desconforto que tais conhecimentos traziam para aqueles que desejavam uma apresentação do Brasil ao mundo como um lugar de elevada intelectualidade, o que significava afirmar a nação enquanto um lugar composto por “brancos”. O ideal de branqueamento estava presente no modo de pensar de boa parte dos homens do saber, que tinham o falso entendimento de que a composição racial do país determinaria o seu grau de “civilização”, perante o velho mundo “civilizado”.

A análise do argumento completo apresentado por Lacerda (1911) deixa evidente que a supressão feita por Medeiros e Albuquerque (1911) afetou o sentido do argumento. O que permitiu o entendimento de que Lacerda teria afirmado, de modo implícito, que a maior parte da população brasileira, daquele período, era composta por pessoas negras. As deduções de Medeiros e Albuquerque foram enviesadas e distorceram o pensamento de Lacerda. De qualquer modo, o episódio permite entender o quanto o racismo estava presente na forma de pensar e agir da elite intelectual do país, que não se sentia confortável com a presença de indígenas e negros na constituição da

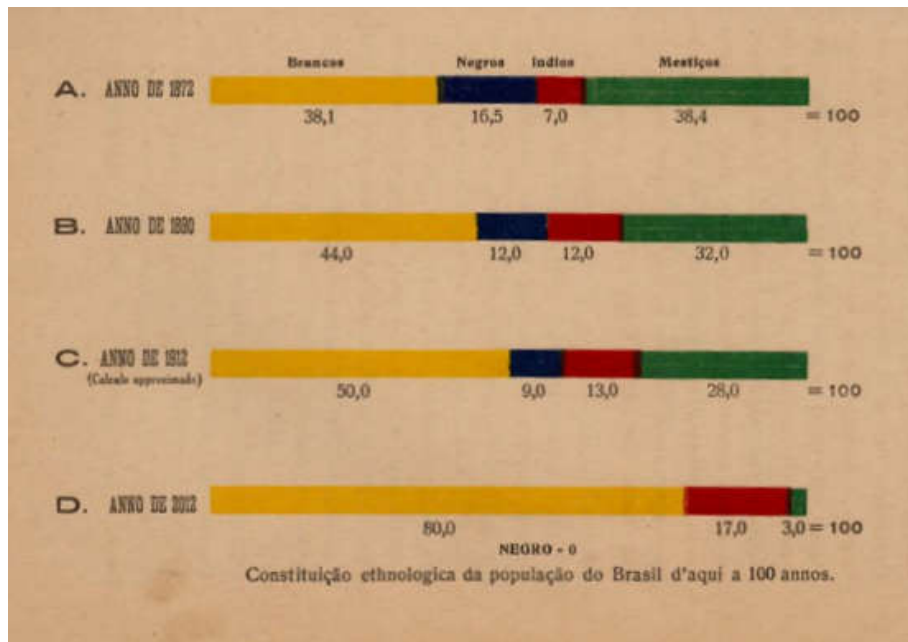
sociedade brasileira. A ocultação das populações indígenas na configuração da população brasileira revela a tentativa explícita de Lacerda (1911; 1912), Lage (1911) e Medeiros e Albuquerque (1911) de mostrar que o Brasil estava no caminho do embranquecimento. As populações indígenas eram vistas como fadadas ao completo desaparecimento, por se constituírem como uma raça humana “inferior” nos aspectos físicos e culturais.

As críticas impactaram os sentimentos de Lacerda, segundo ele, pela natureza injusta de tais argumentos. O desapontamento sentido por Lacerda veio, justamente, por ele considerar a obra apresentada como algo ponderado e rigorosamente escrito. Sua consciência dizia que o trabalho apresentado era bom e relevante para a ciência, ao mesmo tempo, fora do Brasil, esse trabalho recebeu elogios, dos quais ele destacou que o “*Morning Post*, de Londres, salientou o valor da memória apresentada (...) considerando-a como uma das mais práticas e mais úteis contribuições prestadas ao Congresso”. O “Dr. Du Bois<sup>57</sup>, mestiço cujos grandes méritos científicos foram reconhecidos no Congresso” fez elogios ao trabalho apresentado por Lacerda (LACERDA, 1912, p. 86).

Para ilustrar os seus argumentos a favor do embranquecimento da população brasileira, de modo natural, dentro de um século, Lacerda contou com os dados levantados por Edgard Roquette-Pinto (FIGURA 10). Eram dados estatísticos que apontavam o declínio das populações de negros e de mestiços. No diagrama, os valores apresentados de 1872 a 1890 faziam parte dos dados estatísticos de Roquete-Pinto e de 1912 e 2012, foram projeções embasadas nos dados anteriores.

---

<sup>57</sup> William Edward Burghardt Du Bois (1868 – 1963) foi um homem negro, sociólogo, historiador, ativista, autor e editor estadunidense. Ele foi relevante para o movimento negro nos Estados Unidos, uma vez que era um ativista que lutava contra o racismo. Além disso, ele escreveu uma extensa bibliografia voltada para as temáticas relacionadas às condições sociais de vida do Negro. Du Bois foi um dos fundadores da *National Association for the Advancement of Colored People (NAACP)*, nessa associação ele foi editor da revista *The Crisis* entre 1910 e 1934.



**Figura 10:** Tomando para base do cálculo os algarismos correspondentes aos diagramas, daqui a um século (1912 a 2012), a população do Brasil será composta de: Brancos — 80:100. Mestiços negróides — 3:100. Indígenas — 17:100. Negros — 0. Fonte: LACERDA, JOÃO BAPTISTA. *Sur le métis au Brésil*. In: Prem Congrès Universel des Races: 26-29 juillet 1911. Paris: Devouge, 1911.

Os dados levantados por Roquette-Pinto apontavam para o embranquecimento da população brasileira. É possível observar que as populações de mestiços e negros seguiam uma tendência de diminuição ao longo do tempo. Por outro lado, as populações indígenas tendiam a aumentar com o passar dos anos, ao contrário do que afirmou Lacerda (1911). Tal fato foi propositalmente silenciado. Uma hipótese é de que Lacerda (1911) e a elite política e intelectual do país não se sentiam confortáveis em mostrar ao mundo que aqui existia uma população indígena que tendia a crescer em termos proporcionais dentro da população geral do Brasil. Para essas pessoas, a “civilização” era uma conquista dos “brancos”. Enquanto aqui tivesse indígenas e negros, o “avanço civilizatório” seria uma utopia.

## Considerações

Lacerda foi um pesquisador que contribuiu para o desenvolvimento da antropologia no Brasil. O contexto em que ele iniciou seus estudos em antropologia coincide com a chegada do pensamento darwinista sobre a evolução biológica ao Brasil. Foi um momento de crescente preocupação das elites com o futuro do país. Seria possível construir aqui uma nação “civilizada”? (MONTEIRO, 1996). A nítida mistura de diferentes raças humanas era vista com apreensão por alguns cientistas, os quais temiam os efeitos da degeneração ocasionada pela miscigenação (SCHWARCZ, 1993).

Os estudos antropológicos desenvolvidos por Lacerda, a respeito dos índios do Brasil, ficaram centrados na perspectiva craniométrica, sob influência da sociedade de antropologia francesa. A hierarquização racial refletia um modo de pensar que antecedia qualquer descoberta oriunda dos dados empíricos levantados pela medição de crânios. As diferenças encontradas nos crânios dos índios serviram para justificar a suposta “inferioridade” biológica e evolutiva desses grupos humanos.

A participação de Lacerda no *Congresso Universal das Raças* em 1911 pode ser considerada como um momento importante para ele ter contato com os conhecimentos científicos que buscavam mostrar as fragilidades da antropologia física, na incansável busca de medidas que sustentassem as hierarquias raciais. No Congresso, diferentes vozes ecoaram para lutar pelo fim das hierarquias raciais, sobretudo quando estas eram legitimadas pelos estudos científicos. Tais estudos viam o embranquecimento e a extinção natural dos povos indígenas como necessários para o país atingir a tão sonhada “civilização”.

A presença de Lacerda no *Congresso Universal das Raças* não tirou dele todo o seu modo de pensar e produzir conhecimentos científicos que davam sustentação às hierarquias raciais. Apesar de o Congresso procurar estabelecer princípios humanitários e fraternais entre as diferentes raças, o trabalho que Lacerda apresentou procurava afirmar que os mestiços, indígenas e negros estariam fadados ao completo desaparecimento dentro de um século.

Os questionamentos levantados por Medeiros e Albuquerque (1911) ao trabalho apresentado por Lacerda (1911) estavam fundamentados no constrangimento das elites

políticas e científicas do país em reconhecer que o Brasil era composto por uma parcela significativa de sua população de pessoas mestiças, negras e indígenas. Lacerda ficou indignado com a interpretação dada por Medeiros e Albuquerque ao texto que ele apresentou no Congresso. Sua indignação foi mais forte por Medeiros e Albuquerque afirmar que Lacerda mostraria para o mundo que o Brasil era um país de pretos e mestiços.

## Capítulo 4

# Hermann von Ihering e o estudo dos povos indígenas do Brasil

Nesse capítulo é discutida a produção intelectual de Hermann Friedrich Albrecht von Ihering (1850-1930) a respeito dos povos indígenas do Brasil. Von Ihering nasceu em 1850 na cidade de Kiel na Alemanha. Ele estudou medicina em Giessen, Leipzig, Berlim e Göttingen (BENCHIMOL; SÁ, 2006). Em maio de 1891, ele recebeu o convite para ser diretor no Museu Paulista, em São Paulo. Em 1894, sucedeu o norte-americano Orville Adelbert Derby (1851 – 1915) na direção do Museu Paulista, cargo que ocupou até 1915. Durante as décadas de vida no Brasil, ele realizou estudos antropológicos sobre os povos indígenas do Brasil. As pesquisas sobre os indígenas que foram desenvolvidas por von Ihering iam da antropometria às questões culturais, como a linguagem e os mitos. Entre 1880 e 1910, von Ihering produziu importantes obras em relação aos índios brasileiros, o que faz dele uma figura importante para ser analisada sobre a temática indígena.

## A formação de von Ihering

Von Ihering teve a sua formação científica influenciada por Rudolf Virchow e Carl Friedrich Claus<sup>58</sup> (1835-1899) e Karl Georg Friedrich Rudolf Leuckart (1822-1898)<sup>59</sup>. Virchow o encorajou a dedicar-se ao estudo da antropologia física. Leuckart o influenciou a cursar medicina de 1868 a 1873, em Berlim e em 1873 em Göttingen, onde se doutorou. Ainda em Göttingen, ele foi assistente de zoologia de Claus, especialista em crustáceos e um dos opositores às teorias de Haeckel (1834-1919) (NOMURA, 2012). As descobertas de Claus, a respeito do sistema nervoso de animais

---

<sup>58</sup>Carl Friedrich Claus (1835 – 1899) foi um zoólogo alemão que estudou os crustáceos. Ele desenvolveu estudos sobre a biologia celular.

<sup>59</sup>Karl Georg Friedrich Rudolf Leuckart (1822 – 1898) foi um zoólogo alemão que estudou parasitologia. Ele realizou estudos sobre tênia e triquinose. Ele publicou diversas obras, dentre elas: LEUCKART, R. Neue Beiträge zur Kenntnis des Baues und der Lebensgeschichte der Nematoden. Abh. sächs. Akad. Wiss. 134, 678–703. 1887.

inferiores e animais superiores que eram formados por elementos idênticos, preencheram a lacuna sobre a continuidade evolutiva entre as diferentes espécies de seres vivos (WINOGRAD, 2007). Após os estudos em Göttingen, von Ihering trabalhou na estação oceanográfica de Nápoles (1874-1875) e foi professor livre-docente de zoologia nas universidades de Erlangen e Leipzig.

Quando assistente de zoologia de Claus, von Ihering publicou em 1873 a obra *Zur Reform der Craniometrie (A reforma da craniometria)* na revista *Zeitschrift für Ethnologie (Revista de etnologia)*. Nesse trabalho ele fez um robusto estudo sobre as possibilidades e os limites do uso dos dados craniométricos para a classificação de diferentes raças humanas. Ele defendeu que naquele momento os dados craniométricos existentes impossibilitavam a qualquer antropólogo classificar de modo seguro um determinado crânio como sendo de um indivíduo de determinada raça. Von Ihering considerava que era prematuro afirmar que as medidas apresentadas por qualquer crânio definissem de qual grupo humano ele pertencia, pois não havia nada que provasse que o crânio em questão realmente apresentasse as medidas médias e não as medidas das extremidades. Por essa razão, von Ihering (1873) apontava que a tarefa dos exames craniométricos no futuro deveria ser: “1) Determinar o tipo médio de crânio para cada tribo. 2) Determinar os limites dentro dos quais cada medida individual flutuava entre as diferentes tribos” (VON IHERING, 1873, p. 167).

O entendimento de von Ihering a respeito da craniometria tinha como base os trabalhos de Blumenbach<sup>60</sup> (1807) e de Johann Friedrich Meckel<sup>61</sup> (1815). De acordo com Blumenbach (1807) às vezes havia maiores diferenças entre negros e negros do que entre eles e os europeus, por isso, estava sujeito agora a menos dúvida que as formas dos “crânios” de diferentes “raças” poderiam ser muito semelhantes. Para Meckel (1815), as várias raças às vezes se fundiam e, em alguns casos, indivíduos sozinhos de

---

<sup>60</sup> Johann Friedrich Blumenbach (1752 – 1840) foi um renomado antropólogo e zoólogo alemão. Ele foi considerado como "O Pai da Antropologia Física" por seus trabalhos que descreviam a variação racial humana. Ele fez inúmeras publicações de obras importantes para a antropologia física, dentre estas obras, o livro *De generis humani varietate nativa* (1776) é considerada como o ponto de partida da etnologia moderna. Em seus estudos, ele procurou fundamentar a sua classificação da humanidade na forma do crânio e na configuração facial, assim como na cor da pele. Blumenbach propôs a divisão da espécie humana em cinco raças: a caucasiana ou branca, a mongol ou amarela, a malaia ou marrom, a negra ou preta e a americana ou vermelha (REVISTA NATURE, 1940).

<sup>61</sup>Johann Friedrich Meckel (1781 – 1833)foi um médico e anatomista alemão. Dentre as suas diversas obras, há: MECKEL, JOH FRIEDRICH. **Handbuch der menschlichen Anatomie**. Vol. 1. In Der Handlung Des Hallischen Waisenhauses, 1815.

uma raça geralmente se juntavam em condições muito essenciais, especialmente o formato da cabeça, com outras raças. Meckel (1815) afirmava que possuía crânios de alemães à sua frente que carregavam tantas características da raça etíope que eram difíceis de distinguir dos crânios de negros (MECKEL, 1815, p. 80).

A postura prudente no desenvolvimento da antropologia, mais especificamente no desenvolvimento da craniometria, fez von Ihering levantar severas críticas às proposições antropológicas de Franz Ignaz Pruner<sup>62</sup> (1808 - 1882), que ao analisar alguns crânios afirmava que eram de origem esquimó. Esse dado levantado por Pruner foi visto por von Ihering como uma imprudência indesejada para o desenvolvimento da antropologia física. Von Ihering (1873) afirmou que a falta de cautela de Pruner se fundamentava no ensinamento errôneo de que toda raça tem a sua própria forma de crânio. Para demonstrar a falta de cuidado de Pruner com tais afirmações, von Ihering citou a pesquisa de Virchow sobre a anatomia dos crânios dos habitantes de Bruxelas, que logo encontrou o mesmo tipo de crânio mongolóide em “um crânio de um assassino executado de origem flamenga!” (VON IHERING, 1873, p. 169).

Von Ihering (1873) fez críticas às proposições de classificações dos tipos humanos propostas por Hackel com base em apenas um aspecto morfológico. Von Ihering considerava arbitrárias tais classificações, pois os mesmos não representavam um sistema natural. Para ele, o uso da craniometria se mostrava inadequada para esse propósito, uma vez que os dados craniométricos tinham uma grande variedade dentro do mesmo grupo etnológico, assim, as medidas do crânio teriam variabilidade semelhante à cor da pele, à textura do cabelo ou à cor da íris do olho. Por essas razões, as classificações propostas por Haeckel não poderiam ser consideradas antropológicas, mas puramente etnológicas (VON IHERING, 1873, p. 169).

De acordo com Claus (1885), Cuvier reconheceu apenas a raça branca ou caucasiana, a amarela ou mongol e a negra ou etíope, as distinguindo por meio do estudo da linguagem e da suposta capacidade de civilização. Fundamentados nos estudos de Retzius e na esperança de conseguir estabelecer melhores divisões para as raças humanas em classificações mais naturais, os antropólogos de 1880 procuraram se

---

<sup>62</sup>Franz Ignaz Pruner (1808 - 1882) foi um médico e antropólogo alemão. Ele realizou estudos importantes sobre a craniometria, resultando na publicação da obra *Résultats de craniométrie*, no ano de 1865.



basear nos valores das dimensões dos crânios como fonte de dados empíricos para sustentar as suas proposições (CLAUS, 1885, p. 340).

As críticas de von Ihering foram importantes para se dimensionar os limites da craniometria. Tal discussão permite entender o cuidado que ele tinha ao realizar estudos de antropologia física, pois os estudos da craniometria apresentavam fragilidades que deveriam ser consideradas. Outro ponto importante na apresentação das inconsistências da craniometria residia na impossibilidade de estabelecer claramente as diferenças raciais com fundamento nos aspectos do crânio. Se as raças não poderiam ser estabelecidas pela craniometria, as hierarquias raciais sustentadas pela antropologia física ficavam altamente fragilizadas.

### **Von Ihering no Brasil**

A partida de von Ihering para o Brasil foi vista como uma forma de fuga do meio acadêmico alemão onde se projetava a sombra do seu pai que era um famoso jurista alemão. Outra interpretação dada para o fato foi que ele saiu da Alemanha porque havia se casado em 26 de abril de 1880 com Anna Maria Clara von Bezel, que era viúva e isso foi desaprovado pela sua família (LOSANO, 1992, p. 94; NOMURA, 2012, p. 14). Von Ihering chegou ao Brasil em 1880, e foi morar em Taquara do Mundo Novo, próxima à cidade de Porto Alegre, então província do Rio Grande do Sul. Em 1883, foi nomeado naturalista-viajante do Museu Imperial do Rio de Janeiro. Ele assinava “suas publicações, a maioria delas em alemão, como Naturalist des brasilianischen Reichs museums (naturalista do Museu Imperial Brasileiro)” (LOPES; PODGORNY, 2014, p. 812). O trabalho como naturalista viajante do Museu Nacional era a fonte de renda para o sustento da família.

Com a Proclamação da República, em 15 de Novembro de 1889, muitas mudanças ocorreram na legislação do país. Uma das mudanças considerada discriminatória foi a restrição para que apenas brasileiros pudessem se candidatar aos cargos públicos do Museu Nacional. Em 1891 o diretor do Museu Nacional, Ladislau Mello-Netto exigiu que todos os naturalistas viajantes assinassem diariamente o livro de ponto no estabelecimento. Tal situação inviabilizou o trabalho de naturalista viajante.

Com isso, von Ihering foi exonerado, juntamente com outros pesquisadores estrangeiros, como Johann Friedrich Fritz Müller<sup>63</sup>, da função de naturalista viajante do Museu Nacional (1822 – 1897). Essa situação foi desgastante para o diretor, Ladislau Mello-Netto, em suas relações com os pesquisadores que estavam realizando trabalhos importantes na coleta de materiais para o acervo do Museu Nacional e na divulgação dos resultados das pesquisas na revista *Arquivos do Museu Nacional* (GUALTIERI, 2003; SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2012).

As mudanças que ocorreram na configuração administrativa do Museu Nacional com o advento da República significaram para von Ihering um golpe contra o desenvolvimento científico do país. Dentre as exigências, estava a obrigatoriedade de morar na cidade do Rio de Janeiro e receber um salário pago pelo Fundo Nacional no valor de 3 contos de Réis, e o cargo de naturalista viajante foi extinto pela nova legislação. Obrigar que os naturalistas viajantes passassem a morar no Rio de Janeiro e assinar diariamente o livro de ponto foi uma forma de tornar inviável a continuidade dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores. Segundo von Ihering (1891):

A mudança do Governo no Brasil foi a desmoralização na administração e ciência; o colega julga possível que o Museu Nacional do Rio de Janeiro com o seu orçamento de 80 contos por ano provavelmente o melhor dotado na América do Sul agora não possui um único naturalista! (...) O colega sabe bem que Müller, Goeldi e eu somos agora os únicos zoólogos em todo o vasto país do Brasil. Não o valia de pagar-nos o pequeníssimo ordenado que recebemos para que continuemos nas nossas investigações e respeitados no mundo científico e representando bem a ciência natural do Brasil? (TORCELLI, 1936, p. 165, Apud LOPES, 2002-2003, p.31).

Em 5 de Junho de 1891, Müller respondeu a uma correspondência que o informara das novas condições estabelecidas para ocupar o cargo de naturalista do Museu Nacional. Müller teve que abrir mão do trabalho, uma vez que seria muito difícil se mudar para o Rio de Janeiro com sua família, aos seus 69 anos de idade (MÖLLER, 1920, p. 136). Em sua carta de resposta, Müller afirmou que:

Havendo o Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negócios, da Instrução Publica, Correios e Telégrafos resolvido que não tenham mais residência fora dessa Capital os Naturalistas Viajantes do Museu Nacional, como me comunicais pelo officio ontem recebido, devo deste hoje considere-me

---

<sup>63</sup> Johann Friedrich Fritz Müller foi um renomado naturalista alemão que viveu no Brasil por mais de 4 décadas. Ele trabalhou como naturalista viajante do Museu Nacional. Müller foi pioneiro no apoio à teoria darwinista da evolução. Ele é lembrado por sua obra "**Für Darwin**" (Para Darwin), publicada no ano de 1864. MÜLLER, J. F. T. **Für Darwin**. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann, 1864.

demitido por não poder mudar a minha residência para o Rio de Janeiro. (MÖLLER, 1920, p. 136)

Em 23 de Janeiro de 1892, *Jornal do Commercio* (RJ) publicou uma nota da revista britânica *Nature* em que condenava o modo pelo qual Müller tinha sido demitido das suas atribuições de naturalista viajante. A nota da *Nature* tinha sido publicada em 17 de Dezembro de 1891. A revista britânica ressaltou que Müller estava no Brasil há mais 40 anos e que seus trabalhos eram de elevada relevância científica. A indignação e a preocupação da comunidade científica com a situação financeira de Müller fizeram o Dr. Karl Müller, de Halle, propor que as sociedades científicas da Europa abrissem subscrição para livrar da “absoluta miséria aquele grande sábio que o governo do Brasil tratou de modo tão pouco digno”. O *Jornal do Commercio* fez questão de frisar que o efeito da demissão de Müller foi deplorável no mundo científico europeu (JORNAL DO COMMERCIO (RJ), 1892, ED. 00023, p. 2).

No mesmo jornal, foi publicada no dia 31 de janeiro de 1892 uma nota que procurava dar outra versão para os fatos. Sem autoria, o texto afirmou que Müller acumulava a aposentadoria com os proventos de naturalista viajante. A crítica continuou afirmando que “o homem vítima da estulta burocracia do Brasil, o sábio maltratado pela administração brutal deste país, foi por mais de 16 anos empregado do museu, mas nunca ali pôs os pés, porque nunca vinha a esta capital, nunca veio ao Rio de Janeiro” (JORNAL DO COMMERCIO (RJ), 1892, ED. 00031, p. 3).

O descontentamento de Müller com o fim do cargo de naturalista viajante o fez escrever uma carta para von Ihering no dia 20 de fevereiro de 1893. Ele afirmava que “(...) tinha pensado em fazer uma declaração (*a respeito da extinção do cargo de naturalista viajante*) nos jornais alemães e refutar as mentiras e difamações da imprensa do Rio.” (MÖLLER, 1920, p.149).

Após a demissão do cargo de naturalista viajante do Museu Nacional, von Ihering trabalhou como zoólogo de museus da Europa e foi convidado por Orville Albert Derby<sup>64</sup> (1851 – 1915) a participar da Comissão Geográfica e Geológica de São

---

<sup>64</sup>Orville Adalbert Derby foi um geólogo e geógrafo estadunidense naturalizado brasileiro. Ele foi responsável pela fundação e direção da *Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo* (1886-1904) e do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil. No Museu Nacional, ele realizou até Maio do ano de 1879 trabalhos sem remuneração. Ainda em 1879, ele foi nomeado chefe da 3ª seção de geologia. Dentre as suas obras, destaco *Terrenos carboníferos das províncias de S. Paulo e Paraná*, publicado em 1883. (Fonte: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz).

Paulo (CGG) na seção de zoologia, que foi criada pelo Governo do Estado de São Paulo a pedido de Derby (BENCHIMOL; SÁ, 2006, p. 163). Essa proposta não agradou Von Ihering, pois ele tinha como objetivo o cargo de diretor do Museu Paulista. Derby lhe informou que o trabalho na CGG era a única proposta viável naquele momento, o que levou von Ihering a aceitar o trabalho no ano de 1893 (LOPES, 1997).

A partir da Lei nº 192, de 26 de Agosto de 1893, o Palácio do Ipiranga passou a abrigar o Museu Paulista, que por uma reorganização através de uma lei de 29 de Agosto de 1893 e a 15 de janeiro de 1894 von Ihering foi empossado diretor do Museu Paulista, cargo que ocupou até o ano de 1915 (NOMURA, 1992, p.6). Na solenidade de inauguração do Museu, o então diretor fez um discurso de abertura que procurou demonstrar a importância científica dessa instituição para o país. Em sua visão, o objetivo das coleções guardadas no Museu Paulista era:

(...) dar uma boa e instrutiva idéia da rica e interessante natureza da América do Sul e do Brasil em especial, como do homem sul-americano e de sua história. É esta a razão porque dos diversos grupos do reino animal, temos e queremos boa representação do Brasil, aceitando de outras regiões do globo apenas alguns representantes característicos. As nossas coleções neste sentido já não são pequenas e elas tornam-se notáveis pela exatidão da determinação científica. Está se vendo que não pretendo exagerar os serviços que este museu poderá prestar. Exprimo apenas meus desejos de ver chegar o Brasil, quanto ao estudo das ciências naturais, a um nível mais alto: mas entendo que, para melhorar estas circunstâncias, uma das condições principais é o conhecimento completo da nossa natureza — e neste sentido o estabelecimento que hoje é inaugurado há de prestar serviços importantes (VON IHERING, 1895, p. 20-24).

O discurso de von Ihering procurou demonstrar sua preocupação em impulsionar os estudos antropológicos a respeito dos povos indígenas do Brasil. A insuficiência de dados históricos sobre os indígenas foi relatada com grande preocupação pelo então diretor do Museu Paulista, uma vez que muitas “raças” indígenas já tinham desaparecido e outras estavam no mesmo caminho. O naturalista alemão considerava importante a antropologia e a etnologia, “(...) as quais, chegando pelo estudo dos povos naturais á conclusões preciosíssimas para a história das origens da cultura humana”, exigiam “por isso uma nova exposição da história mais antiga destas raças, em grande parte extintas ou pouco civilizadas (...)” (VON IHERING, 1895, p. 35).

O trabalho desenvolvido por von Ihering à frente do Museu Paulista foi importante para consolidar a instituição enquanto fonte de conhecimento sobre a história natural do Brasil. Em sua variada perspectiva de pesquisa, ele se mostrava preocupado com escassez de trabalhos antropológicos a respeito dos povos indígenas do

país (VON IHERING, 1895). O interesse de von Ihering com essa temática o encorajou a desenvolver pesquisas antropológicas sobre os povos indígenas brasileiros. Suas pesquisas abarcaram a craniometria, a análise de artefatos arqueológicos e o estudo das relações entre diferentes línguas indígenas.

Quando veio morar no Brasil, em 1880, o contato com a diversidade de povos indígenas fez Von Ihering despertar para a importância de se realizar o quanto antes o estudo científico a respeito dos aspectos antropológicos desses povos. Seus estudos tinham como objetivo maior procurar esclarecer “as origens dos indígenas” que ainda estavam presentes nesse país naquele período (VON IHERING, 1895, p. 36). A inquietação de von Ihering residia no risco do rápido desaparecimento dos indígenas com o passar do tempo. Seria importante, naquele momento, o investimento no registro do maior número de informações antropológicas a respeito dos indígenas. Deixar tais estudos para o futuro poderia significar, pelo seu entendimento, a perda de informações preciosas sobre os aspectos craniométricos, linguísticos, mitológicos e arqueológicos. Reunir esse conhecimento seria a melhor forma de garantir que diversas perguntas de pesquisas que existiam naquele período fossem respondidas da melhor forma possível. A pressa em estudar “as raças selvagens” antes de “serem extintas” tinha sido encorajada por Darwin quase que nos mesmos termos que os usados por von Ihering (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2006).

A visão de von Ihering a respeito do futuro das populações indígenas era pessimista, ao considerando no caminho de completo desaparecimento, assim como presumiu Darwin. Com um tom de ironia, ele os descreveu como cristãos caracterizados por muitos adjetivos depreciativos. Von Ihering (1895) afirmou que “(...) em quanto que a população indolente e analfabeta vai-se perdendo de ignorância e barbárie. São cristãos, é verdade, mas há apenas trinta por cento que saibam rezar o Pai Nosso”. Ainda em uma perspectiva hierárquica do ponto de vista cultural, ele afirmou que “o chamado progresso de cultura não é nem sempre, nem em toda a parte um melhoramento na situação da humanidade.” (VON IHERING, 1895, p. 44). O argumento apresentado por von Ihering procurou demonstrar a inferioridade racial dos povos indígenas e a completa “ineficácia” do trabalho de catequese para o “melhoramento cultural”. Por tais palavras, o racismo não residiu apenas nos aspectos biológicos, mas se fundamentaram nos aspectos culturais das diferentes raças humanas. Tal perspectiva tem base no entendimento de Haeckel de que o esforço humanitário das

“raças superiores” para civilizar as “raças inferiores” era completamente ineficiente, pois algumas “raças humanas inferiores” eram menos domesticáveis do que os demais animais. Ainda de acordo com Haeckel, os “selvagens” estavam em um estado natural de “extrema bestialidade”, sendo inacessíveis para qualquer intento pedagógico por parte do “homem branco” (HAECKEL, 1908 [1868], p. 558-559; SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2006).

A teoria da degeneração fazia parte do arcabouço teórico de von Ihering. Como exemplo de degeneração, ele afirmou que “os membros do gênero *Ursus* eram animais grandes, cujo crânio era bem caracterizado e no qual era notável a degeneração dos dentes pré-molares” (VON IHERING, 1911, p. 224). Para von Ihering, a degeneração ocasionada pelo cruzamento de diferentes raças estava presente também nos seres humanos. Em sua visão:

“a degenerescência, presente nos tipos híbridos na zoologia, pode ser com certa facilidade percebida nos grupos humanos... Longe dos tipos puros é com cuidado que deve ser analisada a miscigenação local” (VON IHERING, 1897, apud SCHWARCZ, 1994, p. 138).

Von Ihering defendia que os povos indígenas deveriam ser mantidos em sua integridade e que todo tipo de cruzamento racial deveria ser evitado, para que esta raça não degenerasse. Pelo seu entendimento, os “híbridos” apresentavam condições biológicas de completa inferioridade quando se comparava com os tipos raciais humanos “puros”. Tal entendimento era uma ideia básica do poligenismo: da mesma forma que o híbrido entre burro e cavalo (a mula) era estéril, os mulatos e outros híbridos humanos eram inferiores às raças puras dos pais. Ele também observava a superioridade de algumas raças humanas quando comparadas com outras raças, sendo os indígenas considerados por ele como seres inferiores nos aspectos biológicos e culturais.

Em 1911, von Ihering publicou um texto sobre os “Botocudos” do Rio Doce. Na obra, ele procurou analisar os aspectos culturais dos “Botocudos”, de modo a demonstrar que pelos estudos históricos a respeito desses povos indígenas, alguns comportamentos e práticas culturais mudaram ao longo do tempo, como a forma de se vestir. É interessante notar que na análise feita por von Ihering (1911), os aspectos biológicos e culturais foram analisados de modo descritivo, sem o autor classificar de modo hierárquico as características levantadas em seus estudos.

Por tais discussões, algumas questões surgiram: até que ponto Von Ihering procurava hierarquizar do ponto de vista biológico ou cultural os povos indígenas do Brasil? Qual era a sua visão a respeito dos aspectos culturais e biológicos dos povos indígenas? Tais perguntas foram a orientação do próximo tópico.

## O extermínio dos indígenas

Desde que o ideal positivista de progresso e as políticas de inserção de imigrantes europeus para a colonização se iniciaram no Brasil, surgiram atos e discursos que buscavam legitimar a exterminação dos povos indígenas em prol do ideal progresso e civilização. Uma notícia publicada no dia 15 de Setembro de 1903 *O Estado de São Paulo* afirmava que uma forte expedição com mais de 20 homens armados com espingardas “modernas” tinha ido à “caça” aos “índios bravos” nos “sertões” do Rio Feio em São Paulo. A reportagem, que era direcionada ao governo brasileiro e à *Sociedade de Etnografia e Civilização dos Índios*, relatou que o extermínio dos povos indígenas era um ato inqualificável, embora muitos tentassem justificar que seria justa a “vingança” aos ataques que os “selvagens” faziam aos sertanejos. Na referida matéria, foi relatado que os indígenas faziam ataques aos sertanejos “inconsequentemente”, porque viam que a ocupação dos “civilizados” restringia as áreas que eles ocupavam. Por outro lado, os “civilizados” tinham jurado guerra de “extermínio” a essa “pobre gente (...)” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1903, p. 2).

A reportagem demonstrava que as expedições de extermínio aos indígenas era algo comum e que despertava grande preocupação para aqueles que viam a necessidade da intervenção do governo para dar fim a tais conflitos. Os indígenas reagiam às sucessivas invasões de seus territórios pelos “colonizadores”. Os relatos e discursos do naturalista Alberto Vojtěch Frič<sup>65</sup> (1882-1944) permitem compreender as disputas e tensões no meio científico e social que foram causadas pelas expedições para exterminar os povos indígenas do Brasil no início do século XX. Por tais motivos, a seguir será

---

<sup>65</sup>Alberto Vojtěch Frič(1882-1944)foi um etnógrafo e botânico tcheco. Esteve em viagens no Brasil entre (AÊNDICE I) representando o Museu Etnográfico de Berlim e o Museu de Hamburgo. Dentre as suas obras, destaco: *Contributions to the Study of the Bororo Indians*, publicado em 1906 em parceria com Paul Radin. Ele também publicou a obra *Indiáni Jižní Amerikyem* 1943.

feita uma análise das discussões que Frič se envolveu na imprensa brasileira a respeito das ações de extermínio contra os povos indígenas.

Frič representava o Museu Etnográfico de Berlim e o Museu de Hamburgo; em 1901 explorou o estado de São Paulo, seguindo o Rio Tietê, até o Mato Grosso. Em 1903, esteve no Rio Paraná. Na Figura 11, em que Frič foi fotografado junto a alguns índios “Bororós” que o acompanharam até Cuiabá e tiveram que “se vestir” por ordem da polícia (FRİČ, 1943, p. 34).



**Figura 11:** Alberto Vojtěch Frič ao lado de índios “Bororós” no Mato Grosso. Sem data. Fonte: FRİČ, ALBERTO VOJTĚCH. *Indiáni Jižní Ameriky*. Praga, 1943.

Em Setembro de 1906, Frič participou do *Congresso do Livre-Pensamento* em Buenos Aires, na Argentina. No congresso, ele fez uma fala fervorosa em defesa dos povos indígenas. Sem detalhar o discurso proferido por Frič, o jornal *A República* (PR) noticiou, em 13 de Outubro de 1906, a sua presença em Curitiba e afirmou que o jovem naturalista tinha conseguido “ver adotado um plano seu para a proteção e a civilização dos índios americanos após explanação brilhante e erudita (...)” (A REPUBLICA (PR), 1906, ED. 00242, p. 2). No dia 15 do mesmo mês, o jornal *A Notícia* (PR) afirmou que no referido congresso, Frič tinha apresentado uma memória na qual afirmava que os povos indígenas do Mato Grosso e do Chaco eram:

[...] vítimas da ambição e do egoísmo dos homens civilizados, que sob o pretexto morigerar os seus costumes e arrancá-los da barbárie, os exploram e



os dizimam [...] salientou que se *matavam* 300 índios para colocar em seus campos 100 vacas e cinco peões, e é assim que *estavam* assistindo a completa extinção da raça aborígene. (A NOTICIA (PR), 1906, ED. 00287)

Em 1º de Janeiro de 1907, no jornal *Il Bersaglière* (RJ), Gitahy de Alencastro publicou uma resenha sobre o *Congresso do Livre-Pensamento*. No texto há uma transcrição de um trecho do discurso de Frič, que procurava:

[...] recomendar aos americanos que *evitassem* as matanças dos índios e *facilitassem* a formação de uma instituição que os subtraia ao engano e corrupção de que *eram* vítimas por parte das comunidades religiosas<sup>66</sup>, trazendo-os à civilização pela instrução, amor e fraternidade (IL BERSAGLIÈRE (RJ) 1907, ED. 00421)

Os relatos de Frič a respeito do extermínio dos povos indígenas não trouxeram a tona nenhuma manifestação pública dos naturalistas brasileiros ou estrangeiros que estudavam a antropologia indígena naquele período. Tais discursos não incomodaram a elite política e intelectual do Brasil daquele contexto. Uma explicação seria a natureza do *Congresso do Livre-Pensamento* que não teve grande influência sobre as elites brasileiras.

Por outro lado, o fato que incomodou os colonizadores e os políticos do Brasil foi a notícia do *Jornal do Commercio* (AM) de 18 de Junho de 1907, que afirmava que índios “Botocudos” que “foram capitaneados” por Frič, invadiram a cidade de Palmas no Paraná, ocasionando depredações e o assassinato de alguns moradores (JORNAL DO COMMERCIO (AM), 1907, Edição 01068, p. 1). Tal situação relatada levou o Cônsul da Alemanha em Curitiba, Eduardo Heinze, a dirigir uma carta ao vice-presidente do Paraná, João Candido, para revogar a carta de recomendação que ele tinha dado ao naturalista (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1907, p. 2, col. 7). Em 2 de Julho de 1907, foi relatado que, em postura semelhante, a administração geral do Museu de Berlim cassou representação dada a Frič (O DIA: ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO CATHARINENSE (SC), 1907, ED. 01903). Algumas indagações precisam ser feitas sobre o episódio relatado: 1 – Um naturalista viajante teria a confiança e o poder de convencer alguns povos indígenas a se rebelarem contra os colonizadores? 2 - Frič teria coragem de organizar e participar de uma “invasão” por

<sup>66</sup>A leitura do texto publicado por Frič em 13 de Março de 1907 no jornal *O Diario da Tarde* (PR) é revelador dos abusos cometidos por padres da igreja católica contra os povos indígenas em Cuiabá, no Mato Grosso e no estado do Paraná (a íntegra está no APÊNDICE III). Frič cita a publicação da análise de Helio Campos a respeito de um parecer do advogado Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848 – 1911) a respeito da catequese que historicamente foi orientada por interesses políticos, econômicos e administrativos (DIARIO DA TARDE (PR), p. 1, Edição 02434, 1907,).

parte de povos indígenas contra uma cidade de colonos? 3 - Se participou da ação que resultou no assassinato de colonos, por quais razões ele não foi preso ou expulso do país? Para responder a tais perguntas, é importante a análise dos argumentos de von Ihering a respeito das lutas entre os povos indígenas e os colonizadores do sul Brasil.

Em 1904, na Exposição de St. Louis (EUA), von Ihering publicou o texto *The Anthropology of the State of S. Paulo*, e, ainda em inglês, ele publicou em 1906 a segunda edição do texto, em São Paulo. Na argumentação apresentada, Von Ihering defendia a ação dos colonizadores para exterminar os indígenas que fossem um “empecilho” para o “progresso” das colônias. Tais discursos não foram comentados, endossados ou repudiados pelas elites do país entre 1904 e 1906, possivelmente por estarem escritos em inglês. Houve apenas uma menção da obra publicada em 1906, no jornal *A Republica* (PR) do dia 24 de março. A reportagem apenas comemorou a publicação de von Ihering e comentou em linhas gerais o que a obra apresentava, sem tocar na defesa do autor a respeito do extermínio de alguns grupos indígenas (A REPUBLICA: ORGAM DO PARTIDO REPUBLICA (PR), 1906, ED. 00069, p. 2).

Em 1907, o diretor do Museu Paulista publicou uma tradução em português na *Revista do Museu Paulista*, momento que muitas pessoas tiveram acesso aos seus argumentos (VON IHERING, 1907; STAUFFER, 1960), com o título *A Anthropologia do Estado de São Paulo*. Na obra, von Ihering (1907) procurou analisar os aspectos culturais de alguns povos indígenas de São Paulo e deu destaque a ações de assalto praticadas por esses indígenas. Na visão do autor:

Os atuais indígenas do Estado de São Paulo não representam um elemento de trabalho e progresso. Como também nos outros Estados do Brasil, não se pode esperar trabalho sério e continuado dos índios civilizados e como os Kaingangs selvagens são um empecilho para a colonização das regiões do sertão que habitam, parece que não há outro meio, de que se possa lançar mão, senão o seu extermínio (VON IHERING, 1907, p.215)

Von Ihering (1907) procurou argumentar que os comportamentos e hábitos dos povos indígenas deixaram aspectos “maléficos” para a população brasileira quando estabeleceram relações com os colonizadores portugueses. A obra publicada por von Ihering nas páginas da *Revista do Museu Paulista* levantou uma série de protestos por aqueles que viam os indígenas como vítimas das ações colonizadoras durante toda a história do Brasil. Os textos de indignação partiram de jornalistas, antropólogos, religiosos, indigenistas e de representantes de diferentes etnias indígenas do Brasil. Uma

das primeiras críticas foi publicada em 12 de Outubro de 1908, no jornal *O Estado de São Paulo*, pelo jornalista Silvio de Almeida.

Na visão de Almeida (1908a), von Ihering via os selvagens como feras, sugerindo “o alvitre impiedoso da dizimação dos mesmos!” Em sua visão, era inaceitável a tentativa do cientista procurar legitimar o extermínio dos indígenas. A “moderna ciência, importada da Alemanha” lançava expedientes que remontavam ao século XVI. Para ele, os índios eram pessoas dóceis e a culpa dos crimes por eles cometidos era “nossa”, pois, ao invés de “chamá-los carinhosamente” á “civilização”, os escorraçavamos a ferro e fogo. Logo, as ações de violência que eram causadas pelos indígenas deveriam ser vistas como uma legítima reação às perversidades provocadas pelo “homem civilizado” (ALMEIDA, 1908a).

Como exemplo nítido da docilidade dos indígenas, Almeida citou o Dr. Barbosa Rodrigues<sup>67</sup> que afirmava que os indígenas da Amazônia usavam suas flechas exclusivamente para a caça, jamais para as guerras. Por outro lado, os “civilizados” tinham a guerra e o massacre como elementos lamentáveis que constituíam as suas histórias. Para Almeida (1908a), o processo de miscigenação com indígenas era um ponto positivo, pois tais misturas raciais renderam “produtos verdadeiramente superiores, até pelo aspecto cerebral”. Como exemplo, ele destacou “o alto e celebre Marquez do Pombal; e a mãe de Gonçalves Dias, (...) primeiro poeta, não foi senão mameluca!” (ALMEIDA, 1908a).

A discussão a respeito do ideal de civilização de von Ihering (1907) sofreu uma contundente crítica de Almeida (1908a), em que afirmava que:

[...] supondo implícita a máxima da justificação dos meios pelos fins, se reduzirá à matança em nome da civilização; e a civilização não seria então do que o aproveitamento de alguns trechos de terra, mediante a aplicação de processos violentos e bárbaros. A isso responderiam os índios, matando, por sua vez, em nome da defesa e da liberdade! (ALMEIDA, 1908a).

---

<sup>67</sup> . Barbosa Rodrigues Romero, S. (1888). *Ethnographia Brasileira: estudos críticos sobre Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Theophilo Braga e Ladisláo Netto* (Vol. 4). Livraria Classica de Alves.

Mais recente:

Ximenes, Cláudio, and Alan Watrin Coelho. "A descrição histórica, geográfica e etnográfica do rio Capim feita por João Barbosa Rodrigues." *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 12.2 (2017): 535-554.

No dia 20 de Outubro de 1908, von Ihering publicou no jornal *O Estado de São Paulo* uma resposta para Silvio de Almeida. O diretor do Museu Paulista procurou demonstrar que os povos indígenas do Estado de São Paulo poderiam ser divididos em dois grupos do ponto de vista político e humanitário: 1 - os que mais ou menos aceitavam a “nossa” “civilização” ou ao menos não impedem o seu “progresso”; 2 - os que eram refratários a qualquer ensaio de incorporá-los à “nossa” cultura (VON IHERING, 1908a).

Von Ihering (1908a) via os indígenas como tipo humano com baixa força física, e por isso, não era possível “esperar deles um trabalho penoso e assíduo”. Tal argumentação estava alinhada aos estudos publicados por Lacerda em 1882 e em 1905 (*ver o capítulo anterior*). O pesquisador alemão procurou rebater o argumento da miscigenação como algo bom, ele afirmou que sob a influência do “homem branco”, os índios “Carajás” do rio Araguaia tinham sido degenerados de modo “lastimável”. Em nenhum momento o diretor do Museu Paulista tentou se retratar, pedir desculpas ou afirmar que as palavras escritas estavam sendo interpretadas de modo incorreto. Pelo contrário, ele se manteve firme na argumentação e na defesa do extermínio dos indígenas em nome do “progresso” e da “civilização”. Para Von Ihering (1908a):

*Sint ut sunt, aut non sint* (Que exista como são, deixem de existir). É isto que sinto por eles como homem; mas, como cidadão e pelas minhas ideias políticas, não posso consentir que a marcha da nossa cultura deva parar perante às flechas do índio e certamente a vida do sertanejo e do colono nos vale mais do que a do bugre. A sorte dos indígenas é certa: Em parte aceitarão a nossa cultura, em parte continuarão nossos inimigos e, como tais, sucessivamente desaparecerão. (VON IHERING, 1908a).

Alimentando a polêmica que tinha criado, Von Ihering acusou Sílvio de Almeida de não fazer “nem boa ciência nem de boa política”. No dia 26 de Outubro de 1908, Silvio de Almeida publicou o segundo texto, afirmando que a “etnografia” que era desenvolvida por Von Ihering (1908a) “não correspondia a “boa ciência”, que exigia a positividade dos fatos e nem poderia inspirar a “boa política”, cujo escopo consistia na “felicidade material dos povos” (ALMEIDA, 1908b). Von Ihering (1908a) tinha afirmado que: “Parece que o Sr, dr. Silvio de Almeida não gostou da minha opinião a respeito destes indígenas (...)”. Por sua vez, Almeida (1908b) respondeu: “Francamente: nem eu, nem ninguém gostou!”.

Almeida (1908b) procurou demonstrar que as leis biológicas da natureza se nutriam do desenvolvimento pelo exercício e pela “fixação hereditária das qualidades

adquiridas”. O que implicaria em reconhecer que todos os seres vivos estavam em contínuo “progresso”, ao contrário do que propôs von Ihering (1908a) por “essa etnografia, que, do vão pressuposto do estacionamento de uma raça humana, quer deduzir a necessidade de” se exterminar os povos indígenas. Almeida (1908b) citou o seguinte trecho do *O Canto do Piaga* - Poema de Gonçalves Dias:

Não sabeis o que o monstro procura?  
 Não sabeis a que vem, o que quer?  
 Vem matar vossos bravos guerreiros,  
 Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos cruieza, impiedade —  
 Dons cruéis do cruel Anhangá;  
 Vem quebrar-vos a maça valente,  
 Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,  
 Com que a tribo Tupi vai gemer;  
 Hão de os velhos servirem de escravos,  
 Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

A parte do poema citado procurou demonstrar as violências a que eram submetidos os povos indígenas desse país naquele período. Almeida (1908b) afirmou que o uso de substâncias venenosas por parte dos “civilizados” para assassinar os indígenas era muito comum. A estricnina, por exemplo, foi amplamente usada. As caças com armas de fogo também faziam parte dos modos pelos quais os povos indígenas eram exterminados no Brasil

O jornal *A Republica* (PR) também deu espaço para que “*Marcelino Jépiajú*, pela tribo Guarany; *Victal Uaquisy*, pela tribo Guajajara; *Kuroki Porpipó*, pela tribo Caraó; *Djalma Uacumupté* e *Orjama Pracé*, pela tribo Cherente” publicassem uma carta<sup>68</sup> de repúdio às ideias de von Ihering (1907) a respeito do extermínio dos indígenas. O texto foi publicado no dia 23 de Dezembro de 1908 e estava carregado de indignação. Eles afirmaram que a teoria de extermínio dos povos indígenas para que a “civilização” pudesse avançar representava uma opinião de “extravagante aberração do espírito humano”. Em tom irônico, eles apontaram que, nas:

[...] incultas tribos nenhum selvagem aprovaria nunca a carnificina de entes humanos, a não ser na sagrada defesa dos direitos que nos dá a natureza e que são, sem nenhuma diferença, os mesmos que ela confere aos homens de muita ciência, mas de nenhum sentimento humanitário (A REPUBLICA (PR), 1908, ED. 00300).

<sup>68</sup> A íntegra a carta está no Apêndice I

As palavras dos líderes indígenas procuraram demonstrar o quanto desumano foram as proposições de von Ihering para com os povos indígenas. A nota de repúdio que os indígenas divulgaram estava alinhada a um contexto social de grande desaprovação das palavras escritas por von Ihering em defesa do extermínio dos indígenas (A REPUBLICA (PR), 1909, ED. 00055). Ainda no jornal *A Republica* (PR) do dia 29 de Dezembro de 1908 foi divulgado que o senado federal tinha aprovado uma emenda, apresentada por Candido de Abreu,<sup>69</sup> ao orçamento destinando a verba de 40 contos para o serviço de catequese dos índios. O jornal comparava a campanha em defesa dos povos indígenas com todas as movimentações sociais em prol da abolição da escravidão. Na reportagem, foi destacado que toda a campanha em prol dos indígenas tinha sido motivada pelo texto desumano de von Ihering. O naturalista alemão foi considerado incapaz, por ser um estrangeiro, de compreender de modo humanitário as penosas condições de vida dos indígenas do Brasil (A REPUBLICA (PR), 1908, ED. 00305). Além da crítica à naturalidade alemã de von Ihering, o jornal tocou na falta de sensibilidade e humanidade desse naturalista para com a realidade social vivenciada pelos indígenas. Um ponto de grande relevância foi ter mostrado que os indígenas eram as vítimas das ações cruéis dos colonizadores.

No *Jornal do Commercio* (RJ) de 11 de Novembro de 1908, Teixeira Mendes publicou, em nome da *Igreja e Apostolado Positivista do Brasil*, uma carta solicitando que o governo brasileiro revogasse a prisão de Manoel Domingos, acusado de colar cartazes subversivos contra um sorteio do exército. Em referência a von Ihering (1907), Teixeira argumentou que, enquanto algumas pessoas eram presas injustamente, outras ousavam “pregar impunemente o extermínio dos selvagens brasileiros, isto é, ousavam pregar o assassinato de milhares de homens inocentes!” (TEIXEIRA, 1908).

Luíz Bueno Horta Barbosa<sup>70</sup> (1872-1933) fez uma carta endereçada a Silvio de Almeida em que trazia contundentes críticas à publicação de von Ihering (1907). Barbosa afirmou que a atroz teoria de von Ihering era inqualificável e bárbara. Teoria proferida por um cientista de uma renomada instituição oficial, que demonstrava ser um estranho aos pensamentos do povo brasileiro. Barbosa (1908) compreendia que a

<sup>69</sup>Candido Ferreira de Abreu (1856 – 1918) foi um engenheiro e político brasileiro.

<sup>70</sup>Luiz Bueno Horta Barbosa (1872-1933) foi inspetor do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) Membro da Igreja Positivista do Brasil. BARBOSA, Luiz Bueno Horta. "A pacificação dos índios Caingangues paulistas. Hábitos, costumes e instituições desses índios." O problema indígena no Brasil. Comissão Rondon (1947 [1913]).

diferenças culturais e intelectuais entre as pessoas estavam relacionadas ao contexto social. Ele afirmou que se Newton, tivesse nascido “entre os Guaranis, seria mais um bípede que pisara sobre a superfície da terra, mas um Guarani criado por Newton”, talvez “ocupasse o seu lugar”. A argumentação de Barbosa procurava sustentar a fragilidade das afirmações de que algumas raças humanas eram inferiores a outras raças (BARBOSA, 1908).

Barbosa citou José Bonifácio<sup>71</sup> para demonstrar as barbaridades cometidas contra os povos indígenas do Brasil, que afirmava:

[...] é difícil adquirir a sua confiança e amor (...) E havemos desculpá-los; porque com o pretexto de os fazermos cristãos, lhes temos feito e fazemos muitas injustiças e crueldades. Faz horror refletir na rápida despovoação desses miseráveis depois que chegamos ao Brasil [...]. (ANDRADE E SILVA, 1998, p. 75).

A citação feita por Barbosa da obra Bonifácio suprimiu um parte do argumento, após a palavra amor, em que José Bonifácio dizia: “porque, como já disse, eles nos odeiam, nos temem, e podendo nos matam, e devoram” (ANDRADE E SILVA, 1998, p. 75). A supressão feita pelo crítico tinha a intenção de retirar elementos que pudessem ser usados por von Ihering para tentar justificar a sua defesa pelo extermínio dos indígenas.

Na mesma linha de Almeida e de Barbosa, os pesquisadores João Baptista de Lacerda, Amaro Ferreira das Neves Armond<sup>72</sup>, Hildebrando Teixeira Mendes, Edgard Roquette Pinto, Bourguy de Mendonça<sup>73</sup>, Eduardo Teixeira de Siqueira<sup>74</sup>, A. J. de Sampaio<sup>75</sup> e Domingos Sergio de Carvalho<sup>76</sup> assinaram um manifesto de repúdio às palavras de von Ihering. O manifesto foi escrito por Carvalho e lido na sessão

---

<sup>71</sup>José Bonifácio de Andrada e Silva (1763 – 1838). foi um naturalista e poeta luso-brasileiro. Em 1823 ele publicou a obra: ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. “Apontamentos para civilização dos índios bravos do Império do Brasil”. IN: DOLHNIKOKK, Mirian (org). Projetos para o Brasil/José Bonifácio de Andrada e Silva, p 89. 1998.

<sup>72</sup>Amaro Ferreira das Neves Armond (1854 – 1944) foi um médico brasileiro. Ele foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1901, e tornou-se Membro Emérito em 1940

<sup>73</sup>Hermillo Bourguy de Mendonça (18? – 1941) foi um engenheiro civil, doutor em ciências físicas e esteve na direção d da seção de zoologia do Museu Nacional em 1909.

<sup>74</sup>Eduardo Teixeira de Siqueira (18? – 19?) foi um preparador de taxidermia do Museu Nacional.

<sup>75</sup>Alberto José de Sampaio (1881 – 1946) foi um botânico brasileiro, pioneiro nas ideias relacionadas à conservação da biodiversidade (FRANCO, 2005).

extraordinária da Congregação do Museu Nacional do dia 4 de Dezembro de 1908 e publicado pelo jornal *A Republica* (PR) no dia 15 do mesmo mês. Para a congregação, eram repulsivas as ideias proferidas por von Ihering (1907), em que sugeria o:

[...] extermínio milhares de seres humanos, filhos genuínos deste país. Não se detém a congregação em formular objeções, apor controvérsia a princípios de doutrina que lhe não parecem acordes com a verdade científica, por quaisquer lacunas que lhe coubesse apontar sobreleva o dever humanitário de exprimir sua condenação ao desvario com que procura sancionar a crueldade que, de há muito, se exerce contra os indígenas brasileiros, e levá-la ao extremo de um morticínio impiedoso, praticado em nossa da lei e dos interesses nacionais. Aqueles que acolheram com brandura, calmos e confiantes os primitivos colonizadores que os encontraram na posse incontestada de vasto território, jamais mereceram, desde 1535, dos que se presumem cultos e, porventura, de raça superior, sinão a ambição, o interesse sórdido de os dominar pela força de os escravizar, invocando uma civilização que, por sua inclemência, lhes deveria parecer inferior ao regime secular em que se mantinham. A geração atual tem responsabilidade da mesma culpa. Os amplos favores da lei amparam o imigrante e olvidam o misero indígena em geral inteligente, industrioso, com grande capacidade de trabalho, quando lhes cabe direção competente e desvelada; e agora o diretor de um estabelecimento científico nacional, servindo-se do prestígio da instituição que representa, procura acoçoar tais violências por dilatar dos domínios da colonização, cumpre a congregação do Museu Nacional firmar o presente protesto, certo, entretanto, de que os poderes públicos não permitirão a vitória dessa ideia criminosa (A REPUBLICA, 1908, ED. 00293).

A carta da congregação do Museu Nacional foi bem recebida pela imprensa local. No dia 16 de Dezembro de 1908, um dia após a publicação da carta, o jornal *A Republica* (PR) divulgou um texto parabenizando a postura dos pesquisadores do Museu Nacional. O texto procurava sustentar a visão de que os indígenas foram historicamente importantes para a constituição da “nação” brasileira, inclusive lutando “herculeamente” para expulsar os “invasores” holandeses. De modo sutil, o jornal procurou atacar o fato de von Ihering não ser brasileiro e por isso era incapaz de entender a importância dos povos indígenas na contribuição “das qualidades morais” que distinguia o povo brasileiro de outros povos do mundo. Ainda de acordo com o jornal *A Republica* (PR), os meios sangrentos do extermínio jamais seriam necessários para que a “civilização” penetrasse nos “sertões brasileiros”. Concluiu o jornal: “Foram-se os tempos em que era doutrina corrente e aceita - não no Brasil, felizmente - de que o índio bom era o índio morto” (A REPUBLICA (PR), 1908, ED. 00294).

Por outro lado, na Exposição Antropológica de 1882, João Baptista Lacerda e os seus colegas do Museu Nacional afirmavam que os povos indígenas eram

---

<sup>76</sup>Domingos Sergio de Carvalho (1866 – 1924) foi um engenheiro e professor responsável pela Seção de Antropologia, Etnografia e Arqueologia do Museu Nacional



“notadamente” seres “inferiores” tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista cultural. Ladislau Mello-Netto, responsável direto pela exposição, via os *nak-nanuk* como seres mais parecidos aos gorilas e chimpanzés do que aos alemães. Para ele, os povos indígenas estavam no caminho da completa extinção pela degeneração “inevitável”. Lacerda participou da exposição fazendo testes físicos nos indígenas, na procura de demonstrar a inferioridade física desses povos.

Pelos episódios relatados é possível afirmar que Lacerda apresentou uma significativa mudança no modo de pensar os povos indígenas do Brasil entre 1880 e 190. Ele passou de um entendimento racial hierarquizado fundamentado nos dados craniométricos, para um olhar de que os indígenas eram em geral “inteligentes e industriais, quando tem uma boa direção”. Algumas hipóteses podem ser levantadas para explicar tal mudança. Poderia ser apenas uma reação nacionalista da ciência brasileira acusando um cientista estrangeiro de defender ações desumanas contra os povos indígenas do Brasil. Também estavam em jogo as relações de poder entre as diferentes instituições de pesquisa, o Museu Paulista era visto como um concorrente no estabelecimento da ciência no Brasil. Tentar desacreditar publicamente o diretor, von Ihering, era uma forma de mostrar no meio social que quem tinha legitimidade na produção do conhecimento era o Museu Nacional. Curiosamente, von Ihering foi um pesquisador que mais se ateu a questões culturais sobre os indígenas quando comparado a Lacerda, que focou os seus trabalhos nos estudos dos crânios. Nas investigações do diretor do Museu Paulista, o estabelecimento de hierarquias raciais era tomado tanto do ponto de vista biológico, quanto do cultural. Em contraposição, os estudos craniométricos de Lacerda as escalas hierárquicas entre os indígenas e outros povos do mundo eram defendidas, sendo os povos indígenas vistos como seres de inferioridade física e intelectual.

A comoção social contra as palavras de von Ihering foi imensa. No dia 12 de fevereiro de 1909, uma telegrafia do Marechal Cândido Mariano Rondon<sup>77</sup> a João

---

<sup>77</sup> Cândido Mariano Rondon (1865 – 1958) foi um tenente-coronel chefe da comissão construtora da linha telegráfica do Mato Grosso. Uma marca de sua vida foi a defesa dos indígenas. Ele foi o primeiro diretor do Serviço de Proteção dos Índios (SPI). Ver: TACCA, FERNANDO DE. "Rituais e festas Bororo: a construção da imagem do índio como "selvagem" na Comissão Rondon." **Revista de Antropologia** 45.1, p. 187 - 219, 2002.

O SPI foi chamado inicialmente de *Serviço de Proteção ao Índio e Localização do Trabalhador Nacional*. Era um órgão ligado ao “Ministério da Agricultura e já trazia a idéia de integração das populações

Baptista Lacerda foi publicada no jornal *O Estado de São Paulo*. No texto, Rondon condenava as palavras de von Ihering em defesa do extermínio dos indígenas. Ele classificou a “opinião” do diretor do Museu Paulista como “extravagante, desumana e falsa”. Para Rondon, os indígenas não eram nem mais “bárbaros e nem mais desumanos do que os que, proclamando-se civilizados, não *trepidavam* em pregar o extermínio de uma raça inteira, a pretexto de progresso e civilização” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1909, p. 3).

Rondon foi responsável pela construção da linha telegráfica Cuiabá-Araguaia, a expansão das linhas telegráficas de Mato Grosso e do Amazonas, a construção das estações entre Cuiabá e Porto Velho. Ele assumiu a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas no Estado de Matto-Grosso (de Cuiabá a Corumbá, prolongando-se até as fronteiras de Paraguai e Bolívia, entre 1900 e 1906) (TACCA, 2002). O trabalho de construção dessas linhas telegráficas levou Rondon a ter contato com muitos povos indígenas. O estabelecimento de relações harmoniosas com os indígenas era uma estratégia importante para que o trabalho pudesse avançar, pois ninguém conhecia mais do que eles as regiões por onde as linhas telegráficas passaram.

As denúncias sucessivas na imprensa brasileira das expedições de extermínio contra os povos indígenas causaram pouca comoção social, quando se compara com todo o movimento de repulsa às palavras de von Ihering. A denúncia feita por Frič no *Congresso do Livre-Pensamento* em Buenos Aires também passou de modo despercebido ou foi intencionalmente silenciada. Em 1908, Frič voltou a denunciar tais expedições. Desta vez, no *Congresso de Americanistas*, iniciado em 8 de Setembro daquele ano, em Viena. Frič fez um discurso enérgico afirmando que os colonizadores alemães do sul do Brasil estavam realizando um processo sistemático de completa dizimação dos povos indígenas naqueles estados. Tal fala não agradou o público presente no congresso.

Na qualidade de delegado brasileiro no *Congresso de Americanistas*, o professor Ignacio Baptista de Menezes, representante do jornal *A Provincia do Pará*, relatou que após o discurso de Frič, o clima ficou tenso. Os delegados alemães que estavam

---

indígenas ao processo produtivo nacional. Influenciado fortemente pelo positivismo, Rondon deu uma característica humanística ao SPI” (TACCA, 2002, p. 188-189). O SPI teve grande relevância para o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a proteção dos povos indígenas. Por conta o marco temporal da pesquisa desenvolvida nessa tese, um capítulo sobre o SPI não foi construído.

presentes caíram com fúria “em apartes ao orador, chegando a veementes insultos de parte a parte, tendo um deles distribuído no congresso um protesto impresso, como se já esperasse aquela acusação”. Algumas pessoas que estavam no congresso assinaram um contraprotesto que não foi aceito pela mesa do congresso e o incidente passou para o terreno da imprensa de Viena e de Berlim. Menezes fez questão de afirmar que assinou o contraprotesto em defesa dos indígenas. Ainda de acordo com ele, o ministro Dr. Cyro de Azevedo mandou traduzir para o francês o discurso de Frič e o remeteu para o ministro Rio Branco<sup>78</sup> (O PAIZ (RJ), 1908, ED. 08794).

No dia 29 de Outubro de 1908, Von Ihering publicou no *Correio Paulistano* (SP) um texto rebatendo as palavras proferidas por Frič no *Congresso de Americanistas* em Viena. Ele procurou desacreditar o discurso de Frič, afirmando que as ações de extermínio eram uma reação às ações violentas dos índios para com os colonos. Também trouxe a tona os supostos motivos que levaram os museus de Berlim e Hamburgo a suspenderem os contratos firmados com Frič. Ainda de acordo com Von Ihering, os congressistas Seler e Ehrenreich e os jornais alemães *Berliner Tageblatt* e o *Berliner Lokalanzeiger* desacreditaram prontamente o discurso de Frič. Von Ihering reafirmou no texto e em uma nota de rodapé a sua veemente defesa pelo extermínio dos indígenas, que eram vistos por ele como um empecilho para o “progresso” da “civilização” imposta pelos colonos alemães (VON IHERING, 1908b).

Sem mencionar a crítica proferida por von Ihering (1908b), Frič escreveu um texto, publicado no dia 29 de Novembro de 1908 no jornal *O Paiz* (RJ), no qual procurava restabelecer a verdade dos fatos (a íntegra do texto inédito está no Apêndice II). Frič afirmou que os professores H. von Steinen e E. Seler o visitaram em Praga, na qualidade de delegados do Museu Imperial de Berlim para comprar as coleções que ele tinha construído durante sua viagem à América do Sul. Ele relatou que não se sentiu confortável em vender tais materiais conseguidos com tanto esforço e correndo perigo de vida. Ele propôs aos professores que faria uma doação ao museu caso fosse facultado a ele ocupar-se apenas de trabalhos científicos em sua próxima viagem à América do Sul. Logo depois foi firmado um contrato com a subvenção de 20.000 marcos. Frič relatou que o Museu Imperial de Berlim não teve condições de arcar com tal

---

<sup>78</sup>José Maria da Silva Paranhos Júnior, Barão do Rio Branco (1845 – 1912), foi um advogado, diplomata, geógrafo, professor, jornalista e historiador brasileiro. Pelo reconhecimento de seu trabalho, houve no Brasil um intenso movimento político para indicar o seu nome ao Prêmio Nobel da Paz.

empreendimento, o que o levou a firmar um contrato igual com o museu de Hamburgo; logo em seguida ele embarcou para o Brasil (FRİČ, 1908, Ed. 08823, p. 5).

Durante a nova viagem à América do Sul, Frič afirmou que teve contato com a tribo *Areseta*, que até então não tinha sido estudada por nenhum outro explorador e afirmou ter encaminhado preciosas coleções ao Museu de Hamburgo. Durante a viagem, ele relatou ter presenciado a volta de caçadores de índios de uma “batida”<sup>79</sup>. Frič adoeceu de febre tifóide, passando duas semanas de repouso e afirmou ter sido completamente desamparado pelo museu de Hamburgo. Ele lembrou que quando foi para o interior do estado de Santa Catarina, as pessoas o classificavam como o “pacificador dos índios”<sup>80</sup> (FRİČ, 1908, Ed. 08823, p. 5). Frič fez o seguinte relato a respeito dos massacres contra dos povos indígenas:

A viagem ao local do massacre fez-me passar pelas colônias alemãs, de onde partem repetidamente os caçadores de índios. Ali presenciei lastimáveis cenas e ainda mais lastimáveis ouvi dos indivíduos interessados em tais carnificinas. Poderia apenas acreditar que fosse ainda possível em nosso tempo, que tais crueldades perpetrassem os descendentes de uma nação civilizada, se não tivesse encontrado nos troféus de que eram os cadáveres despojados, muitas provas disso. É por trás dos caçadores de índios está a ralé da sociedade, gente que pelo ouro é capaz de tudo. Estes indivíduos sem escrúpulos são contratados pelos especuladores de terras para livrar os seus domínios, oferecendo à venda, da vizinhança incomodada dos índios, de modo a elevar-lhes – o valor. Na última “batida” foi morto um dos caçadores por arma de fogo e outro ferido - incidente misterioso, visto não usarem os índios tais armas. Pouco depois soube que a alguns caçadores parecera por demais cruel o procedimento que tinham alguns deles para com as mulheres e crianças aprisionadas, e que os tinham castigado no próprio local e ocasião. (FRİČ, 1908).

Frič afirmou que Seler e Ehrenreich não se contrapuseram ao seu discurso sobre o processo de extermínio dos indígenas pelos colonos. Este último se ateu apenas às questões científicas do *Congresso Internacional de Americanistas*. Após saber de toda a carnificina praticada por especuladores de terra, Frič se dirigiu ao “governo de Santa Catarina pedindo a punição dos assassinos, a libertação das mulheres e crianças aprisionadas e tratadas como escravas, assim também a designação de certos territórios privativos aos índios” (FRİČ, 1908, Ed. 08823, p. 5). Como exemplo da veracidade de suas afirmações, no dia 30 de abril de 1907, o *Diario da Tarde* (PR) publicou uma reportagem em que afirmava a existência das expedições de extermínio aos indígenas,

<sup>79</sup> O termo “batida” se referia às expedições organizadas pelos colonos para o extermínio dos povos indígenas. Essas pessoas eram chamadas de “bugreiros”

<sup>80</sup> Ver também: *O Dia: Orgão do Partido Republicano Catharinense* (SC) na edição 01808 de 7 de Março de 1907.

bem como o aprisionamento de mulheres e crianças indígenas por parte dos colonos da cidade de Blumenau. O jornal ainda afirmou que Frič obteve do presidente de Santa Catarina um cartão de recomendação às autoridades do interior daquele estado, o que garantiria maior segurança em seus trabalhos etnográficos, pois a sua vida corria risco diante de seus atos em defesa dos indígenas (DIÁRIO DA TARDE (PR), 1907, ED. 02490).

Tais episódios não agradaram os colonizadores que procuravam invadir terras indígenas a todo custo. Por tais atitudes, Frič relatou que aconteceu uma suja campanha de difamação de sua pessoa. Foram divulgadas mensagens anônimas em que comunicaram que ele estava liderando 500 índios que atacavam e saqueavam as cidades. Ele ainda denunciou em seu relato que o cônsul em Blumenau estava envolvido nas especulações das terras indígenas (FRIČ, 1908). As atitudes de Frič, frente à defesa dos povos indígenas, foram de uma coragem de grande significado histórico e resultaram na furiosa perseguição das pessoas poderosas para que a sua voz fosse silenciada.

A descrição feita por Frič deixa fragilizadas as acusações de que ele organizou uma revolta de povos indígenas, a qual teria resultado na morte de alguns moradores da cidade de Palmas. Um ponto importante em seu relato foi a sua disposição em ser julgado e ter o direito ao contraditório, caso alguém sustentasse alguma acusação de que ele tivesse cometido algum crime. Ele ficou indignado pela postura dos museus alemães em terem rompido os contratos sem darem uma chance para que ele pudesse mostrar sua versão dos fatos e se defender do que teria sido acusado.

Por outro lado, para aqueles que por ventura duvidavam das denúncias feitas por Frič, a polêmica na qual se encontrava mergulhado o diretor do Museu Paulista deixava cristalina de que lado a verdade estava. A indignação com defesa de von Ihering em relação ao extermínio dos povos indígenas continuava fervorosa. Em 7 de Julho de 1909, a *Gazeta de Notícias* (RJ) informou que Frič tinha aderido ao texto em defesa dos povos indígenas que tinha sido proferido pela *Congregação do Museu Nacional*. Ele teve conhecimento do protesto da Congregação por intermédio de Dr. Gitahy Alencastro (GAZETA DE NOTÍCIAS [RJ], 1909, ED. 00188). No dia seguinte, *O Paiz* (RJ) afirmava que a defesa franca de von Ihering para o extermínio dos indígenas vinha dar apoio as denúncias proferidas por Frič no *Congresso Internacional de Americanistas*.

Ainda de acordo com o jornal, Frič teria salientado a ironia de ter partido do Ipiranga, monumento comemorativo da liberdade, a condenável idéia do extermínio dos indígenas (O PAIZ (RJ), 1909, ED. 09043).

Em 1911, von Ihering publicou um texto na *Revista do Museu Paulista* no qual afirmava que ele foi vítima de uma imensa injustiça por parte de todos aqueles que se levantaram contra a sua tese. Ele afirmou que queria a intervenção do estado para que as lutas entre indígenas e colonizadores pudessem acabar. Ao mesmo tempo, ele achava injusto que os crimes cometidos pelos indígenas sempre ficavam impunes pelo poder público. O curioso em seu discurso é que ele não apontava os atos de extermínio aos indígenas como crimes, mas sim, como uma reação “justa” dos colonos aos ataques promovidos pelos indígenas.

Segundo ele, todos os críticos ao seu discurso eram hipócritas, pois eles nunca se manifestaram sobre os históricos massacres contra os povos indígenas. Em sua argumentação, von Ihering tentou justificar a ações para exterminar os povos indígenas “bravos”, que não se sujeitavam à cultura do colonizador. Ele reconheceu que na luta contra os colonizadores, “os indígenas, como mais fracos, frequentemente sucumbiam” (VON IHERING, 1911, p. 112). Tal argumento foi enviesado por uma perspectiva de que os indígenas formavam uma raça inferior e que deveria desaparecer na luta com as raças superiores. Esse pensamento tem bases no discurso darwinista da competição interracial e na extinção das raças inferiores. Entendimento que era a base teórica de sustentação das pesquisas de João Lacerda no Museu Nacional na década de 1880. Von Ihering também via os indígenas como uma raça que deveria ser subordinada ao colono. Logo, “a incorporação dos indígenas” deveria “ser vista como uma forma de amor e nobreza da raça vencedora para com a vencida” (VON IHERING, 1911, p. 132).

Para aqueles que defendiam os indígenas, Von Ihering proferiu as seguintes palavras:

[...] a predileção sentimental dos brasileiros em favor dos índios é um escolho imenso a transpor. A índole generosa do povo apaixonou-se pela sorte dos donos primitivos da terra de Santa Cruz. Do mesmo modo por que jurados falsamente humanitários absolvem ao assassino, visto como a punição do criminoso não conseguiria reanimar a vítima, o coração do brasileiro inclina-se a perdoar aos míseros silvícolas, inconscientes da gravidade dos delitos. A misericórdia mal entendida impede assim a punição dos culpados, e os assaltos continuam impiedosamente nas estradas de ferro e nas picadas, e a matança sem peias dos pioneiros da civilização, dos colonos e dos sertanejos. (VON IHERING, 1911, p. 113).

No dia 14 de Agosto de 1911, Silvio Almeida voltou a criticar, no jornal *O Estado de São Paulo*, a tese defendida por Von Ihering. Almeida iniciou sua crítica lembrando que na década de 1880, “Francisco Adolfo Warnhagem, a esse tempo ainda barão, e, mais tarde, visconde de Porto Seguro, pregava, no Instituto Histórico do Brasil, que o único meio de "catequizar" os índios era...matá-los, ou reduzi-los à escravidão.” Ele recorreu a Couto de Magalhães para exemplificar as violências históricas que foram cometidas contra os povos indígenas por esse ideal de “civilização” e “progresso” (ALMEIDA, 1911a).

O ponto mais duro de sua crítica residiu em falar das fragilidades teóricas e práticas da antropometria. Segundo Almeida, os que assim se anunciavam “em nome da ciência, conhecem apenas os processos de uma antropometria puramente material, e compara os grupos étnicos sem precauções lógicas (...)”. Almeida afirmou que tais intelectuais não possuíam uma teoria que lhe permitisse julgar os “povos em diferentes graus da escala de evolução”. Para exemplificar as fragilidades da antropologia racista, ele recorreu ao progresso vivenciado pelo Japão naquele período. Tal exemplo seria “uma prova do valor que se ha de dar às meticulosas medições da antropologia materialista” (ALMEIDA, 1911a, p. 1-2). Por outro lado, von Ihering era cauteloso no estudo dos povos indígenas em seus aspectos antropométricos e culturais. Ao contrário de Lacerda, von Ihering não estabelecia raças humanas superiores ou inferiores nos trabalhos científicos publicados.

Ainda de acordo com Almeida (1911), os estudos da antropometria que resultavam em classificações que se limitavam a uma “inspeção corpórea”, deveriam ser despossuídos de importância, por que omitiam, precisamente, o que os seres humanos tinham de mais característico, que era “a sua natureza intelectual e moral”. Ao citar diversos exemplos de evidências que indicavam que os indígenas eram adaptados às diversas condições ambientais do Brasil, Almeida afirmou que tais fatos eram razões suficientes para se julgar “vantajosa mais uma certa infusão de sangue dos aborígenes” no contexto nacional (ALMEIDA, 1911a, p. 1-2). Tal afirmação mostrava o olhar positivo de Almeida para com a miscigenação das raças humanas no Brasil, sobretudo quando se considerava o sangue indígena.

A resposta de Von Ihering às críticas que foram feitas por Almeida (1911a) foi publicada no jornal *O Estado de São Paulo* do dia 28 de Agosto de 1911. No texto, Von

Ihering afirmou que a raça branca estava “acostumada a considerar-se a mais inteligente e aperfeiçoada (...)” constituía-se em “fatos antropológicos como particularmente são fornecidos pelo estudo do cérebro”. Ele concordou com Almeida (1911a) que os indígenas eram bem adaptados às condições ambientais em que viviam. “Nos países quentes os europeus não se aclimam definitivamente, extinguindo-se na segunda ou terceira geração.” Em sua visão, a humanidade deveria conservar a raça indígena intacta; e deveriam ser impedidos, dentro do possível, os cruzamentos entre as diferentes raças (VON IHERING, 1911, p. 3).

Lacerda (1911) defendeu em Londres que a miscigenação como algo positivo por levar a população a um processo natural de embranquecimento. Von Ihering era contrário à miscigenação, para ele, o mestiço não tinha aspectos vantajosos quando comparado com as raças puras. Por tal perspectiva, ele criticou de modo categórico a defesa de Almeida (1911a) em relação à miscigenação. Von Ihering afirmou que só um escritor que fala de antropologia sem competência, pode aconselhar “aos seus patrícios injetar nas suas veias ainda mais sangue índio” (VON IHERING, 1911, p. 3). Prontamente, no dia 28 de Agosto no jornal *O Estado de São Paulo*, Almeida protestou contra as palavras de Von Ihering que tentou desqualificá-lo por não ser um antropólogo. Almeida, em tom irônico, “sob o peso e a vergonha” de sua ignorância, não sabia se esquivar de responder as críticas feitas por Von Ihering. Almeida citava Quatrefages, quem “havia como benéfica a fusão do sangue, operada em tão alta escala, por esse imenso cadinho da América”. E também recorreu a Paulo Broca que “provou que os produtos de quaisquer raças humanas, posto que as mais afastadas, nunca são propriamente “híbridos””. Aqui Almeida demonstrava não saber muito de antropologia (nesse ponto von Ihering estava certo) pois Broca foi um poligenista radical, de ideias totalmente contrárias às de Armand de Quatrefages (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2007). Almeida afirmou que muitas vezes as pessoas raciocinam com “coração”, inclusive os “sábios”. Para ele, as críticas aos mestiços talvez seja apenas um insólito orgulho de autores que se “vangloriavam” por serem de “sangue puro”. Na visão de Almeida (1911b), a hipótese inferioridade outras raças humanas, seria:

[...] antipática, incompatível com a noção e o sentimento da humanidade, constituía um exemplo de atavismo selvagem, a que não escapam, às vezes, os homens de mais elevada cultura. Atavismo selvagem, sim, por que entre as populações primitivas é que encontramos o ódio para com o estrangeiro a se refletir nesse desprezo dos filhos de seu sangue. (ALMEIDA, 1911b, p. 3).



Sobre o trabalho relatado por von Ihering (1911), de medição de algumas ossadas indígenas, Almeida (1911b) ironizou com as seguintes palavras: “E, por certo, não os mediu com menos ânsia e curiosidade do que ter as crianças ao desmanchar os seus bonecos de pano ou de massas, para saber o que há lá por dentro (ALMEIDA, 1911b, p. 3).

## Considerações

O estudo das pesquisas antropológicas desenvolvidas por Von Ihering a respeito dos povos indígenas do Brasil possibilitou compreender que o racismo científico se mostrava na análise dos aspectos biológicos e culturais. A sutileza de Von Ihering no estudo antropológico a respeito dos indígenas fazia com que alguns de seus trabalhos descrevessem e analisassem os indígenas sem estabelecer hierarquias raciais. A maior parte de suas investigações buscava registrar os aspectos biológicos e culturais sem classificá-las como superiores ou inferiores às características de outras raças humanas.

Por outro lado, alguns textos em revistas científicas e outros em jornais da imprensa, o pensamento racista foi expresso de modo cristalino por Von Ihering. Para ele, tanto os aspectos biológicos, quanto os aspectos culturais atestavam a “inferioridade” racial dos povos indígenas. Em seu modo pensar, os indígenas, por serem racialmente “inferiores”, deveriam se submeter de modo submisso à cultura dos colonos, que eram vistos como a manifestação suprema da evolução humana. Sua argumentação procurava se sustentar nos pressupostos darwinistas da competição interracial e na extinção das raças inferiores.

O diretor do Museu Paulista se envolveu em uma polêmica ao publicar um texto em 1907 em que defendia expressamente o extermínio dos povos indígenas que eram um “empecilho” para o avanço do processo “civilizatório”. Era comum a publicação de notícias que denunciavam a ação dos colonizadores para exterminar os povos indígenas. A maior parte das reportagens não tinha grande repercussão na imprensa, as denúncias de Alberto Frič demonstram claramente tal situação de completo silenciamento. Por outro lado, as palavras professadas por Von Ihering levantaram protestos de lideranças indígenas, políticos, jornalistas, indigenistas e cientistas que repudiaram publicamente a tese apresentada pelo naturalista alemão. Von Ihering serviu de “para raios” de todas as críticas nacionais e internacionais contra as políticas de extermínio. Ao invés de criticarem as políticas governamentais de extermínio dos indígenas, todos os críticos personificaram o problema nos discursos e argumentos do naturalista alemão (RITZ-DEUTCH, 2015).

No Museu Nacional, a Congregação tratou de escrever uma nota de repúdio contra o discurso de Von Ihering (A REPUBLICA, 1908, ED. 00293). A nota da Congregação ainda refletia um pensamento hierárquico, ao afirmar que os indígenas eram “em geral inteligentes, industriais, com grande capacidade de trabalho, quando lhes cabe direção competente e desvelada” (A REPUBLICA, 1908, ED. 00293). A necessidade de uma “direção competente” revela que, mesmo pretendendo “defender” aos indígenas dos ataques racistas, os mesmos defensores se mostravam por sua vez convencidos da inferioridade desses povos

Dentre os membros que assinaram o texto, estava João Baptista Lacerda, que tinha desenvolvido estudos ao longo de sua carreira científica que chegavam à conclusão de que os povos indígenas formavam uma raça humana em um elevado grau de inferioridade biológica e cultural. (LACERDA, 1876; 1882, 1885; 1905). A maior parte dos trabalhos publicados por Lacerda tinha como base de evidência empírica as medidas dos crânios. Ele contrastava com Von Ihering que apresentava suas pesquisas com prudência, reconhecendo as limitações que eram impostas pelos dados antropométricos que poderiam ser levantados.

## Capítulo 5

# O estudo de Paul Ehrenreich Sobre os Povos Indígenas do Brasil

Neste capítulo será discutida a produção científica de Paul Max Alexander Ehrenreich a respeito dos povos indígenas do Brasil. Ehrenreich nasceu em 1855 e faleceu em 1914 em Berlim. Ele doutorou-se em medicina e filosofia pela Universidade de Berlin. Sob a influência de Rudolf Virchow, dedicou-se a estudar a etnologia e a antropologia. Realizou expedições de estudos à Índia, ao Egito, à Tailândia, à Argentina, aos Estados Unidos, ao México e, principalmente, ao Brasil. Aqui, ele esteve por duas vezes entre os anos de 1884 e 1889. Em sua primeira viagem durante os anos de 1884 – 1885 visitou os “Botocudos” do Rio Doce nos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo. Na segunda viagem, durante os anos 1887 – 1888, participou, ao lado de Karl von den Steinen, da expedição alemã ao Xingu. Entre os anos de 1888 e 1889 visitou os “Karajá” do Araguaia (SCHADEN, 1964; HEMPEL, 2015; PETSCHLIES, 2018).

### Ehrenreich e o Estudo dos Povos Indígenas do Brasil na Viagem ao Espírito Santo

Em sua primeira viagem ao Brasil, entre 1884 e 1885, Ehrenreich foi recebido “com mostras de alta consideração” no Museu Nacional, sendo “recomendado pelo professor Virchow” (RELATÓRIOS DO MINISTERIO DA JUSTIÇA (RJ), 1905, p. 59). Ele teve seu primeiro contato com índios “Botocudos” em Minas Gerais e no Espírito Santo. Realizou um levantamento detalhado de dados antropológicos e entnográficos desses índios, o que resultou na publicação da obra *Sobre os índios Botocudos das províncias do Espírito Santo e de Minas Gerais na Revista da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e História Primitiva*,<sup>81</sup> no ano de 1887. Ele

---

<sup>81</sup> Título original: *Ueber die Botocudos der brasilianischen Provizen Espiritu Santo und Minas Geraes*.

também produziu o trabalho *Uma contribuição às características da linguagem dos Botocudos*,<sup>82</sup> publicada em 1896 na coletânea em homenagem ao 70º aniversário de Adolf Bastian. Ehrenreich trouxe nas referidas publicações descrições cuidadosas e detalhistas dos índios “Botocudos”. Ele descreveu com elevada riqueza de detalhes o modo de vida, as características físicas e os aspectos dos ambientes nos quais esses povos viviam. Com o seu rigor científico, Ehrenreich procurou colaborar na correção de imperfeições e erros de estudos sobre os “Botocudos” que foram feitos por viajantes que o antecederam, como o Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868) (BENTIVOGLIO, 2014). Um exemplo seria a inconsistência da família lingüística “Guck” proposta por Martius, pois a mesma apresentava elementos heterogêneos (EHRENREICH, 1892, p. 10).

Na expedição ao Rio Doce, em que visitou algumas tribos de “Botocudos”, Ehrenreich fez a descrição dos aspectos culturais da vida cotidiana desses povos. Ele considerava os “Botocudos” como um dos grupos humanos de menor desenvolvimento cultural no mundo, e que era atribuído às condições de vida as quais essas pessoas estavam submetidas. Por exemplo, os “Botocudos” não faziam canoas com casca de árvores para a navegação, ao contrário de outras tribos indígenas do Brasil. Em sua visão, tal aspecto estava atrelado, até certo ponto, pelo fato dos locais onde eles viviam terem rios impróprios para a navegação por conta de muitas quedas d’água. Ao atribuir o desenvolvimento cultural às questões sócio-ambientais, Ehrenreich se situava na contramão dos discursos antropológicos dominantes daquele período, os quais relacionavam o desenvolvimento cultural dos “Botocudos” a questões internas, como o tamanho e a forma do crânio desses índios. De acordo com Dadalto (2014), “o legado de Ehrenreich tem realce em sua tentativa de encontrar entre cinzas e escombros de uma população indígena aniquilada pelo processo civilizador eurocentrista resquícios de uma cultura viva, ainda pulsante após persistente massacre” (DADALTO, 2014, p. 17).

Ehrenreich apontou que os lugares habitados pelos “Botocudos” eram de difícil acesso por conta das declividades das serras, o que serviu como uma proteção para esses povos contra as culturas invasoras. Na visão de Ehrenreich, os “Botocudos” eram, ainda naquele período, os “senhores incontestáveis de suas florestas montanhosas, apesar de o seu antigo território já ter sido muito restringido” (EHRENREICH, 2014 [1887], p. 43).

---

<sup>82</sup> Título original: *Ein Beitrag zur Charakteristik der Botokudischen Sprache*

Encontrava-se muita “dificuldade de realizar viagens pela água nas corredeiras que descem do planalto de Minas”, tal aspecto geográfico “impediu a ocupação dessas regiões tão ricamente beneficiadas pela natureza, de modo que os filhos da selva” levavam “suas vidas tranquilas” e “sem perturbações na maior parte do território” (EHRENREICH, 2014 [1887], p. 51).

A disputa entre invasores e os povos indígenas até o final do século XIX foi compreendida por Ehrenreich como “a luta racial mais ferrenha com a mesma crueldade e selvageria por ambos os lados” (EHRENREICH, 2014 [1887], p. 44). A luta sangrenta não era o único mecanismo de tentativas incansáveis de destruição dessas populações indígenas. Ehrenreich cita relatos de que foram jogadas nas mãos dos índios “Botocudos” peças de vestuário de pessoas acometidas de varíola, visando alastrar essa peste nas populações desses povos indígenas. Ele chegou a ouvir “uma conversa numa localidade, se não seria recomendado distribuir cachaça envenenada para os bugres bravos” (EHRENREICH, 2014 [1887], p. 46; BENTIVOGLIO, 2014; DADALTO, 2014).

Ehrenreich traz o relato do subdelegado de Guandu no Espírito Santo, Sr. Moussier, que após os “Botocudos” perderem várias pessoas e terem se retirado para a mata, subitamente um deles apareceu e gritou para os brancos e os índios “mansos”:

Esta terra é nossa, vocês não têm o direito de penetrar aqui, éramos amigos, mesmo assim, vocês nos trataram como inimigos. Vocês mataram muitos dos meus irmãos. Vamos no vingar. Se vocês entrarem na nossa mata, vamos atacar. Que as árvores tombem sobre vós e vos matem. Que as cobras vos mordam, as onças vos devorem e que todas as terras perto do rio se tornem frias (EHRENREICH, 2014 [1887], p. 102 *apud* relato do Sr. Moussier).

O relato apresentado demonstra a situação conflituosa entre os “Botocudos” e as pessoas que invadiam suas terras. Tais eventos, como demonstrado no capítulo anterior, resultaram em práticas sistemáticas de ações que visavam o completo extermínio dos povos indígenas.

A descrição de Ehrenreich sobre os índios “Botocudos” se ateve aos aspectos morfológicos e culturais desses povos. Para ele, muitos eram bonitos e isso ia de encontro com muitas ilustrações e descrições que ele viu na Europa. Ele afirmou que parecia que em muitas obras eram escolhidos os indivíduos mais feios para serem descritos, ilustrados e/ou fotografados. Ehrenreich apontava que tais descrições estavam mais próximas de uma perspectiva caricatural e parecia “que muitos observadores se

deixaram levar a reproduzir somente as figuras feias, a fim de causar sensação sobre o público europeu (EHRENREICH, 2014 [1887], p. 62).

Em relação a teorizações que apontavam para o maior desenvolvimento cultural dos povos das áreas frias por conta da dificuldade de vida nesses lugares, Ehrenreich afirmava que a vida dos índios caçadores e coletores era mais difícil do que a vida das pessoas que moravam em lugares frios. Ele afirmava que:

De várias fontes temos a informação de que os povos das zonas mais frias teriam feito maiores progressos culturais pelo fato de que a sua pátria inóspita os forçaria a maiores esforços para obtenção de seu sustento, enquanto que os países da zona quente, com abundância de plantas e animais, alimentariam os seus habitantes praticamente sem esforço, favorecendo a sua indolência e inércia, levando-os a permanecerem em nível de desenvolvimento mais baixo (EHRENREICH, 2014 [1887], p. 85).

Tal perspectiva era válida, segundo Ehrenreich, apenas para os povos habitantes dos trópicos que praticavam a agricultura. Segundo ele, a procura de alimento pela caça e pesca era muito desgastante do ponto de vista físico, consumindo muita força física para satisfazer as necessidades básicas, sobrando pouca energia e pouco tempo para o desenvolvimento de “interesses mais elevados”. A procura de alimentos nas matas das zonas tropicais era mais difícil “do que nas matas e estepes da zona temperada ou nas costas dos países árticos, que fervilham de tantos pássaros, peixes, focas, etc” (EHRENREICH, 2014 [1887], p. 85).

### **Ehrenreich e o Estudo dos Povos Indígenas do Brasil na Viagem ao Xingú**

Na continuação de seu estudo sobre os povos indígenas do Brasil, Paul Ehrenreich participou da segunda expedição alemã dirigida por Karl von den Steinen ao Xingú, entre 1887 e 1889 (SCHADEN, 1993; KEULLER, 2008; HEMPEL, 2015; VIERTLER, 2019). Nesta viagem, ele visitou os estados de Mato Grosso e Goiás, desceu os rios Araguaia e Tocantins e viajou pela Amazônia. Ele fez diversos estudos sobre os mitos, as vestimentas, as relações sociais estabelecidas dentro de cada tribo, as

línguas e também fotografou e fez medições de diversas partes do corpo de alguns índios (EHRENREICH, 1929; PETSCHLIES, 2018).

Ehrenreich relatou que em 28 de Julho de 1887 deixou Cuiabá, em Mato Grosso, para ir aos rios Xingú, Curisevo e Culuene, local em que conseguiu visitar 11 povoações pertencentes a 7 tribos indígenas diferentes. A exuberância das paisagens e todas as manifestações culturais que ele conseguiu observar foram descritas. O acampamento montado por ele consistia em uma simples cabana de forma quadrada com o teto inclinado. Chama a atenção o relato de que, em sua ausência, alguns índios “Bahairis” fizeram repetidas visitas ao acampamento e passaram a construir suas casas com forma semelhante à do acampamento. De acordo com Ehrenreich, tais modificações culturais eram o resultado do contato dos indígenas com a comissão de naturalistas e evidenciava a rapidez com que se modificavam as singularidades etnológicas (EHRENREICH, 1891).

Ehrenreich trouxe uma valiosa descrição da cultura material dos povos indígenas do Xingú. Ele descreveu a produção de machados de pedra, as cerâmicas, as redes, as canoas, as roupas e coroas (cocás) que eram produzidas por esses indígenas. Ehrenreich demonstrou profunda admiração do uso do machado de pedra para produzir os arcos e flechas e para a derrubada de árvores. Em algumas tribos ele observou o jogo de bola, brincadeira com peteca e lutas corporais. Uma figura importante nas “tribos” era o “feiticeiro”, responsável pela cura das pessoas que adoeciam. O ritual de cura consistia em soprar silenciosamente o fumo sobre a parte do corpo acometida pela doença (EHRENREICH, 1891).

Em relação à agricultura, ele observou plantação de milho, mandioca e fumo. Algumas árvores frutíferas nativas eram plantadas ao redor da aldeia. A domesticação de animais era comum, dos quais se destacavam os papagaios, mutuns e jacus. Os indígenas do Xingú não conheciam os animais do velho mundo, o que demonstrava a ausência de contato com o “homem branco”. Nas conversas com os naturalistas, os indígenas riam da imitação da voz dos animais do velho mundo (EHRENREICH, 1891).

O que causou certo estranhamento em Ehrenreich foi que os indígenas trocavam o nome com o hospede em sinal de amizade. Quando hospedado, ele disse ter se encantado com o sabor das iguarias produzidas a partir da mandioca. As comidas que



eram oferecidas pelos indígenas deveriam “ser comidas logo, pois as mesmas eram retiradas sem maior cerimônia”. Na visão de Ehrenreich, os indígenas do Xingú, mostravam possuir elevadas “faculdades intelectuais, e considerando os seus escassos recursos materiais” era “preciso admitir-se que a original cultura” que adquiriram “nesse mundo aparte, sempre” era “muito digna de nota” (EHRENREICH, 1891).

Para conseguir os objetos etnológicos, Ehrenreich recorreu à permuta por objetos que trouxera da Europa. Ele observou tal momento com muito encantamento, percebendo nos indígenas, pessoas de elevada simplicidade e “ingenuidade”. Para exemplificar, ele afirmou que iniciavam a troca de um alfinete por um arco. Depois subiam o preço e procuravam trocar uma faca por um pedaço de bolo de mandioca (EHRENREICH, 1891). Todo o material etnográfico que ele conseguiu foi levado para a Alemanha e depositado no Museu Etnológico de Berlim.

Em sua visita ao Xingú, Ehrenreich procurou fotografar os indígenas e fazer o levantamento das línguas que eram faladas por eles. Além disso, ele fez medidas antropométricas e as descreveu, sem procurar estabelecer quaisquer relações antropológicas hierárquicas entre as diferentes tribos indígenas. Por fim, no dia 30 de Outubro a expedição começou o regresso para Cuiabá, chegando a essa cidade no dia 1º de Janeiro de 1888.

Para os pesquisadores que colocavam o Brasil como um país que tinha pouco a ser descoberto do ponto de vista antropológico e etnográfico, os estudos de Ehrenreich no final do século XIX mostraram a elevada riqueza das manifestações culturais humanas que ainda não eram conhecidas pelo mundo científico. Para Ehrenreich, o Brasil pertencia ao conjunto de países menos conhecidos em relação à antropologia e etnologia. Por tais motivos, Virchow e Bastian afirmaram que esse país era muito interessante para o estudo etnográfico, o que respaldava a relevância das expedições que Ehrenreich participou (EHRENREICH, 1891)

A expedição ao Xingú possibilitou a Ehrenreich a observação e a coleta de primorosos materiais antropológicos dos povos indígenas estudados. Como resultado dessa viagem, ele publicou em 1897 o livro *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyazund Amazonas (Purus-Gebiet)* (*Estudos antropológicos sobre os povos indígenas do Brasil, especialmente os estados de Mato Grosso, Goyaz e Amazonas [região de Purus]*).

Ehrenreich procurou ajudar a preencher a lacuna que existia em termos de conhecimentos etnográficos e antropológicos sobre os povos indígenas da América do Sul. Suas descrições incluíram esqueletos, crânios e fotografias que ficaram, pela primeira vez, acessíveis para a ciência.

### **A Perspectiva Antropológica de Ehrenreich no Estudo dos Povos Indígenas do Brasil**

Os estudos antropológicos de Ehrenreich estavam fundados numa perspectiva cultural, de modo que a compreensão sobre as relações de parentesco entre diferentes raças deveria ser feita com base nas relações culturais das diferentes raças humanas. Ehrenreich procurava compreender as culturas dos indígenas brasileiros como o resultado do local no qual esses povos viviam. A partir de Tylor<sup>83</sup> (1883), o autor defendia que os limites geográficos determinavam a forma de ser e de interagir com a natureza. A leitura do cultural como algo moldado pelo contexto geográfico possibilitou a Ehrenreich traçar argumentos sobre os aspectos culturais dos povos americanos. Ele procurava uma explicação das peculiaridades físicas e mentais da raça americana como produto de sua região geográfica. De acordo com Ehrenreich (1897):

Ao mesmo tempo, temos uma base sólida sobre a qual podemos nos mover, no fato de que as raças dos homens não estão espalhadas irregularmente sobre a superfície da Terra, mas evidentemente certas raças pertencem a certas regiões, que aparentemente toda raça está sob a influência do clima e a condição de solo daquela região em que se desenvolveu, e de onde se espalhou em outras regiões, onde sofreu mudanças e se misturou com outras raças (EHRENREICH, 1897, p. 106)

A investigação das línguas faladas pelos indígenas também estava presente no trabalho desenvolvido por Ehrenreich. Para ele, o estudo das línguas seria um ponto

---

<sup>83</sup> Edward Burnett Tylor (1832 – 1917) foi um antropólogo inglês. Publicou diversas obras sobre a antropologia, dentre elas está: TYLOR, EDWARD BURNETT. **Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art, and Custom.** 2nd ed. 2 vols. London: John Murray, 1873. Outra obra foi: TYLOR, EDWARD BURNETT. Einleitung in das Studium der Anthropologie und Civilisation, dt. v. G. Siebert. **Braunschweig.** 1883

importante para compreender as relações de parentesco de diferentes povos. Ao analisar povos que falam a mesma língua, antes das grandes navegações de 1500, podia-se compreender que:

Não haveria nação, se não as pessoas. A linguagem é o meio para equilibrar diferenças, tornar comuns a todos a vontade e o pensamento do indivíduo. Onde várias línguas se espalham, a população consiste em uma mistura de várias línguas, costumes e aspirações de diferentes povos, uma massa extenuante. A língua é o momento mais importante em que a unidade de um povo se apresenta (EHRENREICH, 1897, p. 25-26).

Nessa perspectiva, seria por meio da linguagem que aconteceria a união de povos, tribos e nações. O olhar para a linguagem foi uma proposta investigativa que ele trouxe em contraposição ao exaustivo gasto de energias em longos estudos da antropologia física que estavam centrados exclusivamente na craniometria. Os estudos desenvolvidos pela “antropologia física não” tinham nada a ver “com a linguagem, não olhavam para os indivíduos em termos de sua audácia popular, mas apenas no que diz respeito à sua raça, suas características físicas” (EHRENREICH, 1897, p. 25). Nesse sentido, a língua e a geografia eram tidas como elementos importantes para se compreender os povos indígenas e as relações históricas estabelecidas por diferentes tribos no continente americano.

O olhar para os aspectos culturais que caracterizavam os indígenas brasileiros foi um ponto excepcional nas pesquisas de Ehrenreich. Assim, ele dizia que “o homem não interessava ao antropólogo no sentido mais restrito, não como um objeto zoológico, mas como um membro de um povo em particular”. A este respeito, Topinard sublinhava muito corretamente que “os povos sozinhos são realidades” (EHRENREICH, 1897, p. 7).

Por meio de suas cuidadosas observações, Ehrenreich descrevia as línguas indígenas que ele teve contato e procurava estabelecer as possíveis relações entre as tribos indígenas que falavam diferentes línguas. Ehrenreich considerava que os dados craniométricos eram insuficientes para responder à pergunta sobre a origem do homem americano. Para ele, apenas a prova da conexão linguística entre mongóis e americanos, negros e papuanos poderia, apesar da separação, estabelecer algum tipo de relação entre estas diferentes raças. A afinidade física entre diferentes raças só poderia ser confirmada pela superação da lacuna linguística (EHRENREICH, 1897).

Segundo Ehrenreich, a linguagem equilibrava as diferenças, tornando o pensamento individual comum a todos. A língua era o momento mais importante em que a unidade de um povo se apresentava. Como exemplo dessa relação linguística entre diferentes tribos de uma mesma raça, Ehrenreich apontava os indígenas “Apiaka” do Rio Tocantins e os “Bakairí” do Mato Grosso, que embora separados por 10 graus de latitude, eram linguisticamente relacionados (EHRENREICH, 1897).

A aposta de Ehrenreich no estudo de aspectos culturais a respeito dos povos indígenas do Brasil fez dele um dos pioneiros na formação dos alicerces para a virada dentro da antropologia que aconteceu no início do século XX, a qual passou do foco exclusivo nos estudos antropométricos, para a valorização dos estudos culturais, dentro de uma perspectiva relativista. Tschudi também trouxe reflexões importantes a respeito das limitações da craniometria, sobretudo para a comparação das relações de parentesco entre diferentes raças. De acordo com Tschudi:

Não há característica comum a todos os povos indígenas, ou apenas a eles. Já foi mencionado acima entre os extremos que a formação do crânio dos índios americanos se move. Não há uma forma típica de caveira nativa americana. Todas as tentativas de trazer os índios americanos para subdivisões cranianas até agora não tiveram sucesso. Deve-se ter cuidado para não atribuir um alto valor de classificação antropológica à formação de crânios e usá-la, por exemplo, como a única base para a divisão das pessoas do ponto de vista científico. As formas do crânio são extremamente variáveis, mesmo em uma e na mesma família, os tipos mais desviantes. (TSCHUDI, 1884, p. 7-9)

A preocupação de Tschudi com o uso das medidas dos crânios para a classificação antropológica também estava presente na obra de Ehrenreich. De acordo com Ehrenreich, seus estudos em antropologia estavam fundados no método mais recente da pesquisa etnológica e antropológica da época. Ao mesmo tempo em que, com base nessa metodologia, expôs as contradições dos trabalhos produzidos por alguns viajantes, como as do Príncipe de Wied, de August Saint-Hilaire e de Hartl<sup>84</sup>,

---

<sup>84</sup>Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied (1782 – 1867) foi um naturalista e etnólogo alemão que esteve no Brasil de 1815 a 1817. Dessa viagem, resultou a obra: WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815, 1816 bis*. Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönnner, 1820-1821. vol. 1 e 2. 1817.

August Saint-Hilaire (1779 – 1853) foi um naturalista francês que esteve no Brasil entre 1816 e 1822. Publicou o livro SAINT-HILAIRE, August de. *Viagens à Província de Goiás*. Tradução: Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

Ehrenreich faz uma consistente crítica à antropologia física que para ele falhou em seu objetivo central de procurar compreender as relações entre as diferentes raças do mundo. Para ele, as grandes raças do mundo eram nitidamente reconhecíveis, mas do ponto de vista científico, a descrição dessas raças era algo ainda complicado e permeado por imperfeições. O estudo da antropologia física tinha como aspecto central a medição dos crânios. O problema nisso era que em todas as raças do mundo se encontravam os mesmos aspectos considerados como os tipos para a diferenciação das raças. Tais medidas passavam a ser arbitrárias e trouxeram, na visão do autor, o distanciamento das respostas para as perguntas que eram levantadas pelos pesquisadores naquele período (EHRENREICH, 1897).

Ehrenreich afirmava que a adoção de apenas um aspecto, as medidas do crânio, como mecanismo de tentar responder às perguntas que eram levantadas na antropologia naquele contexto, dificilmente chegaria a respostas consistentes. Assim, ele apontou que a localização geográfica e a língua falada deveriam fazer parte dos estudos sobre as raças humanas, pois eles trariam mais elementos para sustentar as categorias propostas pelos pesquisadores.

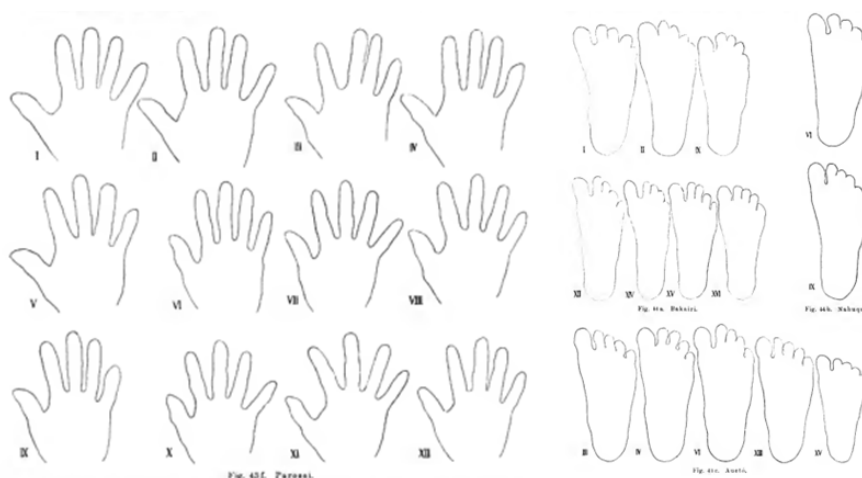
Em segundo lugar, isto é expresso na natureza inadequada do procedimento de medição em geral, e em segundo lugar no falso questionamento que o acompanha, nomeadamente na tentativa de resolver problemas medindo números e comparando medidas que pela sua natureza escapam ao tratamento científico-matemático. Porque pertencem a campos de pesquisa muito diferentes, isto é, questões de etnologia, de parentesco de povos e de misturas de pessoas, no curso das quais a etnologia e a pesquisa linguística são os fatores decisivos (EHRENREICH, 1897, p. 6).

De acordo com Ehrenreich o laborioso trabalho craniométrico não trouxe provas sobre as possíveis relações entre diferentes raças. Ehrenreich defendia que a classificação linguística seria preferível quando comparada com as proposições antropológicas. Em sua visão, a grande diversidade de povos indígenas que viviam no Brasil só poderia ser distinguida pela comparação linguística. As classificações baseadas nos caracteres físicos deveriam ser feitas com muita cautela. A antropologia física deveria tratar “dos Americanos como raça, não das tribos que pertencem a esta raça” (EHRENREICH, 1891, p. 14).

---

Charles Frederick Hartt (1840 – 1878) foi um geólogo canadense-americano. Acompanhou Louis Agassiz em sua viagem ao Brasil. Publicou em 1870 o livro: HARTT, Charles Frederick. **Geologia e Geografia Física do Brasil**. Trad. E. Susseking e E. Dohamit. Companhia Editôra Nacional. Rio. de Janeiro. 1941.

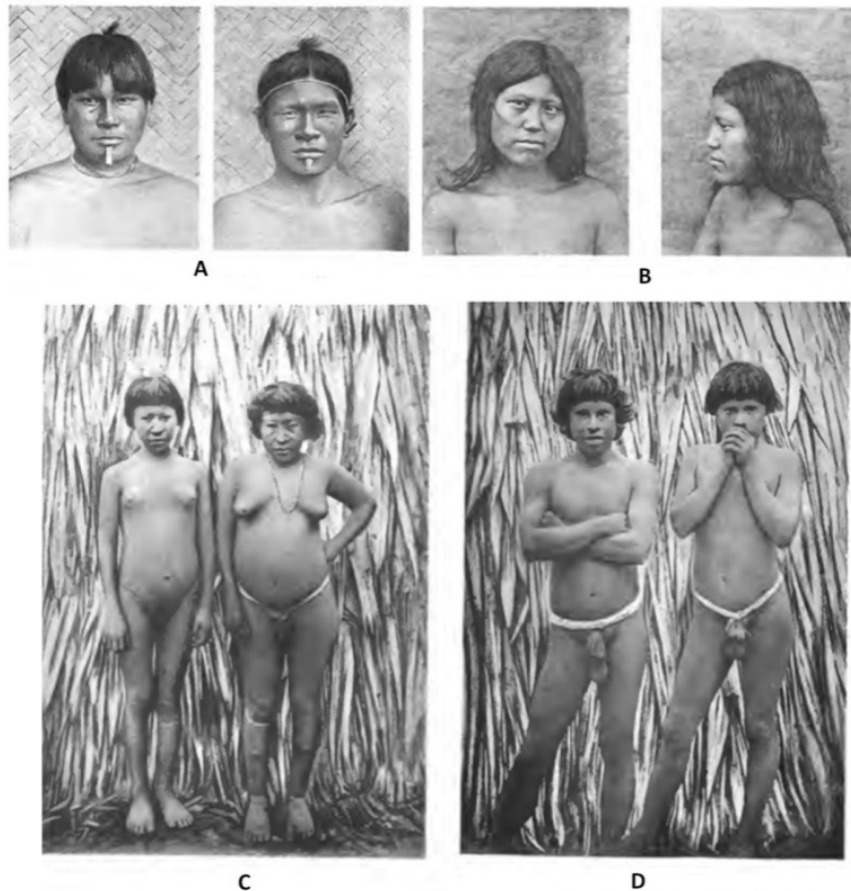
Ehrenreich reconhecia que a relação da “raça americana” com as raças do velho continente era um problema central dentro da antropologia naquele período. Ele ponderava que tal problema só poderia ser resolvido com um estudo cuidadoso dos caracteres físicos da “raça americana”. Em sua visão, a antropologia estava ainda nos primórdios do desenvolvimento desses estudos (EHRENREICH, 1891, p. 14). Os argumentos que foram apresentados por Ehrenreich tornavam frágeis quaisquer estudos antropológicos que procurassem estabelecer relações de parentesco entre os diferentes povos indígenas americanos com base nos dados antropométricos. As recorrentes hierarquias raciais que foram propostas por diferentes autores como Ladislau Mello-Netto e João Baptista Lacerda também ficaram fragilizadas pelos argumentos de Ehrenreich, uma vez que ele procurou demonstrar que antropometria dos povos americanos era um campo de estudo que estava ainda se iniciando, o que demandaria muita cautela na proposição de qualquer classificação baseada nos dados antropométricos. Para Ehrenreich, os estudos linguísticos e as medidas de outras partes do corpo poderiam contribuir para responder às perguntas relativas às relações históricas entre diferentes raças (FIGURA 12).



**Figura 12:** Ilustrações de mãos e pés de índios da Amazônia brasileira : Fonte: EHRENREICH, PAUL. *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz und Amazonas (Purus-Gebiet)*. Nach eigenen Aufnahmen und Beobachtungen in den Jahren 1887 bis 1889, Braunschweig, 1897.

Ehrenreich também defendia o uso das imagens fotográficas como o melhor modo de mostrar ao mundo a diversidade humana estudada por ele nas expedições que fez ao Brasil (FIGURA 13). Ele afirmava que as fotografias eram de elevada importância para que outras pessoas pudessem ver como eram as fisionomias dos

indígenas, algo que ficava limitado e incompleto pelos desenhos ou esqueletos que eram levados para a Europa. As imagens feitas por Ehrenreich possuem um grande valor etnográfico e histórico para a sociedade brasileira, elas permitem a observação de elementos culturais intrínsecos à diversidade humana presente no Brasil daquele período.



**Figura 13::** Fotografias de índios da Amazônia brasileira que foram estudados por Ehrenreich. **A** – dois índios Karaya. **B** - Imagem frontal e de perfil de uma índia Bororo. **C e D** - Índios Ipurina. Fonte: EHRENREICH, PAUL. *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz und Amazonas (Purus-Gebiet)*. Nach eigenen Aufnahmen und Beobachtungen in den Jahren 1887 bis 1889, Braunschweig, 1897.

Ehrenreich afirmou que a análise cautelosa da diversidade lingüística e dos objetos etnológicos eram as melhores formas de se estabelecer as relações de parentesco entre diferentes tribos indígenas aqui no Brasil. Para ele a craniometria deveria ser

usada de modo cuidadoso, pois a análise de crânios poderia trazer a proposição de hipóteses inconsistentes, como o estabelecimento de relação de parentesco próximo entre índios americanos e russos (EHRENREICH, 1891).

Em seu modo de ver, a língua falada pelos indígenas que ainda não tinham contato com o “homem branco” traria elementos de elevada relevância para sustentar hipóteses sobre o povoamento do continente americano. Ele ponderou que a ausência da escrita para as diversas línguas indígenas que eram faladas poderia facilitar mudanças que trariam fragilidades para o estabelecimento das relações antropológicas. Por outro lado, ele observava que algumas palavras permaneciam com menos alterações, como os nomes dos membros do corpo, o que facilitava o estabelecimento das relações entre as diferentes línguas indígenas (EHRENREICH, 1891).

As publicações de Ehrenreich sobre a diversidade linguística dos povos indígenas brasileiros estavam respaldadas pela relevância científica. Demonstrando admiração com os trabalhos etnográficos de Ehrenreich, o jornalista paranaense Romario Martins<sup>85</sup> publicou um texto no jornal *A Republica* (PR) afirmando que a sociedade brasileira deveria incorporar os indígenas à “civilização”. Em sua visão, quando “os sábios europeus, a exemplo o Ehrenreich, que de novo voltarem ao Brasil, mas para se admirarem do nosso progresso, jamais para narrarem a história, os costumes e os hábitos das nossas raças selvagens!...” (MARTINS, 1902, p. 1). Por tais palavras, o autor tinha um olhar depreciativo sobre as manifestações culturais dos povos ditos “selvagens”, logo, seria indesejado que estudos científicos revelassem ao mundo as peculiaridades etnográficas de uma parte da população brasileira.

As ponderações quanto ao uso da antropometria para o estudo das raças humanas podem ser consideradas um avanço importante para a consolidação da antropologia. Mesmo sendo um grande estudioso da cultura indígena, Ehrenreich tinha como perspectiva teórica a visão de que as diferentes raças humanas se encontravam em diferentes estágios da evolução cultural. Para ele, era nítido que algumas culturas eram superiores à outras. Os “Botocudos”, assim como os “Gés” mais orientais viviam em circunstâncias primitivas. Eles estavam “nas formas ínfimas da vida social, rudes

---

<sup>85</sup> Martins citou em seu texto o livro *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens (Contribuições para a etologia do Brasil)*. A obra tinha sido publicada em 1891. A referência da obra traduzida para o português: EHRENREICH, Paul. Contribuições para a etnologia do Brasil. *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. 2. p. 7 – 135, 1948.



caçadores, sem cultura alguma, ignorantes do fabrico da louça, da fiação, da tecelagem, da casa permanente, da navegação ou do uso da rede para dormir” (EHRENREICH, 1892, p. 29-30).

Ainda segundo o autor, nenhum outro grupo indígena brasileiro era mais conhecido do ponto de vista antropológico do que os “Botocudos”. Uma elevada quantidade de crânios desses indígenas tinha sido levada para a Europa ao longo do tempo. Ainda demonstrando um olhar hirárquico entre as diferentes manifestações culturais, Ehrenreich (1892) afirmou que, “apesar da natureza paradisíaca de seu território, o seu estagio de cultura é talvez o mais baixo que jamais se encontrou” em outros lugares, “mais baixo mesmo que o dos Australianos” (EHRENREICH, 1892, p. 34).

## Considerações

Os estudos desenvolvidos por Ehrenreich a respeito dos povos indígenas do Brasil trazem elementos importantes sobre a constituição da história desse país. As duas expedições que Ehrenreich fez ao Brasil possibilitaram a construção de trabalhos antropológicos robustos, nos quais discutiu a origem da raça americana e os limites que a antropologia física possuía para dar respostas às relações entre diferentes raças. Sua obra é fundamental para compreender as mudanças epistemológicas que aconteceram dentro da antropologia no início do século XX. Esse foi o momento no qual a antropologia passou de uma perspectiva física, para dar lugar aos estudos culturais amparados numa compreensão relativista (SUSSMAN, 2014; SANTOS, 2019). Ehrenreich estava no lado oposto aos discursos majoritários das pesquisas antropológicas que propunham hierarquias raciais com base nos aspectos craniométricos. Eram poucos os pesquisadores que, como Ehrenreich, defendiam que todas as raças humanas estavam no mesmo grau de evolução biológica.

Mesmo não concordando com o estabelecimento de hierarquias raciais baseadas nos aspectos craniométricos, Ehrenreich defendia a existência de raças humanas superiores e outras inferiores a partir dos aspectos culturais. Os aspectos, como a língua e a mitologia dos povos indígenas do Brasil foram estudados por Ehrenreich. Para ele, só o estudo da língua poderia mostrar as possíveis relações entre diferentes raças. A língua significava o clímax da unidade de uma raça.

## Considerações Finais Gerais

A existência de seres humanos no território brasileiro sempre foi motivo de curiosidade desde a chegada dos portugueses em 1500. Como os seres humanos surgiram no continente americano? Teriam uma origem independente ou uma origem comum com os povos do velho continente? Os naturalistas orientados pela perspectiva poligenista acreditavam que os seres humanos tinham diversas origens independentes. Por outro lado, existia a corrente de pesquisadores monogenistas que defendiam uma origem única para todos os tipos humanos (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016).

Aqui no Brasil, as discussões a respeito do monogenismo e poligenismo estiveram centradas na realidade racial vivenciada no país. As raças humanas que viviam aqui poderiam ser consideradas espécies diferentes, com origens independentes ou pertenciam todas à mesma espécie? Para aqueles que defendiam a existência de espécies humanas distintas, o Brasil estaria no caminho da formação de uma nação de híbridos, o que era visto como algo ruim, pois os mestiços híbridos eram considerados como um tipo humano degenerado (AGASSIZ; AGASSIZ, 1868; LACERDA; PEIXOTO, 1876; LACERDA, 1882; PEIXOTO, 1885; SCHWARCZ, 1993; 2011).

Os estudos de antropologia física a respeito dos crânios serviram tanto para a sustentação das hierarquias raciais do ponto de vista biológico, quanto para a refutação de tais hierarquias. A descoberta do crânio petrificado, na década de 1830, em Lagoa Santa em Minas Gerais foi um ponto importante para a consolidação da hipótese da grande antiguidade do humano no continente americano. As características do crânio possibilitaram a afirmação de que desde tempos pré-históricos os seres humanos possuíam características craniométricas semelhantes aos contemporâneos (KOLLMANN, 1883). Outros pesquisadores procuravam afirmar a inferioridade biológica de alguns povos indígenas, como os “Botocudos” por terem crânios semelhantes ao encontrado em Lagoa Santa (LACERDA; PEIXOTO, 1876).

No Brasil, o estudo em antropologia física sobre a diversidade humana dos povos indígenas se encontrava ainda prematuro na segunda metade do século XIX. O

Brasil estava muito atrasado no desenvolvimento da antropologia quando se comparava os trabalhos desenvolvidos no país com os que eram produzidos nos Estados Unidos e na Europa. Tal situação causava grande incômodo para a elite intelectual local, bem como para os governantes locais.

Com o advento a Proclamação da República em 1889, as elites locais viam a necessidade de se tornar o Brasil um país “civilizado”. A sonhada “civilização” perpassava sobre a composição racial local. Para os intelectuais da época, algumas raças humanas eram incapazes de se tornarem “civilizadas”. Por serem considerados seres humanos inferiores, os povos indígenas em sua maioria eram tidos como uma barreira biológica para que a sociedade brasileira andasse a passos largos para o progresso.

O embranquecimento da população brasileira era vista como a única maneira do país se tornar civilizado. As políticas para a inserção de imigrantes estrangeiros deveriam ser fomentadas. Ao mesmo tempo, por serem vistos como raças inferiores, os indígenas tendiam ao completo desaparecimento ao longo dos tempos.

A visão sobre a superioridade e a inferioridade racial de algumas raças humanas foi alimentada pela teoria darwinista da evolução. Na obra *Descent of Man*, de 1871, Darwin afirmava que a extinção de certas raças humanas era algo comum e historicamente conhecido. A extinção das raças “inferiores” era considerada como um destino e era algo desejável do ponto de vista social. Ela garantiria o aprimoramento da espécie, pois só as raças superiores teriam mais chances de sobreviver e deixar descendentes. A discussão travada por Darwin sobre a evolução humana não se restringiu aos processos internos do desenvolvimento do conhecimento científico. Ela teve penetração dentro da sociedade, dando respaldo a hierarquias sociais e a discursos políticos voltados para a “melhoria” da raça. Tais conhecimentos foram abraçados pela comunidade científica do Brasil que passou a discutir possíveis soluções para o “problema” racial desse país (SCHWARCZ, 1993; SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2009; 2017).

Tanto o início dos estudos em antropologia física, quanto à disseminação dos postulados darwinistas a respeito da evolução humana tiveram fortes alicerces no Museu Nacional. O primeiro curso de antropologia física foi ministrado no ano de 1877 por João Baptista Lacerda, quando Ladislau Mello Netto era diretor dessa instituição. A

perspectiva antropológica de Paul Brocca teve grande ressonância na orientação teórica de Mello-Netto e de Lacerda.

O primeiro capítulo da presente tese foi dedicado à análise da obra de Ladislau Netto em relação aos povos indígenas brasileiros. Mello-Netto pode ser considerado como um pesquisador que buscou, a todo custo, fortalecer as pesquisas em antropologia indígena dentro do Museu Nacional. Foi um marco na história do país a Exposição Antropológica Brasileira que foi organizada por ele e que aconteceu em 1882 nesse museu. Para a construção da exposição, Mello-Netto viajou ao Pará para coletar materiais arqueológicos e antropológicos para serem expostos. Chamaram-me a atenção os artificios usados por ele para conseguir esqueletos de indígenas perante seus povos. Sob o tom de ameaça, Mello-Netto conseguiu arrancar de povos indígenas vários restos mortais para serem levados para o Rio de Janeiro (O GLOBO, 1882, Ed. 00260, p. 3). O respeito às singularidades dos povos indígenas não foi levado em consideração por Mello-Netto.

Para serem expostos nas salas do Museu, Mello-Netto conseguiu que fossem levados Capitão Joaquim Pedro, José, Nazareth, Thomé, e Maréca, Aquinhen e Benta que eram índios “Botocudos” que viviam na Província do Espírito Santo. O fato chamou a atenção da sociedade local. A curiosidade, o estranhamento e a admiração foram sentimentos expressos pelos visitantes que queriam ver os “Botocudos”. Ao mesmo tempo, a imprensa tratou tal exibição de pessoas indígenas como algo a ser glorificado apesar do notável desconforto demonstrado pelos indígenas para com os visitantes da exposição.

No final de 1882 outros cinco “Botocudos, Maria Antonia, Nacuhén, Nahen, Paulo e Francisco, foram levados por Crimildes Barata Ribeiro para serem expostos na Europa. A notícia logo se espalhou e causou grande desconforto para as elites locais. A imprensa tratou o evento relatado com um ato de grande desumanidade, visto as condições nas quais essas pessoas seriam submetidas no continente europeu. De modo mais discreto, outras reportagens viram o fato com um acontecimento muito desagradável e indesejado, pois os seres humanos considerados “selvagens” e “inferiores” seriam vistos como legítimos representantes da população brasileira. Para essas pessoas, o mundo “civilizado” iria criar uma imagem pejorativa da constituição racial do país.

No seguinte capítulo da tese analisei a obra de Lacerda em relação aos povos indígenas. Na referida exposição, ele apresentou um trabalho no qual afirmava que os indígenas eram inferiores em força física. Por esse motivo, a exploração da mão-de-obra indígena era algo inviável. Ao longo das últimas décadas do século XIX, Lacerda desenvolveu estudos antropométricos que buscaram esclarecer as relações de parentesco entre diferentes povos indígenas do Brasil. Também foi foco de seus estudos a investigação sobre a origem dos seres humanos no solo americano.

Na visão de Lacerda, os povos indígenas eram uma raça humana inferior. Quando se tratava dos índios “Botocudos”, ele defendia que tais indígenas representavam a raça humana em um dos maiores graus de inferioridade biológica. Por constituírem raças inferiores, as previsões darwinistas apontavam para o completo desaparecimento de tais raças ao longo do tempo.

No ano de 1911, Lacerda representou o Brasil no Congresso Universal das Raças. No trabalho apresentado no congresso, ele afirmava que por conta do processo de miscigenação o país tinha uma população composta por brancos, negros, índios e mestiços. Na visão do autor, no ano de 2012, o território brasileiro teria uma população composta majoritariamente de brancos. Pelos dados apresentados, os povos indígenas também teriam um aumento na representatividade da população nacional. Em movimento oposto, os negros estavam fadados ao completo desaparecimento.

O discurso de Lacerda (1911) não agradou a uma parte da elite brasileira. Medeiros e Albuquerque (1911) fez uma crítica de que no referido congresso, o Brasil seria apresentado como um país de população negra. Lacerda classificou tais deduções como desonestas e infundadas pelos dados apresentados por ele. O episódio revelou o quanto a elite brasileira se incomodava em afirmar que as raças negra e indígena constituíam as raízes da população local. Até onde chega o meu conhecimento, a polêmica relatada foi pela primeira vez tratada por um estudo histórico detalhado.

Mello-Netto e Lacerda foram pesquisadores que abraçaram cegamente os estudos antropométricos. Como mostrei, suas pesquisas foram fortemente criticadas por Silvio Romero, o que não tinha sido objeto de outras análises historiográficas. Romero os via como incompetentes e incapazes de realizar pesquisas consistentes sobre a

antropologia indígena. A respeito dessas críticas, ambos os pesquisadores não se manifestaram publicamente.

No seguinte capítulo, empreendi uma análise da visão do von Ihering sobre os indígenas no período considerado. Em uma postura mais prudente quanto ao alcance dos dados da antropometria, o alemão Hermann von Ihering fez interessantes estudos sobre os povos indígenas do Brasil. Nas obras de von Ihering, os dados craniométricos eram levantados e comparados de modo limitado, sem extrapolações para o estabelecimento das “naturalizadas” hierarquias raciais. Os dados antropométricos eram usados apenas para tentar estabelecer as possíveis relações sobre a diversificação dos seres humanos pelo continente americano. Estava nessa mesma linha de pensamento Paul Ehrenreich, cujos estudos sobre os indígenas brasileiros formam o objeto do capítulo 6. Ele foi um etnólogo, viajero e naturalista que esteve no país duas vezes no final do século XIX. Ambos tiveram formação na escola de antropologia alemã liderada por Virchow e Bastian. Essa influência resultou decisiva para que ambos tivessem um olhar cauteloso quando ao uso da craniometria nos estudos de antropologia.

Embora tivessem uma postura prudente quanto ao uso dos dados craniométricos e de valorizarem os estudos sobre a cultura indígena, von Ihering e Ehrenreich compreendiam que as diferentes raças humanas estavam em diferentes escalas evolutivas quanto à cultura. Mesmo que eles defendessem que todos os povos daquele contexto estivessem no mesmo patamar evolutivo quanto às características biológicas, do ponto de vista cultural existiam raças humanas superiores e outras raças humanas inferiores. Essa visão estava em total consonância com os postulados do evolucionismo cultural defendido por autores como Tylor. Para ambos, os índios “Botocudos” eram os representantes da raça humana em maior grau de inferioridade cultural no mundo.

Por fim, a tese apresentada mostra o quanto os povos indígenas do Brasil tiveram a sua dignidade humana desrespeitada em prol de determinados estudos científicos. A animalização desses povos foi uma marca do período estudado. Além disso, muito daqueles que representavam o pensamento da elite intelectual e política odiavam reconhecer que o Brasil tinha em sua composição racial, os povos indígenas.

Infelizmente, ainda em 2020, a negação da existência dos povos indígenas ainda permanece em alguns que estão à frente da política nacional. Para exemplificar tal fato,

recorro ao discurso do ex-ministro da educação do governo Bolsonaro, Abraham Weintraub, que em reunião interministerial de 22 de abril de 2020, afirmou:

Odeio o termo ‘povos indígenas’, odeio esse termo. Odeio. O ‘povo cigano’. Só tem um povo neste País. Quer, quer. Não quer, sai de ré. É povo brasileiro, só tem um povo. Pode ser preto, pode ser branco, pode ser japonês, pode ser descendente de índio, mas tem que ser brasileiro, pô! [Vamos] Acabar com esse negócio de povos e privilégios. Só pode ter um povo, não pode ter ministro que acha que é melhor do que o povo. Do que o cidadão.

O discurso de Weintraub representa o pensamento de homogeneização dos povos como forma de descaracterizar as suas singularidades. Tal processo busca, no fundo, negar aos povos indígenas o direito de existirem e de constituírem a população brasileira. Além disso, essa argumentação tem a clara intenção de minar as políticas afirmativas de reparação histórica.

Mesmo que tais discursos ainda estejam presentes na sociedade brasileira, a luta dos povos indígenas para terem direitos conquistados e consolidados é o que deve mover aqueles que acreditam num país que promova condições de igualdade para os diferentes povos. É nesse sentido que a tese aqui apresentada trouxe elementos históricos para que possamos refletir sobre o papel da ciência na legitimação do racismo.

Os resultados inéditos que alcancei nessa pesquisa demonstram que a história das ciências ainda é um campo de muitos tesouros a serem descobertos. Algumas perguntas surgiram e merecem ser futuramente investigadas.

1- A partir das críticas levantadas por Alberto Vojtěch Frič, a comunidade científica internacional passou a dar importância para as ações de completo extermínio dos povos indígenas do Brasil no início do século XX. Foi um episódio que marcou o pensamento nacional sobre a proteção aos povos indígenas. Então, como aconteceu interação entre os conhecimentos científicos e as políticas de proteção aos povos indígenas a partir do ano de 1910, ano que foi criado o Serviço de Proteção aos Índios?

2- O tema analisado nessa tese tem íntima relação com a construção do conhecimento científico. Por essa razão, uma linha de pesquisa que necessita ser aprofundada é sobre as contribuições da história do racismo científico sobre os povos indígenas do Brasil para o ensino de ciências e de história nos diferentes níveis de ensino da educação brasileira. Tal perspectiva está amparada na Lei Nº 11.645, de 10



Março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos A contextualização histórica da produção do conhecimento científico possibilita a construção de uma “perspectiva humanística no ensino de ciências, que se refere à discussão sobre valores, a partir do debate sobre aspectos sociais e culturais da ciência, e ao caráter humano da ciência, revelado através de sua história” (PAIVA, 2020, p. 23).

# Referências

## Fontes Primárias

### Jornais e revistas consultados

*A Imigração : Órgão da Sociedade Central de Imigração (RJ);*

*A Noticia (PR),*

*A Provincia do Espirito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal (ES),*

*A Republica: organ do Partido Republicano (PR);*

*Almanack Brasileiro Garnier;*

*Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (RJ);*

*Diario da Tarde (PR),*

*Gazeta da Tarde (RJ),*

*Gazeta de Noticias (RJ),*

*IL Bersaglière (RJ),*

*Jornal do Commercio (RJ),*

*O Dia: Órgão Do Partido Republicano Catharinense,*

*O Estado de São Paulo,*

*O Globo: Órgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ),*

*O Mequetrefe (RJ).*

*O Paiz (RJ),*

*Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro,*

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,*

*Revista Illustrada (RJ).*

## Fontes da Imprensa

A Barata (Poema). **Corsario: Periodico Critico, Satyrico e Chistoso (RJ)**, Edição 00035, p. 3, 23 de Dezembro de 1882.

**A Noticia (PR)**, Edição 00287, página 1, coluna 2. Curitiba, 15 de Outubro de 1906

**A Republica: orgam do Partido Republica (PR)**, ED. 00055, p. 1, coluna 6-7. Curitiba, 8 de Março de 1909.

**A Republica: orgam do Partido Republica (PR)**, ED. 00069, p. 2, coluna 4. Curitiba, 24 de Março de 1906.

**A Republica: orgam do Partido Republicano (PR)**, Edição 00294, página 1, colunas 2-3. Curitiba, 16 de Dezembro de 1908.

**A Republica: orgam do Partido Republicano (PR)**, Edição 00305, página 1, coluna 3. Curitiba, 29 de Dezembro de 1908.

ALENCASTRO. M. GITAHY DE. O Congresso do Livre-Pensamento, **IL Bersaglière (RJ)** Edição 00421, página 4, coluna 4-6. Rio de Janeiro, 1º de Janeiro de 1907.

ALMEIDA, SILVIO DE. Divagações. **O Estado de S. Paulo**, página 1, coluna 1. São Paulo, 12 de Outubro de 1908a .

ALMEIDA, Silvio de. Divagações. **O Estado de São Paulo**, página 1, colunas 1-2. São Paulo, 26 de Outubro de 1908b.

ALMEIDA, SILVIO DE. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 14 de Agosto de 1911a.

ALMEIDA, SILVIO DE. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 28 de Agosto de 1911b.

Athanagildo Barata Ribeiro. Os Botocudos na Europa VIII. **Jornal do Commercio (RJ)**, Edição 00354, p. 3, 21 de Dezembro de 1882.

- BARBOSA, L. B. H. Em defesa dos indigenas brasileiros. **Jornal do Commercio (RJ)**, Edição 00315, página 12, colunas 1-2. Rio de Janeiro, 11 de Novembro de 1908.
- Botocudos na Europa. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00192, 11 de Julho de 1883.
- Botocudos. **A Provincia do Espirito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciales, filiado à escola liberal (ES)**. Edição 00548, 6 de Julho de 1884.
- Congresso das Raças. **Gazeta De Noticias (RJ)**, Edição 00249, Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1911
- Congresso de Americanistas. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00194. Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1888.
- Congresso Internacional dos Americanistas. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Ano 1888\Edição 00244, Rio de Janeiro, 1º de Setembro de 1888.
- Crônicas Fluminenses. **Revista Illustrada (RJ)**, Edição 00310. Rio de Janeiro, 1882.
- DAST, JULIO. Crônicas Fluminenses. **Revista Illustrada (RJ)**, Edição 00311. Rio de Janeiro, 1882.
- Discurso de Ladislau Netto na abertura da Exposição. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00210 (2), Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1882
- Dr. Fric. **Diario da Tarde (PR)**, Edição 02490, página 2, coluna 1-2. Curitiba, 30 de abril de 1907.
- DU BOIS, WILLIAM EDWARD BURGHARDT. The Race Congress. **The Crisis**, v. 2, n. 5, p. 200-209, 1911.
- EHRENREICH, PAUL. A ethnografia da America do Sul ao começar o Século XX. Tradução de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, vol. XI, p.280-305, 1906.
- EHRENREICH, Paul. Divisão e distribuição das tribus do brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos. [Tradução de Capistrano de Abreu]. **Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro**, tomo VIII, p.3-55, 1892.

EHRENREICH, Paul. Ethnographia selvagem. [Tradução de Capistrano de Abreu]. **Almanack Brasileiro Garnier** para o ano de 1907, p.79-98, 1907.

EHRENREICH, Paul. **Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos**. Trad Capistrano de Abreu. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, tomo VIII, p.3 – 55, 1892.

2ª Expedição alemã ao Xingu. **A Imigração: Orgão da Sociedade Central de Imigração (RJ)**, Edição 00076. Rio Janeiro, 1891.

Explorador Vojtěch. **A Republica: orgam do Partido Republicano (PR)**, ED. , página 2, coluna 1. Curitiba, 13 de Outubro de 1906.

Exposição Antropológica . **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00096 (1) , Rio de Janeiro, 7 de abril de 1882

Exposição Antropológica. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00208, Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1882.

Exposição Antropológica: as riquezas do museu. **O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ)**, Edição 00260. Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1882.

FRIČ, A. V. O Congresso dos Americaniscas em Viena: O caso da escravização dos índios no Brasil -Uma resposta do explorador Alberto Fric. **O Paiz (RJ)**, Edição 08823, página 5, colunas 1-2. Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1908

FRIČ. A. V. Pobres Indios. **Diario da Tarde (PR)**. Edição 02449, página 1, coluna 2. Curitiba, 13 de março de 1907.

FRITZ MÜLLER. **Jornal do Commercio (RJ)**, Edição 00023, página 2, coluna 4. Rio de Janeiro, 23 de Janeiro de 1892.

FRITZ MÜLLER. **Jornal do Commercio (RJ)**, Edição 00031, página 3, coluna 7. Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1892.

**Gazeta de Noticias (RJ)**, Edição 00188, página 2, colunas 4-5. Rio de Janeiro, 07 de Julho de 1909.

JÉPIAJÚ, MARCELINO; UAQUISY, VICTAL; PORPIPÓ, KUROKI; UACUMUPTÉ, DJALMA; PRACÉ, ORJAMA. O protesto dos selvicolas. **A Republica: orgam do Partido Republicano (PR)**, Edição 00300, página 1, coluna 1. Curitiba, 23 de Dezembro de 1908.

**Jornal de Recife (PE)**, Edição 00170 (1). Recife, 28 de Julho de 1882

**Jornal do Commercio (AM)**. Edição 01068, página 1, coluna 2. Manaus, 18 de Junho de 1907.

**Jornal do Commercio (RJ)**, Rio de Janeiro, Edição 00257, 14 Setembro de 1888.

LAGE, CYPRIANO. As Raças no Brasil. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição B00247, 3 de Setembro de 1911

MARTINS, ROMARIO. Chronicas VII Previsão Européia. **A Republica: orgam do Partido Republicano (PR)**, Edição 00092, Curitiba, 24 de Abril de 1902. página 1.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. De Longe ... **A Noticia (RJ)**, Edição 00172, Rio de Janeiro, 24 de Julho Ano 1911.

MELLO-NETTO, LADISLAU. Exposição Antropológica. **A Provincia do Espirito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal (ES)**, Edição 00027 (1). Vitória, 17 de maio de 1882.

MELLO-NETTO, LADISLAU. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00033. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1886.

MELLO-NETTO, LADISLAU. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Rio de Janeiro, Edição 00339, 7 de Dezembro de 1881.

MENDES, TEIXEIRA. Em defesa dos indigenas brasileiros. **Jornal do Commercio (RJ)**, Edição 00315, página 12, coluna 1. Rio de Janeiro, 11 de Novembro de 1908.

MORAES FILHO, MELLO. Introdução à História da Literatura Brasileira: por Sylvio Romero. **O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ)**, Edição 00260 (1), Rio de Janeiro, 13 de Julho Ano 1882.

MOURA, I. B. de. Congresso dos Americanistas: O incidente Frič - A questão da escravidão dos índios em Santa Catarina. **O Paiz (RJ)**, Edição 08794, página 3, coluna 4. Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1908.

Museu Nacional: Visita da família imperial aos indígenas que foram expostos. **Gazeta de Notícias (RJ)**. Edição 00193, Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1882,

Notas do Dia: O público e os Botocudos. . **A Provincia do Espirito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal (ES)**, Edição 00099. Vitória, 5 de Novembro de 1882.

Noticiario. Índios botocudos. **Diario do Brazil (RJ)**, Edição 00151, Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1882.

**O DIA: ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO CATHARINENSE (SC)**, ED. 01903, página 1, coluna 2. Florianópolis, 2 de Julho de 1907.

**O Estado de S. Paulo**. Edição de 15 de Setembro de 1903 - PAG. 2, Coluna 4.

**O Estado de S. Paulo**. Edição de 26 de Junho DE 1907 - PAG. 2, coluna 7.

**O Paiz (RJ)**. Edição 09636 (1), Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1911.

O representante do Brasil no Congresso de Americanistas de Berlim. **Gazeta de Notícias (RJ)**. Edição 00064. Rio de Janeiro, 5 de Março de 1889.

Os Botocudos em Londres (artigo do Times). **Gazeta de Notícias (RJ)**, Edição, 00012, de 12 de Janeiro de 1883.

Os Botocudos. **O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ)**, Edição 00302 (1), Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1882.

Os indígenas brasileiros e a civilização. **O Paiz (RJ)**, Edição 09043, página 5, coluna 2. Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1909.

Os Índigenas do Brasil. **A Republica: orgam do Partido Republicano (PR)**. Edição 00293, página 1, coluna 2. Curitiba, 15 de Dezembro de 1908.

Partida dos Botocudos. **Jornal do Commercio (RJ)**, Edição 00242 (1), Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1882.

PEEDIGÃO, CARLOS. Agravo commercial n. 3938. **Jornal do Commercio (RJ)**, Edição 00128 (1), Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1887.

PERDIGÃO, CARLOS. Agravo Comercial. **Jornal do Commercio (RJ)**, Edição 00229 (1). Rio de Janeiro, 9 de maio de 1885.

PESSANHA, FRANCISCO. Exposição Antropológica. **A Provincia do Espirito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal (ES)**. Edição 00064 (1). Vitória, 13 de Agosto de 1882.

Rangel de S. Paio. Exposição Anthropológica. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00239, Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1882.

RANGEL S. PAIO, JOÃO ZEFERINO. "**O darwinismo: cartas a uma senhora**". O Vulgarizador. 1877-1878.

Relato dos Esforços de Netto para a coleta dos materiais a serem expostos no Museu Nacional. Exposição Antropológica. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00072.

Relato dos Esforços de Netto para a coleta dos materiais a serem expostos no Museu Nacional. Exposição Antropológica. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00100 (1), Rio De Janeiro, 11 de abril de 1882,

Relato sobre o Congresso de Americanistas. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00335, Rio de Janeiro, 1º de Dezembro de 1888

Relatórios do Ministerio da Justiça (RJ), 1905, p. 59

**Revista Illustrada (RJ)**, Edição 00310. Rio de Janeiro, 1882.

RONDON, M. O extermínio dos índios: veemente protesto de um ilustre engenheiro do exército. **O Estado de São Paulo**, p. 3, colunas 7-8. São Paulo, 12 de Fevereiro de 1909.



S. PAIO, RANGEL DE. Exposição Antropológica. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00239 (1). Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1882.

Salpicos. **Gazeta da Tarde (RJ)**, Edição 00199 (1). Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1882.

**The New York Times**, de 20 de Outubro de 1883.

VON IHERING, H. A questão dos índios do Brazil. **Revista do Museu Paulista**, 8 : 112-140, 1911.

VON IHERING, H. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 26 de Agosto de 19011.

VON IHERING, H. O futuro dos indígenas do Estado de São Paulo., páginas1-2, colunas 8 e 1. São Paulo, **O Estado de São Paulo**, 20 de Outubro de 1908a.

VON IHERING, H. Os Botocudos do Rio Doce. **Revista do Museu Paulista**, 8: 38-51. 1911.

X. **Gazeta de Noticias (RJ)**. Edição 00206, Rio de Janeiro, 25 de Julho de 1911.

## Obras Consultadas

AGASSIZ, E. C.; AGASSIZ, L. A Journey in Brazil. Boston: Fields & Osgood, 1868. Utilizo aqui a edição brasileira: Agassiz, Jean Louis Rodolph, 1807 – 1873. **Viagem ao Brasil 1865 – 1866** / Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; tradução e notas de Edgar Süssekind de Mendonça.-Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

AMEGHINO, FLORENTINO. **La Antigüedad del Hombre en el Plata**. Tomo I. G. Masson e Igon Ed. París–Buenos Aires. 1880.

BATES, HENRY WALTER. **The naturalist on the river Amazonas**. London: s. n. , Vol. 1, 1863.

BATES, HENRY WALTER. **The naturalist on the river Amazonas**. London: s. n. , vol. 2, 1863.

BERG, F. W. K. Beiträge zu den Lepidoptoren Patagoniens. **Bulletin de La Société Impériale des Naturalistes de Moscou** 52(2): 1-22. 1877.

BLUMENBACH, JOHANN 1776. **De generis humani varietate nativa, nativa liber**. Göttingen: Vandenhoeck. 1776.

BOAS, FRANZ. Instability of human types. In: SPILLER, Gustav (Org. ). **Papers on inter-racial problems communicated to the First Universal Races Congress**. Londres: P. S. King & Son; Boston: The World's Peace Foundation, p. 99 – 103. 1911.

BOAS, FRANZ. Rudolf Virchow's Anthropological Work. **Science**, vol. 16, no. 403, p. 441–445, 1902.

BOAS, FRANZ. Reise an die Pacifische Küste. Verhandlugen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte. 1891.

BRINTON, DANIEL GARRISON. **Crania Ethnica Americana. Sammlung Auserlesener Amerikanischer Schädeltypen**. Herausgegeben von RUDOLF VIRCHOW. Com 26 Tafels e 29 Textos-Ilustração. Grande, 4to. Berlim, A. Asher & Co., 1892.

BRINTON, DANIEL GARRISON. **The American Race: A Linguistic Classification and Ethnographic Description of the Native Tribes of North and South America.** Nueva. Hodges Publisher. 396pp. 1891.

BRINTON, DANIEL GARRISON. **Essays of an Americanist. I. Ethnologic and archaeologic. II. Mythology and folk lore. III. Graphic systems and literature. IV. Linguistic.** Porter & Coates in Philadelphia . 1890.

BRINTON, DANIEL GARRISON. **Essays of an Americanist. I. Ethnologic and archaeologic. II. Mythology and folk lore. III. Graphic systems and literature. IV. Linguistic.** Porter & Coates in Philadelphia. 1890.

BURTON, RICHARD FRANCIS. The Primordial Inhabitants of Minas Geraes, and the Occupations of the Present Inhabitants. **The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland** v. 2, p. 407-23, 1873.

CANESTRINI, GIOVANNI. **La teoria dell'evoluzione esposta ne' suoi fondamenti come introduzione alla lettura delle opere del Darwin w de' suoi seguac.** Unione Tipografico - Editrice, S.D.Ma.1875

CASTELNAU, FRANCIS DE. **Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud: de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para.** Paris, Chez P. Bertrand Libraire-éditeur, 1855.

CASTELNAU, FRANCIS DE. **Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud: "Histoire du Voyage"**. Paris, Chez P. Bertrand Libraire-éditeur, 1850 (1a . Parte, Tomos 1 e 2).

CLAUS, C. Elementary Text-book of Zoology. Special Part: Mollusca to Man.Trans. and edited by Adam Sedgwick. New York: Macmillan and Company. 1885

CLAUS, C. Elementary Text-book of Zoology. General Part and Special Part: Protozoa to Insecta. Trans. and edited by Adam Sedgwick. New York: Macmillan and Company. 1884

CLAUS, KARL. **Grundzüge der Zoologie. Zum Gebrauche an Universitäten und höheren Lehranstalten sowie zum Selbststudium.** Marburg: W.G Elevert'sche Verl, 1874

DARWIN, CHARLES. **The Descent of Man and Selection in Relation to Sex**, 2 vols. London: John Murray. Vol. 1, 1871

DE SAINT-HILAIRE, AUGUSTE. **Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil.** Ed. Nacional, 1941.

EHRENREICH, PAUL, 1855 – 1914. **Ueber Die Verbreitung e Wanderung Der Mythen Bei Den Naturvölkern Südamerikas.** [Sl: sn, 1906

EHRENREICH, PAUL. **Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz und Amazonas (Purus-Gebiet).** Nach eigenen Aufnahmen und Beobachtungen in den Jahren 1887 bis 1889, Braunschweig, 1897.

EHRENREICH, PAUL. Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX. Tradução de Sara Baldus; organização e notas de Júlio Bentivóglgio. Vitória, Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. Título original: **Ueber die Botocudos der brasilianischen Provizen Espiritu Santo und Minas Geraes.** 1887.

FINCH, EARL. **The effects of racial miscegenation.** In: SPILLER, Gustav (Org. ). Papers on inter-racial problems communicated to the First Universal Races Congress. Londres: P. S. King & Son; Boston: The World's Peace Foundation, 1911. p. 108 – 112. 1911.

FRIČ, ALBERTO VOJTĚCH: **Indiáni Jižní Ameriky.** Praga, 1943.

GALTON, FRANCIS. Hereditary genius: the judges of England between 1660 and 1865. **Macmillan's Magazine**, 19: 424-431, 1869.

GREG, WILLIAM RATHBONE.. **On the failure of 'natural selection' in the case of man.** 1868

HAECKEL, ERNEST, **Histoire de la Création des Êtres Organisés d'après les lois naturelles**, (trad. de la 7<sup>a</sup> ed. alemana por Ch.Letorneau, Paris, Librairie C. Reinwald, Schleicher Frèresed, pp. 558-559. (1908[1868]).

HAECKEL, ERNEST. **Natürliche schöpfungsgeschichte**. 8 ed. 2 vols. Berlin: Wihelm Engelmann, 1889.

HARTT, CHARLES FREDERICK. **Geologia e Geografia Física do Brasil**. Trad. E. Susseking e E. Dohamit. Companhia Editôra Nacional. Rio. de Janeiro. 1941.

HARTT, CHARLES FREDERICK. Sambaquis do Amazonas. Contribuição para a etnologia do vale do Amazonas. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 6:1-174. 1885.

KEANE, AUGUSTUS HENRY. On the Botocudos. **The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**. Vol. 13 pp. 199-213, 1884.

KOLLMAN, JULIUS. Hohes Alter der Menschenrassen. **Zeitschrift für Ethnologie**, vol. 16: 181-212, 1884.

KOLLMANN, JULIUS. **Die Autochtonen Amerika's**, **Zeitschrift für Ethnologie**, Vol. 15, pp. 1-47, 1883.

KOSERIT, KARL VON. **Bilder aus Brasilien** (Imagens do Brasil). Leipzig: A. W. Sellin, 1885. Este texto foi traduzido por Afonso Arinos de Mello Franco e publicado em São Paulo pela Livraria Martins em 1943. Sellin, 1885.

LACERDA, JOÃO BAPTISTA. Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil: nota sobre a conformação dos dentes. **Archivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 77-83. 1876

LACERDA, JOÃO BAPTISTA. **Réplica à crítica da memória –Sur les métis au Brésil**. In: LACERDA, JOÃO BAPTISTA. Informações prestadas ao Ministro da Agricultura Pedro de Toledo. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1912.

LACERDA, JOÃO BAPTISTA. **Sur le métis au Brésil**. In: Prem Congrès Universel des Races: 26-29 juillet 1911. Paris: Devouge, 1911.

LACERDA, JOÃO BAPTISTA. **Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro: recordações históricas e científicas fundadas em documentos authenticos e informações verídicas.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1905

LACERDA, JOÃO BAPTISTA. O Homem dos Sambaquis (Contribuição para a antropologia brasileira). **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 6:177-8. 1885.

LACERDA, JOÃO BAPTISTA; PEIXOTO, JOSÉ RODRIGUES. Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil. **Archivos do Museu Nacional**, v. 1, p. 47-75. 1876.

LACERDA, JOÃO BAPTISTA. A Morfologia craniana do homem do sambaqui. In. Mello Moraes Fº. **Revista da Exposição Antropológica Brasileira**, nº, p. 22-23. 1882a.

LACERDA, JOÃO BAPTISTA. Botocudos. **Revista da Exposição Anthropológica Brasileira**. Rio de Anthropologica Brasileira Janeiro: Typographia de Pinheiro & Cia, 1882b.

LACERDA, JOÃO BAPTISTA. BOTOCUDOS. **Revista da Exposição Antropológica**, p.2. Batista de Lacerda. Nessa época, sub- diretor da sessão de zoologia do Museu. 1882.

LEUCKART, R. **Neue Beiträge zur Kenntnis des Baues und der Lebensgeschichte der Nematoden.** Abh. sächs. Akad. Wiss. 134, 678–703. 1887.

LUND, PETER WILHELM. **Sobre a antiguidade do homem em Lagoa Santa [1842]. Trad. Carlos de Paula Couto.** Pp. 457-463, in: COUTO, Carlos 156 de Paula (ed.). Peter Wilhelm Lund: memórias sobre a paleontologia brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.

LUND, PETER WILHELM. Sobre a antiguidade do homem em Lagoa Santa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950. Notas revistas e comentadas por Carlos de Paula Couto. Cap XII, 457-463p. 1950. 1842.

LYELL, CHARLES. 1830. **Principles of geology, being an attempt to explain the former changes of the Earth's surface, by reference to causes now in operation.** London: John Murray. 1830-1833.

MECKEL, JOH FRIEDRICH. **Handbuch der menschlichen Anatomie.** Vol. 1. In Der Handlung Des Hallischen Waisenhauses, 1815.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Sur les Antiquités céramiques de l'île de Marajó, sur la néphrite et la jadéite. Actas du 7<sup>o</sup> Congrès International des Américanistes. Berlin, pp.201-206. 1890.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Sur les Antiquités céramiques de l'île de Marajó. **Congrès International des Américanistes.** Compte-Rendu de la Septième Session. Berlin, p. 201-207, 1888.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Ano 1885\Edição 00128. Prehistória sul-americana: pedras verdes - Nephrite e Jadeite ladislau netto. 1885.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Investigações sobre a arqueologia brasileira. Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro, v.6, pp.257-554. 1885.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Aperçu sur la theorie de l'evolution. Rio de Janeiro 1883.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. A antropofagia in: **Revista da Exposição Antropológica Brasileira**, p.6-7, 1882.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. A morfologia craniana do homem dos sambaquis. Revista da Expedição Antropológica Brasileira. Rio de Janeiro, v.6, n.2, pp.185-190. 1882.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. A origem dos sambaquis. Guia da exposição antropológica brasileira. 1882.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Do atavismo. **Revista da Exposição Antropológica Brasileira**, Rio de Janeiro, p.4-5. 1882.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Prefácio da Revista da Exposição Antropológica Brasileira, RJ: Typografia Pinheiro & Cia, p. III- VII. 1882.

MELLO-NETTO, LADISLAU DE SOUZA. Remarques Sur La destruction Des Plantes Indigènes Au Brésil, Et Sur Les Moyens De Les En Préserver, **Bulletin de la Société Botanique de France**, 12:2, 70-77. 1865.

MÖLLER, ALFRED. Fritz Müller. **Werke, Briefe und Leben**. Vol 3: Fritz Müllers Leben, Gustav Fischer, Jena, V + 163 pp, 1 pl. 1920.

MÜLLER, FRITZ. **Für Darwin**. Wilhelm Engelmann, Leipzig, 91 pp. [Existem apenas 3 exemplares originais no Brasil] Müller, Fritz, 1869. Facts and arguments for Darwin. John Murray, London, 144 pp. [Existem apenas 2 exemplares originais no Brasil. 1864.

**NATURE**. Johann Friedrich Blumenbach (1753–1840). *Nature* 145, 63, 1940.

PEIXOTO, RODRIGUES. Novos estudos craniológicos sobre os botocudos. In: **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**: Vol. 6. Rio de Janeiro: Museu Nacional do Rio de Janeiro, p. 205-256, 1885.

PENNA, DOMINGOS SOARES FERREIRA. **O Tocantins e o Anapú – Relatório de Secretaria da Província do Pará**. Pará: Typ de Frederico Rhossard, 1864.

QUATREFAGES, ARMAND; ERNEST THÉODORE HAMY. **Crania ethnica**. Les cranes des races humaines, décrits et figurés d'après les collections du Muséum d'histoire naturelle de Paris, de la Société d'anthropologie de Paris et les principales collections de la France et de l'étranger par MM. A. de Quatrefag. JB Baillièere et files, 1882.

Resumo do Curso de Antropologia. **Arquivos do Museu Nacional**, (2): 165 – 169, 1877.

REY, PHILIPPE-MARIUS. **Étude anthropologique sur les botocudos**. Paris, Octave Doin Éditeur. 1880.

RODRIGUES, NINA. Mestiçagem, degenerescência e crime. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** , Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1151 – 1180, Dezembro de 2008.



ROMERO, S. **Ethnographia Brasileira. Estudos críticos sobre Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Theophilo Braga e Ladislau Netto.** Rio de Janeiro: Livraria Cla'ssica deAlves. 1888.

ROQUETTE-PINTO, E. **Ethnographia americana: o exercicio da medicina entre os indigenas da America.** Rio de Janeiro: E. Bevilacqua & C. 1906.

SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil.** 1 v. Trad. Lucia Furquim Lahmeyer; B. F. Ramiz; Basílio de Magalhães. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

TACCA, FERNANDO DE. "Rituales e festas Bororo: a construção da imagem do índio como" selvagem" na Comissão Rondon." **Revista de Antropologia** 45.1, p. 187 - 219, 2002.

TAUNAY, A. E. A missão artística de 1816. Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** 1912.

TOPINARD, PAUL. **Éléments d'anthropologie générale,** publicada em 1885. Paris: A. Delahaye etÉ. Lecrosnier. 1885

TOPINARD, PAUL. **L'homme dans la nature.** 1891.

TSCHUDI, JOHANN JAKOB Von. **Reisen durch Südamerika.** Leipzig. Vol. II. 1884

TSCHUDI, JOHANN JAKOB Von. **Reisen durch Südamerika.** Leipzig. 1866

TYLOR, EDWARD BURNETT. Einleitung in das Studium der Anthropologie und Civilisation, *dt. v. G. Siebert.* **Braunschweig.** 1883.

TYLOR, EDWARD BURNETT. **Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art, and Custom.** 2nd ed. 2 vols. London: John Murray, 1873

VIRCHOCW, R. **Discours sur la craniologie américaine.** In: Congrès international des américanistes; VII session, tenue à Berlim, 1888. Publicado em 1890.

VIRCHOW, BASTIAN, FLEGEL, JOEST, L. WOLF, EHRENREICH, L. NETTO, A. LANGEN, RIEDEL, ARNING, R. NEUHAUS, F. CALVERT, JENTSCH, BEHLA,

HANDTMANN, E. LEMKE, KOFLER, ED. KRAUSE, PAHLKE, W. SCHWARTZ, KELCH, H. FISCHER, C. RATH, V. IHERING, J. C. SCHULTZE, P. ASCHERSON, A. ERNST, ARZRUNI, J. STEENSTRUP, NEHRING, HAGENBECK, WOLDT, V. FELLEBERG, ANGER, VOSS, IDA V. BOXBERG, VERWORN, AND LISSAUER. "Sitzung Am 18. October 1884." **Zeitschrift Für Ethnologie**, 16, 421-75. 1884.

VON IHERING, RODOLPHO. O Dr. H. von Von Ihering na Intimidade. In: **Contos... de um Naturalista** .São Paulo: Editora Brazão, 1929.

VON IHERING, RODOLPHO. O naturalista Hermann von Von Ihering – No Rio Grande do Sul – Em S. Paulo – Em Sta. Catharina. **Almanaque Agrícola Brasileiro** , n(9): 132-135, 1920.

VON IHERING, HERMANN. A questão dos índios do Brazil. **Revista do Museu Paulista**, 8 : 112 – 140. 1911.

VON IHERING, HERMANN. A Anthropologia do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, VII, p. 202-257.1907.

VON IHERING, HERMANN. Bibliographia (Historia Natural e Anthropologia). **Revista do Museu Paulista**, 2 : 433-494.1897.

VON IHERING, HERMANN. A Ilha de S. Sebastião. **Revista do Museu Paulista**, 2 : 129-171. 1897.

VON IHERING, HERMANN. O Museu Paulista no anno de 1896. **Revista do Museu Paulista**, 2 :3-15. 1897.

VON IHERING, HERMANN. O Museu Paulista no ano de 1896. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, Museu Paulista, vol. II, p. 3-15, 1897.

VON IHERING, HERMANN. O Museu Paulista no ano de 1896. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, Museu Paulista, vol. II, p. 3-15, 1897.

VON IHERING, HERMANN. Zur Geschichte der marinen Fauna von Patagonien. **Zoologischer Anzeiger**, (548): 530-535.1897.

VON IHERING, HERMANN. A Civilização prehistorica do Brazil meridional. **Revista do Museu Paulista**, 1 : 33-164. 1895.

VON IHERING, HERMANN. Historia do Monumento do Ypiranga e do Museu Paulista. **Revista do Museu Paulista**, 1 :9-31. 1895 .

VON IHERING, HERMANN. **Revista do Museu Paulista**, Volume I. São Paulo, 251 pp. 1895.

VON IHERING, HERMANN. Zur Reform der Craniometrie. **Zeitschrift für Ethnologie**, pp. 121 e seguintes. 1873.

VON MARTIUS, CARL FRIEDRICH PHILIPP. A fisionomia do reino vegetal no Brasil. **Arquivos do Museu Paraense**, Belém, v. 3, p. 239-271. 1943.

VON STEINEN, KARL. O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. de Catarina Barata Canabrava. São Paulo: Nacional, 1942.

VON STEINEN, KARL. Entre os aborígenes do Brasil Central. Trad. de Egon Schaden. Separata renumerada da “Revista do Arquivo”. N. XXXIV a LVIII. São Paulo: Dep. de Cultura, 1940.

VON MARTIUS, CARL FRIEDRICH PHILIPP. Como se deve escrever a história do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, p. 381-403. 1845.

VON TSCHUDI, JOHANN JAKOB. **Organismus der Khetšua-Sprache**. Leipzig: FA Brockhaus, 1884.

VON TSCHUDI, JOHANN JAKOB. **Reisen durch Südamerika**. Leipzig. Vol. II. 1884.

WAITZ, THEODOR; GERLAND, GEORG KARL CORNELIUS. **Anthropologie der naturvölker**. Leipzig: F. Fleischer. 1859.

WALLACE, A. R. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Brasília, Edições do Senado Federal-Vol. 17, 2004.

WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817. **Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönnner**, vol. 2. 1820.

WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. Reise nach Brasilien in den Jahren 1815, 1816 bis. **Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönnner**, 1820-1821. vol. 1 e 2. 1817.

## Fontes secundárias

ALMEIDA, MARIA REGINA CELESTINO. Os Índios na História do Brasil no Século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. **Revista História Hoje**, v. 1, p. n.2, 2012.

AMBIEL, VALDIRENE DO CARMO. A Missão Leopoldina: Primeira Expedição da Missão Científica ao Brasil No Século XIX. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, v. XCVIII, p. 70-84, 2014.

ANDERMANN, JENS. Espetáculos da diferença: a Exposição Antropológica Brasileira de 1882. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 128-170, Dezembro de 2004.

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. “Apontamentos para civilização dos índios bravos do Império do Brasil”. IN: DOLHNIKOKK, Mirian (org). **Projetos para o Brasil/José Bonifácio de Andrada e Silva**, p 89. p. 97-98. 1998.

BAEHRE, R. EARLY Anthropological Discourse on the Inuit and the Influence of Virchow on Boas. **Études/Inuit/Studies**. 32: 13– 34. 2008.

BALDUS, HERBERT. ADOLF BASTIAN. **Revista de Antropologia**, v. 14, p. 125 – 130, 9 dez. 1966.

BARBOSA, LUIZ BUENO HORTA. "A pacificação dos índios Caingangues paulistas. Hábitos, costumes e instituições desses índios." **O problema indígena no Brasil. Comissão Rondon** (1947 [1913])

BASTOS, FRANCISCO INÁCIO; SA, MAGALI ROMERO. O cientista como historiador: Paulo Vanzolini e as origens da zoologia no Brasil. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** , Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1021 – 1038, dez. 2011

BEDIAGA, BEGONHA. Conciliar o útil ao agradável e fazer ciência: Jardim Botânico do Rio de Janeiro – 1808 a 1860. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 4, p. 1131 – 1157, Dec. 2007 .

BENCHIMOL, JAIME LARRY; SÁ, MAGALI ROMERO. Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil. In: Benchimol, Jaime Larry; Sá, Magali Romero

(Org.). **Adolpho Lutz**: obra completa. v.2, livro 3. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2006.

BENTIVOGLIO, JULIO CÉSAR. Os índios Botocudos no Espírito Santo e o estudo de Paul Ehrenreich. In: Julio Bentivoglio. (Org.). **Os índios botocudos do Espírito Santo no século XIX**. 1ed.Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, v. 1, p. 19-38. 2014.

BOLLE, WILLI. De Ouro Preto e Diamantina: refazendo a viagem de Spix e Martius de 1818. **Pandaemonium ger**. São Paulo, v. 21, n. 33, p. 16-35 de abril de 2018.

BRANTLINGER, PATRICK. **Dark Vanishings: Discourse on the Extinction of Primitive Races, 1800-1930**. Cornell University Press. 2003.

BUCCHI, MASSIMIANO. **Science in society: An introduction to social studies of science**. Routledge, 2004.

BURKE, PETER. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP. 1992

CASTRO FARIA, L. Antropologia: escritos exumados: espaços circunscritos: tempos soltos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

CENESTRINI, GIOVANI; MOSCHEN, LAMBERTO. **Sulla antropologia fisica del Trentino**. In: Atti della società Veneto - Trentina di Scienze Naturali, XVI, 1890.

COSTA, E. V. da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 7 ed. São Paulo: Unesp, 1999.

COUTO DE MAGALHÃES, JOSÉ VIEIRA. **O Selvagem**. São Paulo e Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia. 1975 [1876].

DADALTO, M. C.. Índios Botocudos, um outro olhar. In: Julio Bentivoglio. (Org.). **Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX**. 1ed.Vitoria: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, v. 01, p. 13 – 18. 2014.

DA-GLORIA, PEDRO; NEVES, WALTER ALVES; HUBBE, MARK. História das pesquisas bioarqueológicas em Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.**, Belém, v. 12, n. 3, p. 919-936, Dec. 2017

DANTAS, REGINA MARIA MACEDO COSTA. Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris. Rio de Janeiro: 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DE ASÚA, MIGUEL: Una gloria silenciosa. Dos siglos de ciencia en Argentina, Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2010

DI GREGORIO, MARIO. "Reflections of a non political naturalist: Ernst Haeckel, Wilhelm Bleek, Friedrich Müller and the meaning of language." **Journal of the History of Biology** 35.1: 79-109. 2002.

DOMINGUES, HELOÍSA MARIA BERTOL; SÁ, MAGALI ROMERO. Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX. In DOMINGUES, HELOÍSA MARIA BERTOL; SÁ, MAGALI ROMERO; GLICK, THOMAS. (orgs.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro, Fiocruz, p. 97 – 124. 2003

DREHER, M. N.. O suíço Johann Jakob von Tschudi (1818-1889) e suas leituras da América do Sul. **Estudos Ibero-Americanos (PUCRS. Impresso)**, v. 38, p. S50-S60, 2012.

DUARTE, ABELARDO. Ladislau Netto (1838-1894). Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

ELLEN, R. F. The place of the eolithic controversy in the anthropology of Alfred Russel Wallace. **Linnean**, London, v. 27, n. 1, 2011.

FARIAS, LUIZ DE CASTRO. Virchow e os sambaquis brasileiros: um evolucionismo antidarwinista. In: DOMINGUES, H.M.B., SÁ, M.R., and GLICK, T., orgs. **A recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, pp. 125 – 143. 2003.

FERGUSON, C. Other Worlds: Alfred Russel Wallace and Cross-Cultural Spiritualism. **Victorian Review**, Bloomington, v. 41, n. 2, 2015.

FERNANDES, AURÉLIO DA SILVA. **Sobre uma correlação anatômica nos crânios portugueses**. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Porto, 1925

FERREIRA, LÚCIO MENEZES. Arqueologia do Sul do Brasil e Política Colonial em Hermann von Ihering. **Anos 90 (UFRGS)**, v. 12, p. 415-436, 2005.

FERREIRA, LÚCIO MENEZES. **Territorio primitivo: a institucionalização da arqueologia no Brasil (1870 – 1917)**. Tese (doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 336p. 2007.

FERREIRA, MARCELA. **Inglês de Sousa: imprensa, literatura e Realismo**. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 307p, 2015.

FLUCK, MARLON RONALD. **Basler Missionare in Brasilien**. Auswanderung, Erweckung und Kirchenwerdung im 19. Jahrhundert. Bern: Peter Lang, 2004

GOMES, ANA CAROLINA VIMIEIRO. **Uma ciência moderna e imperial: a fisiologia brasileira no final do século XIX (1880-1889)**. Belo Horizonte (MG): Fino Traço; Campina Grande (PB): UDUEPB; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013.

GUALTIERI, REGINA CÂNDIDA ELLERO. “O Evolucionismo na produção Científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915)”. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol, SÁ, Magali Romero, GLICK Thomas "A Recepção do Darwinismo no Brasil.” Rio de Janeiro. FIOCRUZ, 2003.

GUIMARAES, MANOEL LUIZ SALGADO. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 2, p. 391-413, Oct. 2000

GUSMAO, NEUSA MARIA MENDES DE. Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. **Pro-Posições**, Campinas , v. 19, n. 3, p. 47-82, Dec. 2008 .

HÅRD, MIKAEL; JAMISON, ANDREW. **Hubris and hybrids: A cultural history of technology and science**. Routledge, 2005.



HEMPEL, PAUL. Paul Ehrenreich-the photographer in the shadows during the second Xingu expedition 1887 – 1888. In: Fischer, Manuela & Kraus, Michael (eds.). Exploring the archive: historical photography from Latin America. The collection of the Ethnologisches Museum Berlin. **Köln/Weimar/Wien**: Böhlau Verlag. 2015.

HOBBSAWM, ERIC. **A era do capital**. Rj: Paz e Terra, 1979.

HOLTEN, BIRGITTE; STERLL, MICHAEL. Peter Lund e as grutas com ossos em Lagoa Santa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Jens Andermann The Museu Nacional at Rio de Janeiro. Disponível aqui: <http://www.bbk.ac.uk/ibamuseum/texts/Andermann01.htm>

KALIL, LUIS GUILHERME ASSIS. **Filhos de Adão Análise das hipóteses sobre a chegada dos seres humanos ao Novo Mundo** (séculos XVI e XIX). Tese UNICAMP 2015.

KEULLER, ADRIANA TAVARES DO AMARAL MARTINS. Entre antropologia e medicina: uma análise dos estudos antropológicos de Álvaro Fróes da Fonseca nas décadas de 1920 e 1930. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum., Belém, v. 7, n. 3, p. 687-704, Dec. 2012

KEULLER, ADRIANA TAVARES DO AMARAL MARTINS. **Os estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876 – 1939)**. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KODAMA, KAORI. Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860): história, viagens e questão indígena. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 5, p. 253-272, 2010.

KOTTLER, M. J. Alfred Russel Wallace, the origin of man, and spiritualism. **Isis**, Chicago, v. 65, n. 2, 1974.

LARSELL, OLOF; RETZIUS, ANDERS ADOLF (1796–1860). **Ann Med Hist** 6:16–24. 1924.

LIEBEL, VINÍCIUS. Ângelo Agostini e a Charge no Crepúsculo Imperial - Apontamentos Preliminares acerca da Questão Abolicionista. **Almanack**, Guarulhos, n. 11, p. 774-792, Dec. 2015.

LISBOA, KAREN MACKNOW. A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na “Viagem pelo Brasil” (1817-1820). **Estudos Históricos** 29, São Paulo: Editora Hucitec/FAPESP, 1997.

LISBOA, KAREN MACKNOW. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização. *Revista Brasileira de História*, v. 15, p. 73-91, 1995.

LOPES, MARIA MARGARET. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. **Revista Brasileira de História (Impresso)**, v. 21, n.41, p. 55-76, 2001.

LOPES, MARIA MARGARET. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec,. 369p. 1997.

LOPES, MARIA MARGARET; PODGORNY, IRINA. The Shaping of Latin American Museums of Natural History, 1850-1990. **Osiris** (Bruges), v. 15, p. 108-118, 2000.

LOPES, MARIA MARGARET; PODGORNY, IRINA. Entre éguas e continentes: aspectos da trajetória científica de Hermann von Ihering, 1850-1930. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 809-826, Setembro de 2014.

LOSANO M. G. Um precursor da ecologia no Brasil: Hermann von Ihering. **Revista USP**, n(13): 88-99, 1992.

MASSIN, BENOIT 1996 From Virchow to Fischer: Physical Anthropology and “Modern Race Theories” in Wilhelmine Germany, in George W. Stocking, Jr. (ed. ), **Volksgeist as Method and Ethic: Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition**, Madison, University of Wisconsin, *History of Anthropology*, 8: 79 – 154. 1996.

MICHAEL, JOHN. Nuance Lost in Translation. **N.T.M.** 25, 281–309, 2017.

MIRANDA, VICENTE CHERMONT DE. **Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente a ilha de Marajó.** Catálogo Obras Raras. Museu Paraense Emílio Goeld. 1968.

MONTEIRO, JOHN. As "raças" indígenas no pensamento brasileiro do império. In: MAIO, M.C.; SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, pp. 14-22. 1996.

MONTEIRO, JOHN. **Tupis, tapuias e historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo.** Tese Apresentada para o Concurso de Livre Docência Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo. Campinas, 2001.

MULLER, LETÍCIA MORGANA; SILVA, HILTON P.. A construção da antropologia biológica na Universidade Federal do Pará e a formação nos "quatro campos". **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 71, n. 2, p. 51-57, Apr. 2019.

NASCIMENTO, FÁTIMA REGINA. **A formação da coleção de indústria humana no Museu Nacional, século XIX.** 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NIEKERK, C. H. Buffon, Blumenbach, Herder, Lichtenberg, and the origins of modern anthropology. In **Johann Friedrich Blumenbach: Race and Natural History, 1750-1850 (pp. 27-52).** 2018.

NOLL, MICHAEL G. **Prince Maximilian's America: The Narrated Landscapes of a German Explorer and Naturalist.** Dissertation, University of Kansas, Copyright, 2000.

NOMURA, HITOSHI. A Vida e a Obra do Dr. Rodolpho von Ihering . **Mossoró: Série B**, 1992.

NOMURA, HITOSHI. Hermann von Von Ihering (1850-1930), o Naturalista. **Cafajeste. hist. ciênc.** , São Paulo, v. 8, n. 1 de Junho de 2012.

NOVOA, ANTÔNIO. The Act or Process of Dying Out: The Importance of Darwinian Extinction in Argentine Culture. **Science in Context**, 22(02), 217. 2009.

PAIVA, AYANE DE SOUZA. **Princípios de design para o ensino de biologia celular: pensamento crítico e ação sociopolítica inspirados no caso de Henrietta Lacks**. Tese (Doutorado - Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física, 2019.

PARAÍSO, MARIA HILDA BAQUEIRO; JANCÓS, ISTVÁN. **O tempo da dor e do trabalho: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste**. 1998. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

PATTO, MARIA HELENA SOUZA. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estud. av.**, São Paulo , v. 13, n. 35, p. 167 – 198, Apr. 1999

PESTRE, DOMINIQUE. Les sciences et l'histoire aujourd'hui. **Le Débat**, n° 102. 1998.

PESTRE, DOMINIQUE. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. **Cadernos IG/Unicamp**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 3-56, 1996.

PETSCHLIES, ERIK. Karl von den Steinen's ethnography in the context of the Brazilian Empire. **Revista Sociologia e Antropologia**, v. 8, p. 543-569, 2018.

PEVSNER, NIKOLAUS. **Academias de arte: passado e presente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRADO, RUTH ALCANTARA DE ALMEIDA. Contribuição para o estudo do "tembetá". **Revista do Arquivo Municipal**, v. LXXXIV [84], p. 139-54. 1942.

RIBEIRO, Cristina Betioli. Alexandre José de Melo Moraes Filho (1844-1919): a prioridade da contribuição africana na formação da literatura e da cultura brasileiras. In. Campinas-SP, v.39, n.1, pp. 1-17, jan./jun. 2019

RICHARDS, ROBERT. The linguistic creation of man: Charles Darwin, August Schleicher, Ernst Haeckel, and the missing link in nineteenth-century evolutionary theory. in *Experimenting in Tongues: Studies in Science and Language*, ed. Matthias Doerres Stanford: Stanford University Press, 2002.

RITZ-DEUTCH, UTE. "Hermann von Von Ihering: Shifting Realities of a German-Brazilian Scientist from the Late Empire to World War I." **German History**, 33.3. 385-404, 2015.

RODRIGUES, ANTÔNIO NINA. Mestiçagem, degenerescência e crime. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1151 – 1180, Dezembro de 2008.

RUBIM, CHRISTINA DE REZENDE. A constituição e o ser da antropologia: problema e método. *Estudos de Sociologia*, v. 4, n. 7, 1999.

SA, DOMINICHI MIRANDA DE; SA, MAGALI ROMERO; LIMA, NÍSIA TRINDADE. O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 34, n. 12, e00192818, 2018.

SÁ, GUILHERME JOSÉ DA SILVA E; SANTOS, RICARDO VENTURA V.; RODRIGUES-CARVALHO, CLAUDIA.; SILVA, ELIZABETH CHRISTINA DA. Crânios, Corpos e Medidas: A constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 197-208, 2008.

SALLAS, ANA LUISA FAYET. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 2, p. 415-435, June 2010

SÁNCHEZ-ARTEAGA , JUAN MANUEL. The influence of foreign scientific ideas about race and miscegenation on brazilian science at the end of the 19th century. In: *The Circulation of Science and Technology: Proceedings of the 4th International Conference of the European Society for the History of Science*. Barcelona, 18-20 November 2010 / coord. por Antoni M. Roca Rosell, 2012, ISBN 978-84-9965-108-8, págs. 477-481. 2012.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, JUAN MANUEL (2012) The influence of foreign scientific ideas about race and miscegenation on brazilian science at the end of the 19th century. In: *The Circulation of Science and Technology: Proceedings of the 4th International Conference of the European Society for the History of Science*. Barcelona, 18-20

November 2010 / coord. por Antoni M. Roca Rosell, 2012, ISBN 978-84-9965-108-8, págs. 477-481. 2010.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, JUAN MANUEL. Biological Discourses on Human Races and Scientific Racism in Brazil (1832 – 1911). **Journal of the History of Biology**, v. 50, p. 267-314, 2016.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, JUAN MANUEL. La racionalidad delirante: el racismo científico en la segunda mitad del siglo XIX. **Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.**, Madrid , v. 27, n. 2, p. 111 – 126, 2007.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, JUAN MANUEL. Las ciencias y las razas en Brasil hacia 1900. **Asclepio**, 61, (2) 67 – 100. 2009.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, JUAN MANUEL. **Mythos y Logos en la historia del racismo científico: La biología racial evolucionista en Portugal y Brasil (1859-1900)**. In: Maria Estela Guedes. (Org.). Jardins de diabólica flora. 1ed., v. , p. 26-49. 2006.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, JUAN MANUEL; ALMEIDA, RONNIE JORGE TAVARES DE; EL-HANI, CHARBEL. NINO. .A questão racial na obra de Domingos Guedes Cabral. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** (Online), v. 23, p. 33-50, 2016.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, JUAN MANUEL; EL-HANI, CHARBEL. NIÑO. Physical Anthropology and the Description of the Savage?in the Brazilian Anthropological Exhibition of 1882. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** (Impresso), v. 17, p. 399-414, 2010.

SANJAD, NELSON RODRIGUES. A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República: 1866-1907. 2005. 440 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

SANJAD, NELSON. "Ciência de potes quebrados": nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. **An. mus. paul.**, São Paulo , v. 19, n. 1, p. 133-164, June 2011

SANTOS, RICARDO VENTURA; BRONWEN, DOUGLAS. “‘Polynesians’ in the Brazilian Hinterland? Sociohistorical Perspectives on Skulls, Genomics, Identity, and Nationhood.” **History of the Human Sciences**, Jan. 2020,

SANTOS, RITA DE CÁSSIA MELO. Sobre crânios, idiomas e artefatos indígenas: O colecionismo e a História Natural na viagem de Johann Natterer ao Brasil (1817 – 1835). **Sociedade e Cultura**, v. 21, p. 20-35, 2018.

SANTOS, RITA DE CÁSSIA MELO. Um antropólogo no museu: Edgar Roquette-Pinto e o exercício da antropologia no Brasil nas primeiras décadas do século XX. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 25, n. 53, p. 283-315, Apr. 2019

SAVILLE, M. H. Precolumbian decoration of the teeth in Ecuador. With some Account of the occurrence of the custom in other parts of North and South America. **American Anthropologist**, v. 15, n. 3, p. 377-394, 1913.

SCHADEN, EGON. A obra científica de Paul Ehrenreich. **Revista de Antropologia**, v. 12, n. 1/2, p. 83-86, jul./dez. 1964.

SCHADEN, EGON. Pioneiros alemães da exploração etnológica do Alto Xingu. In COELHO, Vera Penteado (org.) **Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, pp. 111 – 129. 1993.

SCHWARCZ, LILIA MORITZ. **Dos Males da Medida**. Psicologia USP, vol.8, no.1, 1997.

SCHWARCZ, LILIA MORITZ. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SCHWARCZ, LILIA MORITZ. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso)**, v. 18, p. 225-242, 2011.

SCHWARCZ, LILIA MORITZ. Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo , n. 72, p. 119-135, July. 2005.

SCHWARCZ, LILIA MORITZ; DANTAS, REGINA MARIA MACEDO COSTA. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 46, fev. p. 123-165, 2008.

SILVA, MARINA JARDIM; FERNANDES, ANTONIO CARLOS SEQUEIRA; FONSECA, VERA MARIA MEDINA DA SILVA COUTINHO: uma trajetória profissional e sua contribuição às coleções geológicas do Museu Nacional. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 457-479, June 2013 .

SILVA, VICTOR RAFAEL LIMEIRA DA. History of the 'Human Sciences' and Wallace's scientific voyage in the Amazon: Notes on Historiographical Absences. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 32, nº 67, p. 549-563, maio-Agosto 2019.

SILY, PAULO ROGÉRIO MARQUES. **Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SKIDMORE, T. E. **Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

SOUZA, INGLÊS DE. **O coronel sangrado**. Belém: UFPA, 1968.

SOUZA, VANDERLEI SEBASTIÃO DE. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, v. 1, p. 146 – 166, 2008.

SOUZA, VANDERLEI SEBASTIÃO DE; SANTOS, RICARDO VENTURA. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.**, Belém , v. 7, n. 3, p. 745-760, Dec. 2012 .

SPILLER, GUSTAV (Org.). Papers on inter-racial problems communicated to the First Universal Races Congress. Londres: P. S. King & Son; Boston: The World's Peace Foundation, 1911

STAUFFER, DAVID HALL. Origem e fundação do Serviço de Proteção aos Índios. **Revista de História**, São Paulo, volume 3, 1960.



STEINEN, KARL VON. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. Trad. de Egon Schaden. Separata renumerada da “Revista do Arquivo”. N. XXXIV a LVIII. São Paulo: Dep. de Cultura, 1940.

SUSSMAN, ROBERT. **The Myth of Race. The Troubling Persistence of an Unscientific Idea**. Cambridge: Harvard University Press. 2014

TACCA, FERNANDO DE. "Rituais e festas Bororo: a construção da imagem do índio como " selvagem" na Comissão Rondon." **Revista de Antropologia**, 45.1: 187-219, 2002.

TORCELLI, ALFREDO. (Org.). (1913-1937) Obras Completas y Correspondencia Científica de Florentino Ameghino. La Plata: **Taller de Impresiones Oficiales**, 23 v. 1936.

TOTTEN, SAMUEL; HITCHCOCK, ROBERT. **Genocide of Indigenous Peoples: Genocide: A Critical Bibliographic Review**. Transaction. p. 4. 2010

TRIARHOU, LAZAROS. Anders Retzius (1796–1860). **Journal of Neurology**, 260 (5),1445-1446. 2012.

VAN WYHE, J. A Delicate Adjustment: Wallace and Bates on the Amazon and “The Problem of the Origin of Species”. **Journal of the History of Biology, Basel**, v. 47, n. 4, November 2014.

VERGARA, MOEMA DE REZENDE. "Cartas a uma senhora": questões de gênero e a divulgação do darwinismo no Brasil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 15, n. 2, p. 383-398, Aug. 2007.

VETTER, J. The unmaking of an anthropologist: Wallace returns from the field, 1862-70. **Notes and Records of The Royal Society**, London, v. 64, n. 1, 2010.

VIEIRA, MARINA CAVALCANTE. A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e a exibição de índios botocudos: performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano brasileiro. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 25, n. 53, p. 317-357, Apr. 2019 .

VIERTLER, RENATE BRIGITTE. Karl von den Steinen's Ethnographic Research among Indigenous Peoples in Brazil, 1884 – 1888. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 1, p. 93 – 113, 17 abr. 2019 .

WANDERLEY, MONICA CAUHI. **A Criação da Imperial Academia e Escola das Belas Artes e o primórdio da Pintura Acadêmica no Brasil**. (Dissertação de Mestrado em História e Crítica da Arte)-Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

WINOGRAD, Monah. Freud e a filogenia anímica. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF , Niterói, v. 19, n. 1, p. 69-81, 2007.

## Apêndices

### Apêndice I

O protesto dos selvícolas. **A Republica: orgam do Partido Republicano (PR)**. Edição 00300. Curitiba, 23 de Dezembro de 1908.

#### O Protesto dos Selvícolas

Sempre fomos infensos aos atos de barbaridade praticados contra os indígenas por indivíduos cuja ferocidade os coloca em nível moral inferior ao dos habitantes das nossas selvas, nada valendo o pretexto de represálias com que pretendem justificar os morticínios de homens, mulheres e crianças no seio das florestas brasileiras.

Contra essa crueldade erguem-se todos os homens de sentimento, em unânime protesto contra a inútil efusão de sangue com a qual supõem aqueles carnífcies levar a civilização aos sertões, como se em nossa pátria encontrasse ela melhor base num charco de sangue dos genuínos filhos do Brasil.

Só uma voz desse concerto nobre e humano foi a do dr. Von Ihering, diretor do Museu Paulista, que fraternizando com os bugueiros<sup>86</sup> não teve pejo de à luz deste século, e no seio de uma sociedade culta, proclamar a bárbara teoria do extermínio dos aborígenes.

Eis o protesto publicado no Rio de Janeiro pelos índios, contra a feróz doutrina do sr. Von Ihering:

"Os índios brasileiros, abaixo assinados, já incorporados à civilização e representantes, netra capital, das tribos Guaranu, Guajajara, Cherente e Caraó, protestam, surpresos e pasmados contra a opinião do dr. Von Ihering que, em pleno século XX, entende uma necessidade imposta pela civilização o extermínio de todos os nossos irmãos das selvas e, portanto, de toda a raça genuinamente brasileira.

Ao ilustre diretor do Museu de S. Paulo podemos garantir que nas nossas incultas tribos nenhum selvagem aprovaria nunca a carnificina de entes humanos, a não ser na sagrada

---

<sup>86</sup> Muitos grupos indígenas eram depreciativamente qualificados como "bugres".

defesa dos direitos que nos dá a Natureza e que são, sem nenhuma diferença, os mesmos que ela confere aos homens de muita ciência, mas de nenhum sentimento humanitário.

À ciência do dr. Von Ihering opomos a moral de todo o mundo civilizado em completo antagonismo com a sua opinião, que só representa uma extravagante aberração do espírito humano.

E tanto basta para este necessário protesto. Marcelino Jépiájú, pela tribo Guarany; Victal Uaquisy, pela tribo Guajajara; Kuroki Porpipó, pela tribo Caraó; Djalma Uacumupté e Orjama Pracé, pela tribo Cherente"

## Apêndice II

FRIC, A. V. O Congresso dos Americanistas em Viena: O caso da escravização dos índios no Brasil - Uma resposta do explorador Alberto Fric. **O Paiz (RJ)**, Edição 08823, página 5, colunas 1-2. Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1908

### O CONGRESSO DOS AMERICANISTAS EM VIENNA

O caso da escravização dos índios no Brasil - Uma resposta do explorador Alberto Fric

Ainda está recente o escândalo levantado por uma moção que, noticiou o telegrafo, teria sido apresentada no Congresso dos Americanistas, em Viena, pelo explorador Alberto Fric, na qual propusera que o congresso tomasse providências para o fim de por termo à escravidão dos índios no Brasil. Sobre este caso, que tanto feriu a opinião, acabamos de receber daquele explorador a seguinte carta, interessante por diversos motivos:

Prezado redator - No “Tempo”, (Die Zeit), como em outros jornais de 15 do corrente, foi publicado, no resumo dos trabalhos do Congresso Internacional de Americanistas, em Viena, um telegrama de Berlim, apresentado na sessão de 16, no qual se alude a fatos, cuja interpretação erroneamente vejo forçado a corrigir. Peço-lhe, pois o obsequio de tornar pública a seguinte retificação:

Três anos depois de ter voltado da minha segunda viagem à América do Sul, visitaram-me os Srs. Professores H. von Steinen e E. Seler, na qualidade de delegados do Museu Imperial de Berlim, em Praga, afim de negociar a aquisição para aquele instituto da coleção que trouxera comigo. Por ser-me penoso trocar por dinheiro os objetos adquiridos muitas vezes com perigo de vida, cedi gratuitamente a coleção ao museu, contando que na minha próxima viagem à América do Sul, me fosse facultado ocupar-me exclusivamente com estudos científicos. Por depositar grande confiança nos dois homens de *sciencia*, não me esforcei por que me fossem reconhecidas por escrito tais condições, tanto mais que pouco depois, foi assinado um contrato que me garantia uma subvenção na importância de 20.000 marcos. Além disso, não imaginava fossem contestadas as mencionadas condições, e que pudessem ser anulados, pela vontade do consulado, o referido contrato.

Como o Museu Imperial de Berlim não dispusesse imediatamente dos meios necessários ao empreendimento, firmei, sob idênticas condições, mediante entrega de uma coleção

um acordo com o Museu de Hamburgo, e, em consequência, dei execução à viagem. Efetuei grandes escavações sobre a pré-história no Brasil, e fiz uma excursão aos territórios da tribo Areseta, até então não estudada por explorador algum, da qual excursão pude remeter ao museu de Hamburgo preciosas coleções.

Ao voltar encontrei um mensageiro, mandado ao interior à minha procura, afim de trazer-me à costa, por quanto em breve voltariam os malvados caçadores de índios de uma “batida”, e temia-se, portanto, o revide destes. Entrementes cai gravemente doente de *typho* e o museu de Hamburgo desamparou-me em tais circunstâncias, deixando de mandar os recursos prometidos por escrito. Depois de repousar cerca de duas semanas, parti para a capital de Santa Catarina, de onde tinha saído para o interior na qualidade de “Pacificador dos índios”

A viagem ao local do massacre fez-me passar pelas colônias alemãs, de onde partem repetidamente os caçadores de índios. Ali presenciei lastimáveis cenas e ainda mais lastimáveis ouvi dos indivíduos interessados em tais carnificinas. Poderia apenas acreditar que fosse ainda possível em nosso tempo, que tais crueldades perpetrassem os descendentes de uma nação civilizada, se não tivesse encontrado nos troféus de que eram os cadáveres despojados, muitas provas disso. É por trás dos caçadores de índios está a ralé da sociedade, gente que pelo ouro é capaz de tudo. Estes indivíduos sem escrúpulos são contratados pelos especuladores de terras para livrar os seus domínios, oferecendo à venda, da vizinhança incomodada dos índios, de modo a elevar-lhes – o valor. Na última “batida” foi morto um dos caçadores por arma de fogo e outro ferido - incidente misterioso, visto não usarem os índios tais armas. Pouco depois soube que a alguns caçadores parecera por demais cruel o procedimento que tinham alguns deles para com as mulheres e crianças aprisionadas, e que os tinham castigado no próprio local e ocasião.

Ainda mesmo que essas hyenas humanas se vissem provocadas a tal procedimento, não se poderia pretender que eu continuasse a me conservar em silêncio.

Não me era possível ver tranquilamente, na minha qualidade de homem, tais crueldades, que não só nos jornais brasileiros como em uma brochura, lida ante o Congresso Internacional Americano (A educação de uma criança índia, pelo Dr. M. U. H. Gensch, médico prático, Blumenau, Brasil), pelo professor Seler, de Berlim, tinham sido mencionadas. Não me lembrei que era enviado de um museu alemão, que tais fatos não

me diziam respeito, e que se tratava de especuladores alemães de terras – consequência, agi – o que foi apresentado pelos interessados como indiscrição da minha parte. Dirigi-me ao governo de Santa Catarina pedindo a punição dos assassinos, a libertação das mulheres e crianças aprisionadas e tratadas como escravas, assim também a designação de certos territórios privativos aos índios.

Baixaram agora disposições de lei que impedirão se repitam as crueldades contra os índios, e lhes foi reservado um território de cerca de 30.000 hectares.

Todas essas medidas levantaram contra mim uma multidão de indivíduos, que se sentem prejudicados em seus interesses especuladores, e iniciou-se uma campanha às escancaras contra minha pessoa - sou apresentado como salteador, e meus documentos acoimados de falsos. Também divulgaram despachos telegráficos anônimos, em que anunciavam atacava eu, à frente de 500 índios, as cidades e as saqueava.

Em todos esses boatos aterradores achou a legação fundamento suficiente (o próprio cônsul em Blumenau estava envolvido nas especulações sobre as terras) para exprimir aos museus supra-mencionados o desejo de que eu fosse dispensado de minha comissão. E assim acontecendo, ficaram sem efeito os dois contratos, e, sem que me concedessem oportunidade para justificação, fui imediatamente suspenso, mesmo sem a satisfação das minhas contas e despesas pelas coleções remetidas e aceitas.

Venceram meus adversários. Quando voltei a Buenos Aires lá achei, em lugar de dotação convencionada, a minha suspensão por telegrama.

Não a reconheci, tanto mais que coisa alguma de incorreto era alegado contra mim, nem ocasião para a defesa me era concedida e acreditava, conforme acredito ainda - que na Alemanha ninguém pode ser condenado sem ser antes ouvido. Se o que relato aqui tem erros, chamem-me ante os tribunais. Entrementes, as minhas reclamações contra o ministério do exterior da Alemanha são encaminhadas pelo ministério idêntico a Austria-Hungria.

A justeza de minhas declarações respeito à perseguição dos índios foi também confirmada ante o congresso pelo professor K. Seler, e a afirmação deste senhor, que nas colônias alemãs já não são mais possíveis as caçadas aos índios, valeu encher-me de satisfação, por quanto em tal fato vejo os frutos do meu trabalho.

Noto ainda não ser verdade que o professor Ehrenreich protestasse contra o quadro por mim apresentado, da carnificina e massacre de índios; muito ao contrário, somente se ocupou ele com problemas científicos. Quanto à biografia que de minha pessoa imaginaram e as afirmações infundadas e ridículas como: “mencionaremos mais que Fric é Tscheche<sup>87</sup>, et.” não devo reagir, por serem por demais baixas.

Até hoje não recebi dinheiro do museu de Berlim nem em prestações, nem por outro qualquer modo.

Se faço esta retificação é no intuito de contribuir o mais possível para o restabelecimento da verdade quanto à notícia aludida acima.

A ilustre redação agradeço a publicação destas linhas e subscrevo-me - Dedicado criado, Alberto Fric”.

---

<sup>87</sup> Tscheche se refere a Tcheco.



## Apêndice III

FRIC. A. V. Pobres Índios. **Diário da Tarde (PR)**. Edição 02449, página 1, coluna 2. Curitiba, 13 de março de 1907.

### Pobres Índios

Pela influência de trabalho, não pretendia escrever sobre os *Kaingangues* deste Estado, pensando fazê-lo ao confeccionar meus livros a respeito.

O parecer de dr. Tristão Araripe, já dias publicado nesta folha, leva-me, entanto, a mudar de propósito, chamando a atenção dos poderes públicos para certas irregularidades praticadas, sem respeito às Leis e à Constituição deste País,- como o único fim de auxiliar a avareza de companhias religiosas que nunca se satisfazem e, para ganhar, se aproveitam até do próprio selvagem.

A capital de Mato Grosso chegou um particular, de nacionalidade francesa, sr. Molan, e lhe foi dado privilégio para povoar extensa zona, da qual ficou proprietário. Mais tarde, o sr. Molan metamorfoisou-se no padre Molan, da ordem salesiana, e foram fundados colégios dos salesianos, oficinas e missões com os selvagens *Bororos*.

Tomaram esses gafanhotos italianos conta das igrejas, formaram associações filhas de Maria, et. et., - uma palavra, alastraram abrasando e estrangulando, notando-se os tristes resultados em os alunos de tais colégios.

Inventaram novo sistema de catequizar, de conhecer os segredos do lar: - *o correio de Nossa Senhora*, inocente diversão, caixinhas depositadas nas igrejas, e onde senhoras depositam suas queixas. As cartas, são queimadas na presença do povo, e, com a fumaça, sobe os pedidos ao trono celeste, - dando a santíssima Imaculada suas respostas, já por sinais, já por intermédio do confessor, já em cartas anônimas. Tem resultado que as castas donzelas em correspondência com a imaculada, saem maculadas.

E tudo isso é tolerado pelos pais, pelos maridos que temem a enorme influência dos padres. Não é pequena, em verdade. Um pobre empregado do Correio que descobriu, entre encomenda de livros sagrados, um livro que continha contrabando de certos

artefatos sos seringais de Mato Grosso, mas refinados pela indústria parisiense, foi obrigado a negar o achado, e, depois, demitido.

A princípio, o povo ficou escandalizado, mas para logo esqueceu o fato.

Entre os aborígenes, estabeleceram-se na antiga colônia militar de *S. Lourenço*; um bugre, porém, muito selvagem, que não andava satisfeito com as rondas noturnas do padre Bassola, atirou-o ao rio *S. Lourenço*.

[Bom padre! Queria ver se nos bahitos praticam imoralidades. Daí o mergulho nas águas do caudaloso S. Lourenço. - Assim concluía o *Boletim Salesiano* a narração do fato, sem acentuar, contudo, que vaso ruim não se quebra, e, por desgraça, o padre fora salvo.] Mudaram-se depois para o Araguaia, onde os índios não estão ainda tão mal influenciados pelos brasileiros...

Lá puderam fazer o que bem entendiam, sem ser fiscalizados. As prostitutas da tribo são hoje filhas de Maria, não vivem em bahitos (casa dos solteiros); mas, na missão, onde ficam ao abrigo de todos os castigos, aos quais as condenou a lei que pene o adultério entre os "*selvagens*".

Os padres pagam pelo trabalho de um dia uma colher de... miçangas (40rs.), sem comida. Para ocorrer às "grandes despesas" desta missão, fundaram a sociedade dos colaboradores salesianos, composta de trinta e cinco mil (35.000) pessoas, cujas obrigações são: rezar, fazer propaganda e dar esmolas. Os 35.000 colaboradores cumprem seu dever.... e pagam; mas o dinheiro vai, - não, para os Bororós, - para Turim.

Não quero referir-me às oficinas, onde exploram o trabalho gratuito dos menores, numa desesperada concorrência aos industriais nacionais. Estes males aqui os há igualmente

\*\*\*\*

Volvamos dos sertões bravos de Mato Grosso ao belo Paraná.

No *Tibagi* temos coisa semelhante.

Dois padres italianos, ignorantes, como não encontrei ontem, nem mesmo entre os caboclos analfabetos,- (sempre ladinos, entretanto, quando tratam de ganhar dinheiro) -

pretendem *civilizar* os selvagens *Kaingangues* que, em verdade, são mais civilizados e adiantados que os próprios padres. Para prová-lo, num episódio, passado em *Therezina*.

O padre foi até lá, afim de que os índios daquele município se mudassem para sua paróquia. Pelo caminho, mascateava, vendendo a graça de Deus aos caboclos; e, acostumados a serem recebidos em todas as casas as galinhas gordas e mais alguma coisa, não levava provisões.

Encontrou índios no engenho do sr. Felebino Pinto, e repartiu logo entre eles faquinhas que a *Casa Porcellana* usa como reclame.

Chegou após o Capitão dos índios, encontrou o padre, e ordenou à sua gente que devolvesse as faquinhas, dizendo:

- "Nós não precisamos faquinhas do padre, *Kaingangue* não tem lápis para fazer ponta; *Kaingangue* não precisa faquinhas. - Porque vocês não trazem facões, machados, foices para trabalharmos? - O Governo deu dinheiro a você. "

O padre respondeu:

- "Eu só queria agradecer sua gente, porque vou fazer uma viagem no *Salto Ubá*.,,

- "Você não vai lá. Você não traz mantimentos. Você morre de fome. Você não come banana de imbê. Que você vai fazer lá?"

- "Eu venho batizar seus filhos"

- "Não precisa; todos são batizados, nós mesmos os batizamos; nós não precisamos pagar seis mil reis (6.000 réis) para entrar nos céus. Os Padres nos roubaram muito. Antes, quando Telemaco era diretor dos *Kaingangues*, nos fandangos portugueses ficava com vergonha, por que *Kaingangue* estava bem vestido; depois, padre ficou diretor e *Kaingangue* ficou como *Kuruton* (nome que dão aos botocudos - *Kuru* - roupa; *ton* - não tem). Nós não queremos saber de padre para nada."

Assim me contou o inteligente índio, meu compadre, coronel Arakixó, e m'o confirmaram várias pessoas presentes. E tinha razão.

O padre regressou, à vista disso.

Os *Kaingangues* são muito explorados. Vi um chifre de boi, para fazer buzina, pago com um alqueire de roça; por um cachorro ruim, - dois alqueires; por um engenho de açúcar, sete ou nove alqueires de roça. Também eram explorados por alguns nacionais sem consciência. Os padres, com pena, afim de que brasileiros não os explorassem, fizeram-se deus protetores... explorando-os mais despidosamente!

Se os dois padres a décima parte do dinheiro que despendem com pipas de vinho (de missa), vivem do em perpétua embriaguez, - gastassem em benefício dos índios, que enorme resultado teriam para o Estado! Gastam, porém, no dinheiro de outro modo. Compraram máquinas fotográficas, porém, abre as chapas todas à luz, e só depois carrega os chassis e fotografa....

- Quanta sabedoria!...Até parecem *bernardos*! (A *Bíblia* nada ensina respeito à fotografia -Carece reformá-la).

Depois contrataram o agrimensor sr. Hugo Nicol, que lhes tirou retratos de missas, assistidas pelos índios, em meio da floresta.

Com os índios, até agora, não gastaram um real!

Gastam com fotografias. Isto, porém, lhes rende. Mandam-nas para a Europa, onde são publicadas, seguidas de narrativas fantasistas, mencionados perigos imaginários, mil e uma peripécias: reencontros de bugres, ataques terríveis de dois séculos atrás. E os devotos à vista da dedicação de tais mártires da humanidade, - dão *esmolas*, e concorrem assim para *civilizar* a América!...

As esmolas ficam na Itália; algumas pipas de vinho chegam, entretanto, aos Tibagi... Bebem-nas os santos padres, dado vivas aos tolos que pagaram.

Esta exploração dos devotos europeus não é tão inocente, porquanto é feita à custa dos Estado do Paraná que aparece lá fora como habitado por tribos e hordas selvagens.

Reforça a hipótese boletins, notícias e diários, escritos por *homens santos*, confirmando tantos perigos nas terras brasileiras. - Inutilizam assim a propaganda feita em prol da imigração, coma qual é consumido tanto dinheiro!

Penso, deveria o Governo tomar providencias a respeito, melhor aproveitando os *Kaingangues*, elemento trabalhador de primeira ordem que só precisa ser organizado.

Fevereiro, 1907.

Alberto Fric

## Apêndice IV

### Cartas entre Ehrenreich, Virchow e Netto em 1884

Fonte: VIRCHOW, BASTIAN, FLEGEL, JOEST, L. WOLF, EHRENREICH, L. NETTO, A. LANGEN, RIEDEL, ARNING, R. NEUHAUS, F. CALVERT, JENTSCH, BEHLA, HANDTMANN, E. LEMKE, KOFLER, ED. KRAUSE, PAHLKE, W. SCHWARTZ, KELCH, H. FISCHER, C. RATH, V. IHERING, J. C. SCHULTZE, P. ASCHERSON, A. ERNST, ARZRUNI, J. STEENSTRUP, NEHRING, HAGENBECK, WOLDT, V. FELLEBERG, ANGER, VOSS, IDA V. BOXBERG, VERWORN, AND LISSAUER. "Sitzung Am 18. October 1884." *Zeitschrift Für Ethnologie* 16 (1884): 421-75..

(14) Hr. Dr. Ehrenreich berichtet in einem Briefe an Hrn. Virchow, d. d. Victoria, Prov. Espiritu sauto, ohne Datum, über seine

#### **brasilianische Reise.**

Er schildert mit Dank den freundlichen Empfang, den er in Rio, insbesondere beim Kaiser, gefunden hat. Da eine ausführliche Beschreibung des im Museum befindlichen ethnologischen und anthropologischen Materials in Kürze erscheinen soll, so enthält er sich eines weiteren Eingehens. Mit kleineren Excursionen in die Nähe der Hauptstadt, namentlich nach Macahe, Aldea de Pedra und Neu-Freiburg, eröffnete er seine Forschungen. Da der Mucury augenblicklich unzugänglich ist, indem die Indianer sich in vollem Kriegszustande mit den Kolonisten befinden, so wendete er sich zunächst von Victoria aus nach Porto Cachoeira und der Colonie Sta. Leopoldina, wo er der Gast des Consularagenten, Hrn. Dietze, war. Sein weiterer Reiseplan stand noch nicht fest. —

Hr. Virchow erwähnt bei dieser Gelegenheit, dass es ihm, nach langen vergeblichen Versuchen, durch die Vermittelung des Hrn. Ehrenreich endlich gelungen sei, genauere Nachrichten über die vor fast 10 Jahren durch den Kaiser Don Pedro der Gesellschaft geschenkten Schädel und Skelette zu erlangen. Als er dieselben in der Sitzung der Gesellschaft vom 28. Juni 1875 (Verhandl. S. 159) vorlegte, machte er darauf aufmerksam, dass die mitgekommene Liste nicht ganz mit dem Inhalt der Sendung

stimme. Erst längere Zeit nachher erfuhr er in Paris, dass Gegenstände, welche in unserer Liste aufgeführt sind, an die dortigen Sammlungen gelangt seien. Seit dieser Zeit war er bemüht, von Rio eine Origimdliste der nach Berlin gesendeten Gegenstände zu erlangen. Jetzt ist nun folgender Brief des Directors des Museu Nacional, Hrn. Ladislau Netto, d. d. Rio de Janeiro, 2. Juli, eingegangen:

„Je viens d'apprendre par le Dr. Ehrenreich que vous n'avez jamais reçu la lettre que j'ai eu l'honneur de vous adresser au sujet du squelette destine ä vos collections. Ce squelette a ete envoye aiusi que quelques crânes botocudos ä M. de Quatrefages qui devait vous les faire remettre ä Berlin, car, si je ne nie trompe, l'envoi etait fait en double, et la moitie vous appartenait de droit. Mais ä l'heure qu'il est je crois qu'il vaut mieux de n'en plus parier. Je tacherai de vous en dedommager en redoublant d'efforts afin que le Dr. Ehrenreich vous rapporte de nombreux squelettes botocudos d'Espirito-Santo. Le prefet de police de cette province est mon cousin germain et je lui ai déjà ecrit en le lui recommandaut d'avance. Le Ministre de l'Agriculture, a ma demande officielle, va ecire aussi au President de la meme province en faveur de notre estimable explorateur, auquel il suffirait du reste l'appui de l'ambassadeur allemand au Bresil, Mr. Le Maitre, qui jouit chez nous de la plus generale et haute estime.

„Je ne sais pas, Mr. le Professeur, si le Dr. Ihering, que vous avez bien voulu me recommander, il y a quelques annees, vous a fait part de sa nomination d'attache au Museu Nacional, au meme titre de Fritz Müller et de deux autres Allemands tres capables: M. M. Schreiner et Schwacke. Comme c'est sur votre recommandation que je Tai uomme, il doit vous en savoir gre.

„Je redige en ce mornent le deruier chapitre de mon memoire sur l'archeologie bräsilienne, qui clôt en meine tenips le 6me vol. des Archivos do Museu Nacional. Ce volume doit paraitre bientot avec pres de 600 pages et de nombreuses figures dont presque la moitie (de 600 ä 700) se trouve dans le texte. Quoique un peu pousse par mes Colleges des Etats Unis ä considerer la race americaine cotume autochthone, je me vois force, les preuves archeologiques en main, d'adrnettre dans mes recherches l'immiscuite d'eleinents alienigenes comme tres probable en Amerique avant l'invasion colombienne."

## TRADUÇÃO

### **Cartas entre Ehrenreich, Virchow e Netto em 1884**

Fonte: VIRCHOW, BASTIAN, FLEGEL, JOEST, L. WOLF, EHRENREICH, L. NETTO, A. LANGEN, RIEDEL, ARNING, R. NEUHAUS, F. CALVERT, JENTSCH, BEHLA, HANDTMANN, E. LEMKE, KOFLER, ED. KRAUSE, PAHLKE, W. SCHWARTZ, KELCH, H. FISCHER, C. RATH, V. IHERING, J. C. SCHULTZE, P. ASCHERSON, A. ERNST, ARZRUNI, J. STEENSTRUP, NEHRING, HAGENBECK, WOLDT, V. FELLEBERG, ANGER, VOSS, IDA V. BOXBERG, VERWORN, AND LISSAUER. "Sitzung Am 18. October 1884." *Zeitschrift Für Ethnologie* 16 (1884): 421-75..

(14) Sr. Dr. Ehrenreich relata em uma carta ao Sr. Virchow, d. d. Vitória, Prov. Espírito Santo, sem data, sobre a sua

*viagem brasileira.*

Com gratidão, ele descreve a recepção amigável que encontrou no Rio, principalmente com o Kaiser. Uma vez que uma descrição detalhada do material etnológico e antropológico do museu deve aparecer em breve, ele se abstém de entrar em maiores detalhes. Iniciou a sua investigação com excursões menores perto da capital, nomeadamente Macahe, Aldea de Pedra e Neu-Freiburg. Como o Mucuri fica instantaneamente inacessível, já que os índios estão em pleno estado de guerra com os colonos, ele primeiro se voltou de Vitória para Porto Cachoeira e para a Estação Colônia. Leopoldina, onde foi hóspede do agente consular, Sr. Dietze. Seu plano de viagem adicional ainda não foi definido. -

Sr.. Nesta ocasião Virchow menciona que, depois de longas tentativas infrutíferas, por meio da mediação do Sr. Ehrenreich, ele finalmente conseguiu obter informações mais precisas sobre os crânios e esqueletos doados à Sociedade pelo Imperador Dom Pedro há quase dez anos. Quando ele apresentou o mesmo na reunião da Sociedade em 28 de junho de 1875 (negociação p. 159), ele apontou que a lista que trouxera não correspondia exatamente ao conteúdo da transmissão. Só muito tempo depois é que



soube em Paris que os objetos de nossa lista haviam chegado às coleções de lá. Desde então, ele se empenha em obter do Rio uma lista de procedência dos itens enviados a Berlim. Já a seguinte carta do diretor do Museu Nacional, Sr. Ladislau Netto, d. d. Rio de Janeiro, 2 de julho, recebeu:

“Acabo de saber do Dr. Ehrenreich que o senhor nunca recebeu a carta que tive a honra de lhe dirigir sobre o esqueleto destinado às suas coleções. Este esqueleto foi enviado junto com alguns crânios de botocudos ao senhor de Quatrefages, que deveria enviá-los a você em Berlim, porque, se não me engano, o envio foi feito em duplicata e a metade pertence a você de direito. Mas neste momento acho melhor não apostar mais nisso. Procurarei compensar isso redobrando meus esforços para que o Dr. Ehrenreich traga de volta muitos esqueletos de botocudos capixabas. O prefeito da polícia desta província é meu primo-irmão e já escrevi para ele recomendando-o com antecedência. O Ministro da Agricultura, a meu pedido oficial, também vai escrever ao Presidente da mesma província em nome de nosso estimado explorador, o que bastaria, ademais, o apoio do embaixador alemão no Brasil, senhor Le Maitre, que goza da mais geral e alta estima entre nós.

„Não sei, Sr. Professor, se o Dr. Ihering, que o senhor teve a amabilidade de me recomendar, há alguns anos, o informou da sua nomeação para o Museu Nacional, na mesma qualidade de Fritz Müller e dois outros alemães muito competentes: os Srs. Schreiner e Schwacke. Como estou seguindo sua recomendação, ele deve ser grato a você.

„Escrevo neste momento o último capítulo de minhas memórias sobre a arqueologia brasileira, que encerra o 6º vol. dos Arquivos do Museu Nacional. Este volume deve aparecer em breve com cerca de 600 páginas e numerosas figuras, quase a metade (de 600 a 700) no texto. Embora um pouco pressionado por minhas faculdades nos Estados Unidos a considerar a raça do costume indígena, me vejo forçado, com evidências arqueológicas em mãos, a admitir em minhas pesquisas a interferência de elementos alienígenos, como muito provável na América antes da Invasão colombiana.



## Apêndice V

Fonte: Dr. P. Ehrenreich. A 2<sup>a</sup> Expedição Allemã Ao Rio Xingú. Conferencia Feita Perante A Sociedade Anthropologica De Berlim. **A Imigração: Orgão da Sociedade Central de Imigração (RJ)**, Edição 00076. Rio Janeiro, 1891.

**Dr. P. Ehrenreich**

**A 2<sup>a</sup> expedição allemã ao rio Xingú**

**CONFERENCIA FEITA PERANTE A SOCIEDADE ANTHROPOLOGICA DE BERLIM**

*Traduzida para o "Diario Popular" por A. Hummel<sup>88</sup>*

A primeira expedição ao rio Xingú dos Srs. von den Steinen e Clauss, no ano de 1884, cabe o mérito de haver mais uma vez chamado a atenção dos sábios para o fecundíssimo compo que ainda hoje o Brasil se oferece à investigação etnológica, apesar de ter sido durante toda a última metade do atual século descuidada a ponto de vulgarisar-se a opinião que aqui nada mais houvesse a fazer no campo da etnologia. Pois muito pelo contrário, o vastíssimo país até hoje pertence à categoria das regiões menos conhecidas sob os pontos de vista etnológico e antropológico, assim como também muitíssima coisa ainda falta para a sua perfeita exploração geográfica e geológica.

A primeira exploração do rio Xingú, último tributario do Amazonas e entretanto pouqíssimo conhecido, trouxe também para a etnologia belíssimos resultados. Nesta ocasião, o mundo científico ficou sabendo, que, no centro da América meridional, existe uma população autoctone, até hoje inteiramente impoluta da influência européia, e que representa o homem americano no seu estado precolombiano, quando não conhecia

---

<sup>88</sup> Transcrevemos esta interessante notícia com a devida autorização do nosso colega de imprensa, o ilustrado redator do Diario Popular; as das folhas mais bem redigidas de S. Paulo, onde o jornalismo está tão adiantado.

Nossos agradecimentos pela amplitude dado àquela amável autorização (*Nota da redação*).

nem o uso dos metais nem as plantas e animais domésticos importados do velho mundo, para quem enfim o próprio cão é um ser inteiramente desconhecido.

Á cresce ainda como fato importante que não são tribos isoladas só que se conservam neste estado prehistórico, porém representantes de grande número dos principais povos indígenas do Brasil; o que deu em resultado poder se estabelecer uma classificação nova destas nações, bem como lhes determinar o primeiro berço ou núcleo de irradiação e as linhas que nesta seguiram.

A primeira expedição sendo de natureza essencialmente geográfica, não pôde prestar atenção suficiente à matéria etnológica; as dificuldades de transporte por si só impediram que se fizessem grandes coleções.

Coube, pois, à segunda expedição preencher esta falta e sobretudo empreender um estudo especial das tribos que, segundo as informações dos outros índios, deviam habitar às margens de uma nascente oriental do rio Xingú, de nome Kuliseu.

Comquanto não fosse ainda apresentada à Sociedade antropológica relatório direto sobre as peripécias dessa empresa, todavia o meu colega Sr. V. D. Steinen em outros lugares já fez comunicações bastante minuciosas, para que eu possa supor conhecidos os traços principais da mesma.

Aqui, pois, pretendo limitar-me a dar uma ideia dos hábitos físicos e do estado de cultura entre estes modernos representantes da idade da pedra, assim como ilustra alguns episódios da expedição, a vida no acampamento, na canoa e na barraca<sup>89</sup>.

A nossa expedição deixou Cuiabá a 28 de julho de 1887, transpôs o Paranatinga no lugar da aldeia dos Bakahiris mansos no dia 21 de agosto, passou com direção a leste o rio Batovy em ponto acima do lugar de embarque da 1ª expedição e achou-se no dia 1º de setembro na bacia de um novo manancial do Xingú até então desconhecido, e que não podia ser outra coisa senão o almejado Kuliseu. Pela margem esquerda deste rio descemos durante seis dias, quando chegamos a um lugar onde espessa mata e terreno muito acidentado impossibilitaram-nos o prosseguimento com os nossos animais exaustos. Felizmente, descobriram-se neste lugar os primeiros vestígios seguros da presença de índios, a saber um abandonadorancho de caçador e uma fileira de miquens ou grelhas para mouquear as carnes tais como os primeiros conquistadores os

---

<sup>89</sup> O autor acompanhou a sua conferência com a exibição de fotografias e desenhos. - (N. do T.).

encontraram entre as tribus da costa. Consistem numa armação de forma piramidal com taisvaras amarradas com cipós, as quais em meia altura são ligadas por outras varas horizontais, sobre as quais repousam, em disposição paralela, as varinhas que constituem a grelha; podendo o aparelho todo ser à vontade aproximado ou afastado da fogueira.

Tratou-se então de contruir, à maneira dos índios, uma canoa da casca de jatobá.

O Sr. de Steinen desceu com dois companheiros o rio e chegou ao fim de uma viagem de dois dias à primeira aldeia Bakahiris bravos.

Nós outros aproveitamos o tempo para explorar as imediações do nosso acampamento. Mais tarde segui em companhia do Dr. Vogel para a aldeia india; tentamos lá, e depois, na segunda aldeia adquiri algumas canoas, o que felizmente conseguimos, voltando ao nosso acampamento em fins de setembro, acompanhados de diversos Bakahiris de genio empreendedor. Construidos diversos ranchos e feitos os preparos para a viagem fluvial, no dia 1º de outubro pudemos dar começo à nossa navegação, deixando quatro homens no acampamento. (Os tais ranchos, toscos como eram, foram entretanto suficientes para lançarem um germen de desarmonia na imagem etnológica dessas regiões. De fato, no nosso regresso, ao passarmos outra vez pela primeira aldeia dos Baikaris, vimos com estupefação como os índios, que durante a nossa ausência tinham feito algumas visitas ao acampamento, já estavam construindo uma casa quadrada com teto inclinado, exatamente pelo modelo dos nossos ranchos; o que prova a rapidez com que se modificam as singularidades etnológicas com o contato entre os povos.

Visitamos por tudo 11 povoações, pertencentes a sete tribos diferentes e logo nos ficou patente, que a nossa tarefa era maior do que tínhamos calculado. O Kuliseu é apenas tributário da margem esquerda de um rio ainda maior, o Kuluene, sobre o qual ainda se devem achar seis a oito aldeias. A estação avançada não permitiu a exploração de ambos os rios; três meses tínhamos perdido nos começos da viagem.

Preferimos empregar o tempo de que dispunhamos na exclusiva exploração de Kuliseu, que devia-nos oferecer um mais variado panorama etnológico, porque, além de muitas outras, também banha uma aldeia Nahukuas, que é a tribo que banha as margens do Kuluene.

Sentimos, sim, não poder visitar os interessantíssimos povos Manitsanas e Suyás, abaixo da confluência dos referidos rios.

Nem se realizou a nossa esperança de vermos os Suyás, que durante a nossa demora sobre o Kuliseu se acahavam dentro do perímetro das nossas excursões, em campanha contra seus inimigos, os Trumais.

Os Caraíbas, porque a eles se filiam os Bakahiris com quatro aldeias sobre o Kuliseu e quatro sobre o Batovy; e bem assim os Nahukuas com uma aldeia sobre o Kulisei e umas seis ou oito sobre o Kuluene.

Entre o Alto-Tapajós e o Xingú parecem habitar ainda outras tribos Carabíbas, das quais uma, a dos Apicás (que não se deve confundir com as tribo Tupi do mesmo nome no alto Tapajós) que há alguns decênios emigrou para Nordeste e se estabeleceu no Baixo-Tocantins. A opinião do Sr. von den Steinen, de dever-se procurar a verdadeira pátria dos Caraíbas, não ao Norte do Amazonas, porém no centro dos continente, ganhou muito mais verossimilidade pela identificação de uma numerosa população Caraíba nestras regiões interiores, além de que é corroborada pelas diretas tradições que a respeito destras migrações até hoje se conservaram.

Ao ramo Nu-Aruak pertencem os Mehinakus em duas aldeias, parentes dos Kustenaus, que na 1ª expedição foram encontrados sobre o Batovy inferior; igualmente os Vauras e Jaulapitis com duas aldeias cada um, e que moram mais ao norte na região das lagunas, entre o Batovy e o Kulisei inferior.

Povos tupis são os Auetós e os Kamayuras, se do estes de tipo puro, aqueles, porém, duvidosos, como também sucede com os Munitsanas.

Os Trumais, enfim, não se puderam classificar ainda. Encontramo-los em plena derrota, perseguidos pelos Suyás, na proximidade de uma aldeia dos Anetós. O Dr. Vogel e o tenente Perrot visitaram sua aldeia incendiada junto da embocadura do Kuluene e acharam ali também uma meia dúzia de tumulos frescos; a presença dos índios que vieram em sua companhia não lhes permitiu colecionar crânios.

Em geral parece que existem relações pacíficas entre as diversas tribus, posto que não se deixe de manifestar certa antipatia.

Assim, os Bakahiris nos preveniram contra os Nahukuas, não queriam primeiro acomodar-nos até Ipa, alegando contra eles principalmente a inclinação para o furto. Mas o motivo talvez que fosse o de não quererem eles facultar as outras tribos os meios de partilharem na aquisição de nossos belos objetos de permuta. Os mais desprezados eram os Trumais; todavia s vezes que sumia-se um objeto qualquer; diziam: Os Trumais o tomaram<sup>90</sup>.

Geralmente temida, e provavelmente com razão, é a belicosa e prepotente tribo dos Suyás, da nação dos Gés, e que forma do lado do Poente a guarda avançada daquela grande e importante família, até hoje pouco conhecida, em sentido linguístico próximo dos Cayapós.

Os mais simpatizados parece ser os Auctos graças talvez às qualidades pessoais do seu cacique, que na verdade era um velho excelente e respeitável. As suas aldeias eram constantemente frequentada por índios de todas as outras tribos e serviam, pode-se dizer, de estações postais; pois ali chegavam notícias e recados de todos lados para serem transmitidos em direções opostas. Muitas vezes tivemos ensejo de notar com que velocidade soubemos lá também que durante a nossa ausência tinha morrido um dos cães deixados no acampamento.

Quando a aparência física destas tribos, pode-se dizer que a configuração do crânio pouco oferece de características, por quanto se notam em todas as tribos todas as gradações, desde a dolicocefalia até uma fortemente pronunciada brachycefalia; mas prevalecem, contudo, a meso e a brachycefalia.

Só os Trumais caracterizam-se por uma predominante hysibrachycefalia.

O crânio feminino em geral não se distingue pela forma muito do masculino; antes podem-se apontar algumas diferenças na formação do rosto.

Entre os Bakahiris podem-se distinguir dois tipos principais.

---

<sup>90</sup> O leitor sem dúvida tem notado que o modo do autor escrever os nomes das diferentes tribos diverge alguma coisa do convencional brasileiro; suponho que um autor brasileiro havia de escrever Trumahy, Bacahiry, etc.: o que, porém, mais se faz sentir no original alemão é a completa omissão do acento tônico nestes nomes, e se estes nomes assim como os topográficos em geral, são oxítonos, não é todavia regra sem exceção. Somente nos casos duvidosos pode-se afirmar que a probabilidade sempre será a favor do acento tônico na última sílaba. (N. do T.)

O primeiro distingue-se por uma muito pronunciada prognatia, cuja impressão fica ainda mais acentuada pelo queixo muito reitrante; além disso tem nariz longo e arcado e cabelo ondulado quase crespo, e fino ao mesmo tempo, o que a na raça americana me parece ser mais comum do que ordinariamente se supõe. Um segundo tipo mostra feições quase caucaseanas, tendo a prognatia pouco pronunciada, o nariz mais curto e mais direito, apenas com o osso mais largo talvez.

Os olhos são, como se costuma dizer, rasgados em forma de amendoa, abstante grandes, e entre as mulheres mais obliquos dos nos homens; esta posição dos olhos é, como se sabe, característica da raça mongólica; mas nos demais caracteres do tipo nada há comum entre as duas raças.

Entre outros extremos dos dois mencionados tipos Bakahiris existem naturalmente muitas gradações. O nosso guia, um Bakahiri manso, de nome Antonio, ocupava pelo tipo o eio entre os dois extremos, e podia considerar-se como o modelo de uma Bakahiri normal e bem feito.

O primeiro dos dois tipos mencionados parece ser o mais antigo. Quase todos os Bakahiris dos Rio Novo e do Paranatinga o possíam, entre os bravos só os da primeira, e em parte da segunda aldeia, na terceira já se achou muito modificado; foi, porém, encontrado outra vez, e muito saliente, entre as tribos dos Caraibas-Apicás no Baixo Tocantins, que igualmente pela língua muito se assemelham com os Bakahiris.

Os mesmo tipos repetiam-se nas mulheres. Duas encontramos: uma mulher casa e uma rapariga oriunda das margens dos Batovy, as quais também perante a estética européia poderiam passar por formosuras, se não fossem algum tanto desfiguradas pelo enfeite nacional, que consiste numa pedra polida e fusiforme, que atravessa a cartilagem nasal.

O cabelo, cortado à frente e crescido atrás, dava a muitas mulheres uma surpreendente semelhança com as cabeças esculpidas nos sarcofagos do Egipto.

Inteiramente diferente é o rosto dos Nhukuaas, que parece algum tanto mais grosseiro e anguloso, por causa das maxilas mais salientes, do nariz curto e direito e das protuberâncias frontais.

Entre os Mehinakus encontramse rostos chatos e largos com considerável intervalo entre os olhos. Os Vauras, com eles relacionados, distinguem-se pelo maior



desenvolvimento da parte inferior do rosto, tem além disso os olhos mais oblíquos e pequenos. A prognathia nota-se neles só na maxila superior e o queixo é bem saliente.

Os Jaulapites recordam os Nahukuas pela forma gorsseira e angulosa do rosto com o grande intervalo entre os olhos. Entre os Auétós igualmente se pode assinalar a distinção entre um tipo mais grosseiro e outro mais delicado: prognathia não apreciável, testa direita e baixa, maçãs do rosto pouco salientes.

Entre os Kamaguras a prognathia reaparece, sobretudo nas mulheres, das quais uma na estrutura da maxila inferior mostrava uma formação francamente pithecóide. No demais parecem-se bastante com os Auétós.

Os mais característicos quanto ao tipo são os Trumais com prognathia fortemente acentuada, nariz arcado, testa fugitiva, base do nariz estreita e olhos muito chegados, cara muito larga no meio com largo osso zigomático.

A cor da iris é notavelmente clara. O corpo é esbelto na maior parte das tribos: os indivíduos mais robustos encontramos entre os Nahukuas e Mahinakus. A maior estatura medida ultrapassou 175 centímetros, a menos, numa mulher Auéto, foi 139. A envergadura era entre quase todos eles consideravelmente maior do que a altura, as mãos relativamente pequenas, e sobretudo os dedos muito curtos.

A cor da pele é bastante demasiada; entre os selvagens Bakahiris mais clara do que os outros: pode-se comparar com o couro recém curtido. O cabelo é de crescimento mediano, tão frequentemente onduloso como corridio, não poucas vezes com tendência a encrespar, e sob o efeito da luz oblíqua de um matiz acastanhado.

Como entre a maior parte dos povos selvagens, as mulheres têm quadris pouco largos, as pernas finas com pés voltados para dentro, e os peitos flácidos prematuramente; as jovens são de forma cônica, lembrando as da cabra.

A cultura material é quase a mesma entre todas as tribos, em razão do antigo comércio que entre elas existe. Mesmo os Suyás, que pertencem à nação Gés etnologicamente tão diferente de todas as outras, adotaram dos outros muitos costumes, como seja o estilo da casa, a construção das canoas de cortiça e sobretudo a maca, que pe desconhecida a todas as outras tribos da nação dos Gés. Os Trumais aliás de difícil classificação, têm

muita coisa comum com os Carajás e parecem entre os outros povos do Xingú um elemento tanto deslocado.

Só na região por eles habitada encontram-se as pedras próprias para a fabricação dos <<machados>>, que eles por isso vendem às outras nações.

Os Bakahiris ganharam fama como fabricantes de rêdes de algodão, ao passo que os Mehinakus como verdadeiros Arauks pela origem, ocupam-se mais com a cerâmica: mulheres Mehinakus introduziram mais recentemente esta arte entre os Nahuquas.

Aos Mehinakus também cabe prioridade no uso das grandes máscaras de madeira pintadas, que deles passaram para os Nahukuas e Bakahiris, que antes não tinham para as suas festas sinão singelos <<dominós>> de buruti. - Tudo isto logrou a nossa expedição mais ou menos esclarecer; qualquer expedição posterior na conseguiria mais talvez.

Traje ou coisa que tal nome mereça, não se encontra entre os homens. Para a maior parte os índios a lei do decoro fica observada cobrindo-se a glande, o que os Hinguano em geral conseguem prolongando o prepúcio por meio artificiais, enquanto os Trumais, à maneira dos Carajás, o apertam com um fio de algodão.

Como cinta serve um cordão de algodão simples e fino, ou grosso, e traçado, nesta cinta vão enfiadas pedras perfuradas, laminas de mare-perola e as sementes vermelhas de um espécie de *Jequirity*<sup>91</sup>.

As tribos Caraíbas trazem nos braços e nas pernas largas faixas de algodão; nos lóbulos das orelhas enfiam graciosamente pequenos feixes das penas amarelas do *Cassicus cristatus* (Espécie de Japú. - N do T). A coroa de penas entre eles é mais singela do que em outras tribos. Os Caraíbas guarnecem com penas uns diademas de feitos esquisitos, traçados como cestas como também se encontram nas Goyanas. Entre os Auetós estavam em uso faixas frontais de pele de onça ou outros felinos.

As mulheres trazem uma pequena tanga triangular de folas de palmeira, a qual, segura por três cordinhas, cobre o baixo-ventre. Entre as Trumais, era a tanga substituída por

---

<sup>91</sup> É este o nome com que se designam diversas espécies de *Abrus*, vulgo tentos de mudo, olho de cabra, etc. - (N. do T.)

estreitas faixas feitas de imbira do pau-jangada, parecidas com aquelas usadas pelas mulheres carajás, com exceção de serem bem mais estreitas.

Se não se vestem pois, em compensação pintam bem o corpo, sendo as tintas empregadas de urucú, genipapo e fuligem, e o gosto da pintura é muito variado; indivíduos todos vermelhos ou pretos encontram-se, ainda que com menor frequência do que entre os Carajás. Em um porção de indivíduos trazendo óculo pintados com tinta preta e pintinhos no corpo imitando botões reconhecemos o modelo por ós mesmos inconscientemente fornecidos. Muitos traziam nos ombros figuras em forma de ângulo, tatuadas (gravadas na pele) com tinta azul, operação artística de que entendem os Kustenaús. As criancinhas são de preferência pintaas com malhas e anéis pretos imitando a pele da onça, que os Bakahiris consideram o Adão da sua espécie.

As aldeias geralmente demoram na distância de uma a duas léguas da margem do rio. Do porto, que se conhece pelas canoas amarradas ou submersas, sai um atalho estreito mas bem conservado serpenteando através do mato.

Às vezes encontram-se talhadas nos troncos umas figuras esquisitas de homens e animais. No caminho para a aldeia dos Melinakus achamos também muitas figuras traçadas na areia, que traziam o caracter dos petroglyphos tão comuns em toda a América do Sul.

As aldeias dos Jaulapitis, dos Vauras e dos Kamayuras acham-se na extensa zona das lagunas entre o curso inferior do Batovy e do Kuliseu. Os lagos, grandes e rodeados de luxuriante vegetação, comunicam entre si e com o rio por um verdadeiro dedalo de canais, onde não se acharia caminho sem um guia de muita prática. Apesar do seu fundo lodoso, a água é bem cristalian, mas também de uma quentura desagradável. Tanto a flora como a fauna poderia fornecer um fecundo campo ao naturalista.

Entre os tipos daquela detacarei a minhoca gigante, de mais de um metro, que se encontra em imenso número<sup>92</sup>.

O adorno principal da paisagem fornecem inúmeras palmeiras butiti (*Mauritia vinifera*), de que os índios sabem tirar a matéria prima para os mais variados usos.

---

<sup>92</sup> Este anelídeo-monstro existe também no nosso estado de S. Paulo, em todo caso na zona marítima, onde o tenho visto, ainda que menos comum; e mesmo contraindo-se consideravelmente é maior do que o réptil conhecido sob o nome de cobra de duas cabeças. - (N. do T.)

As aldeias dos Bakahiris são pequenas, compondo-se de duas ou três habitações e uma cainha para as cerimônias religiosas, ocupando cada uma destas construções um laço do pátio quadrangular. As outras tribos têm aldeias muito maiores; assim a dos Nahuquas tinha 13 casas, as dos Mahinakus 17. Estas formam círculo ao redor de um grande pátio bem nivelado em cujo centro se acha o templo, denominado na língua deles, <<Casa das plantas>>. Esta já não havia nas aldeias dos Jaulapites e Kaunayuvás. Os ranchos desta última tribo, assim como os dos Auetós, achamos dispostos em pequenos grupos, quase sem ordem.

A arquitetura das casas é quase por toda parte a mesma; a forma é elíptica, mais raramente circular. A armação consiste numa fileira de estreitos fortes, altos de 2 metros, os quais unidos encima por vigotas horizontais servem de arrimo para as varas compridas e flexíveis que convergindo entre si formam o teto. Fortes e altas vigas verticais, colocadas no sentido do eixo maior ou menor da elipse, escoram do lado de dentro a cumieira do teto. O todo, coberto com sapê, parece-se de longe com um gigantesco monte de feno. Janelas não há; apenas duas portas, uma em cada frente que mal dão passagem a um homem. A fumaça escapa por cima pelos vãos na cumieira. Em cada casa vive 6 a 8 famílias das quais cada uma ocupa seu compartimento marcado por fileiras de postes. A cama do marido acha-se armada encima da de sua mulher. Junto de cada dormitório é mantido continuamente um brazeiro fraco e latente. Os bens móveis de cada família (armas, purangas, cestas, cartapazios traçados para guardar ou adornar de penas, etc., dependuram-se nas paredes do compartimento. Para as parturientes arrajam uns como caramachões de ramo, nos quais entre os Caraíbas o marido também tem de passar em perfeita reclusão os dias que sua mulher sofrer as consequências do parto.

Cada casa tem dois fogões, um junto de casa entrada. Ali se vêem sobre o fogo os passantes torradores de barro nos quais são torrados os bolos de mandioca; as mulheres trabalham sem descanso descascando as raízes e espremendo o venenoso sumo da mandioca, que dali vai para o fogo em grandes panelas de barro afim de volatilizar-se o elemento venenoso. Atás da cozinha acham-se enfileiradas sobre estacas grandes cestas cheias de farinha de mandioca e de tapioca, e variado sortimento de cuias, grandes e artisticamente pintadas. Do teto pendem, entre os Bakahiris, as espigas de milho em grandes feixes que traçam e combinam de maneira a lhes dar o aspecto de passáros, o que mais uma vez deixa patente o instinto artístico do índio, e como ele procura imitar a

natureza, mesmo nas suas obras mais materiais e efêmeras. Assim, também amoldam a cêra, antes de guardá-la, dando-lhe o feitio de um animal qualquer.

A perfeição com que na cerâmica sabem imitar figuras de animais, vê-se pelas amostras por nós colecionadas e oferecidas ao museu etnográfico de Berlim. Dos grandes vasos dos Auetós, de um metro de diâmetro, apenas pudemos tirar fotografias. A alta perfeição técnica que nos mostra a cerâmica dos antigos povos civilizados da América, ficou igualmente pertilha destas tribos primitivas.

Muitíssimo interessante foi o ano a visita à casa do cacique da segunda aldeia Bakahiri. Lá achamo, à maneira de cimalha guarnecendo a parede, fileiras de taboinhas pretas, feitas de casca de pau e pintadas com figuras brancas representando peixes, modelos de todos os diversos ornamentos do Bakahiris, tudo à maneira de diagrama, mas de não muito difícil decifração. Assim, pudemos verificar que desenhos que à primeira vista se parecem com figuras geométricas, na verdade são imitações simplificadas e pela convenção aceita de objetos materiais, pela maior parte de animais. Assim, uma linha ondulada com pontos dos dois lados exprime a serpente gigante de nome Anaconda (*Eunectes murinus*<sup>93</sup>) que se caracteriza pelas suas grandes malhas escuras; um losango significa certo peixe comum nas lagunas. e um triângulo a pequena tanga desta forma usada pelas mulheres.

Da mais aperfeiçoada arte ornamental dos Carajás pude mais tarde traçar idêntica origem, como derivada da imitação de animais, etc.

É singular que também entre os Jamamadis à margens do rio Purús um sinal em forma de ângulo signifique a mulher.

Estes mesmos sinais acham-se também nas máscaras, as quais, apesar da sua feição humana, devem representar animais e distingue-se pelo desenho simbólico do respectivo animal.

Os peixes e a caça preparam-se defronte da casa dos muquens já mencionados. Lá também se acha armação para secar a massa espremida da mandioca. Inúmeras dormigas logo aparecem carregando com quanto podem; mas pela abundância de alimento que aqui não se podem tornar tão inoportunas como em outras partes. Piores são os grilos que se aninham entre a palha dos tetos e cuja voracidade ultrapassa ainda a

<sup>93</sup> O nome <<Anaconda>> parece que não é brasileiro, mas sim Sucuri e Sucurujuba. (N. do T.)

da barata. Grande praga é enfim a dos bichos quen entre não somente nos pés como também nas mãos de quem tem necessidade de deitar-se sobre o chão arenoso.

O rancho das cerimônias, situado ao centro do terreiro, apreze-se com as habitações, sendo porém muito menor e de construção mais leve. A entrada, no meio a frente, é larga, mas tão baixa que só se pode entrar de gatinhas. Na aldeia dos Mahinakus era tão baixa que só era como um animal que entra na toca, na verdade exercício bem desagradável em tempo molhado. Isto tem por fim de impedir às curiosas mulheres, a quem é verdada a entrada, de verem o que se passa lá dentro. Ali se guardam os aviamento para as danças, máscaras, matracas, faixas de butiri, grandes flautas de taquara, etc.; um grande tronco oco serve de caixa.

Como máscaras que quase todas representam animais há originalmente três formas diferentes:

1º Entre os Caraibas singelo capuzes de buriti como emblemas na ponta, como igualmente se encontram entre as tribos Goyanas;

2º Entre as tribos da nação Nusão grandes e pesadas máscaras de madeira como olhos de medrepeola e dentes de peixes.

3º Máscaras traçadas com olhos e nariz de cera, entre as tribos Tupi e os Trumais.

Estes dois últimos tipos já hoje estão em uso também entre os Bakahiris e Nahukuas. Como complemento, a cada espécie de máscara pertence uma peça de vestuário que cobre o corpo da cintura para baixo; destas não pudemos adquirir coleção completa, porque as suas dimensões às vezes se apunham ao transporte. Assim, à máscara dos Bakahiris, que representa uma pomba, pertence uma enorme saia-balão de 1 1/2 metro de diâmetro, trazida com suspensórios de passam sobre os ombros. Um outro vestuário dos Kaniajuras, mais fnatástico ainda e em forma de cogumelo, também não pudemos trazer conosco, por causa do seu grande volume.

A significação destas danças de máscaras é difícil de advinhar; pouca esperança hpa mesmo de podermos esclarecer-lhes a origem, considerando cada povo de per si só. Graças, porém, à grande uniformidade de cultura e desenvolvimento mental que reina entre as tribos selvagens sul-americanas, chegaremos, pelo menos por meio da combinação dos resultados em diversos pontos obtidos, a compreender mais ou menos

as ideias fundamentais que lhes serviram de base, A circunstância de entre as tribos do Xingú não se ocultarem as máscaras tão cuidadosamente à vista das mulheres, como em certas outras partes, como por exemplo entre os Carajás, bem indica que lá a dança das máscaras jpa perdeu o caráter de solene ato simbólico.

Infelizmente não tivemos ocasião de assistir a dança alguma de máscaras, mas apenas a algumas outras danças em que os homens se enfeitavam com os seus dornos de penas e traziam guizos nas mãos e nos pés. Entre os Nahukuas as mulheres tomavam parte.

Entre outros brinquedos e exercícios notamos um jogo de bolas feitas da goma da mangabeira (*Honcormia speciosa*); também se jogava com peteca feita de palahas de milho. Muito em voga estavam também as corridas e as lutas coporais. Os campeões, pintados extravagantemente de preto e vermelho, davam-se primeiro a mão, gatinhavam em seguida com grande agilidade um ao redor o outro, fazendo ouvir forte grunhido, e procuravam, pegando-se pelas cabeças, arrastar o adversário ao chão.

Os Kamayuras tinham umas esquisitas bonecas articuladas; enquanto as grosseiras figuras de barro dos Dakairis, longe de serem como primeiro supunhamos, brinquedo de criança, eram para se comer como os doces a que nossos confeitores dão figuras análogas.<sup>94</sup>

A construção de imponentes e sólidas casas, das obras de entalhe, os banquinhos feitos de uma só peça de madeira com figura de animal, os remos, as pás papra virar o bejú, tudo isto elaborado com os instrumentos mais primitivos, é em seu gênero muito digno para despertar a nossa franca admiração. Machados de pedra servem para derrubar as árvores, para cortar os pau que vai ser fabricado o arco, para descascar e para fazer canoas e muitas outras obras. Para derrubar dá-se uma porção de fundos golpes bem juntos ao redor do tronco, os quais sendo repetidos afundam e se alargam cada vez mais. Para fabricar arco faz-se na madeira uma série de incisões distantes de palmo e meio uma da outra, depois do que se vai lascando o que ficou intacto no meio. Os cabelos são cortados ou antes serrados com os afiadíssimos dentes da piranha, e a tonsura do vértice da cabeça feita com a cortante aresta do caule da tiririca<sup>95</sup>.

<sup>94</sup> Como é sabido, o sudo de comer certas qualidade de carro é muito espalhado entre os povos selvagens do continente sul-americano. - (N. do T.).

<sup>95</sup> Provalmente uma cyperaceae congenere daquela entre nós conhecida pelo nome vulgar de navalha de mico. - (N. do T.).

Para raspar servem-se perfeitamente de certas conchas, e para cinzelar dos dentes de certos roedores, como a cutia e a capivara; para furar enfim utilizam lascas ponteagudas da taquara e os dentes do peixe-cachorro. As compridas e fortes unhas do tatú-canastra (*Dasyus gigas*) emenam em pares para lhes servirem como uma espécie de carpideiras.

Entre as armas ocupam o carco e as flechas naturalmente o primeiro lugar.

Destas há duas formas principais, a flecha do caçador com ponta de osso de macaco e vara penada; e a flecha para matar peixe, sem penas e com ponta de madeira lisa.

Entre as duas tribos Tupi e os Trumais achamo a estranha arma de tiro com que se arremssam flechas com uma pedra encastoadada no lugar da ponta. Os Trumais possuem maçãs comprimidas, semelhantes às dos Suyás, mas de um trabalho mais grosseiro (são pois os famoso tacapes - N. do T.).

Muito mais do que à caça entregam-se os homens à pescaria. Pescam com tarrafas de diversos feitios, e conseguem abundantíssima prez com seus parys, construídos em lugares idôneos. Afora disto é com a flecha que se matam os peixes; o anzol, porém, é inteiramente desconhecido. Um método especial de caçar peixe cimos entre os Bakahiris. O pescador lança na água, tão longe quando puder, uma frutinha de tamanho de uma fava, de cor vermelha e sabor muito amargosos, entesa o carco, aponta para a frutinha e atira a flecha no momento em que a mesma, sendo engolida por algum peixe, desaparece da superfície da água - uma sorte de agilidade, que inconstestávelmente depende de extraordinária prática.

A lavoura limita-se às plantas indígenas, mandioca, milho e fumo. Plantam, porém, nas imediações das aldeias grandes alamedas de árvores de frutos silvestres, como a palmeira macayuva (ou bocayuva(?) *Acrocomia* sp.) a deliciosa mangaba, a igualmente saborosa fruta lobo (*Solanum lycocarpum*) e o oleoso piquiá, cuja semente tem o sabor de uma mendoa e que serve para a confecção de uma massa gelationosa<sup>96</sup>.

---

<sup>96</sup> Segundo o Sr. A. Loefgren, a quem somos devedor da interpretação de uns poucos termos obscuros que nos ocorreram nesta tradução, trata-se do *Caryocar* brasileiro, arbusto ou pequena árvore abundante em os nossos campos e cerrados, onde é conhecida pelo nome popular de escroto de cavalo, por causa da aparência do fruto. As sementes ou amêndoas são com efeito comestíveis, não assim a polpa muito em analogia com a nossa mangaba, que aqui apenas serve para fazer doce, no entanto que em Goiás e Mato Grosso se come crua e pertence, segundo o autor, às frutas deliciosas daquela região. - (N. do T.).



A falta de sal é suprida assando a caça depressa por um fogo forte, porque assim o couro carbonizado impede que escapem as partículas salinas contidas no caldo da carne. Os Mehinakus tiram da cinza um sal assalitrado, muito amargo, que apreciam extraordinariamente, apesar do repugnente sabor que tem para o paladar europeu.

Os nossos animais domésticos, como o cão e a galinha, são-lhes desconhecidos, em compensação ha abundância de animais e aves do mato, que domesticam, sobretudo papagaios, mutus e diversas espécies de jacús. Pequenas lagartas de cauda chata e denteada encontravam-se `às vezes amarradas nas macas para destruírem a praga dos grilos.

Cada aldeia possui um ou mais viveiros contruídos de varas em forma piramidal, nos quais tinham presa a terrível águi sul-americana, a Harpya destructor; o seu alimento consiste principalmente em carne de macaco.

Quanto aos costumes e usanças, observamos parte pessoalmente, e o resto devemos às informações do Bakahiri Antonio.

O poder do Cacique não pe grande; a vida familiar é muita ternura, poligamia encontra-se aenas por exceção e a posição social da mulher é muito mais digna do que costuma ser entre povos selvagens. Os homens não desdenham cuidar das crianças, e é comum ouvi-los alegar como desculpa de não poderem servir de guia para qualquer excursão, que teem de olhar para os pequenos.

Bastante importante é o papel do feiticeiro que cura as moléstias soprando fuo de tabaco sobre o órgão afetado, sem nenhum aparato de gritaria e fórmulas cbalísticas. As principais moléstias são febres, afecções cutâneas, reumatismos, inflamação das articulações e catarro bronchico. O nosso fumo, mais forte do que o deles, tinham-no em conta de muito eficaz para as curas. Diversos velhos tragavam o fumo do cigarro até caírem como intoxicado.

Entre outros usos esquisitos mencionaire ainda o de trocarem nome com o hospede em sinal de amizade, e o de soprarem contra as nuvens para desviar a tempestade.

Os cadáveres enterram-se no pateo defrnte do rancho das cerimonia; o túmulo do Cacique rodeia-se com umas pequena cerca ou grade.

As suas ideias religiosas são as de todas as tribos sul-americanas em geral, e limitam-se ao animismo mais primitivo. Verdadeiro culto religioso não há, como já sabemos pelas informações do Sr. von den Steinen. Entretanto mostram possuir não pequenas faculdades intelectuais, e considerando os seus escassos recursos materiais é preciso admitir-se que a original cultura que adquirem nesse mundo aparte, sempre é muito digna de nota.

As suas relações conosco, qe fomos os primeiros homens brancos que jamais viram, tomaram caracter muito desembaralado depois de passada a primeira surpresa. Os mais confiantes foram os Bakahiris, que já tinham recebido notícias de nós da parte dos seus conseguíneos, os índios do Botovy.

Durante a nossa segunda temporada na primeira aldeia achou-se lá tambpem o Bakahiri Panhaga, nosso conhecido da primeira expedição o qual monifestou todos dinais de alegria de tornar a ver-nos. Infelizmente não pôde ele, como era o seu desejo, acompanhar-nos com os outros para o acampamento, porque tinha, conforme o antigo uso dos Caraibas, que passar alguns dias no leito, por causa do parto da mulher. O chefe desta primeira aldeiam de nome Tumayana, era homem de grande inteligência, mas também de refinada astúcia, procurando sempre udo puxar para si e para o seus; em todo caso ficamos-lhes devendo excelentes serviços como perito companheiro de viagem, que nos introduzia nas outras tribos, além de que desde logo se mostrou um canoeiro de primera ordem.

Mais difícil foi travar relações com os Nahukuas, cujas meulheres e filhos, pelo simplres boato da nossa chegada, já tinham fugido, levando tudo quanto podiam levar, ao passo que os varões se conservavam encerrados em suas cabanas, até que afinal a teimosa eloquência de Tumayana conseguiu fazê-lo aparecer. Foi só na nossa volta que pudemos ter o prazer de ver o sexo feminino. O Sr. von Steinen foi dali ocultamente para a aldeia dos Mehinakus, onde lhe sucedeu o interessante caso por ele já narrado<sup>97</sup>.

Mais tarde nos outros também para lá fomos, sendo todos acolhidos com a mais expansiva cordialidade.

O mesmo temos que dizer a respeito da nossa visita aos Auetós e aos Kamayuras.

---

<sup>97</sup> Por não termos aqui presente a conferência do Sr. de Steinen, sentimos não poder em nota oferecer aos nossos leitores a aventura a que o autor alude. (N. do T.).

Assaz curioso foi o nosso encontro com os Trumais, como os quais eu e o Sr. von Steinen nos encontramos po simples acaso, quando da aldeia Kamaqura voltávamos para os Auetós. Achavam-se, fugindo dos seus vencedores, os Suyás, em pleno mato com todos os seus bens móveis, entre os quais não faltavam nem aqueles grandes e pesados vasos de barro nem as máscaras, nem os intrumentos de música.

Todas as mulheres, mais ou menos moças, tinham-lhes como representantes do belo sexo apenas um pequeno grupo de velhas bruxas, de uma fieldade que se poderia chamar mitológica. Consta-nos que no encontro com a primeira expedição, razão por que ra de temer que ester selvagens, ainda mais agora levados aos extremo do desespero, quizessem exercer represálias, o que lhes teria sido bastante fácil em vista das poucas ermas que traziammos nessa ocasião. Resolvermos então aparecer no meio deles inopinadamente, para pela surpresa tornamo-nos senhores sa situação. Apenas as mulheres nos avistaram, fugiram com grande gritaria.

Apareceram logo o Cacique e sues sequazes, todos pintados de vermelho no corpo interio, tremendo como varas verdes e asseguram-nos da sua disposição toda pacífica.

Para mitigarem a nossa bobiça, obrigaram-nos a aceitarovelos de algodão e pedras polidas e perfuradas servindo de adorno (especialidade desta anaçaõ) e logo trouxeram tripeças com o assento em forma de ágio, sentados nas quais recebemos a homemnagem que nos era devida. Quando afinal declaramos que pretendíamos passar a noite entre eles, então tranquilisaram-se sobre as nossas intenções.

Limparam de ervas e cipoal um terreno suficientemente espaçoso e sombreado por árvores bastante unidas para nelas poderem armar as nosas macas, o que fizeram com tanta presteza que logo pudemos fruir do descanso que nos era tão necessário.

Quando mais tarde os nossos camaradas aparecem, admiraram-se, não pouco, de nos acharem na mais fraternal harmonia com os nos hospedeiros.

Na manhã seguinte começou a permuta; diversos índios, pela maior parte velhos, prestaram-se a ser por nós medidos, e começamos a fotografar grupos, quando, de reprente, apoderou-se um pânico detodos, fazendo-os lançar-se em precipitada fuga.

Os Jaulapitis, que vieram em nossa companhia, furtaram um vidro com pílulas de arsênico, que tomaram por contas de vidro e como tal vidro, por causa do seu perioso

conteúdo, não convinha deixar um momento em sua posse, reclamamo-lo com toda a energia, daí se originou fortíssima troca de palavras, de que os Trumais, não compreendendo o sentido tiraram alusão hostil para si. Foi este o motivo de terro que deles se apoderou.

Afinal conseguimos acomodá-los e mesmo contratar alguns para carregadores e companheiros até o nosso acampamento, onde mostraram conduta muito digna e irrepeensível.

Em cada aldeia por qe se passava dávamos os objetos adquiridos ao Cacique par aos guardar, para nos serem entregues na ocasião da nossa volta.

Para nos dar uma prova de consideração particular; os Auetós tracaram conosco os nomes; o chefe Bakahiri da 1ª aldeia, para igual prova, nos convidou em tom solene para lhe plantar um canteiro de fumo; cada um de nós, em sua competente covinha, aberta adrede, teve que dpositar um punhado de sementes. Quando, ao cabo de seis semanas, por lá passávamos outra vez, o fumo já estava alto e viçoso e rodeado com uma cera.

Possa a dilecta erva, por nossas mãos consagrada, proporcionar aos nossos amigos uns momentos de indolente gozo!

Ao encontramos numa aldeia, a nossa recepçãp era geralmente silenciosa.

Depois de nos sentarmos nos troncos, defronte da casa de cerimônias, éramos saudados pelo chefe e os homens de sua comitiva. Esta saudação consistia em um simples movimento de mão, acompanhado entre os Bakahiris da exclamação <<ama>>, que significa <<tu>>, e ao que se deve reponder com <<ura>> (eu). Não se respondendo logo em voz alta, chamam o visitante ao seu dever por meio de algum murro ou cutucão, que lhe aplicam. Em seguida servem-lhe diversos refrescos e comestíveis, como sejam mingao de farinha de mandioca, pisorego, que uma espécie de caldo de mandioca, grosso e adocicado, sopa gordurosa de piqui, muito desagradável de sabor, e afinal o bejú, que é o nome de uns bolos de mandioca que, sendo frescos, são de aroma e sabor simplesmente deliciosos, mas ao mesmo tempo de difícil digestão.

Estas iguarias, é preciso comer logo, sem o que o hospedeiro as manda retirar outra vez, sem maior cerimônia.

Depois da refeição, é o hospede conduzido para o interior da casa das cerimônias, as redes são armadas, e se iniciam relações íntimas. Ali se passam as horas mais quentes do dia, ou então se preenchem com visitas nas casas; à tarde costumapse passar tomando fresco no terreiro. De manhã e ao anoitecer íamos regularmente tomar banho, acompanhados dos índios que, como mais uma prova de amizade, nos esfregavam valentemente o corpo, depois de saírmos da água.

Depois do acaso do sol reuniam-se os homens no terreiro para uma amgna sessão fumante, e então reinava uma alegria e familiaridade completa, apesar da dificuldade na conversação.

Os nossos hospedeiros não se cansavam de admirar a facilidade com que acendíamos os cigarros riscando fósforo, e divertiam-se muito ao ouvirem arremedarmos as vózes dos nossos animais domésticos para eles inteiramente ignotos. Os ebarutos em uso são do comprimento de um palmo, algum tanto fraco, mas de absor agradável, e com o involucro verde, recentemente secado, mas por isso mesmo conservando um aroma especial.

Entre os nossos artigos de permuta eram por eles muito apreciados os vidrinhos, e com preferência os de cor branca ou azul. Mais ainda estimavam os botões: os Bakahiris não se cansavam de abotoar e desabotoar os nossos fatos, e admirar tão engenhosa invenção; subia-lhes por vezes o entusiasmo ao ponto de nos cortarem os botões, principalmente os pequenos das nossas camisas, sistema Jaeger (o Dr. J. é o inventor de um traje higiênico muito mesno em uso hoje na Europa. N. do T.).

Admiravam tambpem sumamente coleres e garfos, mas não como utensis de ordem gastronômica: prendiam-nos aos seus colares como apêndices de especial adorno: os anzóis enfiavam pela loba da orelha.

Nada, porém, se deixavam impor pelos espelhos: tanto estes como os aparelho fotográfico compravam simpresmente com aragua, dando a entender que a obra humana em nada excedia à natureza, na reprodução da imagem. Com a mesma ingenuidade, comparavam a nossa bússola com o sol e o relógio com a lua.

Um Bakahiri, a quem mostramos um relógio de outro, comparou a caixa do mesmo com o lado tostado de um bolo de mandioca, que justamente tinha na mão, o oo mostrador com o lado branco do mesmo bolo: esta nalogia parecia ser para ele caisa digna de nota.

Por mais bárbaro e extravagante que pudesse parecer o adorno e a pintura do corpo de alguns destes índios, em todo o caso lhes ficava sempre muito melhor do que o incompleto e ridículo europeu em que alguns se exibiam, depois de terem nos adquirido os componentes objetos de toilette: um aparecia grotescamente em camisa e gravata e mais nada, enquanto outro rematava um fato mais ou menos completo pondo na cabeça um barrete guarnecido com guisos, como se usam no carnaval em Colônia.

Prestavam-se em geral prontamente a serem fotografados, mas a solenidade do ato lhes incutia às vezes de repente um tremor que lhes desfigurava a expressão natural do rosto. Um fato digno de nota é que reconheciam imediatamente a imagem no vidro embaziado, apesar de aparecer intertida, coisa que nem sempre sucede ao europeu rústico assim no primeiro momento.

Para fazer medições do corpo recorriamos primeiramente aos velhos da tribo, que nestra operação viam uma espécie de curativo mágico contra os seus muitos achaques, catarros crônicos, et. Pouco a pouco cuidavam outros, e acabavam por tomar um certo interesse pela coisa. Assim, um dia um Nahuqua velho, para completar as medições a que se acabava de prestar, foi tomar medida do seu membro viril com uma tira de palha, que em seguida me entregou com um benevoloso sorriso. Os Kamayuras notavam a diferença entre os seus dedos muito curtos e os nossos, de bitola caucaseana.

Com as nossas armas de fogo familiarisaram-se de dificuldade, posto que no começo mostrassem algum medo, abaixando-se a cada estampido e tampando os ouvidos com as mãos: mais tarde, porém, tomaram muito gosto em dar tiros, todas as vezes que se lhes facultasse.

Em respeitar o alheio não mostravam lá grande escupulo: furtavam objetos de metal, facas, colheres e latinhas de olha; objetos pequenos enterravam na areia. Mas tudo isto trazia mais o cunho de ingenuidade do que de corrupção: faziam os furtos e manidava de cirnaças, e muitas vezes podíamos surpreendê-los trazendo à vista os objetos há pouco subtraídos, os quais prontamente restituíam, desde que se fizesse reclamação.

Os Bakhiris pouco furtavam: eles subtraíam objetos; mas, depois de tê-los deixado passar de mão em mão vinham espontaneamente resisituí-los; mas importuno tornava-se o seu hábito de mendigar: o único meio de livrar-se deles era dizer-lhes que não havia sinão o único exemplar do objeto que cobijavam.

Em negócios de permuta costumávamos despejar primeiro os objetos de menos valor: comprava-se no começo um carco por um alfinete, mas logo subiam os preços, e afinal chegavam a querer uma faca ou um machado em troca de um simples bolo; o que mostra que eles não têm a mínima ideia do recíproco valor das mercadorias.

A 30 de outubro, fomos obrigados a começar o nosso regresso, pois nada mais podíamos fazer, em consequência das chuvas e do mau estado de saúde da nossa gente: tratava-se além disso do transporte da nossa preciosa coleção, que a cada dia de demora se tornaria mais difícil. Despedimo-nos, pois, do nosso excelente amigo, o velho Cacique Auetó, que derramou copiosas lágrimas na ocasião; visitamos mais uma vez as aldeias todas, recebemos a coleção ali depositadas e chegamos ao acampamento a 13 de novembro, acompanhados de numerosos Bahiakaris.

De 19 de novembro a 31 de dezembro durou esse penoso regresso, já em pela estação de águas. Os piores dias decorreram entre 2 e 14 de dezembro, estávamos então sem amntimentos, vivendo do escasso produto da caça, e em anciosa dúvida a respeito da sorte do nossos dois companheiros montados. Perrot e Januario, os quais, tendo-se perdido no mato, só por um acso muito feliz se encontraram com a nossa caravana à margem do Paranatinga.

No dia de S. Silvestre chegamos enfim são e salvos a Cuiabá, depois de termos percorrido urante cinco meses uma das regiões mas agrestes e menos conhecidas da América meridional.